

Online ISSN 2447-4878

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Vol. 9 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2023

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 09 – Número 01 – Junho / 2023

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos: Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 09, n. 01, Jun. 2023. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2023. -
189 p.

Semestral

ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr. Alcir Souza (Seminário Teológico Batista de Queluz / Portugal)
Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista de SP)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. Gleyds Silva Domingues (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Evangélica de São Paulo)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Me. Anderson Guimarães Cavalcanti (Seminário Teológico Batista de São Luís)
Me. Carlos Alberto Bezzera (Faculdade Batista do Cariri)
Me. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Me. Edmar Pedrosa (Faculdade Teológica Batista de Campinas)
Me. Efstathios Tsotsos (Faculdade Teológica Batista de SP)
Me. Gabriel Giroto Lauter (Séminaire Baptiste Évangélique du Québec / Canadá)
Ma. Harriet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Dr. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)
Me. William Tenório Quintela (Faculdade Teológica Batista de SP)

Revisão

Ma. Juliana Scheibner Dellafavera e Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Revisão do Abstract

Bruno Litz

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação08

ARTIGOS

- O DISCIPULADO COMO FORMA DE ENSINAR OS PRESSUPOSTOS DA COSMOVISÃO CRISTÃ**
Discipleship as a way of teaching the presuppositions of the Christian worldview
João Ricardo Bação Urel9
- MULHERES IDOSAS NO CONTEXTO BÍBLICO: UMA QUESTÃO DE VALOR E CUIDADO**
Elderly women in the biblical context: a matter of value and care
Rosângela da Silva Feitosa.....26
- APLICAÇÕES DA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA SOBERANIA DE DEUS SOBRE A ORAÇÃO**
Applications of the biblical foundation of God’s sovereignty on prayer
Remígio Carlos Murela Nloco.....40
- CONCEITOS E DEFINIÇÕES DO DISCIPULADO INTENCIONAL E DA SUA PRÁTICA NO CONTEXTO CELULAR DA IGREJA LOCAL**
Concepts and definitions of intentional discipleship and its practice in the cellular context of the local church
Sérgio Freitas66
- A PRÁTICA DISCIPULADORA DE JESUS E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE NOVOS DISCÍPULOS PELA COMUNIDADE DE FÉ**
Jesus’ practice of discipleship and its influence on the formation of new disciples by the community of faith
Denilson Silva Araújo83
- UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NO PROCESSO DE PLANTAÇÃO DE IGREJA**
A look at the importance of evangelization in the church planting process
Francisco Helio Costa de Souza.....96
- UMA ANÁLISE DIANTE DA ORIGEM DO SOFRIMENTO NAS VERTENTES SECULAR E BÍBLICA**
An analysis of the origin of suffering from secular and biblical perspectives
Wesley Ribeiro da Silva109
- ALGUMAS TRADUÇÕES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TERMO CORAÇÃO NO CONTEXTO BÍBLICO DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS**
Some translations and meanings attributed to the term heart in the biblical context of the Old and New Testaments
Renato Fonseca Buzo130

HERMENÊUTICA APLICADA ÀS EPÍSTOLAS PAULINAS E AS IMPLICAÇÕES DO GÊNERO LITERÁRIO

Hermeneutics applied to the epistles of Paul and the implications of literary genre

Emanoel Querino Domingues150

A ORIGEM DO TERMO APÓSTOLO NO CONTEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

The origin of the term apostle in the neotestamentary context

Aulus Argollo.....168

Normas para publicação 188

APRESENTAÇÃO

Mais uma revista está à sua disposição! Novos artigos com trabalhos realizados por diferentes autores em parceria. Crescer e compartilhar conhecimento é o alvo e o desafio na caminhada acadêmica, assim seguimos nos aperfeiçoando e estudando.

Nesta edição da revista *Ensaio Teológico* são apresentados os seguintes textos: “O discipulado como forma de ensinar os pressupostos da cosmovisão cristã” (João Ricardo Bação Urel), “Mulheres idosas no contexto bíblico: uma questão de valor e cuidado” (Rosângela da Silva Feitosa), “Aplicações da fundamentação bíblica da soberania de Deus sobre a oração” (Remígio Carlos Murela Nloco), “Conceitos e definições do discipulado intencional e da sua prática no contexto celular da igreja local” (Sérgio Freitas), “A prática discipuladora de Jesus e sua influência na formação de novos discípulos pela comunidade de fé” (Denilson Silva Araújo), “Um olhar sobre a importância da evangelização no processo de plantação de igreja” (Francisco Helio Costa de Souza), “Uma análise diante da origem do sofrimento nas vertentes secular e bíblica” (Wesley Ribeiro da Silva), “Algumas traduções e significados atribuídos ao termo coração no contexto bíblico do Antigo e Novo Testamentos” (Renato Fonseca Buzo), “Hermenêutica aplicada às epístolas paulinas e as implicações do gênero literário” (Emanoel Querino Domingues), “A origem do termo apóstolo no contexto neotestamentário” (Aulus Argollo).

Nosso desejo é que estes textos possam contribuir para o aperfeiçoamento e crescimento acadêmico/espiritual dos leitores. Deus abençoe seu tempo de leitura!

Dr^a. *Marivete Zanoni Kunz*
Editora Responsável

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.001



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O DISCIPULADO COMO FORMA DE ENSINAR OS PRESSUPOSTOS DA COSMOVISÃO CRISTÃ

Discipleship as a way of teaching the presuppositions of the Christian
worldview

João Ricardo Bação Urel¹

RESUMO

O discipulado é um pilar fundamental na formação da cosmovisão cristã, conforme revela o estudo analisado. Esta formação, alicerçada na revelação bíblica, serve como um guia vital para a compreensão da realidade e para a resposta aos desafios da vida cotidiana. O estudo destaca Lucas 9.23,24, no qual Jesus afirma que seguir Seus ensinamentos requer um comprometimento profundo, incluindo a negação da própria visão de mundo em favor da cosmovisão cristã. O conceito de discipulado é bifurcado em dois aspectos complementares: o ato de ser um seguidor de Jesus e o ato de auxiliar outros a também segui-lo. A 'Grande Comissão' de Cristo ressalta a importância de ensinar novos discípulos a se comprometerem com Ele e com Seus ensinamentos. O discipulado não é meramente um processo informativo, mas sim uma transmissão de vida. Isso ocorre através de relacionamentos intencionais que visam unir conteúdo e caráter, tornando o discipulador um modelo vivo dos princípios que ensina. O estudo conclui que o objetivo último do discipulado é formar indivíduos que possam perpetuar os valores e ensinamentos cristãos.

Palavras-chave: Discipulado. Vida Cristã. Cosmovisão. Formação Espiritual.

¹ Mestre em Ministérios pela Carolina University. Bacharel em teologia com ênfase em ministério pastoral pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida Atibaia - SP e e bacharel em teologia pela UniCesumar. Pastor de Formação Espiritual e Coordenador do Red College na Igreja Batista Redenção em Indaiatuba/SP. <https://orcid.org/0009-0002-6475-9457>. E-mail: jricardourel@gmail.com.

ABSTRACT

Discipleship is a fundamental pillar in the formation of the Christian worldview, as the study analyzes reveals. This formation, grounded in biblical revelation, serves as a vital guide to the comprehension of reality and to respond to the challenges of everyday life. This study highlights Luke 9:23-24, in which Jesus states that following his teachings requires a deep commitment, including denying one's own worldview in favor of the Christian worldview. The concept of discipleship is bifurcated into two complementary aspects: the act of being a Jesus follower and the act of helping others to also follow him. Christ's 'Great Commission' emphasizes the importance of teaching the new disciples to commit themselves to him and his teachings. Discipleship is not merely an informative process, but a transmission of life. It happens through intentional relationships that aim to unite content and character, turning the disciple-makers into living models of the principles they teach. This study concludes that the ultimate goal of discipleship is to form individuals who can perpetuate the Christian values and teachings.

Keywords: Discipleship. Christian Life. Worldview. Spiritual Formation.

INTRODUÇÃO

A cosmovisão cristã está alicerçada na revelação bíblica. Ela influencia profundamente a forma como os cristãos compreendem a realidade e respondem aos mais variados desafios da vida comum. Por isso, o processo formativo da espiritualidade de cada cristão é extremamente relevante e deve ser orientado pelo enredo do evangelho e não pelas demais narrativas encontradas nas outras cosmovisões.

Diante disso, entende-se que conhecer e ensinar a cosmovisão cristã é fundamental para qualquer indivíduo que deseja se submeter a Cristo como seu discípulo. Jesus deixa isso claro em Lucas 9.23,24 ao afirmar que “[...] Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me”. Logo, seguir a Cristo implica necessariamente em se alinhar aos seus ensinamentos, negando sua visão de mundo e se submetendo à de Cristo.

Inicialmente, intenciona-se definir o conceito de discipulado a partir da terminologia encontrada no contexto do Novo Testamento. Desta forma, será possível perceber como seu uso possui dois aspectos complementares, o primeiro remetendo ao ato de ser um seguidor de Jesus e o segundo o ato de ajudar as pessoas a seguirem o mestre.

Tendo definido o termo, deseja-se apresentar como a “Grande Comissão” deixada por Cristo direciona seus seguidores a se engajarem na tarefa de ensinar novos discípulos a se comprometerem com ele e serem seus imitadores. Uma vez que Deus decidiu revelar sua vontade na Bíblia, pretende-se apresentar as Escrituras como o conteúdo seguro para o discipulado e formação de uma cosmovisão cristã.

No entanto, o ato de discipular outros não se resume apenas ao ensino de informações, mas também a uma transmissão de vida. Por isso, será demonstrado como a forma de discipular ensinada por Jesus se dá por meio de relacionamentos intencionais, que visam unir conteúdo e caráter. Assim, o discipulador não será apenas um comunicador das verdades bíblicas, mas também performará em sua própria vida o caráter de Cristo para cooperar na edificação de outros indivíduos.

Por fim, pretende-se apresentar como o indivíduo que se submete ao discipulado de Cristo será transformado. Essas mudanças afetarão as informações que possui do mundo e da realidade, mas, por não se reduzirem apenas a questões cognitivas, afetarão também os compromissos mais fundamentais do coração, gerando transformações na esfera afetiva e, por consequência, também na esfera comportamental.

1. DEFINIÇÃO DE DISCIPULADO E SUA IMPLICAÇÃO NA VIDA CRISTÃ

O termo discípulo, comum no meio eclesiástico, tem sido utilizado com diferentes significados o que comumente causa muita confusão. Para alguns, o processo de se tornar um discípulo tem se reduzido a um curso ou programa da igreja local. Por isso, analisar os usos desse termo no contexto do Novo Testamento colabora com os propósitos deste trabalho, trazendo clareza para o que realmente significa ser um seguidor de Jesus.

O substantivo *mathetes*² (μαθητής) era utilizado já no século IV a.C. significando aprendiz ou pupilo. O termo era usado para se referir aos pupilos de filósofos, a estudantes de medicina ou aqueles que se dispunham a aprender de alguém.³ Phillips afirma que possivelmente esse termo iniciou seu uso quando Platão caminhava ao lado de seu mestre Sócrates, ouvindo suas palavras e observando o que ele fazia, a fim de aprender e, posteriormente, também ensinar outros.⁴

No Antigo Testamento, já há relatos da relação mestre-aluno embora o termo discípulo não tenha ocorrências no contexto veterotestamentário. Na tradição rabínica, o aprendiz ligava-se ao rabino para aprender dele e, também durante o tempo dos profetas era possível ver como estes tinham seus seguidores que poderiam ser descritos como uma espécie de discípulos daquele tempo.⁵

Já no Novo Testamento o termo ocorre cerca de 250 vezes nos evangelhos e em Atos. Na maioria das ocorrências a palavra está relacionada aos seguidores de Jesus, mas também em algumas poucas oportunidades aparece relacionada aos discípulos de João Batista, de Paulo, dos fariseus e até de Moisés.⁶ Sobre a relação de Jesus e seus discípulos Phillips afirma que:

Seus discípulos estiveram com ele dia e noite por três anos. Escutavam seus sermões e memorizavam seus ensinamentos. Viram-no viver a vida que ele ensinava. Então, após sua ascensão, confiaram as palavras de Cristo a outros e encorajaram-nos a adotar o seu estilo de vida e a obedecer ao seu ensino.⁷

A partir dessa definição, pode-se afirmar que o Novo Testamento apresenta dois aspectos sobre o termo discipulado, sentidos estes que são complementares. Isso é afirmado

² Todas as transliterações das palavras gregas seguem o modelo de James Strong no Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong.

³ LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon**. Disponível em <http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=66646> Acesso em 12 de abril de 2023.

⁴ PHILLIPS, K. W. **A formação de um discípulo**. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 19.

⁵ "Discípulo" In: BARRY, J. D. **Dicionário Bíblico Lexham (Conciso)**. Bellingham: Lexham Press, 2021.

⁶ "mathētēs" In: GERHARD, K. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

⁷ PHILLIPS, 2008, p. 19.

por Madureira quando diz que “no contexto cristão, a palavra “discipulado” tem dois sentidos. Um refere-se ao ato de seguir Jesus (imitar Cristo); o outro, ao ato de ajudar alguém a seguir Jesus (ajudar outros na imitação de Cristo)”.⁸

O ato de seguir Jesus é o caminho esperado para cada discípulo que recebe a Cristo pela fé e se dispõe a viver em obediência a ele. Nessa resposta, cada seguidor passa a morrer para si mesmo e a se submeter no caminho do seu mestre.⁹ Não é demais afirmar que essa entrega total a Jesus não é uma postura esperada apenas de um grupo dentre aqueles que se declaram cristãos, mas é um mandamento divino que abrange todos os que creram em Cristo.¹⁰ Ao analisar os primeiros seguidores de Jesus, Chan afirma que:

Quando Jesus chamou seus primeiros discípulos, eles talvez não compreendessem para onde Cristo os levaria, nem o impacto que isso teria em sua vida, mas sabiam o que significava seguir. Eles entenderam o chamado de forma literal e começaram a ir para todo lugar onde Jesus ia e a fazer tudo o que ele fazia.¹¹

Na jornada percorrida com Jesus, os discípulos foram apresentados a um novo modo de vida que deveria ser imitado. Jesus deixou claro essa expectativa quando afirmou o que Lucas registrou em 6.40 dizendo que “O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre”. O Senhor se coloca, então, como professor e como modelo, esperando que seus discípulos fossem marcados pelas mesmas atitudes e características dele. Com isso, diante da sociedade que os observava, seria possível notar como eles haviam andado com Jesus e como isso os influenciava positivamente.¹²

Rienecker comenta sobre o verso 40 do capítulo 6 do Evangelho de Lucas, dizendo que “Jesus é o Mestre e Senhor em sentido único e perfeito. Quando o discípulo estuda com afinco na escola do Senhor e se exercita com seriedade, então ele começa a tornar-se semelhante ao grande Mestre na ‘palavra e obra e em todo o ser’”.¹³

Bonhoeffer, colaborando com esse conceito, contribui afirmando que se tornar um seguidor de Jesus não se limita a uma afirmação oral da fé nele, mas uma identificação de vida que passa a ser visível em atos de obediência.¹⁴ Jesus convoca seus seguidores a se identificarem com ele, submetendo-se aos seus ensinamentos, não apenas por ele ser um bom exemplo de vida, mas por se apresentar como sendo o próprio Deus.

Por causa dessa identificação, o seguidor de Cristo deve responder ao chamado, abandonando o modo de vida que levava até então. Bonhoeffer afirma que “o chamado ao discipulado é o compromisso exclusivo com a pessoa de Jesus Cristo”.¹⁵ Isso significa que ser

⁸ MADUREIRA, J. **O custo do discipulado**: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2019, p. 19.

⁹ OGDEN, G. **Elementos essenciais do discipulado**: um guia para edificar sua vida em Cristo. São Paulo: Vida, 2010, p. 31.

¹⁰ BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 23.

¹¹ CHAN, F. **Multiplique**: discípulos que fazem discípulos. São Paulo: Mundo Cristão, 2015, p. 18.

¹² HENDRIKSEN, W. **Lucas**: Comentário do Novo Testamento – Vol. 01 e 02. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 443.

¹³ RIENECKER, F. **Evangelho de Lucas**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005, p. 167.

¹⁴ BONHOEFFER, 2016, p. 32.

¹⁵ BONHOEFFER, 2016, p. 34.

um discípulo de Jesus implica em deixar qualquer outra visão de mundo que se possuía anteriormente e se submeter exclusivamente à cosmovisão revelada por Deus. Seguir o caminho de Jesus, então, é se entregar em lealdade a ele mesmo diante da hostilidade do mundo, ou seja, o discipulado de Jesus leva seus seguidores a o servir e a cumprirem sua missão a qualquer custo.¹⁶ Nessa direção compreende-se que: [...] ser discípulo de Jesus requer uma conduta cristã, ética e responsável diante da vida. E isso inclui novo nascimento, serviço, aprendizagem, disponibilidade, humildade, dedicação e senso de missão a ser expresso nos relacionamentos mantidos.¹⁷

No entanto, não se pode esquecer que o discipulado é antes de tudo fruto da fé em Jesus. “Cristãos são pessoas que têm fé verdadeira em Cristo e que a demonstram ao depositar nele suas esperanças, seus temores e sua vida de forma plena”.¹⁸ Logo, não é possível alguém caminhar pelo caminho de Cristo sem crer nele, pois a verdadeira “obediência resulta da fé”.¹⁹ Assim, primeiro o compromisso fundamental do coração muda e, posteriormente, as ações têm condições de serem transformadas pelo evangelho.

Ser discípulo de Jesus é basilar para vivenciar o segundo aspecto do termo discipulado. Além de estar ligado ao ato de seguir Jesus, esse conceito também aponta para a tarefa que os discípulos possuem, que é levar outros a serem também seguidores de Cristo, pois “os discípulos discipulam”.²⁰ “Isso indica que a essência da formação discipular está no ato de ensinar e de aprender”²¹ sobre as verdades do Evangelho.

Logo após sua ressurreição, Jesus expressou algumas vezes sua expectativa de que seus discípulos fossem multiplicadores de discípulos. Na mais conhecida delas, a Grande Comissão, Jesus deixou claro que ser um discípulo implica em trabalhar para auxiliar outras pessoas a caminharem com ele e a crescerem em maturidade cristã.

Phillips define esse ato de discipular outros como “um relacionamento de mestre e aluno baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude da vida que tem em Cristo que o aluno é capaz de treinar outros para que ensinem outros”.²² Por isso, seguir a Grande Comissão não é estabelecer um novo plano de ação ou modelo ministerial, mas seguir o exemplo deixado por Jesus.²³

Isso significa que os esforços dos discípulos devem se concentrar na ajuda aos novos discípulos a se envolverem com a história de Deus, para assim deixarem as narrativas que costumavam abraçar e passarem a se identificar profundamente com a cosmovisão revelada nas Escrituras.

¹⁶ MARSHALL, C. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 51.

¹⁷ DOMINGUES, G. S. A igreja que se importa. In: DOMINGUES, G.; GUERRA, E. G. O.; FERREIRA, R. R. **Descubra seu lugar no plano de Deus**. Curitiba: Discipular, 2016, p. 74.

¹⁸ DEVER, M. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 18.

¹⁹ BONHOEFFER, 2016, p. 39.

²⁰ DEVER, 2016, p. 18.

²¹ DOMINGUES, 2016, p. 74.

²² PHILLIPS, 2008, p. 20.

²³ PHILLIPS, 2008, p. 9.

Chan, comentando sobre os primeiros discípulos, atesta que estes receberam diretamente a tarefa de discipular para que buscassem outras pessoas ao redor, chamando-os também a seguirem e a se identificarem com Jesus em obediência. Ele ainda afirma que alguns destes mudaram de região ou viajavam para longe com o intuito de levar as verdades ensinadas por Cristo para novos seguidores.²⁴

Isso significa que Deus coloca pessoas a volta de cada um dos seus discípulos para que possam ser influenciadas por seus seguidores. Essa influência tem o único objetivo de apresentar Jesus e levá-las a assumirem um compromisso com Jesus e segui-lo. Portanto, pode-se dizer que todo cristão é um discípulo e deve estar engajado na tarefa de discipular outros.

2. O CONTEÚDO DO DISCIPULADO CONDUZ AO CONHECIMENTO DA VERDADE

Uma vez que o discípulo de Jesus tem a responsabilidade de ser também um discipulador, auxiliando as pessoas em seu relacionamento com o Salvador, passa-se a ser relevante apresentar qual deve ser o conteúdo a ser compartilhado com esses novos seguidores do Cristo.

É correto afirmar que “discipular envolve a transmissão do conhecimento de Deus e de sua Palavra em cada momento da vida”.²⁵ Sendo assim, além de apresentar o evangelho para todos, os cristãos devem ensinar o conteúdo bíblico a outros como forma de conhecerem a Deus e sua vontade revelada.

Para Domingues o ato formativo é o meio pelo qual se comunica a revelação de Deus, podendo-se lançar mão de diferentes meios para isso, como o testemunho, a vivência ou, ainda, a troca de experiência.²⁶ A autora defende que a premissa desse ato formativo está no ato de tornar Deus conhecido, amado e adorado como único Deus e Senhor, testemunhando por meio da própria vida do discípulo para aqueles que serão seus aprendizes.²⁷

O texto de Deuteronômio 6.4-9 é extremamente rico para descrever esse processo formativo intencionado por Deus. Para Domingues:

Os pilares da educação bíblica religiosa podem ser encontrados no livro de Deuteronômio, capítulo 6, conhecido como o Shema, quando o próprio Deus traça as diretrizes orientadoras do processo de ensino e aprendizagem a serem efetivadas para e pelo povo de Israel.²⁸

Nesses versos, Moisés alerta o povo a ouvir, amar, temer, apropriar-se, testemunhar, e ensinar continuamente sobre Deus e sua ação sempre presente na história de Israel. O texto apresenta-se assim:

⁴ Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. ⁵ Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. ⁶ Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; ⁷ tu as

²⁴ CHAN, 2015, p. 27.

²⁵ DEVER, 2016, p. 32.

²⁶ DOMINGUES, 2022, p. 26.

²⁷ DOMINGUES, 2022, p. 26.

²⁸ DOMINGUES, G. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2012, p. 50. Edição do Kindle.

inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te.⁸ Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos.⁹ E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas (Dt 6.4-9).

O primeiro destaque a se apresentar sobre esse texto é o fato de que o indivíduo que teme a Deus deve amá-lo e se relacionar profundamente com ele, o que o leva a desejar conhecer mais de sua Palavra. Merkh contribui dizendo que “Deuteronômio 6.4-9 prescreve que a Palavra de Deus e a lembrança dos seus feitos dominem de tal forma a vida dos crentes que seus pensamentos e palavras naturalmente se voltem para ele durante o dia todo”.²⁹

Nesse trecho, que narra um ensino deixado primariamente ao antigo Israel, é possível perceber a intenção divina de que a fé seja transmitida para as novas gerações. O verso 7, em especial, mostra como essa tarefa é primariamente atribuída aos pais, uma vez que Deus está os responsabilizando a atuarem como canais pelos quais a Palavra flui para os filhos. Fica claro, então, que Deus está dando uma lição acerca do ato de discipular outros indivíduos, pois conduzir outros à fé implica em transmitir o conhecimento sobre o caráter divino e de Sua palavra a todo momento.³⁰

Ao comentar esse sobre o *SHEMA* de Israel, Thompson afirma que o homem que ama a Deus deve também obedecê-lo, tendo as suas palavras gravadas em seu coração. Além disso, o indivíduo temente a Deus também é convocado a compartilhar às gerações seguintes os mandamentos, com o objetivo de levar todo povo de Deus de todas as épocas a conhecê-lo, amá-lo e obedecê-lo.³¹

Constable afirma que o trecho enfatiza, em especial nos versos 6 a 9, que os pais deveriam ser diligentes em aproveitar as oportunidades diárias para ensinar seus filhos sobre Deus e equipá-los para viverem dependentes dele.³² Mais à frente, este trabalho se atentará mais à responsabilidade dos pais, mas até aqui, destaca-se que o conteúdo a ser transmitido no discipulado é o da revelação do próprio Deus. Merkh sintetiza que “o conteúdo dessa instrução — sistemática, formal e informal, todo dia e o dia todo — inclui a história sagrada, os feitos de Deus do passado e presente”.³³

Outro texto importante sobre o conteúdo a ser ensinado no discipulado é o conhecido comissionamento feito por Jesus que foi relatado por Mateus em seu evangelho. No capítulo 28, versos 19-20, o autor apresenta as palavras de Jesus quando diz:

19 Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; 20 ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

²⁹ MERKH, D. J. **Comentário bíblico lar, família & casamento**: fundamentos, desafios e estudo bíblico- teológico prático para líderes, conselheiros e casais. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 115.

³⁰ DEVER, 2016, p. 32.

³¹ THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006.

³² CONSTABLE, T. L. **Notes on Deuteronomy**: 2023 Edition. Disponível em <https://planobiblechapel.org/tcon/notes/pdf/deuteronomy.pdf> Acesso em 13 de abril de 2023, p. 65.

³³ MERKH, 2019, p. 120.

No verso 19, a expressão “faça discípulos” corresponde ao imperativo da língua grega presente na perícopa. A escolha desse modo demonstra claramente que há uma ordem de Jesus para que seus seguidores sejam multiplicadores de discípulos. Constable afirma que essa ordem de fazer discípulos envolve levar pessoas a um relacionamento com Jesus como Mestre, à medida que a instrução dele seja reconhecida como autoridade, ou seja, aceita-se a sua palavra como verdadeira e, submete-se a ela em obediência.³⁴ Sobre a tarefa de ensinar presente no texto Rienecker comenta que:

Este ministério do ensino é a condução e liderança do grupo de seguidores de Jesus, realizadas através da palavra. A palavra não é apenas palavra de arauto, palavra de chamado, que visa a decisão, mas a palavra também é de aprofundamento, de cura de almas, de ensino, de exortação, de consolo, a palavra que deve conduzir de conhecimento a conhecimento, que deve desvelar mais e mais a riqueza da vocação celestial em Jesus Cristo.³⁵

Logo, entende-se que no exercício do discípulo, o discipulador tem por objetivo apontar para Deus e sua Palavra, e não apresentar a si mesmo, suas convicções ou mesmo fazer que seus seguidores sejam imitadores de si mesmo. É importante fazer esse destaque, porque nos tempos atuais muitos líderes cristãos têm buscado destaque para si e não para o próprio Deus.

Tendo esses textos por base, concorda-se com Vanhoozer quando afirma que “a doutrina serve o discipulado”³⁶, apontando que a Bíblia é o conteúdo da formação espiritual dos seguidores de Cristo. O autor ainda acrescenta dizendo que:

A Escritura e a doutrina são os meios principais de fazer discípulos, pois cultivam a educação cristã: o que todo cristão precisa saber para que se torne um cidadão competente do evangelho. Exige-se treinamento - especificamente, treinamento na leitura adequada da Escritura, o que requer, dentre outras coisas, enxergar-se a si mesmo como participante no drama da redenção conduzido por Deus. Dessa forma, e de outras mais, a Escritura instrui o comportamento e as crenças e transforma a imaginação, tornando o discípulo sábio e apoio para o propósito.³⁷

Nesta perspectiva, o seguidor de Jesus deve se debruçar sobre o conteúdo da Escritura como forma de compreender a Deus e sua vontade, para assim ser conduzido a deixar os compromissos do seu coração de lado e, humildemente se submeter ao que Deus deseja ensiná-lo por meio das Escrituras.³⁸ À medida que o discípulo conhece mais profundamente as Escrituras, ele aprende sobre sua identidade em Cristo e o que significa seguir o caminho dele.³⁹

No entanto, esse ensino não é apenas cognitivo, mas também é algo extremamente prático. Sobre isso Vanhoozer diz que “a teologia ensina como viver a boa vida à luz das boas-

³⁴ CONSTABLE, T. L. **Notes on Mathew**: 2023 Edition. Disponível em <https://planobiblechapel.org/tcon/notes/pdf/matthew.pdf> Acesso em 13 de abril de 2023, p. 713.

³⁵ RIENECKER, F. **Evangelho de Mateus**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998, p. 459.

³⁶ VANHOOZER, K. J. **Discipulado para a glória de Deus**: um guia pastoral para fazer discípulos por meio da Escritura e doutrina. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 22.

³⁷ VANHOOZER, 2022, p. 27.

³⁸ CHAN, 2015, p. 88.

³⁹ VANHOOZER, 2022, p. 18.

novas para a glória do único Deus que é bom”.⁴⁰ Sendo assim, o cristão deve ser alguém cujo compromisso com Jesus e o seu desejo por conhecer mais da Palavra devem estar constantemente em crescimento.⁴¹ O conteúdo a ser aprendido abrange todas as áreas da vida do indivíduo. Miguel contribui com esse entendimento quando afirma que:

Pensamento, desejo, devoção e ação integram-se no que a Bíblia chama de sabedoria. Os cristãos não operam de forma meramente abstrata; eles mergulham na realidade tal como foi dada, mas o fazem sem perder de vista o horizonte escatológico inaugurado pela obra consumada de Cristo. Não há abstração ou descolamento da vida do cristão de sua atividade intelectual. Tudo se conecta, uma vez que ele sabe que suas competências estão a serviço da glória de Deus e do bem do próximo.⁴²

Conhecer as Escrituras, então, levará o aluno da escola do messias a um aprendizado completo que o conduzirá a uma vida marcada pela sabedoria. Essa vida sábia é fruto de um conhecimento bíblico que não se resume apenas a afirmações abstratas, mas que tem implicações e ensinamentos para a vida comum.

Nesse sentido, compreende-se, então, que “Deus espera que todos os cristãos sejam fazedores de discípulos por meio de falarem dedicadamente a Palavra de Deus aos outros de maneira e na extensão que seus dons e circunstâncias permitirem”.⁴³ No entanto, esse ensino não se dá apenas por meio da comunicação, mas prioritariamente se por meio do exemplo que se torna visível nos relacionamentos interpessoais, assuntos esses que serão explorados na sequência.

3. A FORMA DO DISCIPULADO É AQUELA QUE TEM SUA REFERÊNCIA NOS RELACIONAMENTOS

Observa-se que muitas das igrejas evangélicas enfrentam grandes problemas, uma vez que sua ação está mais centrada em ter membros do que pensar na formação de discípulos. Carvalho destaca que “as igrejas estão cheias de membros frequentadores e com poucos discípulos que se multiplicam e influenciam seu contexto cultural”.⁴⁴

A cultura de consumismo tem afetado as comunidades eclesiais, gerando pessoas que vão às reuniões visando apenas uma experiência ao ato de ouvirem um ensino que os faça bem, algo que se limita a uma instrução cognitiva. No entanto, textos como o de Deuteronômio 6 e do comissionamento de Jesus em Mateus 28 afirmam categoricamente como o discipulado não se concentra apenas em transmissão de conteúdo, mas na ação de compartilhar também a vida. Sobre isso, Marshall afirma que:

⁴⁰ VANHOOZER, 2022, p. 20.

⁴¹ POPE, R. **O discipulado na Igreja Local**. Viçosa: Ultimato, 2017, p. 14.

⁴² MIGUEL, I. **A escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 214.

⁴³ MARSHALL, C. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 112.

⁴⁴ CARVALHO, D. **Relacionamento discipulador**. Rio de Janeiro: JMN, 2016, p. 34.

O ponto importante aqui é que treinamento é inescapavelmente relacional. Não pode ser feito em uma sala de aula por meio de suposta transferência de informação neutra. O treinador está exigindo que o treinado não adote somente seus ensinamentos, mas também a maneira de vida que resulta necessariamente de seu ensino.⁴⁵

O texto de Deuteronômio 6 deixa claro que a transmissão da fé às próximas gerações deveria ocorrer em todos os momentos do dia a dia. Langrafe Jr. mostra como esse trecho é importante para apontar as relações como fundamental para o compartilhar da fé, dizendo:

Assim, quer estivessem sentados em casa, quer andando no caminho, quer deitando-se para dormir, quer levantando-se para as tarefas de um novo dia, os pais deveriam estar buscando gravar os termos da aliança nos seus filhos e nos filhos de seus filhos [...] Sentar sugere inatividade, e andando, é claro, atividade. Juntos, eles abrangem todo o esforço humano. Do mesmo modo, deitar-se à noite e levantar-se de manhã falam da totalidade do tempo [...]. A verdade de Javé se apresenta tão importante e fundamental que deve estar no centro de todas as relações do indivíduo, seja em casa, seja no trabalho, seja de manhã, seja de noite, faça sol ou faça chuva, esse é o centro da vida.⁴⁶

Dever afirma que “além da própria família, a Bíblia está repleta de relacionamentos de discipulado nos quais uma pessoa ensina outra”.⁴⁷ Concordando com isso, o Novo Testamento também é claro em trazer essa ênfase relacional. Nas palavras de Jesus, em Mateus 28.18-20 é dito que todo novo discípulo precisa de alguém que lhe sirva de referencial como seguidor do mestre. Isso confirma que “Jesus foi intencional em demonstrar que o caminho para o aperfeiçoamento do discípulo passa por aprender com outro discípulo”.⁴⁸

A “Grande Comissão”, além de responsabilizar os discípulos sobre a tarefa de compartilhar o evangelho, também expõe a afirmação de que é por meio dos relacionamentos que o discipulado ocorre. “Ela acontece pela influência de um discípulo em outro, pessoa a pessoa, geração a geração, até chegar a todas as nações”.⁴⁹

Nesse sentido, discipular pode ser definido como um relacionamento em que se caminha lado a lado com um discípulo ou vários que estão no processo de formação espiritual de Jesus, para encorajá-los, corrigi-los e desafiá-los para o crescimento de seu relacionamento com Jesus, com vistas à maturidade cristã.⁵⁰ Por isso, é correto afirmar que “discípulos não podem ser produzidos em massa porque são produto de um investimento íntimo e pessoal”.⁵¹ Esse ministério pessoal é uma implicação da responsabilidade de que pessoas devem amar pessoas, de forma que o maior desejo deve ser levar a Palavra de Deus a outros.⁵²

⁴⁵ MARSHALL, 2015, p. 83.

⁴⁶ LANGRAFE JR. *In*: MERKH, 2019, p. 128.

⁴⁷ DEVER, 2016, p. 32.

⁴⁸ CARVALHO, 2016, p. 34.

⁴⁹ CARVALHO, 2016, p. 34.

⁵⁰ OGDEN, 2010, p. 28.

⁵¹ OGDEN, 2010, p. 26.

⁵² TRIPP, P. D. **Instrumentos nas mãos do redentor**: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação. São Paulo: NUTRA, 2009, p. 4.

A forma relacional é fundamental para que o aprendiz se disponha a aprender o que o discipulador tem a ensinar. Aquele que visa transmitir a vida de Cristo a outros deve estabelecer um tipo de relacionamento que seja genuíno, de forma que a comunicação não seja apenas verbal, mas de “coração para coração”.⁵³ Sobre isso, Marshall afirma que “a natureza relacional do treinamento significa que o melhor treinamento acontecerá frequentemente por osmose e não por instrução formal. Será assimilada tanto quanto ensinada”.⁵⁴

Esse foi o método de Jesus quando treinou pessoalmente um grupo de homens de forma intencional. Em cada oportunidade, ele apontou o caminho para estes e os equipou para se envolverem na missão de ensinar a verdade, fazendo novos discípulos. A partir do exemplo de Jesus, Hendricks contribui de maneira ímpar ao afirmar que:

Um dos aspectos mais importantes da vida de Jesus foi servir de modelo para seus discípulos. No curto período de três anos, ele tomou um grupo de homens comuns e os ensinou a viver uma vida sem igual. Não foram apenas seus sermões que os transformaram - embora eles tenham sido indispensáveis. O fator determinante da transformação foi o próprio viver do Senhor. Ele mostrou-lhes como deveriam orar, como poderiam vencer a tentação, como teriam que lidar com os adversários, como iriam representar a verdade. Ele pregou sobre o perdão, e quando uma mulher foi descoberta em adultério, pôs em prática esse ensinamento na maneira como agiu com ela. Semelhantemente, ensinou que devemos amar nossos inimigos, e exemplificou na cruz o amor de Deus, ao clamar: "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem."⁵⁵

Cada discípulo, então, deve compreender que, à semelhança de Cristo, “sua tarefa mais importante é oferecer um modelo de excelência a seu discípulo”⁵⁶. Isso implica que um discípulo deve ter acesso à vida, ao ministério e ao relacionamento que seu discipulador tem com Deus. Sobre isso Marshall afirma que:

Aqueles que são treinados precisam ver o coração de seu treinador – os pecados e confissões, os temores e a fé, as visões e as realidades, os sucessos e os fracassos. A vida e o ministério do treinador são um modelo para o treinado – não de perfeição, mas de desejos santos em um vaso de barro. Isto exige o compartilhamento honesto e franco de nossa vida.⁵⁷

Por se tratar de um relacionamento desafiador, Phillips sugere oito qualidades que um discipulador deve desenvolver diante do seu discípulo. São elas: 1) calor humano: atitude amorosa e bondosa; 2) lealdade: compromisso coerente; 3) imparcialidade: atitude não-tendenciosa; 4) maturidade: andar constante e fiel com Deus; 5) disponibilidade: o máximo de acesso; 6) paciência: fé em ação; 7) sinceridade: comunicação aberta e 8) motivação: desejo que impele o discipulador na direção de seu propósito.⁵⁸

⁵³ HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Belo Horizonte: Betânia, 1991, p. 97.

⁵⁴ MARSHALL, 2015. p.84.

⁵⁵ HENDRICKS, H. **Discipulado**: o caminho para firmar o caráter cristão. Curitiba: Betânia, 2021, p. 149.

⁵⁶ PHILLIPS, 2008, p. 158.

⁵⁷ MARSHALL, 2015, p. 85.

⁵⁸ PHILLIPS, 2008, p. 122.

O modelo deixado por Jesus também é vivido e reafirmado nas epístolas. Marshall apresenta a corrida de bastão como ilustração para a forma como o evangelho foi transmitido no início da igreja. Ele diz que Deus confiou o evangelho a Paulo (1Tm 1.11-12) e que Paulo transmitiu a homens fiéis, como o jovem Timóteo (1Tm 1.18-19). A partir do seu próprio modelo Paulo convoca o seu jovem pupilo a também se envolver nessa missão transmitindo o ensino do evangelho a homens fiéis que também deveriam ser capazes de ensinar outros (2Tm 2.2).⁵⁹

Dessa forma, é possível perceber que a cadeia de imitação teve início em Jesus, de quem Paulo se dedicou ser imitador, passando por Timóteo até chegar a outros crentes. Paulo deixa essa cadeia em evidência, quando diz que os cristãos em Tessalônica eram seus imitadores como também do Senhor (1Ts 1.6).⁶⁰ “Essa metodologia de ser modelo, exemplo e imitação era elementar em todo o ministério de Paulo”.⁶¹

No entanto, é importante afirmar que o ensino formal não é completamente desnecessário, mas ele será mais efetivo, à medida que ele for aplicado dentro do contexto de relacionamentos piedosos. É isso que Marshall afirma ao dizer que:

Programas de treinamento formal não são incompatíveis com o treinamento relacional. Se o treinador está comprometido com uma abordagem relacional, programas de treinamento aprimoram mais do que prejudicam o treinamento pessoal. De fato, sessões ou programas de treinamento formal são outras oportunidades para o treinador ver o treinado em ação – relacionando-se com pessoas, participando, completando tarefas estabelecidas e assim por diante.⁶²

Concorda-se com as palavras de Pope quando afirma que “de algum modo, precisamos aprender a transmitir a ampla mensagem do evangelho e a vasta missão da igreja de modo pessoal, até que nosso povo esteja cheio delas”.⁶³ Isso quer dizer que, quanto mais tempo um discipulador e seu discípulo têm juntos, mais efetivo será a transmissão do ensino, alcançando o objetivo do discipulado.

4. O OBJETIVO DO DISCIPULADO É CRESCER NO RELACIONAMENTO COM JESUS

O discipulado tem por objetivo principal ajudar as pessoas a crescerem em seu relacionamento com Jesus. No texto da “Grande Comissão”, esse crescimento está ligado a duas ações no processo: ser batizado e aprender a obedecer a tudo que Jesus ordenou em sua palavra.

O ato de ser batizado é uma etapa importante na formação do discípulo. Além de ser uma postura obediente diante de uma ordem de Jesus, ao se batizar, o indivíduo está reconhecendo sua condição de pecador e sua necessidade de ser resgatado por Jesus. O batismo, quando feito com sinceridade, é uma declaração de que o novo seguidor de Cristo

⁵⁹ MARSHALL, 2015, p. 79.

⁶⁰ MARSHALL, 2015, p. 82.

⁶¹ MARSHALL, 2015, p. 81.

⁶² MARSHALL, 2015, p. 86.

⁶³ POPE, 2017, p. 27.

deseja romper com o mundo e com qualquer outra cosmovisão, assumindo a união com o Deus trino e devotando completamente sua vida a ele.⁶⁴

O discipulado, também, tem por objetivo levar os novos seguidores a se submeterem aos ensinamentos de Jesus. Ryle diz que no comissionamento de seus discípulos, Jesus:

[...] disse aos apóstolos para ensinarem os novos discípulos a “guardar todas as coisas”, tudo o que Ele ordenou. Essa é uma expressão perscrutante que demonstra a inutilidade de um cristianismo apenas de nome e de aparência; demonstra que somente devem ser contados como verdadeiros cristãos aqueles que vivem em obediência prática à Palavra e se esforçam por cumprir as coisas que Ele ordenou.⁶⁵

Logo, o ato de fazer discípulos visa instruir a mente e construir novos hábitos. No entanto, ser um discípulo não se resume a isso, pois também afeta mais profundamente o indivíduo, uma vez que seguir Jesus “envolve transformar imaginações, ou seja, as maneiras como eles veem, pensam e experimentam a vida”.⁶⁶ A consequência imediata disso é que o cristão morrerá para si mesmo ao renunciar seus próprios interesses, abandonando os seus pecados e se submetendo a uma vida que honre e corresponda ao caráter de Jesus.⁶⁷

A palavra bíblica para esse processo de deixar a velha vida e submeter-se a uma nova, é chamado de santidade. Ryle define o termo afirmando que:

A santidade é o hábito de ter a mesma mente de Deus à medida que tomamos conhecimento da sua mente, descrita nas Escrituras. É o hábito de concordar com os juízos de Deus, abominando aquilo que Ele abomina, amando aquilo que Ele ama e medindo tudo quanto há neste mundo pelo padrão de sua Palavra. A pessoa mais santa é aquela que em tudo concorda com Deus.⁶⁸

O objetivo do discipulado, então, é levar as pessoas a se tornarem seguidoras de Jesus, identificando-se com ele, caminhando para a maturidade e para capacitação vindas do próprio Deus. Thune explica que a vida cristã tem seu início quando o novo discípulo toma consciência de seu pecado e da santidade de Deus e, portanto, decide confiar em Jesus para desfazer o abismo que o separava de Deus. No entanto, no momento da conversão, essa percepção ainda é muito limitada e é no discipulado que a percepção da santidade de Deus e da carnalidade humana vão se tornando cada vez mais claras.⁶⁹

Contudo, por causa da condição humana de pecado, esse crescimento espiritual não é tão linear e sempre crescente como deveria ser. Para um discípulo continuar crescendo em maturidade, é fundamental que ele continue a nutrir sua mente com a verdade bíblica.

Ainda sobre os objetivos do discípulo, Pope faz algumas afirmações que auxiliam no entendimento do que significa ser um cristão maduro e capacitado. Para ele, é correto definir o discípulo de Jesus como alguém que: 1) vive constantemente sob o controle do Espírito

⁶⁴ HENDRIKSEN, W. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 603.

⁶⁵ RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Mateus**. São José dos Campos: Fiel, 2002, p. 262.

⁶⁶ VANHOOZER, 2022, p. 26.

⁶⁷ PHILLIPS, 2008, p. 21.

⁶⁸ RYLE, J. C. **Santidade**: sem a qual ninguém verá ao Senhor. São José dos Campos: Fiel, 2013, p. 67.

⁶⁹ THUNE, R. H. **A vida centrada no evangelho**: com guia do líder. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 21.

Santo, da direção da Palavra de Deus e do irresistível amor de Cristo; 2) descobriu, desenvolveu e usa seus dons espirituais; 3) aprendeu a compartilhar sua fé com eficácia, enquanto demonstra amor radical que impressiona aqueles que são por ele tocados; 4) dá sinais de ser: um membro fiel da igreja de Deus, alguém que administra com eficácia a vida, os relacionamentos e os recursos, alguém disposto a servir aos outros, incluindo “os menores” e disponível como mensageiro para aqueles que não fazem parte do reino; 5) demonstra uma vida caracterizada como: dirigida pelo evangelho, focada na adoração, meramente pura, evangelisticamente ousada, baseada no discipulado, fiel à família, e socialmente responsável.⁷⁰ Essas afirmações exemplificam de maneira bastante prática o desejo de Deus em formar uma nação santa. Vanhoozer afirma que:

A igreja, como Israel, é um povo distinto com uma missão distinta: proclamar, incorporar e habitar o reino de Deus. Usando a imagem de Agostinho: a igreja é a cidade de Deus, e o propósito do ministério da igreja é ajudar os membros a viverem vidas dignas de cidadãos do evangelho (Fp 1.21).⁷¹

Por isso, pode-se afirmar que a expectativa com o discipulado é que o novo seguidor de Jesus não apenas receba uma informação e seja apresentado a uma nova direção, mas também que, em submissão, ele comece a andar nessa nova direção. Um discípulo é alguém em movimento, mas esse movimento deve acontecer em direção ao mestre.⁷²

O conhecimento adquirido sobre Deus e sua palavra devem afetar profundamente os indivíduos, para que passem a se portar como filhos e filhas de Deus. Isso significa que no discipulado, o cristão tem por modelo a sua conformidade com Cristo.

Afirmar que o conhecimento teórico e o zelo pela palavra implicam em mudança de vida é importante pois há muitos que mesmo se identificando como cristãos e afirmando possuírem zelo pela Palavra não apresentam vidas condizentes com o ensino de Jesus. A graça de Deus, concedida no evangelho, reveste os cristãos possibilitando-os uma nova vida. No entanto, “não basta haver mudança comportamental, é necessário haver transformações existenciais profundas”.⁷³

Nesse sentido, entende-se que o discipulado é a única maneira de evitar uma má nutrição espiritual e, por consequência, fraqueza espiritual dos seguidores de Jesus. Esse tipo de acompanhamento é um método capaz de produzir cristãos maduros.

Assim, “o treinamento bíblico resulta em vida piedosa”.⁷⁴ O processo esperado é que onde a Palavra é ensinada e crida, haja frutos, levando pessoas à mudança. As pessoas então passam a ter fé em Jesus, amar ao próximo e viver com a expectativa da eternidade. Dessa forma, “suas prioridades mudam, sua cosmovisão muda, e sua vida é refeita, pouco a pouco, na imagem do próprio filho de Deus”.⁷⁵

⁷⁰ POPE, 2017, p. 15.

⁷¹ VANHOOZER, 2022, p. 19.

⁷² VANHOOZER, 2022, p. 25.

⁷³ MIGUEL, 2021, p. 218.

⁷⁴ MARSHALL, 2015, p. 80.

⁷⁵ MARSHALL, 2015, p. 90.

O discipulado, portanto, é a ferramenta deixada por Deus para que os convertidos sejam influenciados por outros cristãos piedosos por meio de relacionamentos intencionais, visando o processo de santificação. Pode-se ainda dizer que, esse processo educacional coopera com a formação de uma cosmovisão cristã. Domingues desafia os discípulos de Cristo, afirmando que:

A família e a igreja precisam desenvolver uma proposta formativa que evidencie claramente a cosmovisão que sustenta a maneira de ler e interpretar a realidade, a partir da palavra de Deus. Por isso, a exposição dos princípios e das bases de fé tornam-se indispensáveis no âmbito de sua ação educativa. Afinal, educar pode ser traduzido na prática de discipular o outro.⁷⁶

Por fim, concorda-se com Nash quando atesta que uma das coisas mais importantes que um discípulo de Jesus pode fazer por outras pessoas é ajudá-las a obter um melhor entendimento de sua cosmovisão, isto é, levá-las a perceber suas inconsistências e fornecer novas informações que possam preencher lacunas no sistema conceitual a que ele se submete.⁷⁷ Mas mais do que isso, o cristão deseja ajudar outros discípulos a terem uma melhor compreensão do que significa ter uma cosmovisão cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cosmovisão cristã é orientada pela revelação de Deus encontrada na Bíblia, em especial, numa perspectiva cristã, em que essa revelação encontra seu sentido na pessoa de Cristo Jesus. Para aqueles que creem assim, acredita-se, então, que Deus é como um maestro que possui toda autoridade sobre sua criação, tanto para dizer como as coisas devem ser, quanto para dizer como ele espera que suas criaturas correspondam a essa expectativa.

É firmado nesta realidade, de que uma cosmovisão cristã deve ser orientada pela visão do evangelho, que o seguidor de Jesus reconhece que há um padrão ético-moral de origem revelacional esperado para os discípulos. Gera-se com esse padrão uma expectativa que atinge as mais variadas áreas da vida humana.

O processo de discipulado, isto é, de alguém ensinar outro a obedecer a Jesus, seguindo a vontade de Deus nas Escrituras, transcende a transmissão de conteúdo, mas elege como objetivo a tarefa que o discipulador tem de testemunhar da vida para seu discípulo. Esse modelo estabelecido por Jesus é uma premissa fundamental da prática discipular a ser aplicada em comunidades eclesiais.

Ser discípulo de Jesus não se trata apenas de conhecer ou concordar com algumas afirmações, mas, se render a ele como senhor e salvador. Logo, aqueles que se dispõem a ser um seguidor de Jesus, devem se submeter à ética cristã, ou seja, devem desejar aprender e submeter sua vida aos ensinamentos de Jesus.

⁷⁶ DOMINGUES, 2022, p. 26.

⁷⁷ NASH, 2012, Locais do Kindle 244-246.

REFERÊNCIAS

- BARRY, J. D. **Dicionário bíblico Lexham (Conciso)**. Bellingham: Lexham Press, 2021.
- BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- CARVALHO, D. **Relacionamento discipulador**. Rio de Janeiro: JMN, 2016.
- CHAN, F. **Multiplique**: discípulos que fazem discípulos. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.
- CONSTABLE, T. L. **Notes on Deuteronomy**: 2023 Edition. Disponível em <https://planobiblechapel.org/tcon/notes/pdf/deuteronomy.pdf> Acesso em 13 de abril de 2023.
- CONSTABLE, T. L. **Notes on Mathew**: 2023 Edition. Disponível em <https://planobiblechapel.org/tcon/notes/pdf/matthew.pdf> Acesso em 13 de abril de 2023.
- DEVER, M. **Discipulado**: como ajudar outras pessoas a seguir Jesus. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- DOMINGUES, G. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2012. Edição do Kindle.
- DOMINGUES, G.; GUERRA, E. G. O.; FERREIRA, R. R. **Descubra seu lugar no plano de Deus**. Curitiba: Discipular, 2016.
- GERHARD, K. **Dicionário teológico do Novo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- HENDRIKSEN, W. **Mateus**: comentário do Novo Testamento. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.
- HENDRIKSEN, W. **Lucas**: comentário do Novo Testamento. Vol. 01 e 02. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Belo Horizonte: Betânia, 1991.
- HENDRICKS, H. **Discipulado**: o caminho para firmar o caráter cristão. Curitiba: Betânia, 2021.
- LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. **The Online Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon**. Disponível em <http://stephanus.tlg.uci.edu/lsg/#eid=66646> Acesso em 12 de abril de 2023.
- MADUREIRA, J. **O custo do discipulado**: a doutrina da imitação de Cristo. São José dos Campos: Fiel, 2019.
- MARSHALL, C. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- MERKH, D. J. **Comentário bíblico lar, família & casamento**: fundamentos, desafios e estudo bíblico- teológico prático para líderes, conselheiros e casais. São Paulo: Hagnos, 2019.

MIGUEL, I. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

OGDEN, G. **Elementos essenciais do discipulado**: um guia para edificar sua vida em Cristo. São Paulo: Vida, 2010.

PHILLIPS, K. W. **A formação de um discípulo**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

POPE, R. **O discipulado na Igreja Local**. Viçosa: Ultimato, 2017.

RIENECKER, F. **Evangelho de Lucas**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 2005.

RIENECKER, F. **Evangelho de Mateus**: Comentário Esperança. Curitiba: Esperança, 1998.

RYLE, J. C. **Meditações no Evangelho de Mateus**. São José dos Campos: Fiel, 2002.

RYLE, J. C. **Santidade**: sem a qual ninguém verá ao Senhor. São José dos Campos: Fiel, 2013.

THOMPSON, J. A. **Deuteronômio**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2006.

THUNE, R. H. **A vida centrada no evangelho**: com guia do líder. São Paulo: Vida Nova, 2015.

TRIPP, P. D. **Instrumentos nas mãos do redentor**: pessoas que precisam ser transformadas ajudando pessoas que precisam de transformação. São Paulo: NUTRA, 2009.

VANHOOZER, K. J. **Discipulado para a glória de Deus**: um guia pastoral para fazer discípulos por meio da Escritura e doutrina. São Paulo: Vida Nova, 2022.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.002



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

MULHERES IDOSAS NO CONTEXTO BÍBLICO: UMA QUESTÃO DE VALOR E CUIDADO

Elderly women in the biblical context: a matter of value and care

Rosângela da Silva Feitosa¹

RESUMO

O presente artigo apresenta exemplos de mulheres que foram extraídos da narrativa bíblica por sua influência no desenvolvimento da fé e que esclarecem sobre a relevância da sua inserção e participação, na medida em que lhe é atribuído um papel que pode ser designado ao serviço do Senhor. Observa-se a necessidade de abordar sobre o fenômeno envelhecimento à luz das Escrituras, visto que apresentam princípios e valores que precisam ser aplicados nos relacionamentos, ao mesmo tempo em que alerta para comportamentos e atitudes que podem afetar o equilíbrio bio-psico-espiritual dos que se encontram nesta fase da vida. O problema parte da seguinte pergunta: como as mulheres idosas são descritas nas Escrituras e de que forma sua instrumentalidade pode trazer ensinamentos para a igreja? A metodologia da pesquisa parte de uma abordagem qualitativa do estudo sobre o fenômeno eleito. Ainda, lança mão da pesquisa do tipo bibliográfico e exploratório, uma vez que muitas reflexões são frutos de deduções, a partir da leitura da narrativa bíblica escolhida. Percebe-se que falar sobre a mulher na terceira idade é algo essencial para compreender que não existe limitação quanto à faixa etária no serviço cristão, antes, a instrumentalidade parte de um coração disposto e que compreenda a missão confiada. Essa é a proposta a ser perseguida no artigo.

Palavras-chave: Escrituras. Mulheres Idosas. Cuidado. Instrumentalidade.

¹ Mestranda em Ministérios pela Carolina University. Bacharel em teologia com habilitação em libras. Missionária por 5 anos em Moçambique, na África (2015 a 2020). Escritora com 22 livros publicados. cursando licenciatura em matemática-UNIUBE. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico-FORMEB. ORCID - <https://orcid.org/0009-0008-9254-2048> - E-mail: missrosangelafeitosa@gmail.com

ABSTRACT

This article presents examples of women taken from the biblical narrative for their influence on the development of faith and which elucidate the relevance of their inclusion and participation, as they are given a role that can be assigned to the service of the Lord. There is a need to address the phenomenon of aging in the light of the Scriptures, since they present principles and values that need to be applied in relationships, simultaneously alerting about behaviors and attitudes that can affect the bio-psycho-spiritual balance of those at this stage of life. The problem is based on the following question: how are elderly women described in the Scriptures and how can their instrumentality bring teachings to the church? The research methodology is based on a qualitative approach of the study of the chosen phenomenon. It also uses bibliographical and exploratory research, since many reflections are the result of deductions based on the reading of the chosen biblical narrative. It is noticeable that talking about women in old age is essential to understand that there is no age limit in Christian service, rather, instrumentality comes from a willing heart that understands the mission entrusted to it. This is the proposal to be pursued in this article.

Keywords: Scriptures. Elderly Women. Care. Instrumentality.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta exemplos de mulheres que foram extraídos da narrativa bíblica por sua influência no desenvolvimento da fé e que esclarecem sobre a relevância da sua inserção e participação, na medida em que lhe é atribuído um papel que pode ser designado ao serviço do Senhor. A intenção é descrever a forma como evidenciaram e podem evidenciar sua instrumentalidade, sendo canal de bênçãos para aqueles que foram e serão alcançados por sua ação.

Ressalta-se que não se tem a finalidade de exaltar os feitos das mulheres bíblicas eleitas na exposição do tema, mas de evidenciar como o trabalho por elas efetivado influenciou no desfecho das narrativas bíblicas em que estavam inseridas, por ser fundamental a sua maneira de agir e se posicionar diante da situação envolvida.

Compreende-se, ainda, que as mulheres nos tempos bíblicos não vivenciaram a mesma situação que enfrentam as mulheres da atualidade no seu dia a dia, isso porque as demandas são diferentes, bem como o estilo de vida presente em cada época. O contrário também é verdadeiro. O que se pode dizer é que cada mulher influencia em sua época, a partir da sua instrumentalidade e isso ocorre independentemente de sua idade.

A instrumentalidade indica um ato de disposição para, ou seja, do estar preparado para realizar uma ação, a partir dos talentos e das habilidades desenvolvidas. Atualmente, a percepção que se tem é que a mulher está mais preparada para exercer uma profissão na sociedade, atuar na liderança e à frente de negócios e seguir uma carreira. Contudo, isso é algo que continua fazendo parte de uma conquista histórica que se torna mais contundente nesse tempo.

Ainda, cabe ressaltar que a instrumentalidade não se associa à idade. A despeito disso, cabe esclarecer sobre a necessidade de preparar as mulheres para viver os tempos da

longevidade com propósito. Afinal, observa-se que as pessoas estão vivendo mais, ou seja, está sendo mais comum ultrapassar a faixa etária dos 70 anos.

Os tempos da longevidade precisam ser brandos, ao mesmo tempo em que precisa produzir a sensação de bem-estar. Envelhecer com qualidade é uma conquista a ser feita, o que requer preparo, cuidados e percepção de missão. Não é porque a condição física e mental se encontra mais lenta, que não se pode pensar em ações e práticas a serem efetivadas. Defende-se que mulheres idosas podem ser instrumentos eficientes em diferentes ministérios da Igreja, como aconselhamento, assistência social, serviços e oração.

1. EXEMPLOS BÍBLICOS DE MULHERES E SUA INSTRUMENTALIDADE NO SERVIÇO DO SENHOR

A Bíblia está repleta de versículos que falam sobre a velhice, entretanto é preciso afirmar que a velhice não significa o fim de uma vida e a pessoa ainda pode e deve servir ao Senhor com inteireza de mente e coração. Nesse sentido, é preciso apresentar evidências de tal possibilidade, reconhecendo que mesmo na limitação se tem lugar para atuar como instrumento no reino de Deus. Interessante que a limitação pode ser provocada por fatores externos ou internos, como posição social, condição física, tradição e práticas legitimadas por um grupo, dentre outros.

No contexto bíblico, a limitação sofre a influência de uma condição social imposta por parte dos líderes do povo à mulher. Assim, inicia-se a discussão reconhecendo que a ênfase ao papel atribuído à mulher nos tempos bíblicos estava condicionada ao espaço do lar. A menina desde cedo era treinada pela mãe para ser uma boa dona de casa. Somente o menino era treinado para exercer uma profissão. Esse treinamento era ministrado pelo pai e, geralmente, o menino seguia a profissão do seu progenitor.

A criança, circuncidada, tendo recebido um nome e marcada com o selo de Deus, permanecia nos primeiros anos completamente sob os cuidados da mãe. Os pais judeus não pareciam absolutamente inclinados a fazer o papel de ama. Além do mais, as judias eram excelentes mães, conscienciosas e devotas, a Bíblia está cheia de exemplos nesse sentido. As filhas ficavam com as mães até o dia do casamento. Elas ajudavam nos cuidados da casa, carregavam água, teciam e, na zona rural, participavam do trabalho externo — respigavam após os ceifeiros ou cuidavam das ovelhas durante o dia. O pai se encarregava dos filhos e os iniciava na sua profissão o mais cedo possível, para que logo pudessem trabalhar com ele, primeiro na função de aprendizes e a seguir como oficiais.²

Ainda, cabe enfatizar que o espaço da mulher nos tempos bíblicos por ser centrado no lar, muitas vezes havia restrições em obter o direito ao ensino. “Este [...] foi aparentemente a causa que levou muitos rabinos a negarem às meninas o direito de aprender. As mulheres não tinham posição oficial na religião, por que então ensinar-lhes a Lei?”³ De fato, as mulheres não tinham os mesmos privilégios que os homens. Elas não recebiam a mesma educação, porém,

² DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus**. São Paulo: Imprensa da Fé, 1993, p. 78.

³ DANIEL-ROPS, 1993, p. 79.

sua presença é reconhecida em diferentes narrativas bíblicas, a qual resultou em impactos para o desfecho da história.

Geralmente, as mulheres não eram citadas na Bíblia. Muito raramente ainda o seu nome. Contudo, cabe reconhecer que as histórias das mulheres citadas e que serviam a Deus, realmente tiveram um grande impacto em sua época, tanto positivo como negativo. Algumas delas eram tementes a Deus, outras nem o reconheciam, porém, ao descrever sua trajetória compreende-se que as ações e posicionamentos produzem consequências.

É preciso enfatizar também que as mulheres no tempo de Jesus não eram valorizadas, mas ele demonstrou sua importância, tanto que os Evangelhos evidenciam que elas fizeram parte do seu ministério como discípulas e mantenedoras do trabalho efetivado (Lc 8.2). Isso indica a atuação de uma grande quantidade de mulheres anônimas que foram alcançadas pela mensagem e serviam com integridade de mente e coração ao Mestre.

Sobre a ajuda financeira, Wiersbe esclarece que era muito comum existir esse tipo de oferta de gratidão entre os rabinos, principalmente, em um ministério itinerante como o de Jesus. Ainda, com relação às mulheres discípulas, o Evangelho de Mateus faz menção ao fato de que se fizeram presentes no episódio da crucificação e que Maria Madalena, Maria e Salomé acompanharam de perto os momentos de Jesus na cruz (Mt 27.45-56), ou seja, elas permaneceram firmes.⁴

Ainda sobre a presença de mulheres no contexto bíblico, Wiersbe salienta que o Evangelho de Lucas “faz 43 referências a mulheres e, das doze viúvas mencionadas na Bíblia, Lucas fala de três (Lc 4.36-40; 7.11-15; 21.1-4) [...] Naquele tempo, a vida das viúvas não era nada fácil, e apesar do que a Lei ordenava, elas costumavam sofrer abandono”.⁵ Talvez, seja essa a razão do autor lucano escrever sobre elas, a fim de chamar atenção frente à condição em que muitas delas se encontravam, ou seja, de descaso e exploração.

Compete esclarecer que as histórias narradas sobre as mulheres trazem à tona princípios que precisavam ser resgatados, quer seja em relação a Deus e ao próximo. Eles dizem respeito ao conceito de temor, perdão, posicionamento, fé, decisão, amor, piedade, justiça, misericórdia, bondade. Ora alertando para a sua prática ou ausência. O ensino objetiva demonstrar sobre a diferença entre fazer ou não a vontade de Deus.

O processo de eleição dos três exemplos de mulheres no contexto bíblico oferece indícios de sua condição na sociedade e abrange tanto o Antigo como o Novo Testamentos. Não se demonstra aqui o seu valor por intermédio de um cargo ou posição social. Antes, é a atitude de fé que move a sua ação. Assim, é o que se pode depreender da história de Loide, Ana e a viúva de Sarepta. Sobre elas, é que se faz uma exposição, não tão aprofundada, devido à escassez de material bibliográfico, a partir de inferências diante da narrativa bíblica apresentada.

⁴ WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo**. São Paulo: Geográfica, 2017, p. 258.

⁵ WIERSBE, 2017, p. 229.

2. LOIDE, UMA AVÓ DE FÉ SINCERA QUE INFLUENCIOU SEU NETO TIMÓTEO

A constatação do papel fundamental da mulher idosa nos tempos bíblicos pode ser encontrada na Carta de Paulo a Tito, capítulo 2, versos 3 e 4, quando diz: “Quanto às mulheres idosas, semelhantemente que sejam sérias em seu proceder, [...] A fim de instruírem as jovens recém-casadas a amarem seus maridos e a seus filhos”. Sobre esta passagem, Wiersbe comenta que a orientação dada às mulheres idosas evitava embaraço ou maledicência, afastando-as, inclusive, de situações comprometedoras.⁶

Ainda, é possível dizer que as mulheres idosas deveriam ser referência para as mais novas. Afinal, as mulheres mais novas precisam de muito apoio e as mulheres mais velhas devem fazer isto. “Sempre que aconselho uma mulher recém-casada, encorajo entusiasticamente que converse com sua mãe e sua sogra sobre receitas, habilidades, profissão, interesses, bíblia e crescimento espiritual”.⁷ Isso revela o lugar do exemplo que lhe é atribuído, além de conselheira, entretanto, nessa especificidade, é possível perceber a sua influência na formação das gerações mais novas e que envolve mulheres e homens, como é o caso de Loide e de seu neto Timóteo.

Neste momento, Paulo lembra a herança de fé de Timóteo [...] Ao falar da fé não fingida de Timóteo, o apóstolo não está pensando na fé que ‘é dom de Deus’ (Ef 2.8), mas na reação ao amor de Deus em Cristo que fluía espontaneamente do coração de Timóteo. Esta mesma reação caracterizou a atitude da mãe e da avó do jovem. Talvez isso queira dizer que a avó Loide foi o primeiro membro da família a aceitar a Cristo como Salvador e Senhor, e que ela foi instrumento para levar os demais membros a aceitar a fé cristã.⁸

Loide influenciou grandemente seu neto Timóteo. Ela era judia e dedicou-se a ensinar a Palavra de Deus ao seu neto juntamente com Eunice, a mãe do garoto. Wiersbe comenta que tanto avó como a mãe participaram ativamente de sua educação religiosa, sendo fiéis às Escrituras, o que foi essencial ao processo de desenvolvimento da fé de Timóteo.⁹

A partir da influência de sua avó e mãe, Timóteo aprendeu a amar a Deus, mesmo sendo filho de pai grego. Ele cresceu aprendendo a conhecer a Deus e sua ação providencial na história. Isso pode ser constatado a partir do seguinte versículo: “Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste, e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido, e que desde a infância sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela que há em Cristo Jesus” (2Tm 3.14-15). Ressalta-se que o pronome “quem” no verso está no plural, isto é, faz referência à ação conjunta no ensino, portanto, atribuindo à Loide e à Eunice, a responsabilidade pela educação de Timóteo.¹⁰

Loide tinha uma fé sincera e passou esta fé para o seu neto Timóteo, tal como está expresso no versículo assim: “Trazendo a memória a fé não fingida que há em ti, a qual habitou

⁶ WIERSBE, 2017, p. 344.

⁷ GEORGE, 2017, p. 83.

⁸ EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles. **Comentário Beacon**: Mateus-Lucas, v. 6. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 500.

⁹ WIERSBE, 2017, p. 327.

¹⁰ WIERSBE, 2017, p. 327.

primeiro em tua avó Loide, e em tua mãe Eunice e estou certo de que também habita em ti” (2Tm 1.5). A expressão fé sincera expressa:

[...] uma atitude genuína. Isto é, não havia fingimento nem falsidade em Timóteo. Ele era um jovem comprometido e envolvido com sua fé. Ele transparecia em sua espontaneidade e seu empenho no que dizia e fazia. Hoje muitos autores em psicologia afirmam que ter uma fé religiosa é um grande fator de estabilidade e segurança psicológica. Paulo já afirmava isso naquela época.¹¹

Loide transmitiu a fé para a próxima geração. Ela foi útil servindo ao Senhor, dedicando-se a ensinar ao seu neto Timóteo. Loide não ficou se lamentando, mas aproveitou o tempo com o seu neto para ensinar-lhe a palavra de Deus. Quão importante é um ensinamento de uma avó para as próximas gerações. “O que ouvimos e aprendemos, não encobriremos aos nossos filhos, contaremos à vindoura geração” (Sl 78.6).

LOIDE: Avó de Timóteo por parte de mãe (2Tm 1.5), cuja família, incluindo a mãe de Timóteo, Eunice, vivia em Listra (At 16.1). Loide era uma judia profundamente comprometida, que provavelmente converteu-se ao cristianismo durante a primeira viagem missionária de Paulo (cap. 14). Paulo comenta que Timóteo compartilhou a fé de sua avó e de sua mãe.¹²

Timóteo desde pequeno aprendeu a adorar a Deus. Ele conheceu desde a sua infância as Sagradas Escrituras. É por tal razão, que o apóstolo Paulo em II Timóteo, o exorta a permanecer na fé de sua mãe Eunice e de sua avó Loide. Ele havia sido bem instruído por sua avó e por sua mãe, e agora ensinava a outros a Palavra de Deus. Sua avó era uma serva exemplar, uma pessoa dedicada a Deus e a transmitir a sua fé nele. Mesmo sendo idosa, ela aproveitou o tempo para ministrar a Palavra de Deus. Certamente, também ensinou à sua filha Eunice. Ela se empenhou muito em deixar um legado de fé.

Depois Timóteo se tornou um pastor. O seu nome expressa aquele que honra a Deus. “TIMÓTEO [Honrado por Deus; Honra a Deus]. Companheiro e ajudante de Paulo (At 16.1-5; 17.10-15; 18.5; 19.21-22; 20.3-5; 2Tm 1.6; 4.9,21). Recebeu instrução religiosa de sua mãe e de sua avó (2Tm 1.5; 3.15). Foi pastor da Igreja de Éfeso (1Tm 1.3)”.¹³ Então, o apóstolo Paulo escreveu duas cartas a ele, dando-lhe vários conselhos de como cuidar da igreja e do povo de Deus. As cartas foram I e II Timóteo.

Primeira epístola a Timóteo: Carta pastoral em que Paulo aconselha Timóteo a evitar doutrinas falsas sobre alimentos e casamento (1.3-4; 4.1-6; 6.3-5). Há também orientação para os líderes da igreja no seu trabalho e na sua vida e para os cristãos em geral (2.2—3.13; 5.1—6.2; 6.17-19).

Segunda epístola a Timóteo: Carta que trata dos deveres de Timóteo como pastor. Paulo sente que a sua vida está chegando ao fim. Por isso ele dá

¹¹ **Bíblia** Conselheira: Novo testamento. Nova tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011, p. 466.

¹² COMFORT, Philip; ELWELL, Walter (edit.). **Dicionário Bíblico Tyndale**. Santo André: Geográfica, 2015, p. 1112.

¹³ KASCHEL, Werner; ZIMMER, Rudi. **Dicionário da Bíblia de Almeida**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 292.

conselhos ao seu colega e amigo Timóteo para que cumpra o seu ministério (4.5), imitando a sua fé, o seu amor e a sua perseverança (3.10-11; 4.5-8).¹⁴

Pode-se inferir que Timóteo aprendeu com sua avó e mãe a ser uma testemunha que anuncia a boa nova de salvação. Logo, ele se tornou um seguidor de Jesus. Ele vivia como um verdadeiro cristão, tanto que era reconhecido pelo seu bom testemunho. Sobre ele é dito que: “Havia ali um discípulo chamado Timóteo, filho de uma judia crente, mas de pai grego; dele davam bom testemunho os irmãos em Listra e Icônio” (At 16.1-2). Ele foi convidado pelo apóstolo Paulo para anunciar o evangelho em vários lugares. Timóteo prontamente se dispôs a testificar de Jesus Cristo por onde passava.

3. ANA, FILHA DE FANUEL: UMA VIÚVA QUE NÃO DEIXAVA O TEMPLO

Ana realmente impactou nos dias de Jesus, porque é uma das poucas mulheres das quais a Bíblia cita o nome e ainda relata o que fez. Wiersbe comenta que a personagem de Ana surge quando Simeão estava louvando a Deus por ter conhecido o menino Jesus, o Messias enviado e que se junta para expressar também sua gratidão.¹⁵ Interessante que Ana não apenas louvou, mas “proclamou as boas novas entre os membros fiéis do remanescente que aguardava a redenção de Israel”.¹⁶

Sobre a personagem Ana, o texto bíblico traz um relato breve, dizendo que era uma profetisa, viúva e muito idosa. O fato de dizer o papel de Ana, indica que “possuía o dom especial de transmitir e de interpretar a mensagem de Deus”¹⁷ e que exerceu com ousadia acerca do menino Jesus, o Messias.

Bem cedo Ana ficou viúva, visto que sete anos depois do seu casamento, o seu marido havia morrido, mas era uma mulher que investia tempo no serviço do Senhor. Ana pertencia à tribo de Aser, uma das doze tribos de Israel. Então, esta viúva pertencia ao povo escolhido de Deus, o povo de Israel. Sobre ela, é descrito assim:

DA TRIBO DE ASER Ana, posteriormente, é identificada como “filha de Fanuel, da tribo de Aser” (Lc 2.36). Sua herança é relatada porque ela é bem incomum. Aser era o oitavo filho de Jacó. Era da descendência de Zilpa, serva de Leia e concubina de Jacó (Gn 30.12-13). A tribo que descendeu de Aser pertencia a Israel, o reino apóstata do norte.¹⁸

Era comum nos tempos bíblicos identificar as pessoas pelo seu pai, o que se entende por ser Ana chamada de filha de Fanuel. Atualmente, usa-se bastante a profissão para identificar a pessoa, mas ainda é comum que seja reconhecida pelo sobrenome de sua família. O seu sobrenome conta muito. Chama atenção que o nome Fanuel aparece uma única vez na Bíblia, citado em Lucas 2.36, o que expressa um dado a ser considerado, talvez por marcar a sua descendência e origem, a tribo de Aser.

¹⁴ KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 292.

¹⁵ WIERSBE, 2017, p. 229.

¹⁶ WIERSBE, 2017, p. 229.

¹⁷ WIERSBE, 2017, p. 229.

¹⁸ MACARTHUR, John. **Doze Mulheres Extraordinariamente comuns**: Como Deus usou as mulheres da Bíblia e como Ele pode usar você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 134.

O texto prossegue, narrando que naquela época, da apresentação de Jesus no Templo, Ana estava com 84 anos de idade. Ainda revela que ela nunca saía do Templo. Ela adorava a Deus dia e noite, jejuando e fazendo orações. Entretanto, no momento que contemplou Jesus, começou a louvar a Deus e a falar a respeito do menino para todos os que esperavam a libertação de Jerusalém (Lc 2.36-38).¹⁹ A Bíblia não fala mais nada dela e só é citada essa vez na Bíblia, porém, pode-se inferir que ela era uma pessoa disposta para servir e ouvir a voz de Deus.

Na época do nascimento de Jesus, Ana já era avançada em idade. Ela não teve uma vida particularmente fácil. Todo o seu mundo foi devastado por uma tragédia quando ela era ainda bem jovem, aparentemente, até antes mesmo de ela ter dado à luz. Seu marido morreu sete anos depois do seu casamento, e ela permaneceu solteira desde então.²⁰

Mesmo com a idade avançada e sendo viúva, continuava dedicando sua vida ao Senhor, visto que o amava de todo o coração e sabia que a sua vida ainda não tinha acabado. Ana era uma serva fiel a Deus. A Bíblia faz questão de registrar a sua idade, talvez para mostrar que mesmo sendo idosa, é possível continuar servindo com alegria e disposição ao Senhor.

Um dado que chama atenção no relato sobre Ana, é que sempre estava no Templo. A Bíblia diz: “nunca saia do templo” (Lc 2.37). Isso demonstra o valor da adoração e do serviço, independentemente da idade. Tal ideia ainda explicita que o templo precisa ser um lugar e espaço de acolhimento, contrição e adoração. Outra explicação desenvolvida por MacArthur sobre a expressão “nunca deixava o templo:

[...] é uma afirmação de destaque, que dá a entender que Lucas a aplicou no sentido literal. Evidentemente, Ana morava bem na área do templo. Havia alguns apartamentos nos pátios do templo (Neemias 13:7-9). Eram quartos modestos, provavelmente, usados como habitações temporárias para sacerdotes que moravam na área do templo enquanto exerciam seu serviço anual de duas semanas. Provavelmente, por causa do seu longo histórico de fidelidade, de seus óbvios dons espirituais, da sua dedicação firme ao Senhor e do seu compromisso constante com o seu ministério de oração e jejum, os oficiais do templo lhe deram um pequeno quarto.²¹

Ana sempre estava no templo adorando a Deus de dia e de noite. Adorar é engrandecer a Deus, reconhecendo quem ele é. É reverenciar o todo e poderoso Criador que fez os céus, a terra e tudo o que neles há. Somente Deus é digno de toda adoração e Ana sabia disso. Seu viver em todo o tempo era adorar a Deus. Sobre a adoração:

[...] esse termo ocorre apenas em Atos 8.27. Ele não ocorre nas versões KJV, ASV ou RSV em inglês, embora a ideia esteja expressa no AT pela palavra *shaha*, que significa “veneração”, “inclinarse perante”. No NT a ideia está expressa pela palavra *proskuneo*, que significa “venerar”, “beijar a mão”, “fazer reverência a”, “adorar” e menos frequentemente por *sebomai*, que significa “reverenciar”, “adorar”, “ser devoto de” e *latreuo*, que significa

¹⁹ **Bíblia** Conselheira: Novo testamento. Nova tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

²⁰ MACARTHUR, 2019, p. 135.

²¹ MACARTHUR, 2019, p. 136.

“venerar publicamente”, “ministrar”, “servir”, “prestar homenagem religiosa”.²²

A atitude de Ana é impactante, visto que começou a louvar a Deus, diante da visão que teve em relação à promessa de Deus sendo cumprida. “[Ana] deu graças a Deus e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2.38). Louvar a Deus é uma expressão de gratidão e reconhecimento pelo que Deus é e faz (significado de louvar).

É óbvio que Ana era uma mulher extremamente notável aos olhos de todos que a conheciam. Teve a vida mais simples possível. Sempre podia ser encontrada no templo. Dedicava-se exclusiva e completamente ao serviço e à adoração a Deus — principalmente, por meio de suas orações e jejuns.²³

Ana louvava a Deus ao ouvir do Salvador e não guardou somente para si a boa notícia, mas logo, saiu anunciando a todos que o Salvador esperado havia chegado. Ana testemunhou de Jesus Cristo. Ela anunciava para todos a boa nova. Sua reação evidencia um coração grato a Deus, pois:

De repente, o dom profético de Ana se expressou corajosamente: “e falava a respeito do menino a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém” (Lc 2.38). O tempo verbal denota ação contínua. Significa literalmente que ela falava continuamente dele a todos que estavam procurando pelo Redentor. Essa se tornou sua única mensagem pelo resto da vida.²⁴

Ana anunciou a Jesus Cristo e profetizou que Ele era o Redentor de Israel. Ela foi grandemente usada por Deus para ser um canal de divulgação do Salvador. É conhecida na Bíblia como uma profetisa. Os profetas eram porta-vozes de Deus e anunciavam a mensagem de Deus para o seu povo.

Ana estava no templo jejuando e fazendo orações. Adoração inclui oração. A oração mostra dependência total do Senhor, o altíssimo Rei. O soberano que controla tudo o que existe. Ana sabia disso e estava em oração continuamente, pois sendo viúva, dependia totalmente de Deus.

Ana, aparentemente, tinha feito disso uma norma para os seus 64 anos ou mais de serviço. Essa era uma mulher fervorosa! Por que causa você acha que Ana tinha orado? Com certeza, ela orava por muitas coisas, mas não há muita dúvida de que um dos principais assuntos de suas orações era um apelo sincero pela mesma coisa que Simeão estava tão ansioso para ver: “a Consolação de Israel”. Sua esperança, como a de Eva, estava na Semente que esmagaria a cabeça da serpente. Seu anseio, como o de Sara, estava na Semente de Abraão, que abençoaria todas as nações da terra. Ela estava orando para que Deus logo enviasse o libertador prometido, o Messias. A fé incrível de Ana vinha do fato de que ela acreditava em todas as promessas que estavam no Antigo Testamento. Ela levou a Palavra de Deus a sério. Ela

²² PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 45.

²³ MACARTHUR, 2019, p. 136.

²⁴ MACARTHUR, 2019, p. 138.

sabia, em seu coração, que o Messias estava chegando, e sem dúvida alguma sua primeira e mais importante oração era que isso acontecesse logo.²⁵

As viúvas daquela época sofriam bastante, visto que sua condição e sustento estavam associados a ter um provedor. De fato, não existia uma previdência em termos financeiros que as amparasse em caso de viuvez. Elas dependiam de outras pessoas para sobreviverem, contudo, Ana mesmo lidando com situações adversas, dedicava-se inteiramente ao Senhor.

A viuvez naquela sociedade era extremamente difícil. Ela praticamente garantia uma vida de pobreza extrema. Por isso que, na igreja primitiva, o apóstolo Paulo exortou as viúvas jovens a se casarem de novo (1Tm 5.14), para que a igreja não se sobrecarregasse para sustentá-las.²⁶

Ana esperava o Salvador prometido, Jesus Cristo. Assim que ouviu falar do menino Jesus que estava no templo, ela reconheceu imediatamente que ele era o Salvador prometido. “Naquele momento ela chegou e começou a louvar a Deus e a falar do menino para todos os que esperavam a libertação de Jerusalém” (Lc 2.37). Ana conhecia bem a palavra de Deus e suas promessas. Isso indica que se dedicava à reflexão sobre as Escrituras, nutrindo uma relação próxima e de intimidade com Deus.

4. A VIÚVA DE SAREPTA, O PROFETA ELIAS E O TEMPO DA ESCASSEZ

Já a história da viúva de Sarepta está no livro de primeiro Reis. O livro de primeiro Reis narra a história de Israel, o povo escolhido por Deus. Na primeira metade do livro, o personagem principal é o rei Salomão, filho de Davi. “Ele foi um rei que amava a Deus. Pediu a Deus sabedoria e Deus lhe deu muita sabedoria, inteligência e riquezas. Ele construiu um lindo templo para o Senhor e um palácio para si”.²⁷ Porém, Salomão não foi fiel a Deus até o fim. Sobre ele é dito o seguinte:

SALOMÃO: O terceiro rei do reino unido de Israel. Ele reinou de 970 a 931 a.C., em lugar de Davi, seu pai. Sua mãe foi BATE-SEBA (2Sm 12.24; v. JEDIDIAS). Salomão foi um rei sábio e rico. Administrou bem o seu reino, construiu o TEMPLO, mas no final da sua vida foi um fracasso (1Rs 1—11).²⁸

Após a morte de Salomão, o reino foi dividido e dado uma parte a Jeroboão. A parte que ficou com a família de Salomão foi chamada de Reino do Sul, ou seja, de Judá. A parte que ficou com a família de Jeroboão foi chamada de Reino do Norte, ou seja, Israel. Entre os reis de Judá, alguns foram fiéis a Deus e outros não. Neste livro são citados: Roboão, Abias, Asa e Josafá. Somente Asa e Josafá amavam a Deus. Os reis de Israel eram todos maus e não se importavam em serem fiéis a Deus. Citados neste livro são: Jeroboão, Nadabe, Baasa, Elá, Zinri, Onri, Acabe e Acazias.

A história da viúva de Sarepta é localizada no reinado de Acabe que era um rei que ao invés de ouvir a voz de Deus, escutava a sua esposa Jezabel, uma mulher muito cruel e que

²⁵ MACARTHUR, 2019, p. 137.

²⁶ MACARTHUR, 2019, p. 135.

²⁷ FEITOSA, Rosângela. *Síntese dos livros da Bíblia*. Uberaba, 2023, p. 30.

²⁸ KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 267.

não temia ao Senhor. Era um tempo de escassez e muita fome, pois não havia chuva. Naquela época não havia comida industrializada e toda a alimentação dependia da colheita. Sem chuva por muito tempo, tudo secou e não havia o que comer, mas Deus ordenou a Elias o que fazer.

Então, lhe veio a palavra do Senhor, dizendo: Dispõe-te, e vai a Sarepta, que pertence a Sidom, e demora-te ali, onde ordenei a uma mulher viúva que te dê comida. Então, ele se levantou e se foi a Sarepta; chegando à porta da cidade, estava ali uma mulher viúva apanhando lenha; ele a chamou e lhe disse: Traze-me, peço-te, uma vasilha de água para eu beber. Indo ela a buscá-la, ele a chamou e lhe disse: Traze-me também um bocado de pão na tua mão. Porém ela respondeu: Tão certo como vive o Senhor, teu Deus, nada tenho cozido; há somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e, vês aqui, apanhei dois cavacos e vou preparar esse resto de comida para mim e para o meu filho; comê-lo-emos e morreremos. Elias lhe disse: Não temas; vai e faze o que disseste; mas primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. Porque assim diz o Senhor, Deus de Israel: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará, até ao dia em que o Senhor fizer chover sobre a terra. Foi ela e fez segundo a palavra de Elias; assim, comeram ele, ela e a sua casa muitos dias. Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou, segundo a palavra do Senhor, por intermédio de Elias (1Rs 17.8-16).

Elias foi enviado a uma viúva para lhe sustentar neste tempo difícil. Esta viúva era da cidade de Sarepta, que ficava em Sidom, uma terra pagã a norte de Israel. “SAREPTA: Cidade fenícia situada 13 km ao norte de Sidom (1Rs 17.9-10; Lc 4.26)”.²⁹ Esta viúva era muito pobre e não possuía meios de suprir a fome de sua família e nem outra forma de obter o sustento para si e seu filho. Contudo, é a essa mulher que Deus envia Elias. Talvez, a intenção fosse demonstrar que a provisão vem de Deus, a qual é estendida a todas as pessoas, independentemente de sua condição física, material ou religiosa.

Não há indícios de que a mulher temia ao Senhor, antes por sua resposta ao pedido do profeta, é possível dizer que reconhecia a diferença entre ela e Elias, pois refere-se a Jeová como o “teu” Deus, ou seja, o de Elias. Wiersbe comenta que o profeta Elias pode ter permanecido por dois anos na casa desta viúva.³⁰

A história narra que Elias pediu à viúva água e pão, que são essenciais para a sobrevivência do ser humano. O pão era um alimento muito usado nos tempos bíblicos, como, ainda é, na atualidade. Chama atenção a ideia de não ter solicitado um banquete, mas uma refeição tão comum naquela época. “O pão era o alimento essencial, básico: “comer pão” em hebraico significava “fazer uma refeição”.³¹

Esta viúva possuía um único filho, o que indica que ele era aquele que poderia dar continuidade a sua linhagem. Ainda revela o sentimento de fazer tudo o que for possível para a sobrevivência e bem-estar do filho. Sem dúvida, esta viúva amava muito o seu filho, entretanto, a situação era bem desafiadora, pois, além de ter provisão limitada e escassa, o

²⁹ KASCHEL; ZIMMER, 1999, p. 270.

³⁰ WIERSBE, 2017, p. 464.

³¹ DANIEL-ROPS, 1993, p. 132.

profeta pede que seja dividido com ele os recursos. A viúva escuta o profeta e age conforme sua orientação.

Esta viúva foi recompensada por Deus, visto que o seu alimento não acabou, pelo contrário, Deus fez multiplicar. “Da panela a farinha não se acabou, e da botija o azeite não faltou; conforme a palavra do Senhor que ele falara pelo Ministério de Elias” (1Rs 17.16). De fato, Deus cumpriu sua promessa.³²

A partir desse relato, pode-se dizer que a narrativa ensina sobre o ato de perseverar na fé, mesmo diante de situações difíceis, embora, compete reconhecer que é preciso seguir adiante e não ficar na posição de só esperar a ação sobrenatural. É claro que isso já tinha sido compreendido bem pela viúva, que sai em busca de vasilhas para servir de depósito do azeite.

A perseverança não pode ser atribuída apenas às mulheres do passado, visto que ainda faz efeitos nos processos de decisão, o que remete compreender que é uma marca a ser considerada no desenvolvimento da fé e isso ocorre independentemente da idade.

A perseverança nutre a confiança em Deus e isso é um princípio a ser vivenciado nos relacionamentos. Afinal, faz-se necessário manter a chama da esperança, a qual pode ser aplicada em diferentes áreas da vida. Ensinar sobre perseverança, é uma maneira de testemunhar sobre a ação presente do Senhor, o que pode ser um meio de conhecê-lo mais profundamente.

De fato, a viúva conheceu o poder de Deus, não apenas em tempos de escassez, provendo o seu sustento, mas da morte de seu filho, quando intercede ao profeta e Deus responde a oração. Seu filho retorna à vida e, somente neste momento, ela declara que Deus é o Senhor. Wiersbe comenta que:

O resultado desse milagre foi a confissão pública da mulher de sua fé no Deus de Israel. Ela sabia, sem sombra de dúvida, que Elias era um verdadeiro servo de Deus, não apenas outro mestre religioso à procura de sustento. Também sabia que a Palavra que ele havia ensinado era, de fato, a Palavra do verdadeiro Deus.³³

Nesse sentido, as histórias bíblicas eleitas ensinam sobre decisões e ações que fortalecem a fé, trazem certeza ao coração e são implicadoras na vida. Contudo, existem outras histórias de mulheres que podem ser utilizadas para demonstrar os mesmos princípios. Para isso, elegeu-se um breve relato de três mulheres que exerceram influência em seu tempo na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres idosas podem atuar na igreja local, assim como os exemplos extraídos dos textos bíblicos. Além das histórias apresentadas observa a presença de princípios que se fizeram presentes em suas vidas, como temor, obediência e perseverança. De fato, as ações efetivadas por cada uma delas demonstrou sua fidelidade e dedicação ao Senhor, o que sinaliza ser essencial o investimento contínuo da Igreja em pessoas.

³² WIERSBE, 2017, p. 464.

³³ WIERSBE, 2017, p. 464.

O artigo evidencia que a instrumentalidade pode ser demonstrada em qualquer fase da vida. Por isso, pensa-se que as idosas podem atuar no ministério de oração e intercessão. Ainda, podem auxiliar no aconselhamento e em serviços que não demandam muito esforço.

As mulheres da terceira idade podem servir hospedando, socorrendo e fazendo trabalhos artesanais. Elas ainda podem contribuir com a obra missionária e com suas ofertas. Estas mulheres têm muitas experiências e devem ensinar aos outros, tal qual o exemplo das mulheres apresentado.

É claro que as mulheres na terceira idade têm características e necessidades diferentes, então é preciso olhar para essa fase com amorosidade, cuidado e disposição. Elas, de fato, são valiosas quer estejam em condições de servir ou não. É preciso acolhê-las com carinho e acompanhá-las, a fim de que se sintam seguras. Ainda, se faz necessário ouvir suas histórias e compartilhá-las com as gerações mais novas. É preciso manter um sentimento de gratidão por suas vidas.

Afirma-se, ainda, que as mulheres idosas podem atuar na área de encorajamento, compartilhando suas experiências com mulheres mais jovens. Eles podem servir na adoração, participando de coros ou outras ações, como declamar, fazer leitura bíblica, orar e dirigir o culto.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Conselheira: Novo Testamento. Nova tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade bíblica do Brasil, 2011.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

COMFORT, Philip; ELWELL, Walter (Edit.). **Dicionário Bíblico Tyndale.** Santo André: Geográfica, 2015.

DANIEL-ROPS, Henri. **A vida diária nos tempos de Jesus.** São Paulo: Imprensa da Fé, 1993.

DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Edição para Kindle. [S.l.]: [s.n.], 2011.

EARLE, Ralph; SANNER, A. Elwood; CHILDERS, Charles. **Comentário Beacon:** Mateus-Lucas, Vol. 6. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

FEITOSA, Rosangela. **Síntese dos livros da Bíblia.** Uberaba, 2023.

FERREIRA, Roberto. **A mulher nos evangelhos.** Atibaia: Seminário Palavra da Vida, 2008.

GEORGE, Elizabeth. **Uma mulher segundo o coração de Deus.** 15.ed. São Paulo: United Press, 2017.

HALLEY, Henry. **Manual Bíblico.** 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1994.

MACARTHUR, John. **Doze Mulheres Extraordinariamente comuns:** Como Deus usou as mulheres da Bíblia e como Ele pode usar você. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

PFEIFFER, Charles; VOS, Howard; REA, John. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

WIERSBE, Warren. **Antigo Testamento**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2010.

WIERSBE, Warren. **Novo Testamento**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017. Vol. 1 e 2.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.003



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

APLICAÇÕES DA FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA DA SOBERANIA DE DEUS SOBRE A ORAÇÃO

Applications of the biblical foundation of God's sovereignty on prayer

Remígio Carlos Murela Nloco¹

RESUMO

O escrito deste texto desenvolveu argumentos que apontam para as implicações da soberania de Deus na prática da oração. Para isso, elegeu-se como problema a seguinte pergunta: como a soberania de Deus pode ser identificada na prática da oração e quais suas implicações na vida do cristão? A metodologia da pesquisa assumiu a abordagem qualitativa e o tipo bibliográfico e explicativo, uma vez que apresentou conceitos e características frente às intercorrências do princípio da soberania na prática da oração.

Palavras-chave: Soberania. Prática da oração. Vida cristã.

ABSTRACT

This text has developed arguments that point to the implications of God's sovereignty in the practice of prayer. To this end, the following question was chosen as the problem: how can God's sovereignty be identified in the practice of prayer and what are its implications for the Christian's life? The research methodology took a qualitative approach and was bibliographical and explanatory, since it presented concepts and

¹ Pastor na Igreja Tabernáculo Aliança da Fé. Licenciado em Teologia pelo Seminário Bíblico e Teológico de Maputo e em Ciência Política e Relações Internacionais pela Universidade Aberta ISCED, Pós-Graduado em Psicopedagogia, com especialização em História pela Universidade Pedagógica de Maputo, Mestrado em Teologia pela Carolina University. Atualmente é diretor do Instituto Teológico Aliança da Fé, docente na Escola Bíblica da Assembleia de Deus de Moçambique e no Seminário Bíblico e Teológico de Maputo. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico - FORMEB. ORCID - <https://orcid.org/0009-0001-7493-0118>. E-mail: remigionloco@gmail.com

characteristics in relation to the complications of the principle of sovereignty in the practice of prayer.

Keywords: Sovereignty. Practice of Prayer. Christian Life.

INTRODUÇÃO

Na teologia cristã a doutrina da soberania de Deus é uma das pedras angulares e sua fundamentação bíblica é de suma importância para a compreensão da relação entre Deus e a sua criação. Ela aborda a ideia de que Deus é o soberano supremo, detentor do controle absoluto sobre todas as coisas, desde a criação até o destino da história. Essa doutrina está profundamente enraizada nas Escrituras e permeia tanto o Antigo como o Novo Testamento.

Neste artigo, inicia-se uma jornada para explorar o tema da soberania de Deus, a partir da fundamentação bíblica. Para isso, é preciso considerar a narrativa de textos específicos das Escrituras, trazendo o conceito da soberania e sua implicação na vida cristã, identificando passagens-chave que demonstram a autoridade divina sobre a criação e a providência divina ao longo da história. Fica claro como é convidativo contemplar a soberania de Deus e como ela influenciou o pensamento teológico e a prática espiritual ao longo da história da fé cristã.

O objetivo buscado visa desenvolver argumentos que apontem para as implicações da soberania de Deus na prática da oração. Para isso, elege-se como problema a seguinte pergunta: como a soberania de Deus pode ser identificada na prática da oração e quais suas implicações na vida do cristão?

A metodologia da pesquisa assume a abordagem qualitativa e o tipo bibliográfico e explicativo, uma vez que se busca apresentar conceitos, características frente às intercorrências do princípio da soberania na prática da oração.

A soberania de Deus é alvo de debate e exploração ao longo da história da igreja. Neste contexto, a fundamentação bíblica da soberania de Deus é de suma importância. A proposta do capítulo é apresentar textos nas Escrituras Sagradas do Antigo e do Novo Testamento que dão destaque à soberania e a sua relação na prática da oração, também perceber as implicações da soberania para a oração e, por fim descrever as contribuições de teólogos sobre a prática da oração, com a finalidade de estabelecer uma base bíblica e significativa para a compreensão desse princípio: a soberania de Deus.

1. O CONCEITO DE SOBERANIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DA ORAÇÃO

A soberania de Deus faz referência ao domínio absoluto de Deus sobre todas as coisas, visíveis e invisíveis, tanto no céu como na terra, impacta a maneira como o ser humano faz leituras e se relaciona com o Criador e as demais criaturas. Isso porque, é preciso reconhecer que está submisso à vontade de Deus e que se vive para um propósito, que é a sua glorificação. Assim, “nossa tarefa é estar a sós com Deus horas e horas por dia, estudando sua Palavra horas e horas por dia, lendo sobre os homens de Deus que viveram antes de nós horas e horas por dia”.²

² WASHER, Paul. **O Evangelho de Deus & o evangelho do homem**. São Paulo: Hagnos, 2018, p. 79.

Ao se debruçar no estudo sobre a soberania de Deus, é necessário compreender que se está diante de um dos conceitos mais complexos, contudo, ele pode ser entendido à luz da fé, principalmente, porque está associado ao ato de apropriar-se de uma perspectiva centrada no Criador, não na criatura. Entender essa questão ajuda na percepção da natureza de Deus e na relação com os seres humanos. “Deus está além da criação, mas ao mesmo tempo deseja relacionar-se com ela [...] sua ação pode ser sentida na criação, o que o torna imanente, mas ao mesmo tempo soberano em suas decisões”.³

Para melhor percepção do conceito de soberania, importa mergulhar na sua definição, explorando em diversas abordagens a sua aplicação, no sentido de entender que sua aceção pode variar, de acordo com o contexto em que é empregada. Cabe esclarecer que o princípio da soberania de Deus vai além do que a sociedade estabelece como definição para essa palavra, contudo, pode ajudar no processo de entendimento de seu grau e alcance, visto que pode ser usado para desvendar a natureza da soberania de Deus.

No contexto da sociedade em geral, a soberania dista desde séculos passados, sendo usada quando se determinou que cada região politicamente organizada era autônoma em escolher sua religião, essa percepção sobre delimitação geográfica introduziu a questão dos limites internos e externos, ou seja, poder absoluto interno e insubordinação externa.

O tratado da Paz de Westphalia (1648) em Munster e Osnabruck marcou o início de forma histórica sobre *summa potestas* (soberania) dos Estados, por ser nesta data em que se reconheceu o princípio do estatocentrismo, que é a linha mestra nas relações entre Estados.

Em Relações Internacionais entende-se a soberania como direito exclusivo do Estado de exercer todos os seus poderes sobre o território, como o monopólio de legislação, regulamentação e jurisdição. O Manual de Ciência Política entende que soberania é o: “Poder que o Estado tem dentro de seu próprio território, poder que é exclusivo deste, e que também implica, fora de seu território, a ‘proteção’ contra intervenções externas de outros Estados ou entidades”.⁴

Por isso, afirma que todo o Estado é soberano, o que significa que o seu poder se estende a todo território geograficamente estabelecido e que nenhum outro Estado tem poder de decisão. A soberania do Estado é que possibilita agir em seu território com certa liberdade, desde que isso não interfira na liberdade de outras nações.

Ainda, no contexto da Ciência Política e das Relações Internacionais, pode-se inferir que a soberania é um poder político supremo e independente, poder que não está limitado por nenhum outro poder interno ou externo. Desse modo, o conceito de soberania trata do exercício da autonomia do Estado sobre a condução de sua política interna ou externa, assim como seus efeitos sobre a dinâmica do sistema internacional como um todo. O Governo humano está organizado para manter a ordem e segurança no exercício da sua soberania.

³ DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos Temáticos sobre cosmovisão cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. Curitiba: Olsen, 2021, p. 22.

⁴ QUINTINO, Pedro. É coordenador e professor do Curso de Direito do Centro Universitário do Norte Paulista (Unorp) em São José do Rio Preto. Este conceito foi retirado na sua página no site disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>. Acessado em 20 de junho 2023.

Em Direito, a soberania é entendida como a “expressão do poder de direito, não do poder de fato, porque o poder não define a existência do Direito, é por isso que o Direito cria e justifica o poder”.⁵ Em Ciências Jurídicas, a soberania coloca o Estado acima de qualquer poder e a situa no mesmo plano em relação a outros Estados. Já em teologia, a soberania é conceituada segundo Packer como aquela que:

[...] abrange tudo o que se possa associar à imagem bíblica de Deus, enquanto Senhor e Rei no seu mundo, o Único que ‘faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade’ (Ef 1.11), dirigindo todo e qualquer procedimento e orientando todo e qualquer evento em direção ao cumprimento do seu próprio plano eterno.⁶

A soberania praticada nos Estados e Nações é uma tentativa de traduzir o que seria soberania divina do ponto de vista humano, mas quanto a soberania divina, refere-se ao domínio supremo e absoluto de Deus sobre todas as coisas. Ele é o soberano e controlador do universo, possui autoridade sobre cada aspecto da criação, como de todos os eventos que acontecem na realidade. Nada foge ao seu controle e governo.

A soberania de Deus é de suma importância, porque dela assegura a formação de crenças e valores pessoais, mas também é uma força orientadora que molda a compreensão do mundo e a relação com o ser divino. Sobre isso, Piper afirma que “a soberania de Deus significa que o governo de Deus é absolutamente livre de restrições externas. Deus age de acordo com Sua própria vontade, de acordo com Seus próprios propósitos”.⁷ Geisler explicita que o princípio da soberania revela a presença de “um Deus que existe antes de todas as coisas, está além de todas as coisas, sustenta todas as coisas, conhece todas as coisas e pode todas as coisas está também no controle de todas as coisas”.⁸

Segundo Lawson, a soberania de Deus é a “transcendência e triunfante governação de Deus supremamente em todas as coisas, sem rival tanto no céu como na terra”,⁹ o que torna Deus absoluto e Senhor de tudo e de todos. Concordando com este pensamento. Pink argumenta o seguinte: “dizer que Deus é soberano, é declarar que Deus é Deus, [...] Ele é Altíssimo, o qual tudo faz segundo sua vontade no exército dos céus e entre os moradores da terra”.¹⁰

Deus não compete com ninguém e nem está preocupado em tentar convencer a ninguém que ele é o que é. Toda criação deve aceitar quem Deus é, sem questionar o seu domínio sobre todas as coisas. Afinal, tudo existe porque ele decidiu assim, tudo no céu como na terra existe por meio do seu favor, é nesse âmbito, que O’Donovan Jr. vê a soberania como

⁵ ROMÃO, Filipe Vasconcelos. **A transformação do conceito de soberania a emergência política e legal das «autonomias-ação» no quadro da Constituição espanhola de 1978.** Disponível em https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri39/n39a12.pdf. Acessado em junho de 2023.

⁶ PACKER, J. I. **A Evangelização e a Soberania de Deus.** São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p.7.

⁷ PIPER, John. **A Soberania de Deus.** tradução: Camila Rebeca Teixeira. Postado em 30 de agosto de 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-soberania-de-deus-2/> Acessado em junho de 2023.

⁸ GEISLER, Norman. **Eleitos, mas livres: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre arbítrio.** Tradução Heber Carlos de Campos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2005, p. 15.

⁹ LAWSON, Steven. **Fundamentos da graça.** São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 41.

¹⁰ PINK, Arthur W. **Deus é Soberano.** São José dos Campos: Fiel, 2007, p. 21.

“governo ou autoridade absoluta sobre um reino, uma região geográfica ou um império”.¹¹ Ele termina dizendo que um “soberano é um governante absoluto”.¹²

No Dicionário Wycliffe, a soberania de Deus “representa o ensino bíblico que se refere ao absoluto, irresistível, infinito e incondicional exercício da vontade própria de Deus sobre qualquer área da sua criação”.¹³ Acrescenta ainda, que “Deus é aquele que ordena todos os eventos ao longo do tempo e da eternidade. Ele também é o Criador e Mantenedor de tudo o que existe”,¹⁴ termina dizendo que “Deus ‘faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade’”. Deus é o dono do universo, é aquele que tudo vê, faz e manda fazer como quer e quando quer.

A existência de reinos e a formação de governos é da inteira vontade de Deus, como Jesus fez ao conhecer Pilatos, enfatizando que o poder que este tinha é porque recebeu dos céus (Jo 19.11a). O apóstolo Paulo quando escreve a epístola aos Romanos, esclarece que a autoridade é uma instituição divina e requer uma sujeição e respeito (Rm 13.1).

Deus controla tudo que se move na face da terra, nas profundezas e nos céus. Deus sabe quem deve morrer e quem não deve morrer, ele determina tudo o que deve acontecer, conhece todos os pensamentos do homem mesmo antes de atravessarem a mente. Nada está além de Deus nesta terra. Não há como negar que Deus é soberano e por isso exerce soberania sobre tudo que criou. A Bíblia afirma que Deus é soberano “Tu, Soberano Senhor, que fizeste o céu, a terra, o mar e tudo o que neles há” (At 4.24).

Pink esclarece que Deus é absoluto.¹⁵ Isso remete à ideia de que ninguém faz qualquer coisa sem a permissão de Deus, não há nenhuma ação dependente, tudo acontece para satisfação dos seus planos e propósitos. Não há mérito humano em nada nesta terra, por isso, Paulo, apóstolo, pergunta “quem pode ir contra a vontade de Deus? Mas quem é você, meu amigo, para discutir com Deus?” (Rm 9.19b-20).

A forma como Deus administra a sua criação, de como governa e mantém tudo está ligado à soberania dele. Daí que Jesus disse que:

Não se vendem dois pardais por uma moeda de pequeno valor? Contudo, nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais (Mt 10.29-31).

Essa afirmação destaca que nada acontece sem a permissão de Deus. Cada evento, mesmo aqueles que parecem insignificantes, está sob o controle e depende da vontade de Deus. Também fica claro neste verso que a soberania envolve o cuidado pessoal e específico de cada ser criado. A ideia do livre arbítrio não colide com a soberania de Deus. O apóstolo Paulo deixa bem claro sobre esse assunto, quando escreve para os irmãos que estavam em Roma, dizendo que:

¹¹ O’DONOVAN Jr, Wilbur. **O cristianismo bíblico da perspectiva africana**. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 70.

¹² O’DONOVAN Jr, 1999, p. 70.

¹³ **Dicionário Bíblico Wycliffe**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 1844.

¹⁴ **Dicionário Bíblico Wycliffe**, 2006, p. 1844.

¹⁵ PINK, 2007, p. 21

Todavia, quem és tu, ó homem, para questionares a Deus? Acaso aquilo que é criado pode interpelar seu criador dizendo: ‘Por que me fizeste assim?’ Ou o oleiro não tem todo direito de produzir do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para usos menos honrosos? (Rm 9.20-21)

Não há espaço para escolhas fora do que Deus estabeleceu. Santo Agostinho na percepção do livre arbítrio, disse o seguinte: “Dai-me o que ordenais e ordenai o que desejais”.¹⁶ O ser humano está para cumprir a ordem de Deus, os planos e os propósitos estabelecidos por ele, nada é criação humana, tudo é uma mera descoberta.

Já Arminius esclarece, afirmando que “Deus preordena os meios para um fim; e os fins são fixados pela livre ação de criaturas inteligentes”,¹⁷ ou seja, a inteligência humana faz com que o homem explore a criação de forma eficaz para um proveito feliz para a sua própria vida enquanto na terra.

A soberania de Deus pode ser vista quando demonstra misericórdia para alguns quando endurece os corações de outros, como o caso de Faraó, por exemplo. O endurecimento do coração de Faraó por Deus não foi arbitrário. O tirano atraiu isso sobre si. Ninguém pode questionar Deus sobre isso. Assim como o oleiro tem o direito de fazer o que ele quiser com o barro, assim também Deus tem o direito de escolher gentios e judeus.¹⁸

A respeito do sofrimento e do mal em que o mundo está mergulhado, isso desafia, até certo tempo, a compreensão da soberania de Deus. O livro de Jó elucida com profundidade e clareza o problema do sofrimento e da soberania de Deus. Piper¹⁹ argumenta que, embora o sofrimento possa ser doloroso e difícil de entender, Deus tem um propósito divino para ele. Ele vê o sofrimento como um meio pelo qual Deus molda o caráter das pessoas, fortalece a fé e demonstra sua glória.

Jó enquanto procurava compreender a fonte do sofrimento não visualizou uma solução, mas quando desviou a atenção da sua dor (Jó 42.10), Deus mudou a sua situação. Sobre isso, Spurgeon defende a prática de fé, dizendo assim:

[...] procure fazer com que a fé seja reavivada e fortalecida e, como Jó, decida confiar em Deus, embora o Senhor pudesse matá-lo. seria nobre evitar que o coração afundasse sob pressões da aflição, como o salmista encontrou em sua doce experiência: “eu creio que verei a bondade do senhor na terra dos viventes” (Sl 27.13).²⁰

¹⁶ CORSI, Uellinton Valentim. Origem do mal segundo Santo Agostinho: uma perspectiva judaico-cristã. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 05, Vol. 01, p. 131-152. 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/origem-do-mal>. Acesso em junho de 2023.

¹⁷ ARNOLD, Johnathan. **10 coisas que você deve saber sobre a graça preveniente**. Por paleo ortodoxo em Arminianismo, Graça Preveniente, Jacó Armínio, Teologia Arminiana, Wesleyano postado em junho de 2023. Disponível em: <https://paleoortodoxo.wordpress.com/category/jaco-arminio/> Acessado em Junho de 2023.

¹⁸ MACDONALD, William. **Comentário básico do Novo Testamento**: um recurso prático que vai ajudá-lo a compreender e viver a Bíblia. Rio do Sul: Actual, 2015, p. 185.

¹⁹ Disponível em <https://www.desiringgod.org/articles/where-is-god-when-things-keep-getting-worse>. Acessado em junho de 2023.

²⁰ SPURGEON, C. H. **Seleções da Biblioteca de Spurgeon**: Sofrimento. Bookwire: Pão Diário, 2021, p. 19.

Piper acredita que “Deus não está apenas aparecendo depois do problema e limpando-o. Ele está traçando o curso e administrando os problemas com propósitos de longo alcance para o nosso bem e para a glória de Jesus Cristo”.²¹ Um dos pontos-chave de Piper, é que o sofrimento, quando enfrentado com fé, pode glorificar a Deus e ser usado para mostrar sua soberania, bondade e graça.

O sofrimento é em parte um plano divino e pode ser usado para glorificar a Deus e o bem das pessoas. Yancey acredita que Deus usa o sofrimento como um meio para dar lições mais profundas aos seres humanos.²² Daí ser necessário em meio à turbulência, o ser humano procurar entender qual é a lição de Deus, o que está falando, qual é sua direção e como chegar no destino. Muitas vezes, a concentração é sobre a dor e não essencialmente a lição que dela virá.

Pink afirma que “se negamos a soberania de Deus, pronto já não teremos espaço para Deus em nossos pensamentos”.²³ Porque a fé em Deus é sustentada na soberania divina, por ela se percebe os planos e os propósitos sobre a criação. Nada está alheio à vontade de Deus, nada surpreende Deus, tudo funciona de acordo com o plano pré-estabelecido por ele e para ele, a fim de manifestar a sua glória.

2. CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DE AGOSTINHO E CALVINO SOBRE A PRÁTICA DA ORAÇÃO

A prática da oração no contexto da soberania de Deus é um tema essencial e que tem sido objeto de reflexão e estudo. Afinal, a soberania de Deus denota sua autoridade suprema e o controle sobre todas as coisas. Ela se torna inseparável da prática da oração, pois afeta diretamente como os cristãos se aproximam de Deus em comunicação e adoração.

Teólogos como Agostinho de Hipona, João Calvino e outros oferecem *insights* valiosos sobre como a soberania de Deus influencia a maneira como os cristãos oram, como se relacionam com Deus e como entendem as respostas às petições. Suas reflexões abrangem questões como a confiança na vontade divina nas orações, a humildade diante do controle soberano de Deus e a maneira como a oração se encaixa na compreensão mais ampla da providência divina.

À medida que vai se explorando as contribuições desses teólogos, fica evidente a intersecção entre a soberania de Deus e a prática da oração e como ela pode enriquecer a vida espiritual dos crentes e fortalecer sua confiança na comunicação com o Supremo Deus.

Licova afirma que a oração disponibiliza o poder de Deus na terra e a sua prática deve ser ininterrupta.²⁴ É notável que a prática da oração é um componente essencial da vida espiritual e tem sido objeto de profunda reflexão e estudo ao longo da história da teologia cristã.

²¹ Disponível em <https://viralbeliever.com/pt/john-piper-quotes/> Acessado junho de 2023.

²² YANCEY, Philip. **Oração: ela faz alguma diferença?** São Paulo: Vida, 2007, p. 110.

²³ PINK, 2007, p. 6.

²⁴ LICOVA, Sérgio. **A necessidade do homem orar.** Beira: s.n., 2018, p. 17.

Teólogos ao longo dos séculos têm contribuído significativamente para a compreensão da oração, sua importância e seu papel na vida dos crentes. Suas reflexões abrangem uma ampla gama de tópicos, desde a natureza da oração até suas implicações para a adoração, a relação com Deus, a experiência espiritual e a forma como os crentes se aproximam de Deus em busca de orientação, graça e comunhão.

2.1 O ensinamento de Agostinho de Hipona (354 - 430) sobre a soberania divina

Agostinho, um dos mais influentes teólogos da história cristã, argumentou que a soberania de Deus é incontestável, mas isso não torna as orações dos crentes irrelevantes. Em vez disso, ele viu as orações como uma parte essencial do plano divino e uma expressão da vontade de Deus para a comunhão com seu povo.

Agostinho acreditava que Deus possuía auto existência, era absoluto, imutável, possuía absoluta singeleza, era triúno em toda essência, onipresente, onipotente, imaterial, eterno. Não estava dentro do tempo, mas era o criador do tempo. Ele escreveu: “O próprio Deus, em Sua soberana bondade e misericórdia, destinou todas as coisas, inclusive nossas orações”.²⁵

Agostinho ao enfatizar que Deus em sua soberania e misericórdia, destinou todas as coisas, inclusive as orações, acreditava que, embora Deus fosse soberano e conhecesse de antemão tudo o que aconteceria, escolheu incorporar as orações dos seres humanos em seu plano soberano. Isso significa que as orações não são apenas um ato de obediência, mas também fazem parte do propósito de Deus para a realização de sua vontade na história. Nesta linha de pensamento, Licova interpreta a oração como um “requerimento para o agir de Deus na terra”,²⁶ segundo a sua vontade e seu propósito.

Agostinho, deixa claro nos seus ensinamentos que “não se pode encontrar pessoa alguma que pense haver um ser melhor do que Deus”,²⁷ na mesma linha de pensamento, considera as orações como um meio pelo qual os cristãos expressam sua dependência em Deus e buscam sua graça e orientação. Ele enfatizou que, por meio das orações, participa-se ativamente do plano divino, reconhecendo a soberania de Deus e confiando em sua sabedoria para responder às petições.

Na visão de Agostinho sobre a soberania de Deus e a prática da oração, é uma abordagem equilibrada que ressalta a importância de orar sem negligenciar a soberania divina. Isso continua a influenciar a teologia e a espiritualidade cristãs, destacando a relação entre a oração, a vontade de Deus e a profunda confiança na providência divina.

Agostinho convida os cristãos a orarem e participarem ativamente na busca da sua vontade e do seu propósito, embora Deus seja soberano sobre todas as coisas, uma vez que

²⁵ XAVIER, Erico Tadeu. Agostinho de Hipona e a história do cristianismo: breve estudo de sua vida, influência e teologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 05, Vol. 01, p. 25-40. Maio de 2019. Disponível em <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/teologia/agostinho-de-hipona>.

²⁶ LICOVA, 2018, p. 2.

²⁷ AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354 – 430. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação**. São Paulo: Paulus, 2022, p. 48.

as suas orações não anulam a soberania divina, mas, sim, são instrumentos pelos quais Deus cumpre seus planos.

Os cristãos são chamados a orar, não para impor sua vontade sobre a de Deus, mas para alinhar sua vontade com o Criador. Essa compreensão da oração no contexto da soberania de Deus tem profundas implicações para a vida espiritual, promovendo a confiança na sabedoria e no cuidado de Deus, mesmo quando as petições nem sempre são atendidas da maneira que cada cristão espera.

2.2 A visão de João Calvino (1509 - 1564) sobre a soberania de Deus

Calvino enfatizou que a oração é uma parte importante da vontade de Deus e que, embora Deus seja soberano, escolheu ouvir e responder às orações de seu povo. Calvino entendia que:

[...] quando o crente se submete à vontade de Deus na oração, ele não renuncia a sua própria vontade, mas que a vontade do homem, sob a orientação do Espírito, e a vontade de Deus operam juntas em comunhão. Para ele a oração não deve ser entendida como supérflua e sem valor à luz da soberania, onipotência e onisciência de Deus, pois Deus ordenou a oração tendo em vista não a Si mesmo, mas ao homem, para que este se exercitasse na piedade. [...] A oração não é feita para informar Deus, mas para implorar Sua misericórdia e alcançar Sua graça.²⁸

A perspectiva de Calvino sobre a oração no contexto da soberania de Deus é igualmente influente e oferece uma compreensão rica e equilibrada da relação entre a oração e a vontade divina. Ele tinha um profundo conhecimento sobre a soberania de Deus, e disse mais:

Aquele que confia na providência divina deve fugir para Deus com orações e forte clamor. Os homens jamais encontrarão um antídoto para suas misérias, enquanto, esquecendo-se de seus próprios méritos, diante do fato de que são os únicos a enganar a si próprios, não aprenderem a recorrer à misericórdia gratuita de Deus.²⁹

Calvino, ainda, trouxe contribuições significativas para a compreensão da oração como parte essencial do plano soberano de Deus. Ele via a oração como um meio através do qual os crentes expressam sua dependência e buscam sua graça e misericórdia.

Uma vez que Deus é onisciente e conhece todas as coisas, a oração passa a ser um ato de humildade e submissão, no qual os crentes buscam o favor e a orientação de Deus. Calvino, tal como Agostinho, enfatiza a prática da oração como um ato de busca de misericórdia e graça e ressalta a importância da confiança na resposta de Deus, mesmo quando suas respostas diferem das expectativas.

²⁸ VIEIRA, Thiago Da Silva. **João Calvino e a oração**. Disponível em <https://teologiapresbiteriana.home.blog/2019/10/15/joao-calvino-e-a-oracao/>

²⁹ BLANCHARD, John. **Pérolas Para a Vida**: cerca de 5 000 citações que servem de inspiração para comunicadores cristãos. São Paulo: Vida Nova, [s.a]. Disponíveis em <https://missaoneemias.webnode.com.br/frases-notaveis/> Acessado em Junho de 2023

Essa compreensão da oração no contexto da soberania de Deus tem sido fundamental para a teologia reformada e continua a influenciar a vida de oração dos cristãos até hoje, uma vez que apresenta tal prática como um meio de comunhão e busca da vontade de Deus.

3. ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS NAS ESCRITURAS SOBRE A SOBERANIA DE DEUS

A soberania de Deus é um dos princípios essenciais da teologia cristã, que perpassa toda a Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Ela se refere à autoridade suprema, controle absoluto e governo divino sobre todas as coisas, desde a criação do mundo até o desenrolar do plano providencial na história.

Nas Escrituras são encontrados diversos textos que ilustram e afirmam sobre a soberania de Deus de maneira vívida e impactante. Estes textos sustentam a compreensão da natureza divina e o papel de Deus na vida de crentes e na ordem do mundo.

Pink ressalta, insistentemente, que há duas coisas indisputáveis: “Deus é soberano, o homem é responsável”.³⁰ No seu entendimento, é possível encontrar registros bíblicos que fundamentam a presença da soberania de Deus. Os textos e as narrativas das Escrituras revelam a autoridade suprema de Deus sobre toda a criação, sua governança sobre eventos históricos e sua influência na vida das pessoas.

O princípio da soberania é um atributo de Deus, sendo um elemento fundamental para a fé cristã, pois não apenas fornece um alicerce sólido para a confiança no Criador, mas também ajuda a responder questões sobre a providência divina, o livre arbítrio e a relação entre Deus e sua criação.

Os textos bíblicos evidenciam a riqueza de princípios que retrata Deus como o soberano regente de todas as coisas. A partir das narrativas e dos ensinamentos bíblicos, explora-se como a soberania de Deus está intrinsecamente ligada à sua vontade, providência, graça e amor. Além disso, é notório como esses textos influenciaram o pensamento teológico ao longo da história da igreja e continuam a ser uma fonte de reflexão profunda para os crentes contemporâneos que buscam compreender a relação entre a vontade divina e a vida humana.

Alguns exemplos de textos bíblicos estão em Gênesis 1.1. Nele, se estabelece a soberania de Deus na criação do universo, demonstrando seu controle sobre a criação e tudo que existe, quando diz que “no princípio, Deus criou os céus e a terra”. Aqui, o atributo evidenciado é de Deus, o Criador. Da Costa afirma que:

O ‘façamos’³¹ de Deus é a execução autodeliberada de Deus em criar o homem; deste modo, na criação, em geral, e do homem, em especial, encontramos a concretização precisa do decreto eterno de Deus. O homem é produto da vontade de Deus.³²

³⁰ PINK, Arthur W. **Deus é Soberano**. Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo. São José dos Campos: Fiel, 2007. Artigo retirado do Livro Deus é Soberano, p. 1. Disponível em https://www.monergismo.com/textos/soberania_divina/deus_soberano_pink.htm.

³¹ Um comentário do livro de Gênesis 1.26 sobre a criação do homem.

³² DA COSTA, Hermisten Maia Pereira. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 131

Essa abordagem demonstra que Deus criou tudo que existe com total liberdade e propósito, segundo o plano por ele desenhado. É vontade de Deus partilhar as suas características fundamentais, criando o homem segundo a sua imagem e semelhança, dotando de capacidades individuais para um propósito único e intencional dentro do plano divino, em que se assume a responsabilidade de viver em sintonia com a vontade do Criador e uma busca contínua de comunhão com ele.

No livro de Êxodo, Deus se revela a Moisés na sarça ardente, dizendo: “Eu sou o que sou” (Êx 3.14). Essa afirmação enfatiza a auto existência e a soberania de Deus, destacando que ele é o ser supremo e incontestável. O atributo expressa o governo e a autoridade de Deus, além de ressaltar a sua pessoa, quem ele é. “A soberania não quer dizer que Deus governa arbitrariamente; pelo contrário, a Sua soberania é a expressão mais profunda do Seu amor”.³³

A auto existência de Deus refere-se à ideia de que Deus é por si mesmo, independentemente de qualquer outra fonte ou causa. Deus não depende de nada ou ninguém para existir. Ele é o ser necessário e autoexistente. A Confissão de Fé de Westminster (1647), por exemplo, é um documento que articula muitos desses princípios, como:

Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser (II.2).³⁴

Salmos 103.19 afirma que “o Senhor estabeleceu o seu trono nos céus, e o seu reino domina sobre tudo”. Este verso destaca a soberania divina sobre todos os aspectos da criação e da história humana. Não há nada que escape ao governo de Deus. Tudo está sob seu controle e sua autoridade. Ainda, no livro de Salmos 115.3 lê-se: “Nos céus está o nosso Deus; tudo faz como lhe agrada”. Aqui, está evidenciada a capacidade de Deus de agir de acordo com sua vontade em todos os lugares e sobre todas as coisas. Ele tem o domínio de sua criação e reina sobre tudo e todos.

Já o profeta Isaías transmite a “Declaração de Deus”, destacando a sua soberania sobre o curso da história:

Lembrai-vos das coisas passadas desde a antiguidade; que eu sou Deus, e não há outro; eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o fim, e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: O meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade (Is 46.9-10).

³³ CRISTÃ EVANGÉLICA. **Quão Grande és Tu!** estudos sobre Deus e seus atributos. Bookwire: Cristã Evangélica, 2020, p. 116.

³⁴ Artigo sobre “**A soberania de Deus e a responsabilidade humana**: reverência, consolo, estímulo e desafio missionário” baseado nos ensinamentos do Reverendo Hermisten sobre “**A soberania de Deus**”, disponibilizado pela Secretaria de Apoio Pastoral do Presbitério de São Bernardo do Campo.

O rei Nabucodonosor reconhece a soberania de Deus ao expressar assim: “Agora, eu, Nabucodonosor, louvo, exalto e glorifico o Rei dos céus, porque tudo o que ele faz é certo, e todos os seus caminhos são justos. E ele tem poder para humilhar aqueles que vivem com arrogância” (Dn 4.37). E, ainda, reitera:

[...] eu, Nabucodonosor, levantei os meus olhos ao céu, e tornou-me a vir o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei, e glorifiquei ao que vive para sempre, cujo domínio é um domínio sempiterno, e cujo reino é de geração em geração. E todos os moradores da terra são reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem possa estorvar a sua mão e lhe diga: Que fazes? (Dn 4.34-35).

Sobre essa passagem, Wiersbe declara que o rei de fato reconheceu a soberania de Deus, sendo essa “a lição mais importante que o Senhor desejava que ele aprendesse por meio de uma experiência difícil”.³⁵ Ainda, arremata que: “Ignorar a soberania de Deus significa exaltar a responsabilidade humana e fazer do homem o próprio salvador [...] A Bíblia preserva o belo equilíbrio que exalta Deus e permite que seu povo viva alegre”.³⁶

O Livro de Jó é um dos livros mais proeminentes da Bíblia, quando se trata de explorar a soberania de Deus em meio ao sofrimento humano. Visto que, a soberania de Deus é um tema central na resposta final de Deus a Jó, que é encontrada nos capítulos 38 a 42 do livro. Deus responde a Jó por meio de um redemoinho, falando sobre sua grandeza e soberania sobre a criação. Deus faz perguntas a Jó, destacando a vastidão de Seu conhecimento e poder, enfatizando que sua sabedoria transcende a compreensão humana. A partir dos textos eleitos, pode-se dizer que:

A soberania de Deus não quer dizer que estamos livres de responsabilidades. Não significa que nós não temos interesse pelas coisas que estão ao nosso redor. A soberania de Deus não tira o nosso compromisso com a grande Comissão de Jesus, de pregar o evangelho até aos confins da terra. Mesmo porque a soberania de Deus não é determinista.³⁷

Alguns exemplos de textos do Velho Testamento evidenciam a ação do ser de Deus. Eles abordam a soberania de Deus, e há muitos outros que poderiam ser explorados, contudo, a intenção é evidenciar a sua presença em diferentes textos, o que já indica o valor atribuído a esse princípio.

No Novo Testamento, alguns textos podem ser utilizados como exemplo da manifestação da soberania de Deus. No contexto em que Mateus 6.10 se refere à oração denominada de “Pai Nosso”. Nela, Jesus ensina seus discípulos a orarem para ser feita a vontade de Deus. Enfatiza a soberania de Deus e seu governo sobre todas as coisas, destacando sua ação sobre a vida e as circunstâncias. A expressão “faça-se sua vontade, assim na terra como no céu” expressam “o ardente anseio pelo cumprimento divino”.³⁸

³⁵ WIERSBE, Warren W. **Proféticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 333.

³⁶ WIERSBE, 2017, p. 333.

³⁷ CRISTÃO EVANGÉLICA, 2022, p. 120.

³⁸ TASKER, R. V. G. **Mateus**: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 58.

Em Mateus 28.18, Jesus declara: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra”. Essa afirmação ressalta a soberania de Jesus como Senhor sobre todas as coisas. Isso evidencia que “Foram-lhes dados o céu e a terra para que Ele fizesse com eles o que quisesse”.³⁹ O que aponta para a sua divindade, seu governo e sua autoridade diante do existente. Importa referir que Cristo é Deus (Jo 10.30), por isso, Cristo é soberano.

Paulo, o apóstolo, escreve aos romanos sobre a presença da vontade soberana de Deus, assim: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28). Enfatiza que Deus tem um plano soberano que inclui todas as circunstâncias da vida.

Efésios 1.11 destaca: “Nele [Cristo] fomos também escolhidos, tendo sido predestinados conforme o plano daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da sua vontade”. O verso realça a soberania de Deus na eleição e no cumprimento de seus propósitos. “Paulo está falando da realização do propósito de Deus para os homens iniciada no Velho Testamento”,⁴⁰ o que demonstra continuidade e integração diante do propósito desenhado por Deus, desde o início.

Apocalipse 4.11 diz: “Digno és, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas”. Este versículo exalta a soberania de Deus como criador e sustentador de todas as coisas.

Esses são exemplos de textos do Novo Testamento que abordam o atributo da soberania de Deus, enfatizando sua autoridade, vontade e plano divino na vida e na história. A Bíblia contém muitos outros textos que tratam desse tema, oferecendo uma visão abrangente da soberania de Deus no contexto do Antigo e Novo Testamentos.

4. O PRINCÍPIO DA SOBERANIA E AS IMPLICAÇÕES EM CINCO ATITUDES NA PRÁTICA DA ORAÇÃO

A soberania de Deus, como mencionado nas Escrituras, tem implicações diretas para a oração e a vida espiritual. Por esse motivo, a sua compreensão é de extrema importância, na medida em que ela afeta a maneira como os cristãos se aproximam de Deus em comunicação e adoração.

Pretende-se explorar as implicações da soberania de Deus para a oração, considerando como ela influencia a forma como os cristãos procuram se relacionarem com Deus em oração. A confiança na resposta divina, a humildade diante da vontade de Deus e a intercessão em nome dos outros, com objetivo de apreciar a profundidade da relação entre a soberania de Deus e a prática da oração, e como essa compreensão pode enriquecer e fortalecer a sua vida espiritual.

Em destaque, apresentam-se cinco atitudes sobre como a soberania de Deus afeta de forma direta a oração. A primeira, é na prática de confiar na vontade de Deus. A primeira carta

³⁹ TASKER, 2014, p. 217.

⁴⁰ FOULKES, Francis. **Efésios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 47.

do Apóstolo João no capítulo 5, versos 14 e 15, ressalta que “esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos”.

Quando a oração é feita com confiança de que Deus sabe o que é melhor e que a vontade dele prevalece, independentemente do resultado da oração, traz descanso na alma, e ajuda o cristão a orar com humildade e submissão. Esse reconhecimento sobre a soberania de Deus significa que tem um plano e um propósito supremo para todas as coisas. Sheets afirma que:

Se Deus vai fazer algo independentemente de orarmos ou não, então Ele não precisa que lhe peçamos e não precisamos de mais um desperdício de tempo. Se tudo não passa do pressuposto de que “será do jeito que será”, melhor nós tirarmos uma soneca e deixar as coisas acontecerem.⁴¹

Sheets faz uma crítica ao ensino limitado sobre o poder da oração e o papel dos cristãos em buscar a vontade de Deus por meio da oração. Nessa citação, ele discute uma perspectiva sobre a oração que defende a ideia de que se Deus já determinou agir, independentemente das orações feitas, então a oração é dispensável. Essa abordagem, portanto, precisa ser alvo de reflexões, porque parece que a oração, neste patamar, seria vista como moeda de troca.

A oração não pode ser reduzida ao desejo humano, antes precisa ser vista no âmbito do relacionamento entre Deus e o ser humano. É claro que a soberania de Deus está além da perspectiva humana, contudo, isso não deve servir como empecilho à prática de manter uma vida de intimidade com Deus.

De fato, se está diante duas posições, ou seja, daqueles que argumentam que, se Deus é soberano e já conhece e determinou seus planos, as orações não mudariam seu propósito. Enquanto, de outro lado, a Bíblia enfatiza a importância da oração, como uma forma pela qual os cristãos participam ativamente do propósito divino e buscam alinhar suas vontades à vontade de Deus.

A afirmação de Sheets, é uma mensagem para aqueles que não oram, não buscam a Deus por acreditarem que não têm responsabilidade em relação a tudo que acontece. Sobretudo, é a falta de fé que motiva a não orar, uma vez que, a oração é o exercício da fé. Corroborando com essa ideia, Sheets declara:

Se, por outro lado, John Wesley estava certo quando disse: “Deus não faz nada nesta terra que não seja em resposta à oração cheia de fé”, então perderei um pouco de sono para poder orar. Mudarei meu estilo de vida por causa disso. Desligarei a tevê e até perderei uma refeição aqui ou ali.⁴²

A visão de Sheets é trazer a importância de compreender a profundidade e a complexidade da relação entre a oração e a soberania divina, enquanto desafia a visão simplista de que a oração é apenas um meio de solicitar mudanças nos planos de Deus. Antes,

⁴¹ SHEETS, Dutch. **Oração intercessória**: como Deus pode usar suas orações para mover o céu e a terra. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2014, p. 28.

⁴² SHEETS, 2014, p. 28.

entende-se que “Estar sem oração é estar sem Deus, sem Cristo, sem graça, sem esperança, e sem céu”.⁴³

Importa referir que a oração, enquanto ato de fé, deve trazer descanso e esperança, como resultado da confiança de ter um Deus que ouve, mesmo que não responda segundo o esperado na petição. A verdade é que Deus é soberano e conhece todas as coisas.

A Bíblia incentiva buscar a Deus em oração, não apenas para obter respostas, mas para cultivar um relacionamento íntimo com ele, alinhar corações com sua vontade e experimentar sua paz. A oração não é um desperdício de tempo, mas um meio pelo qual conecta os seres humanos com o Criador e a participação ativa de seus propósitos. Ainda, “uma oração verdadeira e saudável flui de um coração contrito e quebrantado e vale mais do que todas essas coisas juntas”.⁴⁴

A segunda atitude, diz respeito à prática da oração intercessória. A Bíblia orienta: “orai uns pelos outros” (Tg 5.16), como parte da demonstração do amor de Deus pelos irmãos. Quando compreendida a soberania de Deus, isso conduz os cristãos a orarem não apenas por suas próprias necessidades, mas também a intercederem em favor dos outros, confiando que Deus vai agir dentro da sua vontade, em resposta às suas orações. Essa oração é a intercessão, o “tipo de oração que invade o impossível e estabelece novos limites de possibilidades”.⁴⁵

A oração de intercessão também serve para moldar, esculpir e refinar os cristãos em várias áreas da vida. Essa ideia, segundo Sheets, destaca a importância das experiências da vida como terreno de treinamento para o desenvolvimento da vida de oração.⁴⁶ Desafios, alegrias, tristezas e sucessos todos desempenham um papel na formação do caráter de oração.

A perspectiva apresentada por Sheets acerca da oração, é que ela serve para concordar com outrem, por isso ele diz:

Pense da seguinte maneira: concordar não é orar, mas existe um tipo de oração em que concordamos juntos sobre o que clamar em oração. A fé não é oração, mas existe a oração da fé. Da mesma maneira que uma pessoa não pode orar intencionalmente uma oração concordando com algo até entender com o que se está concordando, uma pessoa não será muito eficaz na oração de intercessão até entender o conceito de intercessão.⁴⁷

A ideia que se deve ter em mente, é que concordar não é, por si só, orar; é necessário transcender a mera concordância verbal para uma compreensão consciente e comprometida do que está sendo solicitado em oração. Da mesma forma, a fé, embora essencial, não se realiza plenamente como oração sem a prática específica da oração da fé.

A eficácia na oração de intercessão requer uma compreensão substancial do conceito de intercessão, exigindo uma conscientização profunda do que implica interceder pelos outros. Assim como a eficácia da oração está intrinsecamente ligada à compreensão do que

⁴³ RYLE, J. C. **Um Chamado à Oração**. Bookwire: Letras, 2016, p. 6.

⁴⁴ RYLE, 2016, p. 8.

⁴⁵ HAYFORD, 2008, p. 159.

⁴⁶ SHEETS, 2014, p. 21.

⁴⁷ SHEETS, 2014, p. 45.

se está solicitando a Deus, a oração de intercessão atinge sua plenitude, quando se compreende e se compromete com o ato de intervir em favor de outros diante do trono divino.

A terceira atitude expressa a humildade na oração. A soberania de Deus conduz os cristãos à dependência de Deus. Isso ajuda no processo de orar com submissão e humildade, reconhecendo que num primeiro momento, não se sabe orar como convém, e não se tem o controle final sobre as circunstâncias, mas Deus sabe o que é melhor, mesmo quando suas próprias preferências podem ser diferentes.

Do mesmo modo, o Espírito nos auxilia em nossa fraqueza; porque não sabemos como orar, no entanto, o próprio Espírito intercede por nós com gemidos impossíveis de serem expressos por meio de palavras. E aquele que sonda os corações conhece perfeitamente qual é a intenção do Espírito; porquanto, o Espírito suplica pelos santos em conformidade com a vontade de Deus. Somos mais que vencedores (Rm 8.26-27).

Murray escreveu extensivamente sobre a oração, incluindo a importância da humildade na abordagem diante de Deus. Ele destaca a humildade como uma chave essencial para uma vida de oração eficaz. Argumenta, ainda, que a humildade é a disposição que prepara o coração para receber a graça de Deus e reconhece a dependência total dele.

É a humildade que nos coloca baixos diante de Deus para que Ele possa nos exaltar. No culto da oração, o homem é realmente levantado até Deus. Lá, ele se coloca em Sua presença como nada e deseja ser visto como nada, a fim de que Deus possa ser tudo. [...] verdadeira humildade é sempre acompanhada de forte fé, que somente busca conhecer o que está de acordo com a vontade de Deus.⁴⁸

A partir disso, reconhece-se que a humildade é uma atitude vital na oração, reconhecendo a grandeza de Deus e a dependência nele. A humildade evidencia o não orgulho e vaidade humana diante do reconhecimento da soberania de Deus.

A quarta atitude expressa a aceitação da vontade de Deus. A oração não é apenas um meio de pedir o que se deseja, mas também ajuda a aceitar com fé e paciência a vontade de Deus, mesmo que seja diferente da própria vontade. A soberania de Deus ajuda os cristãos a lidarem com a possibilidade de respostas como “sim”, às vezes “não” e às vezes “espere” às suas orações.

Em Mateus 26.39, lê-se: “Seguindo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: ‘Ó meu Pai, se possível for, passa de mim este cálice! Contudo, não seja como Eu desejo, mas sim como Tu queres’”. Estas palavras foram ditas pelo Senhor Jesus Cristo, quando estava em Getsêmani, pouco antes de ser traído e crucificado. Foi um momento mais intenso e emocionante da vida de Jesus, e suas palavras expressam um profundo entendimento da importância da vontade de Deus, ao mesmo tempo em que revelam o lado humano de Jesus. Ele submete sua própria vontade à vontade do Pai, demonstra disposição de suportar o sofrimento, desde que isso esteja alinhado com o plano divino.

⁴⁸ MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de oração**. São Paulo: Clássicos, 2009. p.96.

Yancey discute como lidar com a decepção quando as expectativas de cura não são atendidas e como encontrar significado em meio ao sofrimento. Dá um exemplo acerca da oração nos seguintes moldes:

A Bíblia é clara quanto ao fato de que Deus responde às orações, mesmo aquelas que não são respondidas do modo como gostaríamos que fossem. Ele considera cuidadosamente os pedidos mais absurdos e egoístas. Quando crianças pedem coisas tolas a pais sábios — coisas como “posso ficar acordado para assistir àquele programa bem tarde da noite?” ou “você vai me deixar dirigir, mesmo eu tendo só doze anos?” — nem sempre conseguem o que querem. Com frequência os pais sabem julgar o que é bom para seus filhos.⁴⁹

Yancey aborda essa questão com empatia e busca oferecer *insights* sobre como enfrentar o sofrimento, mesmo quando as orações não são respondidas da maneira esperada. De fato, a oração é uma prática relacional e não um ato de barganha a ser efetivado.

A quinta atitude manifesta a solicitação e a gratidão. Os cristãos são incentivados a apresentarem seus pedidos a Deus por meio da oração, expressando seus desejos e suas necessidades. No entanto, também são chamados a fazê-lo com gratidão, independentemente do resultado, reconhecendo que Deus é soberano em todas as coisas.

A oração de ação de graças é uma resposta apropriada à soberania de Deus, reconhecendo sua bondade e fidelidade. A Bíblia instrui o seguinte: “Dai graças em toda e qualquer circunstância, porquanto essa é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1Ts 5.18). Walsh compartilha a sua experiência da sua vida de oração da seguinte maneira:

Todas as manhãs começo meu dia com gratidão, dando graças a Deus pelo amor com que me acolhe ao me aproximar dele como estou. Então, confesso o que sei ser verdade, não importa o que possa sentir como verdade. Nem sempre me sinto amada, mas sei que sou. Nem sempre sinto a presença de Deus, mas sei que ele está comigo. Confesso minha fraqueza e meu medo. Trago tudo o que sei ser verdade a meu respeito aos braços abertos de Deus Pai.⁵⁰

Walsh, usando palavras para transmitir a importância da gratidão em meio às diversas circunstâncias da vida, mostra a importância de não se limitar nas circunstâncias momentâneas, mas cada dia procurar motivos de louvor a Deus por tudo que ele tem feito e manter o coração agradecido que atrai bênçãos infinitas. Isso porque “o primeiro ato de fé é querer falar com Deus, a fé é para a alma o que a vida é para o corpo. A oração é para a fé o que a respiração é para a vida”.⁵¹

A soberania de Deus não anula a importância da oração, mas molda a maneira como os cristãos abordam a oração. Ela convida a orar com confiança na vontade de Deus, a interceder pelos outros, a orar com humildade e a aceitar as respostas de Deus com gratidão. A

⁴⁹ YANCEY, Philip. **Desventuras da vida cristã**: as dificuldades existem, mas o final pode ser feliz. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p. 58.

⁵⁰ WALSH, Sheila. **Em meio ao caos**: encontrando forças em Deus para vencer as dificuldades da vida. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 75.

⁵¹ RYLE, 2016, p. 9.

compreensão da soberania de Deus enriquece a vida de oração e ajuda a crescer em fé e confiança em Deus, além de conhecer seus atributos.

São muitos os atributos interconectados com a soberania de Deus, dentre eles podem-se destacar onipotência, onisciência, onipresença, imutabilidade, santidade, bondade, sabedoria e justiça. “Deus não é só amor. Deus é santo, Deus é justo, e todos os seus atributos estão em perfeita harmonia em sua pessoa”.⁵²

Há que enfatizar que os atributos de Deus estão interconectados e trabalham juntos para estabelecer a sua soberania sobre todas as coisas. Quando isso é compreendido, facilita a percepção de como Deus governa o mundo de acordo com sua vontade e seu propósito, apesar do sofrimento e do mal presentes na realidade e que, em muitos casos, se tornam difíceis de entender.

A soberania de Deus está ligada à sua onipotência, significa que ele tem controle absoluto sobre tudo e todos, tanto nos céus e na terra. Ele faz tudo que quer, quando quer e como quer e nada absolutamente o impede, porque ele é detentor de todo poder.

As razões são várias para demonstrar a sustentabilidade da onipotência de Deus, por exemplo: O livro de Gênesis apresenta passagens, que sem contradição alguma, revelam de forma clara que Deus é o Criador, como Gênesis 1.1: “No princípio, Deus criou os céus e a terra”. Essa capacidade de criar partindo do nada, coloca Deus na supremacia do poder. Deus tem domínio sobre a natureza e sobre todos os eventos que acontecem no mundo. A passagem bíblica em Mateus 8.26-27, quando Jesus acalma a tempestade no Mar da Galileia, é uma demonstração clara de que Deus é onipotente.

Ao tomar alguns exemplos bíblicos sobre a soberania de Deus, é possível referenciar a história de Daniel na cova de leões (Dn 6), a ressurreição de Lázaro (Jo 11), os milagres realizados em toda Bíblia, começando do Velho e indo até o Novo Testamento. A demonstração da capacidade ilimitada de Deus, gravada em Filipenses 4.13, diante da afirmação: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Onde Paulo, o apóstolo demonstra a necessidade de exaltar a Deus em todos os momentos na vida, que é o reconhecimento da sua soberania. Além dos eventos apocalípticos apresentados em toda Bíblia ilustram a onipotência de Deus.

A onisciência expressa o conhecimento completo e absoluto do passado, presente e do futuro. Indica o governo de Deus sobre tudo e todos, o perfeito entendimento e a maneira de como ele sujeita todas as coisas ao seu propósito eterno.

Todos os eventos que estão ocorrendo e que ocorrerão, sem limitações, a nível individual ou global, todos pensamentos e intenções, Deus conhece e sabe, sem precisar aprender de alguém ou descobrir de alguma fonte. Ele diz em Isaías 42.9: “Eis que as primeiras coisas já se cumpriram, e as novas eu anuncio; e, antes que saiam à luz, vo-las faço ouvir”.

A consciência sobre a onisciência de Deus traz compreensão da providência de Deus, uma vez que ele sabe de todas as coisas e age de acordo com a sua perfeição. Ele tem poder sobre todas as circunstâncias e isso o torna digno de adoração e confiança, porque age de

⁵² WASHER, 2018, p. 42.

acordo com a sua justiça e sabedoria em cada situação. Este atributo é fundamentado em várias religiões monoteístas, incluindo o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

A onisciência de Deus faz conhecer as palavras antes que se formem na boca do ser humano e os pensamentos ao descer no íntimo do coração. O Salmo 139.1-4 afirma: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos”. “O verbo sondar significa examinar com grande empenho, cuidado e com profundidade”⁵³, o que indica uma ação que não olha para a superficialidade, antes preocupa-se com o que de fato está enraizado no íntimo do ser.

A onipresença de Deus relaciona-se à sua soberania, por governar em todos os lugares e diante de todas as circunstâncias ao mesmo tempo. Ele enche os espaços e vê tudo ao mesmo tempo, permitindo um controle perfeito e um agir sábio dentro do plano e propósito estabelecido.

De forma simultânea e ininterrupta, Deus está presente em cada canto do universo e em todos os momentos da história sem qualquer limitação geográfica e temporal. O salmista enfatiza a ideia de que Deus está presente em todo canto, quando declara:

Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também. Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar, até ali a tua mão me guiará e a tua destra me susterá (Sl 139.7-10).

Este verso mostra que nos lugares mais remotos do universo, no fundo do mar, dos oceanos ou até no espaço, a sua presença transcende o tempo. Não há como orar se não houver a compreensão e a fé que assegura a disponibilidade de Deus para guiar, proteger e consolar. A presença simultânea e ininterrupta de Deus em todos os lugares e em todos os momentos ressalta mais uma vez a sua onipresença.

Jeremias 23.23-24, afirma: “Porventura sou Deus de perto, diz o Senhor, e não também Deus de longe? Ocultar-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor; porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Senhor”. E, o evangelista Lucas, escrevendo o livro do Atos dos Apóstolos, diz:

[...] para que buscassem a Deus, se porventura, tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como alguns dos vossos poetas têm dito: Pois dele também somos geração (At 17.27-28).

Não há dúvida que é nele que se vive e a existência parte dele, o que assegura que Deus é a fonte de tudo. Severa explica que “a imutabilidade não significa imobilidade, não quer dizer que não haja movimento em Deus, ou que não ocorra mudanças nas suas ações no Universo. Deus tem múltiplas relações com o mundo”.⁵⁴

O que é preciso reconhecer é que Deus é imutável. Isso significa que a sua natureza e essência permanecem inalteráveis. Não sofre mudança no seu caráter, vontade, conhecimento, poder e qualquer outro aspecto da sua divindade

⁵³ WIERSBE, Warren W. **Poéticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017, p. 344.

⁵⁴ SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: ADSantos, 2014, p. 57.

A soberania de Deus é constante e confiável e ele não é influenciado por circunstâncias externas. Deus é eterno e perfeito, “não há mudança e nem sombra de variações” (Tg 1.17), ou evoluções na sua essência. Ele é a fonte de estabilidade e confiabilidade, a fidelidade e as promessas de Deus são inabaláveis. Deus é atemporal, não está sujeito às limitações do tempo. Afinal, Deus não está sujeito a qualquer acréscimo ou diminuição, desenvolvimento ou decadência em seu ser e em suas qualidades.⁵⁵

Malaquias 3.6 diz: “Porque eu, o Senhor, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos”. Esta palavra transmite esperança para todos que nela confiam. Na carta aos Hebreus 13.8, o escritor deixou claro que “Jesus Cristo é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente”. Este verso esclarece a perfeição de Deus, mostrando que se ele fosse sujeito ao tempo, poderia melhorar ou piorar, mas porque é a própria perfeição absoluta, então não muda.

Se Deus mudasse as promessas, isto feriria o princípio da fidelidade, colocando em descrédito as promessas, o caráter e a supremacia e não ajudaria a entender que Deus não muda suas intenções ou natureza, de acordo com as situações humanas. Nesse entendimento, concorda-se com Severa ao dizer que “a fidelidade de Deus tem a ver com a firmeza de suas promessas, pois está atento a tudo quanto prometeu ao seu povo para cumprir”.⁵⁶

Santidade é um conceito que se refere a um estado de pureza, retidão e separação do pecado, muitas vezes associado a Deus ou a seres e lugares sagrados. A soberania é exercida de forma santa e justa, carregada da perfeição de Deus. Não há como não estar ligada à sua soberania e, é uma qualidade moral e espiritual superior, ela é uma característica intrínseca de Deus, é uma parte de sua natureza perfeita e imaculada.

A santidade de Deus é a base da moralidade e justiça divinas, e é também o padrão em que os seres humanos aspiram viver. Nesse sentido, cabe esclarecer que: “a santidade de Deus significa que ele está exaltado em majestade sobre todas as criaturas, separado de tudo e particularmente de todo mal”.⁵⁷

Além disso, a santidade que pode ser atribuída a pessoas, objetos, lugares ou rituais que são considerados sagrados ou consagrados em uma determinada tradição religiosa, não tem o mesmo sentido da que é atribuída a Deus. Por exemplo, os profetas, santos e lugares de culto podem ser vistos com teor de santidade, devido a sua relação com o sobrenatural, transcendente e ou mistério, conforme sua crença e declaração de fé e moral religiosa.

Há que ressaltar que a santidade de Deus, ela é um padrão que precisa ser buscado por seus discípulos, pois “quanto mais ciente da santidade de Deus, tanto mais consciência da pecaminosidade humana se tem”.⁵⁸ Há um direcionamento, uma ordem de ser santo, como Deus é santo (Lv 11.44).

A ideia de santidade também está frequentemente ligada a princípios de pureza e separação. Em Levítico 20.7-8 está escrito o seguinte: “Portanto, santificai-vos e sede santos,

⁵⁵ SEVERA, 2014, p. 57.

⁵⁶ SEVERA, 2014, p. 65.

⁵⁷ SEVERA, 2014, p. 61.

⁵⁸ SEVERA, 2014, p. 61.

porque eu sou o Senhor, vosso Deus. Guardai os meus estatutos e cumpri-os. Eu sou o Senhor que vos santifico”. Aqui, há um propósito e que precisa ser observado por aqueles que amam e temem ao Senhor.

Deus revela que a santificação é um princípio que estabelece uma ligação entre os humanos e ele. Sustentando essa ideia, o apóstolo Pedro escreve o seguinte: “Mas, assim como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em todo o vosso procedimento; porquanto está escrito: Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.15-16). A santidade demonstra os valores e a moral do Reino e conduz o ser humano a aproximar-se de Deus.

Deus tem o governo do mundo em suas mãos e exerce esse domínio de acordo com o plano soberano e bom, mantendo assim a sua soberania sobre tudo o que existe. O atributo da bondade revela a qualidade da generosidade, compaixão e benevolência em relação a sua criação. Também, demonstra o amor incondicional, misericórdia e graça em direção à humanidade.

Deus é compassivo e cheio de misericórdia, perdoa todos que se voltam para ele, ao mesmo tempo em que concede a oportunidade de redenção aos arrependidos. Sem olhar para o mérito ou falhas, ele cuida da sua criação e supre as suas necessidades físicas e espirituais. Enviou o seu filho para salvar o mundo (Jo 3.16).

Deus, ainda, protege e guia, oferece sabedoria, direção e amparo em todas as áreas da vida. O salmista deixa claro o quanto se pode encontrar refúgio em Deus: “Provai e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nele se refugia” (Sl 34.8). Wiersbe enfatiza que a ideia do verso é “conhecer melhor a Deus e desfrutá-lo cada vez mais”.⁵⁹ Mais adiante, afirma que: “O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145:9). Wiersbe esclarece ainda que o termo “todos” é central no Salmo 145, o que indica que Deus é Senhor de todos, não um “deus” de ação particularizada e limitada.⁶⁰

Deus manifesta a sua bondade através do perdão e oferece graça a todas as pessoas (Sl 103.8). A vinda de Jesus Cristo ao mundo é um ato da bondade de Deus, oferecendo à humanidade a salvação e a reconciliação com ele (Ef 2.8-9). Ele oferece sabedoria e proteção (Sl 23.1-3) aos que lhe buscam.

O Salmo 100.5 diz: “Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração”. A bondade de Deus é uma fonte de conforto, esperança, gratidão e confiança para os cristãos, pois eles confiam na natureza compassiva e amorosa de Deus em todas as circunstâncias. Ela é motivo de louvor e adoração e uma motivação para uma vida de obediência e amor ao próximo.

A sabedoria de Deus é a fonte infinita de todo conhecimento e entendimento e, transcende a compreensão humana. No ser humano é entendida como sendo o conhecimento profundo, a capacidade de tomar decisões prudentes e a aplicação de princípios éticos em situações da vida. Ela vai além do simples conhecimento, envolvendo a habilidade de discernir, julgar e agir de maneira sensata e eficaz. A sabedoria está relacionada à inteligência

⁵⁹ WIERSBE, 2017, p. 155.

⁶⁰ WIERSBE, 2017, p. 352.

emocional, à compreensão de valores e à capacidade de aplicar o conhecimento de forma benéfica para si mesmo e para os outros.

A incompreensibilidade de caminhos de Deus e a profundidade da sabedoria e do conhecimento é revelada em Romanos 11.33, quando o apóstolo Paulo escreve aos romanos dizendo: "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos!" Isso evidencia que "Deus tem perfeito conhecimento de si mesmo e de tudo o que existe e acontece no tempo. Ele avalia seus próprios atos e intenções, bem como os de outrem. Sua autoconsciência é de grau muitíssimo mais elevado".⁶¹

A sabedoria de Deus tem aspectos peculiares: Deus possui um conhecimento completo e perfeito de tudo; o nível de sabedoria é infalível na tomada de decisões justas e sábias em todas as situações; com a sabedoria guia o curso da história, de acordo com sua vontade. Compete dizer que "nenhum ser humano é capaz de conhecer de todo a mente de Deus, e, quanto mais estudamos seus caminhos, mas lhe damos louvor".⁶²

Deus é o que providencia a salvação por meio de Jesus Cristo. "Por intermédio de Jesus Cristo, Deus demonstrou aos homens sua obra graciosa e salvífica como nunca, de maneira direta e urgente".⁶³ Jesus cumpriu a missão dada pelo Pai, de maneira completa e significativa.

A sabedoria equilibra a justiça em relação ao pecado e demonstra a graça e misericórdia de Deus. Jesus Cristo é a sabedoria de Deus, como está escrito em 1 Coríntios 1.24: "mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus"; e mais adiante o apóstolo Paulo diz que é em Jesus Cristo "em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento" (Cl 2.3).

A crença na sabedoria de Deus é vista como uma razão para confiar em Deus e em seus caminhos, sabendo que age de acordo com sua sabedoria perfeita, mesmo quando não se entende completamente seus planos e propósitos. A busca pela sabedoria de Deus é vista como uma busca nobre, à medida que se busca compreender seus ensinamentos e viver de acordo com seus princípios. Por isso, a palavra orienta a buscar de forma contínua a sabedoria divina, "porque o Senhor dá a sabedoria, e da sua boca vem o conhecimento e o entendimento" (Pv 2.6).

A forma que Deus exerce a justiça, retribuindo o bem e o mal, de acordo com a sua vontade, reflete à retidão, à imparcialidade e à equidade nas ações e nos julgamentos, baseando-se na moral perfeita em suas decisões e atos. "A justiça e o direito são a base do teu trono; a misericórdia e a verdade vão adiante do teu rosto" (Sl 89.14). "Justiça e retidão estão intimamente relacionadas com a santidade de Deus. Por ser justo e santo, Deus não pode ser amigo do pecado [...] Não há injustiça nas ações divinas. Tudo Deus faz segundo o seu próprio caráter, que é santo e justo".⁶⁴

⁶¹ SEVERA, 2014, p. 57.

⁶² WIERSBE, 2014, p. 722.

⁶³ VERKUYL, Johannes. A base bíblica do mandato missionário mundial. In: WINTER, R. W.; HAWTHORNE, S. C.; BRADFORD, K. D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 78.

⁶⁴ SEVERA, 2014, p. 62.

A justiça de Deus é inquestionável, imparcial na aplicação de leis e princípios, sem favoritismos e, é fiel e confiável, pois “Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos são justiça. Deus é a verdade, e não há nele injustiça; justo e reto é” (Dt 32.4). Fazer justiça agrada a Deus, tal como está escrito em Jeremias 9.24: “Mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me entender e me conhecer, que eu sou o Senhor, que faço beneficência, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o Senhor”.

A justiça de Deus é a garantia de que ele age de maneira correta e justa em todas as circunstâncias com equidade e justiça, mesmo quando não se entende completamente seus propósitos. Lima diz que “a vontade de Deus é sábia porque ele sempre escolhe o que é melhor”,⁶⁵ em tudo que faz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fundamentação bíblica da soberania de Deus sobre a oração estabelece a base teológica cristã essencial para uma compreensão da comunicação entre o ser humano e o divino. Olhando para os textos como Mateus 6.10, que destaca a vontade de Deus como soberana no contexto da oração do Pai Nosso, e Tiago 4.15, que ressalta a submissão à vontade divina nas petições, percebe-se que a oração é intrinsecamente ligada à compreensão da soberania divina. Significa que não se pode comunicar-se com um ser que se desconhece a sua existência.

Neste entendimento, pode-se dizer que o princípio da soberania serve como alicerce para a prática da oração na vida cristã, pois ao reconhecê-la, ela capacita a orar com confiança, sabendo que as súplicas são feitas em harmonia com a vontade soberana do Criador.

A soberania de Deus não apenas molda a teologia da oração, mas também influencia diretamente a vida diária em comunhão com ele. Ao compreender que a oração eficaz é aquela que está alinhada com a soberana vontade de Deus, traz o encorajamento na busca de uma relação mais profunda e significativa com o Criador, moldando assim a prática da oração em um compromisso constante de submissão à soberania divina em todos os aspectos da vida cristã.

A soberania não é uma barreira à prática da oração, mas um meio de comunicar e relacionar-se com Deus. A oração é uma expressão da adoração, por isso que a sua prática precisa fazer parte da vida cristã, uma vez que ela traz unidade, intimidade e conexão direta com o Pai Celestial.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354 – 430. **A Doutrina Cristã: Manual de Exegese e Formação**. São Paulo: Paulus, 2022.

AGOSTINHO, Santo: **Os Fundamentos Ontológicos Do Agir** [recurso eletrônico] Matheus Jeske Vahl. Pelotas: NEPFIL online, 2016 (Série Disseratatio-Filosofia).

⁶⁵ LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **Multiformes Manifestações da Soberania de Deus**. Teresinha: Seminário Teológico do Nordeste, 2005, p. 68.

ARNOLD, Johnathan. **10 Coisas que Você Deve Saber Sobre a Graça Preveniente**. Por paleo ortodoxo em Arminianismo, Graça Preveniente, Jacó Armínio, Teologia Arminiana, Wesleyano postado em 20 de julho de 2023. Disponível em: <https://paleoortodoxo.wordpress.com/category/jaco-arminio/> Acessado em Junho de 2023.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1996.

BLANCHARD, John. **Pérolas Para a Vida**. Cerca de 5000 citações que servem de inspiração para comunicadores cristãos. São Paulo: Vida Nova, [s.a]. Disponíveis em <https://missaoneemias.webnode.com.br/frases-notaveis/> acessado em Junho de 2023.

CORSI, Uellinton Valentim. Origem do mal segundo Santo Agostinho: uma perspectiva judaico-cristã. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 05, Vol. 01, pp. 131-152. Maio de 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/filosofia/origem-do-mal> acessado em Junho de 2023.

CRISTÃ EVANGÉLICA. **Quão Grande é Tu!**: estudos sobre Deus e Seus Atributos. Bookwire: Cristã Evangélica, 2020.

DA COSTA, Hermisten Maia Pereira. **O Pai Nosso**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

DICIONÁRIO Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos Temáticos sobre cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2021.

FOULKES, Francis. **Eféios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

GEISLER, Norman. **Eleitos, mas livres**: uma perspectiva equilibrada entre a eleição divina e o livre arbítrio. Tradução Heber Carlos de Campos. 2.ed. São Paulo: Vida, 2005

HAYFORD, Jack W. **Orar é conquistar o impossível**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2008.

HYBELS, Bill. **Ocupado demais para deixar de orar**: diminuindo o ritmo para estar com Deus. Campinas: United Press, 1999.

ISCED. **Manual de Política Internacional**. 4º ano do Ciência Política e Relações Internacionais. Beira: ISCED, 2017.

LAWSON, Steven. **Fundamentos da graça**. Tradução Odayr Olivetti. São José dos Campos: Fiel, 2012.

LICOVA, Sérgio. **A necessidade do homem orar**. Beira: s.n., 2018.

LIMA, Alan Rennê Alexandrino. **Multiformes manifestações da soberania de Deus**. Teresinha: Seminário Teológico do Nordeste, 2005.

MACDONALD, William. **Comentário Básico do Novo Testamento**: um recurso prático que vai ajudá-lo a compreender e viver a Bíblia. Rio do Sul: Actual, 2015.

MANUAL de Ciência Política. Disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>, dia 20 de junho 2023.

MURRAY, Andrew. **Com Cristo na escola de oração**. Traduzido por Elenir Eller Cordeiro. São Paulo: Clássicos, 2009.

O'DONOVAN Jr, Wilbur. **O Cristianismo Bíblico da Perspectiva Africana**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PACKER, J. I. **A Evangelização e a Soberania de Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PINK, Arthur W. **Deus é Soberano**. Tradução do espanhol para o português realizada por Daniela Raffo. São José dos Campos: Fiel, 2007.

PINK, Arthur W. **Os atributos de Deus**. São Paulo: PES, 1985.

PIPER, John. **A Soberania de Deus**. tradução: Camila Rebeca Teixeira. Postado em 30 de agosto de 2018. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/a-soberania-de-deus-2/>. Acessado em junho de 2023.

QUINTINO, Pedro. É coordenador e professor do Curso de Direito do Centro Universitário do Norte Paulista (Unorp) em São José do Rio Preto. Disponível em <https://trilhante.com.br/curso/ciencia-politica>. Acessado em junho 2023.

ROMÃO, Filipe Vasconcelos. **A transformação do conceito de soberania a emergência política e legal das «autonomias-ação» no quadro da Constituição espanhola de 1978**. Disponível em https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri39/n39a12.pdf.

RYLE, J. C. **Um Chamado à Oração**. Bookwire: Letras, 2016.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. Curitiba: ADSantos, 2014.

SHEETS, Dutch. **Oração intercessória**: como Deus pode usar suas orações para mover o céu e a terra. Rio de Janeiro: Luz às Nações, 2014.

SPURGEON, C. H. **Seleções da biblioteca de Spurgeon**: Sofrimento. Bookwire: Pão Diário, 2021.

TOZER, A. W. **Em Busca de Deus**. São Paulo: Vida, 2017.

VERKUYL, Johannes. A base bíblica do mandato missionário mundial. In: WINTER, Ralph W; HAWTHORNE, Steven C; BRADFORD, Kevin D. **Perspectivas no movimento cristão mundial**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

VIEIRA, Thiago Da Silva. **João Calvino e a oração**. disponível em <https://teologia.presbiteriana.home.blog/2019/10/15/joao-calvino-e-a-oracao/> Acessado em maio de 2023.

WALSH, Sheila. **Em meio ao caos**: encontrando forças em Deus para vencer as dificuldades da vida. Tradução Cesar Luiz Pagani. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Poéticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017.

WIERSBE, Warren W. **Proféticos**: comentário bíblico expositivo. Santo André: Geográfica, 2017.

XAVIER, Erico Tadeu. Agostinho de Hipona e a história do cristianismo: breve estudo de sua vida, influência e teologia. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 05, Vol. 01, p. 25-40. Maio de 2019.

YANCEY, Philip, STAFFORD, Tim. **Desventuras da vida cristã**: as dificuldades existem, mas o final pode ser feliz. Traduzido por Jorge Camargo. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

YANCEY, Philip. **Oração**: ela faz alguma diferença? Tradução Almiro Pisetta. São Paulo: Vida, 2007.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.004



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONCEITOS E DEFINIÇÕES DO DISCIPULADO INTENCIONAL E DA SUA PRÁTICA NO CONTEXTO CELULAR DA IGREJA LOCAL

Concepts and definitions of intentional discipleship and its practice in the
cellular context of the local church

Sérgio Freitas¹

RESUMO

O artigo explora o conceito e as definições do discipulado, destacando sua intencionalidade em influenciar a vida das pessoas por meio dos relacionamentos. A questão norteadora apresenta a seguinte problemática: de que maneira o discipulado pode ser desenvolvido no contexto eclesial por intermédio de uma perspectiva intencional? Para que se possa produzir os argumentos, elegeu-se a pesquisa do tipo bibliográfico e descritivo, a partir da abordagem qualitativa. Descreveu-se o sentido do discipulado e sua correlação com a Grande Comissão. Ainda, é exposto o alerta diante da não observância de fazer discípulos, visto que tal missão guarda correspondência com o seguir ou não a Cristo. Conclui-se que o discipulado é de suma relevância para o processo de crescimento e desenvolvimento do reino, portanto, é preciso efetivá-lo para que a verdade do evangelho seja conhecida e nesse ato conduza ao arrependimento e a nova vida com Cristo.

Palavras-chave: Discipulado. Perspectiva intencional. Contexto eclesial.

ABSTRACT

This article explores the concept and the definitions of discipleship, highlighting its intentionality in influencing people's lives through relationships. The guiding question presents the following problem: in which way can discipleship be developed in the

¹ Mestre em Ministérios da Carolina University. Pastor da Church of the City em New Jersey. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Estado do Espírito Santo. Bacharel em Psicologia pela FAESA. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7502-6181>. E-mail: sergio.pimentel.freitas@gmail.com

ecclesiastical context through an intentional perspective? In order to elaborate the arguments, a bibliographical and descriptive research was chosen, based on a qualitative approach. The meaning of discipleship and its correlation with the Great Commission were described. In addition, the warning against not making disciples is exposed, since this mission corresponds to following or not following Christ. It concludes that discipleship is of the greatest importance for the process of growth and development of the kingdom, therefore, it must be carried out for the truth of the gospel to be known and for this act to lead to repentance and a new life with Christ.

Keywords: Discipleship. Intentional Perspective. Ecclesiastical Context.

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo visa explorar o conceito e as definições do discipulado histórico, destacando sua intencionalidade em influenciar a vida das pessoas através dos relacionamentos. Dentro do contexto de uma igreja em célula, este capítulo busca demonstrar como o discipulado pode ser colocado em prática, levando em consideração a compreensão de cada crente inserido no corpo de Cristo local.

Inicialmente, é essencial delinear os significados atribuídos ao termo discipulado, tanto em sua manifestação direta quanto indireta na Bíblia. Isso implica uma análise cuidadosa dos ensinamentos e exemplos deixados por Jesus Cristo e seus discípulos, os quais servem como base para compreender a essência e a importância do discipulado na fé cristã. Nesse sentido, o discipulado é mais do que simplesmente transmitir conhecimento teórico; é um processo de formação integral que envolve ensino, exemplo e investimento pessoal na vida daqueles que estão sendo discipulados.

Além disso, é necessário defender a perspectiva de que cada membro da igreja local tem um papel ativo e significativo no discipulado. Isso implica um envolvimento pessoal e intencional com familiares, amigos, vizinhos e outras pessoas ao redor, demonstrando amor, cuidado e orientação no caminho da fé. É através desse engajamento que o discipulado se torna eficaz e transformador, impactando não apenas a vida daqueles que são discipulados, mas também a comunidade como um todo.

A intenção não é apenas teorizar sobre o discipulado, mas também oferecer insights práticos e orientações sobre como implementá-lo de forma eficaz em uma igreja em célula. Ao fazê-lo, pretende-se promover uma compreensão mais profunda do papel vital do discipulado na vida da igreja e na missão de espalhar o evangelho.

1. ORIGEM DA PALAVRA DISCIPULADO E SUAS VERTENTES

De onde vêm a ideia do discipulado como algo relevante para a Igreja de Cristo e, conseqüentemente, para a igreja local? O que seria o discipulado, o ser discípulo, discipulador e suas práticas no contexto de uma igreja em células? Essas e ainda muitas outras perguntas são norteadoras para que se descubra a função relevante do discipulado para uma igreja

contextualizada com as complexidades do mundo pós-moderno² e com os desafios vividos no viver igreja num mundo capitalista³ e agitado. Embora, cabe dizer que a prática do discipulado está presente na história da Igreja, configurando como uma ação real, não apenas um modismo.

Reconhecer a gênese do termo discipulado e sua aplicabilidade é uma maneira de constatar a sua relevância no desenvolvimento da fé cristã. Afinal, a prática discipular possibilita o crescimento em busca do conhecimento das Escrituras e da maturidade espiritual. Isso informa que o “discipulado não é automático, nem inerente à salvação”⁴, antes guarda relação com o crescimento e aperfeiçoamento da fé em Cristo. Moreira orienta que:

O discipulado bíblico principia na obediência ao Senhor. A instrução da Palavra de Deus aos seus servos está intrinsecamente relacionada à obediência. Jesus declarou: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos” (Jo 14.15). Dessa afirmação depreende-se que não é possível dissociar a obediência à Palavra da demonstração de amor ao Senhor. Fica claro que a obediência aos princípios e mandamentos das Escrituras Sagradas funciona como um firme fundamento no processo de discipulado.⁵

A partir do posicionamento de Moreira, compete dizer que não se pode pensar em discipulado distanciado da obediência ao Senhor Jesus. É a partir dela que se pode caminhar com segurança, dispondo-se ao serviço do Mestre. É por este motivo que antes de qualquer tentativa de conceituar o discipulado em sua prática, é imperativo destacar que a condição daquele que intitula a si mesmo como um cristão, é que seja um seguidor de Cristo, o que indica ser, fazer e agir tal qual o seu exemplo, na medida em que se torna uma evidência de ter como referência de vida, Cristo.

Ainda, cabe reiterar que “o discipulado é feito com pessoas que ainda não desenvolveram amplamente sua maturidade cristã (mesmo que já tenham um tempo relativamente grande de conversão”⁶. Nesse entendimento, é necessário esclarecer que a

² “Considera-se ‘pós-moderna’ a incredulidade com relação aos metarrelatos. [...] A função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas” (LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2009, p. 16).

³ O capital não é uma coisa, mas um processo em que o dinheiro é perpetuamente enviado em busca de mais dinheiro. Os capitalistas – aqueles que põem esse processo em movimento – assumem identidades muito diferentes. Os capitalistas financistas se preocupam em ganhar mais dinheiro emprestando a outras pessoas em troca de juros. Os capitalistas comerciantes compram barato e vendem caro. Os proprietários cobram aluguéis porque a terra e os imóveis que possuem são recursos escassos. Os rentistas ganham dinheiro com royalties e direitos de propriedade intelectual. Comerciantes de bens trocam títulos (por ações e participações, por exemplo), dívidas e contratos (incluindo seguros) por um lucro. Até mesmo o Estado pode atuar como um capitalista, por exemplo quando usa as receitas fiscais para investir em infraestruturas que estimulem o crescimento e gerem mais receitas em impostos (HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 42).

⁴ SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015, p. 16.

⁵ MOREIRA, Lourival Viana. **Discipulado bíblico**: teológico e o valor da obediência: uma proposta de capacitação de discipuladores da igreja evangélica assembleia de Deus de Saquarema RJ. Curitiba: FABAPAR, 2022, p. 28. Dissertação (Mestrado em Teologia).

⁶ SOARES, 2015, p. 23.

identidade do discípulo se inicia com a sua conversão. A palavra discípulo é assim apresentada por Brandão:

Discípulo (“mathetes”, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que aprende, que segue e se entrega ao ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele. “Discípulo” era uma palavra usual nos tempos do Novo Testamento. Tanto que o termo não foi usado apenas para designar os seguidores de Jesus. Antes, há menção aos discípulos de João Batista (Mt 9.14), de Moisés (Jo 9.28) e, também dos fariseus (Mc 2.18). Jesus, também, começou seu ministério chamando discípulos para si, que o seguiram, tendo-o como mestre. Desde que “discípulo” era uma palavra de uso comum na cultura judaica, até Judas Iscariotes foi inicialmente contado entre os discípulos (Mt 10.2-4 e Lc 6.13-16).⁷

Diante disso é possível afirmar que o discipulado é a relação entre aluno e professor. Um entrega o ensino e o outro aprende com o que ensina. No Novo Testamento ele é mais claramente evidenciado, mas relações semelhantes se apresentam ao longo da Bíblia. Entretanto, o que se evidencia é que “fazer discípulos é um imperativo do qual não temos o direito de fugir. Não cumprimos a Grande Comissão enquanto não fizermos dos convertidos discípulos de Cristo Jesus”.⁸

Segundo Barth, o termo discipulado vem do grego *Akolouthein* e significa “ir após ou atrás de alguém”.⁹ O discípulo segue os passos de outro alguém por algum motivo que o atrai. Algo chama a atenção dele, alguma coisa se destaca e aguça o interesse daquele que nota este outro. Há algo relevante que pode ser destacado, que está em evidência. Devido às coisas que chamaram a atenção do discípulo, ele se aproxima do mestre. Através do processo de aproximação daquele que aprende com aquele que ensina, os comportamentos começam a ser muito parecidos, o discípulo busca ser, porque escolheu, como o seu mestre.

Ser discípulo de Jesus significa aprender com ele e, assim, à medida que o tempo vai passando, os discípulos de Jesus precisam se parecer com ele à medida que se relacionam com o seu Mestre. Para que isso aconteça é preciso esvaziar-se de si, exatamente como ele fez. Jesus mesmo diz em Lucas 9.23: “Jesus dizia a todos: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. O que é negar a si mesmo? É fazer o caminho que Cristo fez. É por escolha própria caminhar em direção a cruz por entender que este caminho glorifica ao Pai. O que é tomar a cruz? Pode ser a escolha diária de aceitar a humilhação em nome de Deus (Mt 5.11-12¹⁰). A cruz de Cristo nos ensina o caminho da cruz.

A cruz aludia ao horror e dureza. Os evangelistas modernos caem na armadilha de pintar o discipulado cristão como algo fácil e potencialmente provocativo de prosperidade terrena, como meio seguro de evitar-se os

⁷ BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 Princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 56.

⁸ SOARES, 2015, p. 11.

⁹ BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 13.

¹⁰ Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem, os perseguirem e, mentindo, disserem todo tipo de mal contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.

problemas humanos comuns. Não é verdade! Diz o evangelho. Queres seguir a Jesus? Então o caminho a seguir é o caminho da cruz! Queres seguir a Jesus? Então entende que há um custo tremendo nisso envolvido – tua própria vida, diariamente e para sempre, a fim de que seu ser seja absorvido em Cristo, para que ele se torne ‘tudo para ti’, tal como, eventualmente, ele será ‘tudo para todos’ (Ef 1.23).¹¹

A vida do discípulo é a rotineira escolha pela mortificação de suas propensões terrenas. Seguir Jesus é negar a si mesmo, isso significa que aquele que o segue deve viver como ele vive, é uma diária tentativa de ser como Jesus em tudo o que se faz. Sobre isso, Morris declara que:

O seguidor de Jesus deve negar a si mesmo. Nada há de amor à boa vida em ser um cristão. [...] O seguidor de Cristo morreu para todo um modo de vida (cf 14.27). Lucas nos diz que esta não é uma coisa que pode ser acabada e removida do caminho: deve ser dia a dia. Logo, diz Jesus, siga-me.¹²

Seguir o exemplo de Cristo é muito mais do que uma mera imitação superficial de suas ações; trata-se de um compromisso profundo e transformador com seus ensinamentos e seu modo de vida. Isso implica em manter uma vida diferenciada, fundamentada nos princípios de amor, compaixão, justiça e perdão que Jesus exemplificou durante seu ministério terreno. Ao buscar a santidade, os seguidores de Cristo se esforçam para refletir sua imagem e semelhança, tornando-se agentes de transformação em um mundo marcado pelo pecado e pela injustiça.

Sobre agir como seguidor de Cristo, Tasker¹³ afirma que os discípulos são chamados a ser como um purificador moral onde os padrões morais são baixos, instáveis ou mesmo inexistentes. Discorda-se desse pensamento porque a vida cristã não passa apenas por questões morais, mas pela integralidade de vida do cristão. Prova disso é pensar nos fariseus do tempo de Jesus, o seu padrão moral era altíssimo, porém, Jesus os chama de sepulcros caiados conforme pode ser visto em Mateus 23.27: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Pois vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundícia”. Os fariseus apresentavam uma aparência piedosa e santificada, porém seus corações estavam distantes de Deus.

A metáfora de ser sal e luz utilizada por Jesus, expressa tal direção:

Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. — Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. Ninguém acende uma lâmpada e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado e, assim, ilumina todos os que estão na casa. Da mesma forma, brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a seu Pai, que está nos céus (Mt 5.13-16).

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 2.

¹² MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 161.

¹³ TASKER, R.V.G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 51.

Jesus, quando faz menção a ideia de que seus discípulos precisam ser sal e luz ressalta a importância de uma vida cristã autêntica e impactante. Assim como o sal preserva e dá sabor ao alimento, os seguidores de Cristo são chamados a preservar os valores do Reino de Deus e a trazer esperança e renovação para um mundo sedento por justiça e amor. Afinal, quando o sal perde sua salinidade, ocorre a sua inutilidade e finalidade maior. É nesse sentido que os discípulos de Cristo “podem e devem dar testemunho da fé que possuem através do exemplo pessoal”.¹⁴

Essa analogia entre os discípulos de Jesus e o sal que provoca sede naqueles que o consomem é profundamente significativa. Assim como o sal desperta a sede, os discípulos são chamados a despertar a busca espiritual naqueles ao seu redor, levando-os a ansiar pela verdade e pela vida abundante encontrada em Cristo, o que sinaliza para o desejo de crescer em amor e desenvolver-se no conhecimento da fé abraçada. Para que isso ocorra, é preciso que o seu “testemunho de fé se torne parte do seu estilo de vida”.¹⁵

Este desejo pode ser encontrado e associado ao encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço, registrado no Evangelho de João no capítulo 4. Nesse episódio, Jesus oferece à mulher a água viva, que sacia para sempre a sede espiritual daqueles que a recebem, o texto diz o seguinte: “aquele que beber dessa água jamais terá sede, e ainda jorrará dele água viva” (Jo 4.13-14). Essa verdade é muito profunda! Da mesma forma, os discípulos são encarregados de compartilhar essa mensagem de esperança e redenção com o mundo sedento por significado e propósito.

Assim como o sal que se dissolve na comida, os discípulos devem se envolver ativamente com as pessoas ao seu redor, compartilhando o amor e a verdade de Cristo de maneira tangível e relevante. E quando aqueles que são alcançados pela mensagem do evangelho buscam a fonte da vida eterna, os discípulos os conduzem a Jesus, o único que pode verdadeiramente satisfazer a sede espiritual e oferecer a água viva que jorra para a vida eterna e nesse propósito, a intenção é buscar “ser cada dia mais parecido com o seu Senhor e Salvador, Cristo Jesus”.¹⁶

Da mesma forma, assim como a luz dissipa as trevas, os cristãos são chamados a irradiar a luz da verdade e do amor de Deus em meio à escuridão espiritual e moral que permeia a sociedade. Sobre tal perspectiva, Tasker adverte que “os discípulos não devem esconder-se, mas viver e trabalhar em lugares onde sua influência seja sentida e a luz que neles haja seja mais plenamente manifesta a outros”.¹⁷ É com essa atitude que o discípulo glorifica a Deus e conduz outros ao seu conhecimento e adoração.

2. A INFLUÊNCIA DOS PRINCÍPIOS DE CRISTO NA VIDA DO DISCÍPULO

Viver conforme os princípios de Cristo não é uma tarefa fácil, nunca foi e nunca será, requerendo constante renúncia ao egoísmo e ao pecado, por meio de um compromisso diário

¹⁴ TASKER, 2014, p. 51.

¹⁵ SOARES, 2015, p. 33.

¹⁶ SOARES, 2015, p. 28.

¹⁷ TASKER, 2014, p. 51.

com a busca da vontade de Deus, que é sempre boa, perfeita e agradável (Rm 12.2). Nesse entendimento, o discípulo não busca seus interesses e nem favores (1Co 10.24), antes seu posicionamento reflete seu desejo de servir e adorar com inteireza ao Senhor. Por este motivo que se afirma que:

[...] um discípulo é alguém que crê em Jesus Cristo, expressa essa fé ao ser batizado e permanece em comunhão com os irmãos a fim de aprender as verdades da fé (At 2.41-47) e então ser capaz de ir e ensinar a outros. Esse era o padrão da Igreja do Novo Testamento (2Tm 2.1,2).¹⁸

O viver em Cristo, então, implica uma jornada de crescimento espiritual, marcada pela oração, pelo estudo da Palavra de Deus, pela comunhão com outros discípulos de Jesus (Rm 12.18-19), e pela busca de viver em paz com todas as pessoas, sejam elas professantes da mesma fé.

Se possível, naquilo que depender de vocês, vivam em paz com todos os homens. Amados, nunca procurem vingar-se, mas deixem com Deus a ira, pois está escrito: “Minha é a vingança; eu retribuirei”, diz o Senhor.¹⁹ Busquem a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Tomem cuidado para que ninguém se afaste da graça de Deus e para que nenhuma raiz de amargura, ao brotar, cause perturbação e contamine muitos (Hb 12.14-15)

Esse processo evidencia que sem preservar e permanecer nas constantes disciplinas espirituais²⁰ de busca a Deus, o cristão não tem de onde tirar referência do seu viver. Essas disciplinas espirituais vão muito além de práticas como oração, meditação bíblica, jejum, evangelismo e tantas outras, elas dizem respeito uma vida parecida com Jesus sendo cultivada. É agir como Cristo por causa do Cristo. É acolher as pessoas como Jesus acolheu, alimentar como Cristo alimentou, é ser um retrato do Mestre Jesus.

É diante de uma busca constante sobre as Escrituras, por exemplo, que há alimento suficiente para que possa influenciar ativamente na vida do cristão e, conseqüentemente, nos que estão à sua volta. É através desse processo de santificação que os seguidores de Cristo se tornam mais semelhantes a Jesus e mais eficazes em seu testemunho e serviço no mundo.

Seguir o exemplo de Cristo não se resume a palavras ou rituais religiosos, mas é uma chamada para uma vida de radicalidade, amor e compromisso com os valores do Reino de Deus. É através dessa vida transformada que os crentes podem verdadeiramente ser sal e luz em um mundo que tanto necessita da graça e do amor redentor de Jesus Cristo.

¹⁸ WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006, p. 140.

¹⁹ Romanos 12.18-19.

²⁰ As disciplinas clássicas da vida espiritual convidam-nos a passar no viver na superfície para o viver nas profundezas. Elas nos chamam para explorar os recônditos interiores do reino espiritual. Instam conosco a que sejamos a resposta a um mundo vazio. John Woolman aconselhou: “É bom que vos aprofundeis, para que possais sentir e entender os sentimentos das pessoas”. E ainda: “Na intenção de Deus, as Disciplinas da vida espiritual são para seres humanos comuns: pessoas que têm empregos, que cuidam dos filhos, que lavam pratos e cortam grama”. É possível destacar que “o objetivo das Disciplinas é o livramento da sufocante escravidão ao auto interesse e ao medo” (FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual**. São Paulo: Vida, 1983, p. 4).

O verdadeiro discípulo de Jesus é alguém que foi escolhido por Deus, para ser dele. O discípulo é alguém que foi enviado com a missão de frutificar e com o privilégio de ter as suas orações respondidas. O discípulo nunca desiste do seu chamado e jamais renuncia o seu relacionamento pessoal com Jesus. Discipulado significa deixar tudo para seguir a Jesus.²¹

A frutificação é uma condição do discípulo de Jesus. “O meu Pai é glorificado pelo fato de vocês darem muito fruto; e assim serão meus discípulos” (Jo 15.8). É quando o discípulo cumpre o seu papel de ser um discipulador contribuindo para na formação de novos discípulos Deus é glorificado, ou seja, isso é adoração àquele que é o único digno de recebê-la.

A partir do senso de propósito que a frutificação gera, tudo se transforma, as decisões tomadas são completamente afetadas por sua escolha de seguir a Jesus Cristo. A rotina de vida passa a ser com a intencionalidade de ser como Jesus deseja que o cristão seja. Isso significa que agora, o discípulo de Jesus, leva uma vida em santificação constante.

Sobre a verdade da busca pela santidade, Stott esclarece que “não devemos preservar nossa santidade fugindo do mundo, nem sacrificá-la nos conformando a ele”²², o chamamento do cristão é para ser encontrado destacado no mundo pelo seu estilo de vida transformado.

Como seria possível transformar o mundo com a mensagem do evangelho salvador de Jesus Cristo, se todos os cristãos do mundo se isolarem numa bolha religiosa em que somente os seus pares poderiam fazer parte? Isso seria como buscar estragar o sal que o crente é; e ainda apagar a luz que o cristão deveria fazer brilhar. Para o cristão não há essa possibilidade, porque “se afirmamos ser cristãos, devemos ser como Cristo”.²³ Esta é a verdade fundamental do cristianismo porque:

Aqueles que escolhem seguir Cristo chegarão invariavelmente à conclusão de que não há nada mais importante do que alcançar pessoas. E, quando perceberem isso, seus valores mudarão para sempre. Serão tomados pela percepção de que as outras atividades terrenas empalidecem em comparação com ajudar um homem, uma mulher, um menino ou uma menina a ter um relacionamento salvífico, libertador e transformador com o Deus do Universo.²⁴

Essa verdade deve ser avassaladora na vida daquele que se torna seguidor de Jesus Cristo, um discípulo. A partir disso, é possível dizer que a prática discipular requer o desenvolvimento relacional e próximo de discípulo e discipulador, os quais estão envolvidos em um processo contínuo de ensino e aprendizagem. Esse processo recai sobre o crescimento e o desenvolvimento da vida cristã, a partir da apropriação do conhecimento sobre a mensagem do evangelho.

A mensagem do evangelho de Jesus precisa ser pregada a todo o custo, a todas as pessoas, porém isso exige dos seguidores que mantenham uma consciência transformada conforme pode ser visto em Romanos 12.2, que diz: “Não se amoldem ao padrão deste

²¹ CASIMIRO, A. D.; LALLI, P. **Rede de Discipulado**. Bookwire: Z3, 2020, p. 11.

²² STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011, p. 13.

²³ STOTT, 2011, p. 26.

²⁴ HYBELS, Bill; MITTELBERG, Mark. **Cristão Contagante**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012, p. 267.

mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que vocês experimentem a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”.

Nesse sentido, os discípulos são “exortados a deixar que a renovação das suas mentes, pelo poder do Espírito, transforme suas vidas harmonizando-as com a vontade de Deus”.²⁵ Isso sinaliza para o propósito da vida a ser buscado incessantemente por cada discípulo. Com a renovação da mente o discípulo passa a conhecer a Deus e fazê-lo conhecido daqueles que passam por ele.

Sobre essa verdade do discipulado, Soares diz que “líderes que querem ver a formação de uma geração de novos líderes precisam estar dispostos a seguir o processo de discipulado”.²⁶ Afinal, líderes preocupados somente com o seu bem-estar e apenas com o presente estão fadados ao insucesso diante de Deus, mesmo que socialmente sejam aplaudidos, seguidos por multidões, o sucesso terreno não dita o sucesso no Reino de Deus, até porque, segundo Jesus, no dia do julgamento, muitos dirão que fizeram inúmeras coisas em nome de Jesus, mas ele dirá a estes que nunca os conheceu (Mt 7.22-23). Esses líderes não formam sucessores, mas súditos, ou seja, tudo o que trabalhou durante a vida acabará quando ele acabar.

Líderes que centralizam tudo em si e vivem apenas para si mesmos, provavelmente estão vivendo para a manutenção de uma religião e não de uma evangelização mundial daqueles que estão desesperados por vida. Por fim, líderes que não são intencionais na condução de novas gerações ao discipulado são líderes de um reinado que não é eterno. É importante reconhecer que a formação discipular, inclusive, visa respeitar os processos do discipulado. E esse processo requer:

Multiplicação: animar aos que têm ensinado, que ensinem a outros. Relacionamentos significativos: desenvolver uma confiança profunda que supõe retida e desejo de mudar vidas; Confronto amistoso: dizer a verdade com amor para aquele que não está vivendo de forma adequada. Apropriação da mensagem bíblica: cobrir os temas das Escrituras de forma sequencial, para obter um quadro completo da vida cristã. Disciplinas espirituais: praticar os hábitos que conduzem a intimidade com Deus e ao serviço aos outros.²⁷ (tradução nossa)

Multiplicação, relacionamentos significativos, confronto amistoso, apropriação da mensagem bíblica e disciplinas espirituais fazem parte de uma proposta processual de discipulado que se for trilhada pode trazer muitos benefícios àqueles que desejam formar novos discípulos em cumprimento do mandamento de Jesus. Ressalta-se, ainda, que “o discipulado também deve compreender o ensino vivencial dos valores do reino de Deus. É por

²⁵ BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 182.

²⁶ SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015, p. 26.

²⁷ “Multiplicación: animar a los que has enseñado a que enseñen a otros. Relaciones íntimas: desarrollar una confianza profunda que supone un reto y logra cambiar vidas. Confrontación amistosa: decir la verdad con amor si alguien no está viviendo de forma adecuada. Incorporación del mensaje bíblico: cubrir los temas de las Escrituras de forma secuencial para obtener un cuadro completo de la vida cristiana. Disciplinas espirituales: practicar los hábitos que llevan a la intimidad con Dios y al servicio a los demás” (OGDEN, G. J. **Discipulado que transforma**: el modelo de Jesús. Barcelona: CLIE, 2006, p.122)

isso que os pequenos grupos são essenciais, pois potencializam as oportunidades desses relacionamentos intencionais”.²⁸

Mesmo que a origem da palavra discipulado não possa ser determinada com absoluta precisão há muita discussão em torno da conceituação da origem. Porém, é possível conjecturar, por meio da inferência, de que ela, a origem da palavra discipulado, se dá a partir da relação entre aquele que ensina e o que aprende. Isso pode ser refletido porque:

Os homens dependem uns dos outros, e suas vidas, de muitas maneiras, se moldam umas pelas outras. Às vezes é através de um relacionamento casual, um companheiro interessado, ou um dependente. Pode se tratar, porém, do relacionamento mais duradouro de um aluno ou discípulo para com seu mestre ou professor. No NT, as palavras que se vinculam com o discipulado se aplicam mormente aos seguidores de Jesus e descrevem a vida da fé.²⁹

Compete compreender a relevância da visão relacional na prática do discipulado. Ela pode ser considerada como a chave mestra que orientará o processo formativo a ser desenvolvido, isso porque é a partir do encontro com o outro que se pode testemunhar da fé e da ação de Deus em diferentes áreas da vida. Por esta razão, é possível afirmar que aquele que ensina torna-se o discipulador ou mestre e o que aprende, o discípulo. O que também é possível afirmar com certo grau de certeza, é que o discipulado envolve proximidade, isto é, relacionamento.

3. O RELACIONAMENTO ENTRE DISCIPULADOR E DISCÍPULO COMO CHAVE DO DISCIPULADO

Inicia-se a discussão reiterando que não existe discipulado sem relacionamento. O discipulado sempre implica em investimento de tempo, recursos, tanto para o que é o discipulador quanto para o discípulo, isso precisa acontecer com toda a intencionalidade para que haja a formação de uma nova perspectiva de vida.

O relacionamento é a chave mestra do discipulado bíblico. Ele, sim, pode ser considerado o fator que nutre a construção de parâmetros norteadores para o seu desenvolvimento. Jesus relacionava-se intencionalmente com as pessoas. As mais diferentes e improváveis³⁰, com o intuito de fazê-las um potencial nas mãos de Deus para formar outros discípulos. Como diz Marcos:

Ele lhes disse: — Vão pelo mundo todo e puguem o evangelho a todas as pessoas. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer será condenado. Estes sinais acompanharão os que crerem: em meu nome

²⁸ FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015, p. 19.

²⁹ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 578.

³⁰ Aproximavam-se de Jesus todos os publicanos e pecadores para o ouvir. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Este recebe pecadores e come com eles. Então, Ihes propôs Jesus esta parábola: Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? (Lc 15.1-4). Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19.10).

expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; se beberem algum veneno mortal, não lhes fará mal nenhum; imporão as mãos nos doentes, e estes ficarão curados (Mc 16.15-18).

Jesus veio ao mundo para salvar as pessoas através de sua morte redimidora e sua ressurreição. Porém, antes de morrer e ressuscitar, ele treinou os seus discípulos para que continuassem a propagar as boas novas do Reino de Deus na terra, dessa forma, outras pessoas também alcançariam o que eles alcançaram. Ao subir aos céus, deixou este mandamento narrado no Evangelho de Marcos e ainda, empoderou seus discípulos, inclusive aqueles que criam nele, para que pudessem fazer novos discípulos.

Concorda-se com Farias, quando esclarece que “o processo de discipulado de Jesus não era totalmente estruturado. Ele era orgânico. Orgânico não significa que era sem objetivos claros nem totalmente sem estrutura. Quer dizer que não era engessado a ponto de dispor o processo numa sequência de informações”. Essa peculiaridade evidencia que tanto o processo como a prática precisam ser efetivadas diante das vivências, aprendizagens, desafios que envolvem o ato formativo de fazer discípulos.³¹

Jesus se relacionou com os seus discípulos para enviá-los a fazerem outros, e porque eles entenderam o sentido do Reino de Deus e de seu papel na Terra, hoje o evangelho tem sido pregado por todo mundo. Para Beliles, fazer discípulos é “ensinar ao homem como aplicar a verdade revelada de Jesus Cristo a cada área de sua vida”.³² O que implica conhecimento, relacionamento, senso de missão e propósito em obedecer e viver segundo a vontade de Deus.

Pode-se afirmar que, a prática discipular envolve “viver de acordo com a cultura do Reino de Deus e para pensar com a mente de Cristo”.³³ Com certeza, Jesus foi o maior exemplo de discipulador. Ele viveu o seu ministério terreno dedicado a ensinar os seus seguidores, ele se empenhou e investiu nisso durante o seu ministério fazendo a vontade do Pai, variando seu ensino entre teoria e prática, para que os seus discípulos fossem como ele, fazendo o que ele faria, como ele mesmo diz em João 13.15: “Eu dei o exemplo, para que, como eu fiz, também o façam”. Sobre o discipulado de Jesus, Bonhoeffer diz:

Quando as Escrituras tratam do discipulado de Jesus, proclamam a libertação do ser humano de todos os preceitos humanos, de tudo que o oprime, de tudo que o sobrecarrega, de tudo que lhe suscita preocupação e dor na consciência. No discipulado, o ser humano deixa o duro jugo de suas próprias leis e vai para o jugo suave de Jesus Cristo.³⁴

Este é o discipulado de Jesus Cristo. O discipulado de Jesus liberta, alivia, traz vida diferenciada. Uma vida transformada pela perspectiva da eternidade instalada pela própria ação do Espírito Santo na vida daquele que se reconhece seguidor de Jesus, um discípulo. A

³¹ FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022, p. 29.

³² BELILES, Mark. **A estratégia de Cristo para o discipulado das nações**: as melhores práticas bíblicas para transformar todas as áreas da cultura. Curitiba: Transforma, 2023, p. 11.

³³ YOUMANS, Elizabeth L.; THRIFT, Jill C.; ALLEN, Scott D. **Família, fundamento de uma nação**: princípios e práticas para a construção de famílias sadias. Curitiba: Transforma, 2019, p. 14.

³⁴ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 13.

vida passa a ter agora um outro prisma. A leveza impera, mesmo em meios aos mais astronômicos problemas. Jesus mesmo convida as pessoas para essa vida nova e leve, quando diz:

Venham a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, porque sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para a alma. Pois o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.29-30).

O cristão transformado pela verdade do evangelho entende o quão irresistível é a paz de viver com Jesus, por isso, faz de tudo para levar outros à mesma verdade que ele encontrou e o faz tão bem. É nesse sentido que, o discipulado “é feito com pessoas que ainda não desenvolveram amplamente sua maturidade cristã”³⁵, a qual é um processo a ser perseguido com paz e leveza de mente e coração

Afinal, é verdadeiro ao afirmar que a boa notícia do evangelho é suave e leve! A paz, definitivamente, excede todo o entendimento como diz o apóstolo Paulo em sua carta aos Filipenses 4.7: “Então, a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o coração e os pensamentos de vocês em Cristo Jesus”.

Willard falando sobre o que causa a presença de Jesus na vida do discípulo afirma que “o efeito externo dessa vida em Cristo é uma revolução moral perene, até que o propósito da humanidade na terra tenha se cumprido”.³⁶ Isso só pode ser exercido pelo crente se ele mesmo assume a sua responsabilidade na Grande Comissão deixada por Jesus, como é possível assumir a partir de suas palavras registradas no evangelho de Mateus, que dizem:

Então, Jesus se aproximou deles e lhes disse: — Toda a autoridade me foi dada nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos (Mt 28.18-20).

A grande ordem de Jesus aos seus discípulos é que não assumam que a bênção de desfrutar de tamanha paz é para ficar parada neles, mas que os seus seguidores assumam o papel de protagonistas de proclamação daquilo que aprenderam com o seu exemplo em fazer discípulos de todo lugar, de qualquer língua, batizando-os e ensinando-os a obedecer a Deus em tudo o que fazem, a partir do exemplo que dão.

O mandato de Jesus efetivado na “Grande Comissão” e registrado no evangelho de Mateus não é opcional, mas deve ser o trilha pelo qual o cristão pauta a sua própria vida, o que se torna imperativa a ordem de fazer discípulos, mas para isso é preciso dispor-se diante da missão confiada. Fazer discípulos implica manter vínculos e proximidade com o outro. Esse, portanto, é o papel a ser assumido no discipulado.

³⁵ SOARES, 2015, p. 23.

³⁶ WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

4. O PAPEL DO DISCIPULADO NOS RELACIONAMENTOS: DISCÍPULOS QUE GERAM OUTROS DISCÍPULOS

Certamente há quem diga, por conta das afetações e distorções religiosas históricas, que o discipulado seja algo secundário ao longo da história, em que o cristão é genuinamente alguém que segue Jesus pelo fato de aceitar a Cristo como o seu salvador e isso já o torna tudo o que ele precisa ser, sem, contudo, fazer de sua vida um exemplo para o mundo terreno que não conhece e sabe sobre Jesus. Por isso não é possível conceber o ser discípulo, sem que se faça discípulos. Uma ação conduz ao resultado, ou seja, a finalidade do discipulado.

Historicamente parece que houve uma separação do discipulado com a vida natural do cristão. Willard é categórico ao dizer que “No que se refere às instituições cristãs de nosso tempo, o discipulado é inequivocamente opcional”.³⁷ Isso é aterrorizante de se constatar! Ele faz um alerta a cada crente dizendo:

A vida eterna da qual fluem vários efeitos profundos e gloriosos é um relacionamento interativo com Deus e com seu Filho, Jesus, na habitação interior do Espírito Santo. A vida eterna é a caminhada do reino, na qual, em unidade perfeitamente coesa, “[praticamos] a justiça, [amamos] a fidelidade e [andamos] humildemente com o [nosso] Deus” (Mq 6.8). Aprendemos a andar desse modo pelo aprendizado com Jesus. Sua escolha nunca entra em férias.³⁸

O discipulado nunca foi uma opção deixada por Jesus, mas sim um comissionamento. A “Grande Comissão” não é, como podem imaginar alguns, uma grande opção. Jesus chama seus seguidores, discípulos, a fazerem novos discípulos. Ele não os chama para fazerem membros de igreja ou crentes bem-intencionados que trabalham bem em seus ministérios locais. O chamado é pessoal para cada crente revolucionar o mundo assim como os primeiros discípulos de Jesus o fizeram pela verdade latente em seus corações e pelo Espírito Santo.

O comissionamento ao discipulado veio por meio de Jesus e como ele mandou que cada crente o fizesse, ele mesmo deixou o seu próprio exemplo, para que assim, seja possível aprender com ele como fazer discípulos. Jesus chamou seus discípulos para que o pudessem seguir e ser como ele. A partir disso, tudo o que ele fazia os seus discípulos estavam por perto vendo, ouvindo, sentindo, percebendo, aprendendo através de uma caminhada de relacionamento contínuo.

Jesus mostrou que o discipulado acontece a partir do relacionamento intencional com alguém, nesse relacionamento se deseja uma troca de conhecimento ou sabedoria. Há implicação de vida na vida. Há investimento e dedicação ao outro. Existe uma intencionalidade na ação e que está associada ao fazer discípulos. O discipulado não acontece ao acaso, não acontece despreziosamente, mas com tamanho esforço e dedicação na vida do outro, o que gera negação da vida do discipulador. Por essa razão, é preciso ter “consciência da

³⁷ WILLARD, 2008, p. 18.

³⁸ WILLARD, 2008, p. 18.

importância de acompanhar, orientar, desenvolver, ensinar, apoiar, incentivar, conviver e ser referência”.³⁹

Não é possível fazer discípulos sem, contudo, desejar viver, se expor, se implicar, na vida de alguém. O discipulado não é teórico, mas prático. Não acontece num dia da semana, vive-se o discipulado, o mestre e o discípulo constantemente através de suas interações de vida. Parece que as enxurradas históricas buscaram esconder ou mesmo substituir o plano de Jesus aos seus seguidores espalhados pelo mundo. Willard diz que:

Essa abordagem ressalta duas omissões à Grande Comissão. Em primeiro lugar, omitimos a tarefa de fazer discípulos e levar as pessoas a serem aprendizes de Cristo quando, na verdade, essa é a prioridade. Em segundo lugar, omitimos, por necessidade, o passo de acompanhar nossos convertidos num treinamento que os levará, cada vez mais, a fazer o que Jesus ordenou.⁴⁰

Que verdade profunda esta! Parece que a institucionalização da igreja afastou os discípulos do discipulado, de viverem a igreja, Corpo de Cristo. Os cristãos institucionalizados se esqueceram, por demasiada acomodação ou por consciente rebeldia, de cumprir o mandamento de Jesus de fazer discípulos porque o preço é alto demais.

De fato, o preço do discipulado é alto. Requer tomar a cada dia a cruz e seguir Jesus como ele diz em Lucas 9.23: “Jesus dizia a todos: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. É escolher esvaziar-se de si mesmo, como o Mestre Jesus fez ao escolher tomar a forma de servo, conforme Filipenses:

Seja o modo de pensar de vocês o mesmo de Cristo Jesus, que, apesar de ser Deus, não considerou que a sua igualdade com Deus era algo que deveria ser usado como vantagem; antes, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. Sendo encontrado em figura humana, humilhou-se e foi obediente até a morte, e morte de cruz! Por isso, Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus todo joelho se dobre nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Fp 2.5-11).

A vida do discípulo de Jesus precisa ser como a do seu mestre, por isso, nem por acomodação nem rebeldia o discípulo tem a opção de não cumprir a Grande Comissão que exige dele a completa negação do seu egoísmo de arrogância. Jesus, o Deus que se fez homem, esvaziou a si mesmo para ser servo daqueles que o rejeitaram, o matariam e humilharam. Como seria possível um discípulo de Jesus achar que merece algo diferente dessa realidade que o seu mestre viveu por amor? O discípulo ama e trabalha como o seu mestre Jesus. Sobre isso, Bonhoeffer disse:

O que sabemos sobre o conteúdo do discipulado? “Segue-me! Vinde após mim!” Isso é tudo. Segui-lo parece algo sem conteúdo. Não é algo que de fato pode ser visto como programa de vida cuja realização faça sentido. Não é, igualmente, um objetivo ou um ideal a ser alcançado. Para os padrões

³⁹ SOARES, 2017, p. 24.

⁴⁰ WILLARD, 2008, p.19.

humanos, não é algo que mereça sacrifício ou pela qual valha a pena investir a vida. E o que ocorre? O indivíduo que foi chamado deixa para trás tudo o que possui não com o intuito de fazer algo especial, mas simplesmente por causa do chamado de Jesus, pois outro modo não pode seguir seus passos.⁴¹

O preço é alto. É o abandono do reinado das vontades individuais egoístas. O discipulado requer amar outro, mesmo quando o discípulo tem suas questões complexas emocionais fragilizadas e não consegue ser tudo aquilo que desejaria, sua atitude é movida pela fé que já encontrou a sua identidade de filho nos braços do Pai. A partir de sua fé em Cristo Jesus, o discípulo considera ser acolhido pelo Pai, sua identidade agora é de filho, não é outra coisa além de filho do Deus altíssimo, isso o fortalece e o capacita a pagar o preço do ser negar a si mesmo por amor a Jesus e àqueles que ele amou. O alvo é ter pessoas parecidas com Cristo Jesus.⁴²

É por tal motivo, que a ação do discípulo enseja que olhe com os olhos do próprio Deus que enviou o seu Filho para morrer por amor. Requer, ainda, a presença e materialização do amor bíblico, não aquele encenado e ensinado nos filmes, livros e novelas. Antes, se fundamenta na atitude empática, a qual aprende a se colocar no lugar do outro, como também estar disposto a dar a outra face quando traído. Significa, nunca desistir daquele que Jesus deu à sua própria vida, mesmo sabendo que muitos não o reconheceriam como aquele que se sacrificou por amor. Sobre esse preço requerido pelo discipulado, Willard disse:

O discípulo tem em seu coração um desejo e uma decisão ou firme intenção. Depois de entender um pouco melhor o que isso significa e, portanto, ter “[calculado] o preço” (Lc 14.28), o discípulo de Cristo deseja, acima de tudo, ser como ele. Assim, “basta ao discípulo ser como o seu mestre” (Mt 10.25). Além disso, “todo aquele que for bem-preparado será como o seu mestre” (Lc 6.40).⁴³

Pareceria natural ao crente desejar relacionamentos como o de Jesus para que outros sejam como ele. Porém, nem todo aquele que se intitula discípulo o é e está disposto a pagar tamanho preço, o de dar a sua vida pelos outros, como Jesus fez e como os seus primeiros discípulos o fizeram. Parece na mente do cristão atual o discipulado deixou de ser alguma coisa que precise ser perseguido como alvo e missão, parece haver um adormecimento dessa verdade imperativa na vida cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento dos argumentos, fica uma reflexão: é possível dizer que os cristãos que não estão cumprindo a Grande Comissão sentem falta de formar discípulos? Talvez essa resposta não seja encontrada com facilidade, porém, fato é, que não é possível conceber alguém que seja verdadeiramente cristão sem que este faça discípulos.

O discipulado tem tudo a ver com o comprometimento do discípulo com Jesus, porque como Cristo é real o discipulado precisa ser. É triste e chega a ser lamentável constatar quantas

⁴¹ BONHOEFFER, 2016, p. 33.

⁴² SOARES, 2015, p. 33.

⁴³ WILLARD, 2008, p. 20.

peessoas que se dizem cristãs nunca fizeram um discípulo se quer, nunca se comprometeram com a Grande Comissão, nunca choraram pelos perdidos e afastados do amor de Deus.

A falta de comprometimento com os preços requeridos pelo discipulado traz amargas consequências para a humanidade ao longo da história. Os que estão ao lado dos chamados discípulos silentes podem dizer o quanto custa para eles não encontrarem a paz que a Bíblia descreve.

A falta de discipulado está custando a vida de tantas pessoas que Jesus amou e morreu. Os seguidores de Jesus adormecidos e silentes são responsáveis pela falta de paz no mundo porque ainda não estão completamente comprometidos com o fazer discípulos de toda língua, povo e nação. O chamado é urgente e não pode mais esperar!

A igreja não pode correr o risco de se comportar como uma Organização não governamental (ONG), porque ela não é. Toda pessoa que se diz ser discípula de Jesus Cristo, amando-o, deve obedecê-lo em seus mandamentos, como diz João 14.15: “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos”. Sem obediência aos mandamentos de Jesus, não há seguidores do seu evangelho, tampouco discipulado. Então aquele que ama a Jesus obedece a “Grande Comissão”, deixada como a única condição de vida em obediência ao seu Mestre Jesus, uma vez que declarou a ele amor e entrega absoluta.

Esse tipo de comprometimento com Jesus, sua Palavra e seus ensinamentos, só é possível se houver um relacionamento intencional entre discípulo e o seu discipulador com o objetivo de ensinar um novo na fé os caminhos do discipulado, é um maduro ensinado um neófito na fé. O preço é altíssimo, mas o gozo de ver o seu irmão crescendo em Deus é indizível.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. **Chamado ao discipulado**. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

BELILES, Mark. **A estratégia de Cristo para o discipulado das nações**: as melhores práticas bíblicas para transformar todas as áreas da cultura. Curitiba: Transforma, 2023.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (org.). **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. **Romanos**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CASIMIRO, A. D.; LALLI, P. **Rede de Discipulado**. Bookwire: Z3, 2020.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Candeia, 1995. Vol. 2.

FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: construa um modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022.

FOSTER, Richard J. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 1983.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

HYBELS, Bill; MITTELBERG, Mark. **Cristão Contagante**. 2.ed. São Paulo: Vida, 2012.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2009.

MOREIRA, Lourival Viana. **Discipulado bíblico-teológico e o valor da obediência**: uma proposta de capacitação de discipuladores da igreja evangélica assembleia de Deus de Saquarema RJ. Curitiba: FABAPAR, 2022. Dissertação (Mestrado em Teologia).

MORRIS, Leon L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

OGDEN, G. J. **Discipulado que transforma**: el modelo de Jesús. Barcelona: CLIE, 2006.

SOARES, Marcos Senghi. **Discipulado em ação**: como conduzir pessoas à maturidade pelo acompanhamento individual. São Paulo: Alvo, 2015.

STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Viçosa: Ultimato, 2011.

TASKER, R. V. G. **Mateus**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014.

WIERSBE, Warren W. **Novo Testamento I: comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006.

WILLARD, Dallas. **A grande omissão**: as dramáticas consequências de ser cristão sem se tornar discípulo. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

YOUNG, Elizabeth L.; THRIFT, Jill C.; ALLEN, Scott D. **Família, fundamento de uma nação**: princípios e práticas para a construção de famílias sadias. Curitiba: Transforma, 2019.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.005



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A PRÁTICA DISCIPULADORA DE JESUS E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DE NOVOS DISCÍPULOS PELA COMUNIDADE DE FÉ

Jesus' practice of discipleship and its influence on the formation of new disciples by the community of faith

Denilson Silva Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho traz a proposta e apresenta, sob forma de texto, os aspectos bíblicos da prática discipuladora de Jesus no processo da formação de discípulos, a fim de apontar as consequências e transformações visíveis na vida da comunidade de fé. Para tanto se fez necessária uma análise do processo do discipulado, como modelo bíblico de relacionamento ensinado por Jesus para seus discípulos e para a igreja. Assim, defendeu-se que o modelo bíblico de discipulado ensinado por Jesus de maneira relacional ultrapassou programas e estruturas, pois não dependiam delas e sim exclusivamente da relação – discípulo e mestre. Fez-se uma apresentação de algumas características que definem o discipulado como algo essencial e único para a formação de discípulos de Jesus, com sua origem em princípios bíblicos praticados e vivenciados nas relações humanas. Por fim, como último tópico do desenvolvimento foi apresentado a ligação que existe entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé, sendo a oração como elemento fundamental de ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular. Assim, conclui-se que o discipulado se consolida na relação de discípulo para discípulo quando a oração for evidenciada, não como um programa, mas como um estilo de vida.

¹ Mestrando em Ministério pela Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico-FORMEB. Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil; Bacharelado em teologia pela FATIN; Pós-graduado em Ciências da Religião pela FATIN; Pós-graduado em Sermão Expositivo pelo Ministério Pregue a Palavra; Pós-graduado em Aconselhamento Bíblico pelo Instituto Palavra da Vida; Atualmente Pastor titular da Primeira Igreja Batista em Tacaimbó / PE. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9631-4052>. E-mail: denis.canaa@gmail.com

Palavras-chave: Discipulado. Relacionamento. Oração. Modelo bíblico.

ABSTRACT

The present work proposes and presents, in text form, the biblical aspects of Jesus' practice of discipleship in the process of making disciples, in order to point out the consequences and visible transformations in the life of the community of faith. This required an analysis of the process of discipleship as biblical model of relationship taught by Jesus to his disciples and to the church. Thus, it was argued that the biblical model of discipleship taught by Jesus in a relational way went beyond programs and structures, because it did not depend on them, but exclusively on the relationship of disciple and master. A presentation was made of some characteristics that define discipleship as something essential and unique to the formation of disciples of Jesus, with its origin in biblical principles practiced and experienced in human relationships. Finally, as the last topic of the development, was presented the link between the relationship with Jesus and the practice of discipleship to be carried out by the community of faith, with prayer being the fundamental element linking the relationship with Jesus and the practice of discipleship. Thus, it was concluded that discipleship is consolidated in the relationship between disciple and disciple when prayer is evidenced, not as a program, but as a lifestyle.

Keywords: Discipleship. Relationship. Prayer. Biblical Model.

INTRODUÇÃO

A pesquisa tem por finalidade analisar a prática discipuladora de Jesus e sua influência na formação de novos discípulos pela comunidade de fé, para tanto faz-se necessário uma abordagem do método indutivo como forma de se chegar a uma conclusão após se analisar os dados obtidos como afirmam Prodanov e Freitas:

[...] Isso significa que a indução parte de um fenômeno para chegar a uma lei geral por meio da observação e da experimentação, visando a investigar a relação existente entre dois fenômenos para se generalizar.²

A presente pesquisa é do tipo bibliográfica, tendo em vista a necessidade de fontes para o desenvolvimento dos argumentos apresentados. Por isso, dentro deste processo se faz necessário ter fontes de apoio, fundamentando o tema proposto, como cita Fonseca: “a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.³ Prodanov e Freitas completam que todos os demais tipos de pesquisa vão abranger o estudo bibliográfico, tendo em vista a necessidade de um referencial teórico por parte de todas elas.⁴

Para tal, será feita a avaliação de livros, enciclopédias e artigos que foram produzidos visando um retorno à prática do discipulado cristão nas igrejas. Essa necessidade iniciou-se fruto de observação do contexto igreja corpo, de seminários sobre o assunto e apontamentos

² PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 28.

³ FONSECA, Regina Célia Veiga. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012, p. 21.

⁴ PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 28.

feitos por teóricos acerca de um possível distanciamento discipular por parte da grande maioria dos cristãos.

A avaliação do conteúdo dos livros envolverá as seguintes características: o conceito de discipulado relacional vivido por Jesus e seus discípulos, assim como o exemplo a ser seguido pela igreja; e a relação que há entre o esfriamento das igrejas e a falta do relacionamento discipulador que tanto prejudicam as demais esferas relacionais.

Relaciona-se ainda à escolha da abordagem qualitativa, entendendo a necessidade de se observar o fenômeno da prática discipuladora de Jesus na igreja e suas consequências, atribuindo-lhe uma interpretação. Prodanov e Freitas ressaltam que “a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa”.⁵

A pesquisa aborda sobre a temática do discipulado e sua relevância para os dias de hoje dentro de uma *ekklesia* saudável. Após essa análise, é feita uma reflexão acerca do modelo discipular que existe e a forma como a igreja tem aplicado as verdades do evangelho nas relações. Essa análise tem por finalidade conduzir a comunidade de fé a uma reflexão sincera acerca da missão que cada um tem enquanto membro do corpo de Cristo; missão que corresponde à obediência ao Senhor Jesus quanto ao discipulado, como afirmam Marshall e Payne: “os discípulos devem, agora, por sua vez, fazer novos discípulos por ensinarem outros a obedecer a todo mandamento dado por seu mestre”.⁶

Sendo assim, a pesquisa versa sobre a relevância da prática discipuladora de Jesus e sua influência no que tange à formação de novos discípulos, assim como sua relação direta com o crescimento e aperfeiçoamento do corpo de Cristo por meio de relacionamentos discipuladores pela comunidade de fé.

1. DISCIPULADO, UM MODELO A SER ENSINADO

Para entender o discipulado como modelo bíblico de relacionamento utilizado por Jesus, faz-se necessário uma análise da origem e de como se desenvolveu no decorrer das páginas do Novo Testamento. A origem do discipulado pode ser considerada no exemplo de Jesus, que convoca discípulos para uma missão. Nesse processo, observa-se que o discipulado ultrapassou a barreira de um simples encontro casual, pois envolvia uma responsabilidade a ser assumida por aqueles que atenderam ao chamado:

Então vamos lá! O que Jesus fez? Basicamente, ele convocou doze homens para andarem com ele, para aprenderem na prática o que era ser seu seguidor. Aqueles homens aprenderam com Jesus não somente ao ouvir seus discursos e parábolas, mas ao verem como ele interagiu com eles mesmos e com as demais pessoas, levando-as a transformação por sua relação com elas. Seus discípulos viram como é um Homem Perfeito, como ele agia, o que ele dizia, como ele tratava as pessoas, como ele se relacionava com as autoridades, como ele se relacionava com seu Deus e Pai. Jesus comia com eles, dormia com eles e conversavam por todos os caminhos por onde

⁵ PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70.

⁶ MARSHAL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira**: a mentalidade de discipulado que muda tudo. São José dos Campos: Vida, 2015, p. 19.

andavam. Eles estavam juntos ao passarem por estradas, montanhas, lagos, desertos, cidades isoladas e populosas; oraram, navegaram e pescaram juntos.⁷

Percebe-se que os discípulos escolhidos para andarem com Jesus, vão se tornar seguidores, como fruto de um relacionamento discipulador, em que Cristo estaria ensinando a forma correta de se relacionarem com as outras pessoas, e isso por meio de sua própria vida e exemplo nas mais diversas expressões e situações vivenciadas.

Compreende-se que o discipulado de Jesus não possuía nenhuma base em estruturas humanas, ou mesmo na difusão de conhecimento por parte daqueles que o seguiam. Ainda que o conhecimento faça parte do processo de discipulado, não pode substituir o relacionamento, tendo em vista ser a base para a formação do discípulo.

[...]Jesus teve um relacionamento profundo com seus discípulos. Ele levou alguém a se tornar seu discípulo, não por transmitir conteúdos meramente ou por ministrar cursos, mas se relacionando e dividindo a própria vida com aquelas pessoas. O discipulado de Jesus envolvia, necessariamente, relacionar-se com seus discípulos. O ensino público poderia incluir outros ouvintes, mas o discipulado efetivo ou completo implicava ter um relacionamento real com eles. No discipulado de Jesus, o discipulado é relacional.⁸

Assim, percebe-se que não se pode ter um discipulado efetivo apenas com conhecimento sem relacionamento. O caráter relacional do discipulado tem como foco a partilha de vida e não apenas conhecimento. Isso se revelou bastante eficaz nos dias de Jesus e de seus discípulos.

Essa relação talvez fique mais clara quando se pensa na “Grande Comissão”, geralmente a ênfase recai sobre o “ide” dando uma forte centralidade na ação de ir ou sair do contexto local para comunicar o Evangelho de Jesus em todas as nações. Porém, ao se fazer uma análise mais profunda do texto, percebe-se que a força está no verbo principal “fazer discípulos” e não nos verbos subordinados “batizando” e “ensinando”:

É com base nisto – a autoridade suprema, única e universal do Filho de Deus ressuscitado – que Jesus comissiona seus discípulos a fazerem discípulos de todas as nações. Às vezes, nossas traduções da Bíblia dão a impressão de que “ide” é a ênfase do mandamento, mas o verbo principal da oração é “fazei discípulos”, que conta com três participios subordinados e ligados a ele: indo (ou “à medida que você vai”), batizando e ensinando. “Batizando” e “ensinando” são os meios pelos quais os discípulos devem ser feitos. Talvez o batismo possa significar alguma outra coisa, mas aqui ele se refere à iniciação dos discípulos no arrependimento e na submissão ao soberano Jesus, o Senhor que governa o mundo.⁹

⁷ FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos**: Construa o modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja. São Paulo: Vida, 2022, p. 26-27.

⁸ FARIA, 2022, p. 28.

⁹ MARSHALL; PAYNE, 2015, p. 18-19.

Dessa forma, é fácil perceber que, sendo o verbo principal “fazer”, todas as etapas naturais do processo relacional que envolve o discipulado como “ir”, “ensinar” e “batizar” estão atreladas ao relacionamento discipulador. O propósito é claro e bem objetivo.

Os discípulos floresceram por entenderem a “Grande Comissão” não como um programa, porém como um processo natural instituído em suas vidas desde que entenderam o chamado de Cristo para a multiplicação: “[...]Tornaram a Grande Comissão uma realidade e a multiplicação de discípulos e igrejas um projeto de vida. Não pensavam em outra coisa senão cumprir esse chamado”.¹⁰

Vale salientar que a palavra “discipulado” não existe na Bíblia, porém apenas o termo “discípulo” e a expressão imperativa “fazei discípulos”. Ao se fazer uma análise do termo “discípulo”, percebe-se que seu conceito está intimamente ligado à relação com aquele com quem se aprende algo por meio de relacionamento, e isso de forma intencional por ambas as partes:

Discípulo (*mathetes*”, no grego) quer dizer aluno, aprendiz, aquele que aprende, que segue e se entrega ao ensino de alguém, aquele que se assenta aos pés de um mestre para aprender com ele. “Discípulo” era uma palavra usual nos tempos do Novo Testamento. Tanto que o termo não foi usado apenas para designar os seguidores de Jesus. Antes, há menção aos discípulos de João Batista (Mt 9.14), de Moisés (Jo 9.28) e, também dos fariseus (Mc 2.18). Jesus, também, começou seu ministério chamando discípulos para si, que o seguiram, tendo-o como mestre. Desde que “discípulo” era uma palavra de uso comum na cultura judaica, até Judas Iscariotes foi inicialmente contado entre os discípulos (Mt 10.2-4 e Lc 6.13-16).¹¹

Nota-se que não foram apenas os seguidores de Jesus que receberam o título de discípulos, porém todos que desempenharam um relacionamento intencional de aprendizado entre mestre e aprendiz. O termo “discípulo” era comum na cultura judaica, pois até o próprio Judas estava entre os chamados discípulos de Cristo.

Com o passar do tempo, houve uma evolução do termo “discípulo” e seu significado teológico ganhou uma nova perspectiva nas lentes do livro de Atos dos Apóstolos. A partir daí, todo aquele que fosse convertido ao evangelho seria denominado “discípulo”:

No entanto, a palavra “discípulo” evoluiu em significado teológico e passou a ser empregada no Novo Testamento, especialmente no Livro de Atos, com uma conotação mais própria, para designar todos aqueles que se convertiam ao Evangelho. De fato, todos os crentes, todos os irmãos, passaram a compor a “multidão dos discípulos” (At 6.2), cujo número ia aumentando cada vez mais, como se lê em Atos 6.7: “E a palavra de Deus era divulgada, de modo que o número dos discípulos em Jerusalém se multiplicava muito, e vários sacerdotes obedeciam a fé”.¹²

¹⁰ FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015, p. 19.

¹¹ BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora**: 5 princípios bíblicos para crescimento. Rio de Janeiro: Convicção, 2014, p. 56.

¹² BRANDÃO, 2014, p. 56.

Os irmãos e as irmãs que fossem inseridos na “Igreja Primitiva”, por meio da relação com Jesus, seriam denominados de “discípulos”. A comunidade de fé relatada em Atos se consolidava crescendo cada vez mais, pois suas raízes estavam fincadas no evangelho de Cristo.

Compreende-se que o “fazer discípulos” tem conotação de inclusão. Jesus procurou incluir pessoas, através do evangelho, a uma caminhada de aprendizado relacional, seu ensino tinha o caráter multiplicador e formativo, ou seja, os discípulos poderiam transmitir os ensinamentos a outros e assim sucessivamente. De acordo com Brandão, o processo de fazer discípulos aperfeiçoa aquele que já é discípulo, assim como também transforma em novo seguidor o que se torna participante do discipulado.¹³

Entende-se que o chamado de Jesus para o discipulado foi uma marca distintiva em seu ministério, já que, em sua grande maioria, estavam incluídas pessoas sem rumo e desorientadas, carecendo de um correto entendimento acerca de suas vidas.

Antes de subir aos céus, Jesus fez uma declaração aos seus discípulos para que fizessem outros iguais a eles em relação ao ensino que receberam. A partir de então, novos relacionamentos surgiram e floresceram como fruto do que Jesus havia deixado:

Em seus ensinamentos, Jesus enfatizou um fruto que permaneça: “Vós não me escolhestes a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos designei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça, a fim de que tudo quanto pedirdes ao pai em meu nome, ele vo-lo conceda” (Jo 15.16). A nossa união com Cristo torna possível uma vida através de que outros possam ser salvos. Quando uma árvore está tão cheia de seiva, que não pode mais contê-la, o resultado é fruto! Quando um cristão está cheio de Cristo, os outros veem, e ouvem a respeito dele e, então, são renascidos espiritualmente no Reino de Deus. Desta forma, novos crentes são um fruto do verdadeiro discipulado.¹⁴

Nota-se que os discípulos que agora faziam novos discípulos possuíam condições para isso, porque Jesus os havia ensinado antes, ou seja, houve um tempo investido em relacionamento discipulador de forma intencional por ambas as partes. Esse relacionamento possui algumas características e importâncias geradoras de consequências e que contribuirão para a formação dos discípulos.

2. DISCIPULADO, UM MODELO QUE TRANSFORMA

Partindo do discipulado vivenciado por Jesus, é possível identificar algumas características que o distingue de qualquer outro relacionamento por implicar propósito e transformação. A primeira característica é a relacional. O discipulado praticado entre os discípulos e seu mestre se desenvolveu nos relacionamentos, não se limitou à transmissão de

¹³ BRANDÃO, 2014, p. 56.

¹⁴ MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos**: o método neotestamentário para o crescimento da igreja. Rio de Janeiro: Convicção, 2015. p. 26-27.

conteúdo ou mesmo programas de formação. Discipular é partilhar vida, implica em dividir experiências e vivências.

Quando pensamos em relacionamentos discipuladores, pensamos na prática dessa mutualidade como geradora de verdadeira comunhão e edificação na vida da igreja. *Walter Henrichsen* nos diz: “Quando investimos nossas vidas em outras pessoas, transmitimos não somente o que sabemos, mas, o mais importante, o que somos”. Isso acontecerá quando nosso conceito de discipulado for mais amplo do que informação doutrinária. O discipulado também deve compreender o ensino vivencial dos valores do reino de Deus. É por isso que os pequenos grupos são essenciais, pois potencializam as oportunidades desses relacionamentos intencionais.¹⁵

Entende-se que a relação gera profundidade, e esta jamais poderá ser alcançada meramente com encontros casuais, mas sim de maneira intencional e efetiva. Jesus sabia que, enquanto caminhava na terra na qualidade de mestre e Senhor de seus discípulos, desempenharia seu propósito messiânico de salvar a humanidade por meio de relacionamento com ela.

A segunda característica do discipulado praticado por Jesus demonstra-se de forma intencional. Sabe-se que, para comunicar o evangelho de forma eficaz a alguém, é necessário que se tenha um acesso entre ambos. Por essa razão, deve haver uma intencionalidade em se comunicar o evangelho, bem como para um relacionamento objetivo.

Por isso, o que caracteriza a Evangelização Discipuladora é o que todo processo de comunicação do Evangelho deve estar aliado a uma intencionalidade de criação e aprofundamento de relacionamentos discipuladores, a fim de que efetivamente possamos evangelizar as pessoas com vistas a que se tornem discípulos de Jesus e a que sejam agregadas à igreja e iniciadas no aperfeiçoamento cristão.¹⁶

Entende-se que não se pode existir relacionamento discipulador sem aprofundamento e efetividade. Para que ocorram, necessariamente, deve existir uma intenção por intermédio de alguém. Assim, compreende-se que todo aquele que se aproxima de um discípulo deve se chegar com a intenção de comunicar o evangelho que se consolida por meio das relações.

Uma outra característica do discipulado de Jesus é sua maneira processual de se desenvolver. Percebe-se um longo período acontecendo desde a escolha dos discípulos até seu envio. Crescimento implica tempo, segundo o ensino de Jesus, percebe-se uma verdadeira transformação surgindo no dia a dia mediante esse processo. Faria chama a atenção para o fato de o discipulado ser processual em seu desenvolvimento, esse modelo, segundo ele, gera crescimento espiritual e maturidade gradativas na vida do discípulo.¹⁷

Sabe-se que a formação de discípulos demanda tempo, Jesus possuía a consciência que isso só seria possível, desde que o processo discipulador se consolidasse no ordinário. Seria justamente na vida dos seus discípulos, nas mais variadas situações do cotidiano, que essa formação ganharia forma.

¹⁵ FREITAS, 2015, p. 42.

¹⁶ BRANDÃO, 2014, p. 69.

¹⁷ FARIA, 2022, p. 29.

A quarta característica do discipulado de Jesus é seu caráter orgânico. Jesus não se utilizava de processos rígidos e sequenciais com o objetivo de paralisar e neutralizar aspectos subjetivos tão essenciais na formação do discípulo.

[...]O processo de discipulado de Jesus não era totalmente estruturado. Ele era orgânico. Orgânico não significa que era sem objetivos claros nem totalmente sem estrutura. Quer dizer que não era engessado a ponto de dispor o processo numa sequência de informações, aprendizados e tarefas. Talvez pudéssemos dizer que Jesus tinha um processo semiestruturado, pois ele se adaptava às características e oportunidades que surgiam ao longo do caminho. Por exemplo, quando Jesus quis ensinar seus discípulos sobre incredulidade e, no meio do caminho, ele se deparou com uma figueira não-produtiva, aproveitou aquela situação e aplicou o seu ensino. Jesus aproveitava as circunstâncias ao seu redor e na vida das pessoas para discipulá-las, mas ele sabia “o que” queria ensinar e adaptava o “como” e o “quando”. No discipulado de Jesus, o processo é orgânico.¹⁸

Aprende-se que Jesus utilizava coisas do ordinário para ensinar seus discípulos, ou seja, apesar de ser Deus conseguia descer ao nível das pessoas, utilizando-se do mundo natural para ensinar acerca do seu Reino, bem como a formação discipular de cada aluno.

Apresenta-se como a quinta característica do discipulado de Jesus, o fato de, por vezes, ser individual. Ao aproximar-se de seus discípulos, Jesus os abordou de maneira individual, chamando-os para participar da missão junto com ele. Foi assim que, após várias conversas e embates, estabeleceu o discipulado individualmente com cada um dos discípulos. Assim afirma Faria: “[...] Jesus teve uma aproximação individual, com cada discípulo. A abordagem de Jesus não visava somente o grande grupo. [...] O discipulado de Jesus foi pessoal e personalizado”.¹⁹

Assim como a salvação tem seu caráter de experiência individual, o discipulado de Jesus também possui algumas vezes essa dimensão, sendo uma maneira eficaz de conhecimento e até mesmo de confronto, visando intimidade com Jesus com vistas ao aperfeiçoamento e crescimento.

A sexta característica do discipulado de Jesus é sua forma contínua de ser. O discipulado enquanto processo, é algo que não se encerra simplesmente em um programa de igreja, ou em um currículo de Escola Bíblica Dominical, mas apresenta-se como um modelo permanente de aperfeiçoamento. Faria observa que o objetivo de Jesus sempre foi tornar seus discípulos iguais a ele por meio de uma caminhada contínua de crescimento e fé, mesmo após sua partida, onde o Consolador assumiria a missão.²⁰

Nota-se que a verdadeira transformação do discípulo de Cristo acontece com o passar do tempo, quando a mentalidade vai sendo moldada constantemente graças às experiências relacionais. O próprio Jesus deu garantias de seu contínuo cuidado com todo aquele que o recebesse como Senhor, deixando o Espírito Santo para dar continuidade ao processo discipular.

¹⁸ FARIA, 2022, p. 29.

¹⁹ FARIA, 2022, p. 29-30.

²⁰ FARIA, 2022, p. 29-30.

A sétima característica do discipulado de Jesus é sua dinâmica em grupo. Ao ler as páginas dos evangelhos, percebe-se que, além da abordagem individual, Jesus também gostava de utilizar a estratégia dos grupos como forma de crescimento relacional entre seus discípulos.

[...]Jesus teve uma dinâmica de relacionamentos com seus discípulos que, além de incluir o relacionamento individual, apresentava uma dinâmica de relacionamentos em grupo, seja em duplas (Lucas 10), em trios (Pedro, Tiago e João) ou em grupo (os doze). O relacionamento com outros discípulos foi importante na estratégia de Jesus, pois aprendemos a crescer na relação com os outros. Como dissemos, apesar de o processo de salvação ter um elemento individual, ele também traz um elemento coletivo. Na lógica do Reino de Jesus, crescimento espiritual também acontece na experiência em grupo.²¹

Enquanto dinâmica de grupo, o discipulado possui uma abrangência nas relações de modo eficaz, desempenhando um papel fundamental para o processo de formação da igreja, assim como foi para a “Igreja Primitiva”. Os grupos desenvolvem-se à medida que seus relacionamentos amadurecem e avançam coletivamente.

Compreende-se que as características citadas a respeito do discipulado de Jesus não esgotam de forma alguma a essência do discipulado em termos de caráter. Vale salientar que elas foram citadas a título de importância e consequência para a formação do discípulo. A seguir, aborda-se a ligação que há entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé.

3. DISCIPULADO, UM MODELO QUE SE CONSOLIDA POR MEIO DA ORAÇÃO

O presente tema apresenta a ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé. Antes de tudo, faz-se necessário compreender o que é oração, antes mesmo de abordá-la como agente de ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática do discipulado.

Compreende-se a oração, segundo as Escrituras, como um ato de comunicação com Deus, é o momento exato em que criatura e Criador comunicam-se mediante um diálogo. Sabe-se que a oração confere relação, isso quer dizer que, sempre que ocorre efetivamente o diálogo entre as partes, desenvolve-se intimidade, conhecimento e conseqüentemente relacionamento. De acordo com Brandão, a oração é um diálogo que gera relação e amizade entre aquele que ora e o Senhor, podendo transformar de forma significativa a vida e o ministério daquele que mantém de maneira efetiva uma vida de oração com Deus.²²

Percebe-se com isso, que a oração exige intencionalidade e persistência. Da mesma forma que há uma interação entre as partes envolvidas, oração gera também comunhão, pois assim que se aproxima de Deus, o homem tem sua relação fortalecida, e isso não deve

²¹ FARIA, 2022, p. 30-31.

²² BRANDÃO, 2014, p. 27.

acontecer por uma conveniência, ou simplesmente por necessidade, ainda que exista, mas por prazer em estar na presença de Deus.

Inicialmente, a “Igreja Primitiva” não possuía muita dificuldade em compreender que a oração era mais que um movimento para se buscar algo de Deus, ou mesmo um espaço dentro de uma liturgia nos cultos, porém era um estilo de ser da igreja, uma marca distintiva, uma maneira de se movimentar em Deus. Isso a distinguiu dos demais movimentos religiosos durante seu início.

A igreja de Atos entendeu a importância da oração e desde o seu início a teve como estilo de vida. Ao seguirem a orientação de Jesus de retornarem a Jerusalém e aguardarem a promessa do Pai, os discípulos perseveraram em oração. Orar foi o primeiro movimento dos discípulos após o recebimento da Grande Comissão. Em Atos 1.14, nós encontramos a igreja buscando intensamente a presença do Senhor: “E, unidos, todos se dedicavam à oração, juntamente com as mulheres, com Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele”. O resultado foi uma poderosa proclamação do Evangelho. [...] Os resultados foram fantásticos! Sem oração nada acontece.²³

Após receber a missão concedida por Jesus, a igreja imediatamente começa a desenvolver uma vida de oração na recém comunidade de fé. Essa ação os impulsionou de imediato a anunciarem o evangelho da salvação aos perdidos. Esse efeito da oração na comunidade dos denominados “cristãos”, em especial no livro de Atos dos Apóstolos, é encorajador para a igreja na atualidade.

Ao pensar na prática discipuladora e sua ligação com a oração, deve-se ter em mente que o alvo principal é a evangelização do discípulo. Assim como Jesus orou constantemente por seus discípulos, é tarefa daqueles que discipulam orar por seus discipulados. Sendo assim, antes de tudo entende-se que a oração deve somar-se à pregação da Palavra. Nesse sentido, afirma Brandão: “Pregar o evangelho sem uma estratégia de oração é como lançar a semente em terra sem o devido preparo. Precisamos, pois, priorizar o que é mais importante no processo: a oração”.²⁴

Uma vez que só Deus pode convencer o ser humano acerca de seus pecados, a principal função da comunidade de fé é orar. Observa-se que a oração é a mais relevante estratégia que a igreja pode assumir efetivamente, enquanto modelo bíblico ensinado por Jesus por meio do discipulado.

O discipulado de Jesus não consistia apenas em atos esporádicos de intercessão desenvolvidos em situações específicas com o objetivo de cumprir demandas, porém o que existia na verdade era um ministério de oração ensinado por Jesus aos discípulos mediante o discipulado ativo.

Todos os relatos das orações de Jesus demonstram que Ele desenvolvia um ministério de oração visível. Ele ensinou seus discípulos a orar por meio de sua vida de oração. Joel Komiskey diz que “Jesus não lhes ensinou simplesmente acerca da oração. Mas também lhes pediu que fossem orar com ele. Ele lhes permitiu que o vissem orar. E finalmente quando os

²³ BRANDÃO, 2014, p. 27.

²⁴ BRANDÃO, 2014, p. 31.

discípulos lhe perguntaram o que estava fazendo, então tomou a oportunidade de ensiná-los acerca da oração”.²⁵

Jesus quis deixar bem claro, mediante seu exemplo, que orar ia além de uma simples rotina, mas que deveria ser encarada como ministério inserido ao cotidiano dos seus discípulos, enquanto multiplicadores de tudo quanto aprenderam com seu mestre.

Jesus também deixou exemplos orientados por meio de ensino verbal, no qual consistia que o ministério de oração não seria exercido apenas coletivamente, porém de forma pessoal. Nota-se, ainda, que Jesus orienta seus discípulos a serem pessoas de oração em movimento no Reino. De acordo com Arantes, os princípios da oração devem ser ensinados por meio de orientação clara no discipulado, estabelecendo assim uma clara compreensão de que a oração é um ministério.²⁶

No relacionamento entre Jesus e os discípulos, fica claro que o ensino acerca do ministério de oração pessoal tem grande relevância para Jesus, pois seus discípulos só poderiam ensinar acerca desse assunto a partir do momento que suas vidas estivessem totalmente imersas na prática da oração.

Entende-se, que no discipulado de Jesus, a oração não possuía conotação de fardo, principalmente para os futuros líderes que passariam a assumir a liderança nas diversas comunidades espalhadas por todos os lugares. A oração, enquanto ministério, desempenha papel ativo e atuante na vida do discípulo.

A oração não é o oposto de trabalho; ela não paralisa a atividade. Em vez disso, a oração é em si mesma o maior trabalho; ela trabalha poderosamente. Ela deságua em atividade, estimula o desejo e o esforço. A oração não é um ópio, mas um tônico; não é um calmante para o sono, mas o despertamento para uma nova ação. Um homem preguiçoso não ora e não pode orar, porque a oração demanda energia.²⁷

Ainda que a oração demande perda de energia, por outro lado implica em ganho por produzir energia, ao mesmo tempo em que direciona ações produtivas na vida do discípulo. Aquele que se dedica a uma vida de oração terá uma vida de ocupação como consequência.

Assim, percebe-se que a oração exerce uma forte ligação entre o relacionamento com Jesus e a prática discipular a ser efetivada pela comunidade de fé. Jesus praticou a oração para que fosse praticada por seus discípulos, bem como ensinou para que da mesma forma fosse ensinada. Considera-se que sem a oração não poderá existir relacionamento com Deus nem, efetivamente, relacionamento discipulador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do discipulado é uma das características que distingue o grupo de discípulos de Jesus de todos os demais grupos sociais que já existiram na história. Isso porque, o

²⁵ ARANTES, Roosevelt. **Aprofundando raízes**: dinâmica e elementos do relacionamento discipulador. Rio de Janeiro: JNM, 2016, p. 55.

²⁶ ARANTES, 2016, p. 55.

²⁷ LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor**: Princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 72-73.

discipulado se identifica por uma relação de cuidado e intimidade de acordo com os passos de Jesus. Sendo assim, tem por base os Evangelhos como principal modelo referencial, onde mostra Jesus iniciando sua jornada relacional com seus doze discípulos.

Compreende-se ainda o discipulado no sentido didático. Assim, o discípulo, enquanto se relaciona, aprende e apreende com seu mestre. Pode-se refletir na prática do discipulado de Jesus e sua forma de apresentar os mistérios do reino aos seus discípulos na repetição da palavra “E Ele os ensinava”, era comum seu uso quando Jesus estava reunido com seus discípulos.

A prática de discipulado esteve viva e atuante no ministério de Cristo, e assim deve estar na igreja. Para que se tenha uma igreja relacional e saudável, é necessário que se tenha uma prática discipular bíblica. A igreja crescerá em comunhão a partir do momento que amadurecer nos relacionamentos, e a melhor forma de se obter esse amadurecimento é por meio de grupos de relacionamento discipulador.

Sabe-se que o discipulado não é caracterizado como mais um programa a ser seguido pelas comunidades de fé, ou mesmo um curso de formação que possui começo, meio e fim, porém sua principal marca é o relacionamento. Como expressa-se de forma relacional, possui características que o diferem de qualquer programa, por ser também intencional, implica intencionalidade quanto ao aprender com Jesus e sobre o Reino.

O discipulado não pode ser refém das estruturas por ser orgânico. Jesus utilizou o cotidiano e de tudo que existia a sua volta e com isso ensinava às pessoas, algumas vezes sentado num barco, outras no alto de uma montanha, e até mesmo na beira de um poço. Com tudo isso, entende-se que a comunidade de fé pode encontrar uma forma de tornar as estruturas servas das pessoas e não o contrário, dando prioridade aos relacionamentos discipuladores em qualquer lugar.

O discipulado revela-se de forma processual, por entender que não se constroem relacionamentos do dia para a noite, tendo em vista que Jesus gastou bastante tempo discipulando seus seguidores de perto, gastando horas, dias, meses, anos com eles. O vínculo que se estabeleceu deu origem a um grupo de pessoas que se movimentaram mediante o que aprenderam de seu mestre. Isso porque durante o tempo que passaram juntos, sua relação ganhou raízes. A igreja na atualidade deve investir tempo nas relações mediante um processo natural instaurado a partir do momento que pessoas intencionalmente desejam estar juntas aprendendo com Jesus.

A dinâmica discipular de Jesus acontecia de maneira individual, ou seja, Ele chamava o indivíduo como um convite pessoal para segui-lo, mas outras vezes se expressava no coletivo como a um grupo de 3 ou 12. Assim, essas características revelam que não existe um modelo engessado que obedeça a uma regra fixa, mas que se adapta a qualquer situação ou comunidade de fé em seu contexto.

O modelo apresentado possui a característica de ser efetiva, implicando que o discipulado de Jesus não tem prazo de validade marcado, ele dura até que ele volte ou até que o discípulo parta para sempre desse mundo. Isso mostra que, não se tem um tempo marcado ou períodos de discipulado, porém uma ação contínua.

A oração se apresenta como forte ligação entre o relacionamento de Jesus e a prática do discipulado a ser efetivada pela comunidade de fé. O discipulado será um modelo de relação se for um modelo em oração. O que ligava o relacionamento de Jesus ao Pai era a oração, o que ligava o relacionamento dos discípulos à Jesus era a oração, o que liga a comunidade de fé na atualidade é a oração. A oração apresenta-se como estilo de vida que distingue o relacionamento discipulador de qualquer outro relacionamento ou mesmo movimento religioso que possa surgir.

Se a comunidade de fé aderir ao discipulado de Jesus como estilo de vida definido pela relação através da oração, é possível que se tenham pessoas mais próximas de Jesus. Uma vez que se aproximem de Jesus, ficarão mais parecidas com ele, pois só mediante relacionamentos que se pode gerar intimidade e confiança. Algo que se pode encontrar exemplificado nos relacionamentos discipuladores de Jesus.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Roosevelt. **Aprofundando raízes: dinâmica e elementos do relacionamento discipulador**. Rio de Janeiro: JNM, 2016.

BÍBLIA Sagrada. Revista e atualizada no Brasil. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BRANDÃO, Fernando. **Igreja multiplicadora: 5 princípios bíblicos para crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção, 2014.

FARIA, Thiago. **A igreja que faz discípulos: construa o modelo de discipulado que você sonha para a sua igreja**. São Paulo: Vida, 2022.

FONSECA, Regina Célia Veiga. **Metodologia do trabalho científico**. Curitiba: IESDE Brasil, 2012.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios: vivendo o jeito bíblico de ser igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

LOPES, Hernandes Dias. **De pastor a pastor: princípios para ser um pastor segundo o coração de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2008.

MARSHAL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos: Vida, 2015.

MOORE, Waylon. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da igreja**. Rio de Janeiro: Convicção, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2.ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.006

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

UM OLHAR SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EVANGELIZAÇÃO NO PROCESSO DE PLANTAÇÃO DE IGREJA

A look at the importance of evangelization in the church planting process

Francisco Helio Costa de Souza¹

RESUMO

Este artigo elucida sobre a necessidade do fazer evangelismo e o papel destinado às comunidades de fé em adotar práticas eficazes no processo de plantação de novas igrejas. Neste sentido, respondeu-se e investigou-se sobre o processo a ser efetivado na plantação de igrejas e, por isso, levantou-se a seguinte problemática: De que maneira a evangelização pode favorecer o processo de plantação de igreja? A partir de exemplos fornecidos nas Escrituras, foi possível identificar exemplos que podem ser aplicados no dia a dia da Igreja, no tocante à ação evangelizadora. Esta investigação tem um grande valor para aqueles que procuram um material bíblico e prático, contemplando ações que foram utilizadas pelos primeiros cristãos e pode ser uma excelente ferramenta orientativa para a plantação de igrejas. Afinal, defende-se que a evangelização é a chave para todo processo de crescimento e desenvolvimento de igrejas.

Palavras-chave: Plantação de igrejas. Evangelização. Igreja primitiva. Estratégias.

ABSTRACT

This article elucidates the need for evangelization and the role destined to faith communities in adopting effective practices in the process of planting new churches. In this work was answered and investigated the process to be carried out in church planting and therefore the following problem was raised: in what way can evangelization contribute to the church planting process? Using examples provided by the Scriptures, it was possible to identify examples that can be applied in the church's daily life, in terms of

¹ Graduado em Teologia (Sibima, CE) e Filosofia (Universidade Federal do Ceará). Mestre em Ministérios pela Carolina University. Atualmente é professor no Seminário Bíblico do Sul. Missionário pela missão BGMF. Email: prheliobgfm@gmail.com

evangelizing activities. This research is of great value to those looking for a biblical and practical material, covering actions that were used by the first Christians and that can be an excellent guiding tool for church planting. After all, it is argued that evangelization is the key to the whole process of church growth and development.

Keywords: Church Planting. Evangelization. Early Church. Strategies.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é descrever sobre a relevância da evangelização associada ao objetivo de plantação de igrejas. Isso revela como é preciso abordar sobre as ações que estão presentes no denominado “Ide” presente na perícopes denominada “Grande Comissão”. Essas ações expressam o trabalho missional a ser efetivado por cada um dos discípulos de Cristo e que refletem no ensinar, batizar e discipular as nações.

O trabalho tem por finalidade responder e investigar sobre o processo a ser efetivado na plantação de igrejas e, por isso, levanta a seguinte problemática: De que maneira a evangelização pode favorecer o processo de plantação de igreja?

A evangelização é uma sublime e urgente tarefa, que tem sido negligenciada nos dias atuais. As estatísticas mostram que poucos cristãos têm assumido esse compromisso com a propagação do evangelho. Existe uma carência muito grande de igrejas comprometidas com o anúncio do evangelho. Despertar a igreja a realizar essa tarefa com ousadia é o grande desafio da modernidade.

O propósito de apresentar as definições sobre o processo de evangelismo é fundamentar sua conexão com a prática de plantação de igreja, por isso, faz-se necessário elaborar estratégias para que a evangelização seja prioridade no ofício de todos aqueles que foram chamados para essa missão. Nesse sentido, pode-se afirmar categoricamente que sem uma estratégia evangelizadora, torna-se quase impossível plantar novas igrejas.

1. O CONCEITO DE EVANGELIZAÇÃO, EVANGELISMO E A AÇÃO DO EVANGELISTA

Evangelização é uma palavra que denota uma ação e que conclama de forma direta todo cristão a anunciar as boas novas do evangelho aos não crentes. Como afirma Spurgeon: “ganhar almas é a principal ocupação do ministro cristão. Ganhar almas é a principal atividade de todo crente verdadeiro”.²

Todos os discípulos de Cristo são convocados a anunciar o evangelho, isso indica que é necessário cumprir o “Ide” de Jesus, pois a missão é testificar do amor de Deus, o que indica a responsabilidade de semear sua mensagem. Portanto, o cristão precisa aproveitar cada oportunidade para plantar uma semente da palavra.

A primeira ação a ser efetivada é compreender a definição de evangelização e evangelismo. Afonso e Domingues oferecem as seguintes definições para evangelismo, evangelização e evangelizar, respectivamente. Primeiro, o evangelismo se refere ao sistema

² SPURGEON, C. H. **O conquistador de almas**. São Paulo: PES, 1993, p. 7.

ou política, moral e religiosa que seja fundada no evangelho; a evangelização trata da ação de evangelizar; e evangelizar está associado ao ato de pregar, difundir ou preconizar o evangelho.³

Em suma, conforme as definições propostas, o evangelismo está diretamente relacionado com uma ação por parte daquele que ocupa essa função. Este se torna um portador de notícias, que leva a mensagem ao não crente, informando seu estado de pecaminosidade. Tratando-se de definição, vale também considerar que:

Academicamente, no entanto, não cabe o termo “evangelismo” para o ato de pregar o Evangelho. Cabe unicamente o termo “evangelização”, como a ação de evangelizar, de pregar o Evangelho, difundindo-o como uma ideia ou doutrina para cristianizar e fazer “cristão” o ouvinte que aceita essa ideia ou doutrina.⁴

Nesses termos, nota-se a clareza sobre a ação de evangelização, dando um sentido mais preciso de como é relevante transmitir a mensagem para aquele que ainda não conhece o evangelho e perece por falta de um esclarecimento da verdade de Deus.

Pode-se compreender, conforme o dicionário, que os termos evangelismo e evangelista estão relacionados e tem a ver com ação de levar o evangelho. Assim, tanto a pessoa que procura cumprir esse ofício, quanto o ato de evangelizar tem um sentido de uma ação direta. Nesse sentido, o evangelista tem que agir em direção ao outro. É necessário mover-se para comunicar e transmitir a mensagem do evangelho.

O papel do evangelista é de levar as boas novas, isto é, compartilhar o evangelho, pois sobre ele pesa a responsabilidade de comunicar a salvação aos perdidos. Sobre o texto bíblico comentado por MacArthur de 2 Timóteo, capítulo 4, verso 5, ele afirma que:

O termo evangelista, foi usado somente outras duas vezes no Novo Testamento, em (At 21.8; Ef 4.11) essa palavra sempre se refere a um ofício específico do Ministério, cujo objetivo é pregar o evangelho aos não cristãos. Com base em (Ef 4.11). Supor que todas as igrejas, teriam mestres, pastores e evangelistas é algo fundamental. Contudo, o verbo relacionado, pregar o evangelho, e o substantivo relacionado, “evangelho” são usados no Novo Testamento não somente com relação aos evangelistas, mas também ao chamado de todo cristão especialmente de pregadores e mestres de proclamar o evangelho. Paulo não chamou Timóteo para exercer o ofício de um evangelista, mas para fazer o “trabalho de um evangelista”.⁵

Evangelizar é levar as boas novas àqueles que estão perdidos e sem esperança, é transmitir o plano de Deus para os que ainda não foram informados ou advertidos acerca dos perigos que estão correndo em viver a eternidade separados de Deus.

³ AFONSO, M. L. C.; DOMINGUES, Gleyds Silva. A Igreja e a Missão Evangelizadora. **Teologia e Espiritualidade**. Curitiba, n. 08, v. 4, dezembro, 2017, p. 99.

⁴ AFONSO; DOMINGUES, 2017, p. 99.

⁵ **BÍBLIA de Estudo MacArthur**. Barueri: SBB, 2010, p. 1674.

2. A ÊNFASE DO EVANGELISMO E A MISSÃO DO DISCÍPULO-EVANGELISTA

A ênfase do evangelismo é de que todo cristão esteja em plena comunhão com Deus ao realizar um trabalho missional, para que a mensagem do evangelho seja anunciada. No Pacto de Lausanne, ao tratar sobre a ação e o ato de evangelizar, pode-se encontrar a definição para palavra evangelizar da seguinte forma:

Evangelizar é difundir as boas novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e ressuscitou segundo as Escrituras, e de que, como Senhor e Rei, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos os que se arrependem e creem. [...] Mas a evangelização propriamente dita é a proclamação do Cristo bíblico e histórico como Salvador e Senhor, com o intuito de persuadir as pessoas a vir a ele pessoalmente e, assim, se reconciliarem com Deus.⁶

Nesse “Pacto”, evangelizar implica em levar as boas novas de que Jesus morreu, ressuscitou, pagou o preço dos pecados, e que aquele que aceita e confia nesse sacrifício desfruta da presença constante do Espírito Santo na sua vida. Além disso, o Pacto afirma que evangelizar tem a ver com proclamar o evangelho de Jesus Cristo, com o propósito de que o homem seja reconciliado com Deus. Para Stott:

[...] tornar conhecido por palavras e atos, no poder do Espírito Santo, o amor do Cristo crucificado e ressuscitado, de modo que as pessoas se arrependam, creiam e recebam Cristo como seu Salvador e o sirvam em obediência como Senhor na comunhão de sua igreja.⁷

A definição de Stott deixa claro que evangelizar é levar o evangelho completo sobre a vida, morte e ressurreição de Cristo em favor dos pecadores. Diante disso, a sublime tarefa do evangelista é possibilitar que o pecador tenha consciência do quanto ele necessita de Cristo por causa de seus pecados, evidenciando, assim, o significado do sacrifício de Cristo por ele.

Evangelizar é uma tarefa prioritária para todo cristão. Já o evangelismo é o ato de obediência individual ou coletiva em apresentar o evangelho do Senhor Jesus Cristo aos pecadores, visando arrependimento de seus pecados, conduzindo-os pela fé ao caminho da salvação.

A vida do evangelista deve refletir as características de Cristo, para que sua mensagem esteja respaldada pela sua vida. Foi assim que Cristo mostrou graça aos pecadores por meio de seu sublime exemplo. Esse exemplo foi seguido pelos discípulos que transmitiram e formaram outros discípulos, os quais participaram da expansão do reino de Deus naquele tempo e contexto.

Cada cristão, como um evangelista, deve assumir o seu papel nesse nobre ofício, investindo todos os esforços para que as pessoas ao serem evangelizadas possam chegar ao pleno conhecimento da verdade de Cristo. A mensagem pregada das boas novas vai produzir em alguns a vida, em outros, a morte, por isso que o dever do evangelista é pregar. Isso compreende: mostrar ao pecador sua necessidade de arrependimento, suplicar o perdão de

⁶ STOTT, John. **Pacto de Lausanne**: comentado por John Stott. Belo Horizonte: Visão Mundial, 2003, p. 783.

⁷ STOTT, John. **A Igreja Autêntica**. Viçosa: Ultimato/ABU, 2007, p. 46.

seus pecados, reconhecer que Cristo já pagou o preço de seus pecados e, por fim, confiar sua vida a Cristo.

De fato, o evangelista faz a sua parte ao transmitir a boa notícia que produz novidade de vida para aqueles que decidem aceitá-la. Isso indica que a mensagem não é imposta aos ouvintes. Ela envolve uma resposta, que pode ser tanto de aceitação, quanto de negação.

Compreende-se que o processo de evangelização pode causar efeitos na vida dos ouvintes, principalmente porque o conteúdo de sua mensagem liberta, constrange, produz arrependimento e necessidade de decisão, ou seja, um posicionamento. Diante desse posicionamento, em forma de resposta, é que ocorrerá ou não o processo de transformação em Cristo.

Não compete ao evangelista a transformação, mas a comunicação da boa nova, essa é a missão designada. Seguir a Cristo não se restringe ao ato de compartilhar o evangelho, mas de obedecer e viver segundo a vontade de Deus, sendo imperativo a ação contínua do “indo” fazer discípulos. Isso implica caminhar com Deus e conhecê-lo.

É nessa ação que se alcança a maturidade na vida cristã, portanto, reconhece-se que evangelizar é uma tarefa que visa expandir o reino de Deus por meio do anúncio e do ensino do evangelho de Cristo, sendo esse o propósito a ser observado por aqueles que foram alcançados pelo plano providencial de Deus. Nessa direção, compete ao discípulo agir de maneira comprometida, dedicada, bíblica, amorosa e responsiva à missão a ele confiada.

3. O PROPÓSITO DA EVANGELIZAÇÃO NO PLANO PROVIDENCIAL DE DEUS

O famoso e renomado evangelista Billy Graham fez o seguinte comentário acerca da evangelização: “A evangelização abrange todos os esforços no sentido de declarar as boas novas de Jesus Cristo, com o objetivo de que as pessoas entendam a oferta de salvação de Deus, tenham fé e tornem-se discípulos”.⁸ Nesse sentido, a evangelização impele o evangelista a empenhar-se para levar o pecador a ser um discípulo de Jesus Cristo.

A Bíblia oferece exemplos eficazes na consolidação da evangelização e o processo a ser trilhado para que possa produzir frutos para o reino de Deus. Para isso, é importante ter um conhecimento profundo do evangelho. Segundo Piper:

O Senhor Jesus Cristo tem seus propósitos na evangelização. Como discípulos de Cristo, engajados na difícil tarefa de pregar o evangelho a todos os povos, temos de nos atentar a agenda, por assim dizer, de Jesus Cristo, para a evangelização. Não será surpreendente quando constataremos que os meios e propósitos de Cristo são muito diferentes dos que a igreja tem – na melhor das intenções – praticando ao longo da história e, especialmente em nossos dias.⁹

A evangelização está alinhada com aquilo que o Senhor Jesus ensinou. Seu plano foi recrutar discípulos, treiná-los e deixar muito claro tudo o que eles tinham que fazer, ou seja, seguir seus ensinamentos. Como bem falou Piper, isso tudo está muito aquém daquilo que a igreja

⁸ AFONSO; DOMINGUES, 2017, p. 102-103.

⁹ PIPER, John. **Evangelização e missões**. São José dos Campos: Fiel, 2011, p. 69.

tem feito, atualmente. É preciso ter clareza quanto aos propósitos a serem desenvolvidos no processo de evangelização. Nesse sentido, Piper atesta o seguinte:

A passagem de Atos 26.12-20, ajuda-nos a entendermos um pouco melhor como o Senhor Jesus Cristo age e como ele estabelece seus propósitos e estratégias de evangelização, inclusive em meio a situações que normalmente são consideradas como obstáculos a pregação do evangelho.¹⁰

Aqui, nota-se o quanto Paulo estava direcionado ao ato de realizar o trabalho de evangelização. Quer fosse diante de um tribunal, sendo julgado, ou num espaço público, ou em uma viagem, ele não perdia uma oportunidade. A partir do exemplo do apóstolo Paulo, pode-se constatar compromisso, dedicação e envolvimento com a sua missão.

Piper ao comentar a passagem de Atos 20.12-20, esclarece que a estratégia evangelística tem origem em Deus, na medida em que faz parte de seu plano providencial. Nesse sentido:

Percebemos como a providência de Deus é fundamental no trabalho de evangelização. Deus tem estratégias e ele nos encoraja através dessas palavras que as perseguições e prisões são oportunidades para testemunhar sobre a verdade do evangelho um exemplo em (Lc 21.12-13) “Antes, porém, de todas estas coisas, lançarão mão de vós e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e aos cárceres, levando-vos à presença de reis e governadores, por causa do meu nome; e isto vos acontecerá para que deis testemunho.” Aqui diz que esse será o tempo para vocês testemunharem “a prisão interromperá a sua estratégia evangelística, mas jamais interrompe a estratégia evangelística de Deus”.¹¹

Ao examinar as Escrituras, observa-se que Deus trabalha de várias maneiras para que o evangelho seja anunciado. Ele tem um propósito bastante claro para seus filhos, que é usá-los para que sua mensagem seja anunciada a todos. Para que esse objetivo se cumpra, Deus vai usar seus métodos e meios para que a mensagem seja propagada até os confins da terra. Isso fica bastante claro ao ler a história bíblica registrada em Atos dos apóstolos e nos quatro evangelhos.

Sem dúvida, há uma correlação entre evangelização e plantação de igrejas. Esse processo expressa a relevância e as estratégias que foram utilizadas para que o plano providencial ocorresse com êxito, isto é, com toda perfeição e progresso. Não ficando nada obscuro ou indefinido sobre o propósito desenhado nesse plano.

Vale considerar que dentro do processo de evangelização, é preciso transmitir com clareza a essência do evangelho como bem ponderado por Dever, que ao apresentar as “Nove Marcas de uma Igreja Saudável”, comenta sobre a quinta marca intitulada “Um Entendimento Bíblico de Evangelização”, assim:

Conforme ensina as escrituras, a evangelização não pode ser definida em termos de resultados ou métodos, mas somente em termos de fidelidade à mensagem pregada. Em atos dos apóstolos, você encontrará ocasiões em que Paulo pregou o evangelho e pouco se converteram. No grande congresso de evangelização em Lausanne, em 1974, John Stott, disse que “evangelizar...

¹⁰ PIPER, 2011, p. 70.

¹¹ PIPER, 2011, p. 70

não significa ganhar convertidos... significa apenas anunciar as boas novas, independentemente dos resultados”. Naquele congresso, evangelização foi definida nestes termos: Evangelizar é propagar as Boas Novas de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados, e foi ressuscitado dentre os mortos, segundo as escrituras; e, como o Senhor que reina, Ele oferece agora o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito a todos que se arrependem e creem.¹²

A evangelização deve sempre visar um enfoque prático, que resulta em evidências na vida de pessoas que atendam a mensagem do evangelho que fora anunciada, resultando em mudança de vida. Peters seguindo essa linha, diz que:

Evangelização refere-se a [ideia] da fase inicial do ministério cristão. É a proclamação competente do evangelho de Jesus Cristo, como está revelado na Bíblia através de termos relevantes e inteligíveis, de uma maneira persuasiva com firme propósito de trazer as pessoas para o cristianismo. É a confrontação, impregnação, penetração e apresentação que não apenas elucidada, mas exige uma decisão. É a apresentação eficaz do evangelho para a conversão de um descrente ou não crente, tornando um servo de Jesus Cristo.¹³

O ministério da evangelização tem como propósito confrontar o pecador de maneira clara, para que ele entenda a necessidade de mudar de vida. Também visa levar o evangelho a ele, mostrar-lhe o plano de Deus, a dimensão de sacrifício de Cristo, ao morrer na cruz. Dar-lhe a chance de livrar-se da condenação eterna, esse deve ser o propósito do evangelista. Segundo Dever:

Em 2 Coríntios 2.15-16, Paulo não está dizendo que expôs duas mensagens diferentes, ou que, poderia olhar para uma multidão e dizer, muito bem eu sei quem são os eleitos, para vocês pregarei uma mensagem, mas pregarei outra mensagem para todos aqueles que ainda não são cristãos, não, Paulo pregava o mesmo evangelho para todos, e ao evangelizar todos com a mesma mensagem, ele era aroma de vida para alguns, para outros cheiro de morte. O mesmo ministério tinha dois efeitos diferentes.¹⁴

A maioria dos cristãos não assumem um papel efetivo na evangelização por vários fatores, quais sejam: desculpas, falta de preparo, acomodação, dentre outros, mas o medo, certamente é sempre o grande vilão. Whitney ao abordar sobre o processo de aplicação de um método de evangelismo, traz à tona a questão do medo e como isso pode ser um impeditivo à comunicação da mensagem. Ele diz o seguinte:

Se o método exigir que nos aproximemos de alguém a quem nunca vimos antes e iniciemos uma conversa sobre Cristo. A maioria das pessoas ficará até terrorizada e a ausência delas indicará isso. Embora alguns o apreciem, a maioria treme só de pensar em levar o evangelho de porta em porta. Até métodos que requeiram testemunhar a amigos ou familiares, se envolver em uma aproximação forçada, que inclua confronto ou meios antinaturais, nos

¹² DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2007, p.147.

¹³ PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 16.

¹⁴ DEVER, 2007, p. 148.

enchem de medo de compartilhar as melhores novas do mundo com as pessoas a quem mais amamos.¹⁵

O método de evangelizar com naturalidade, sem medo, certamente é um enorme desafio para o evangelista. O medo neutraliza qualquer pessoa para compartilhar o evangelho. A convicção que deve ter, é de que se é portador de uma mensagem transformadora.

O evangelista tem a melhor notícia que a humanidade precisa ouvir e não pode ficar obstruído pelo medo ou algo que interfira nesse plano divino. O poder da boa nova do evangelho deve motivar cada discípulo a ir e pregar a mensagem aos que estão sem esperança, a fim de que ao se decidirem por Cristo, elas experimentem a graça de Deus.

Jesus evangelizou a mulher samaritana e como resultado, conforme relata o texto bíblico de João capítulo 4, após entender o evangelho, através da mensagem pregada pelo Mestre, ela saiu e foi imediatamente pregar a outros e acredita-se que sua mensagem foi direta, clara e objetiva. O texto bíblico diz o seguinte. “Muitos samaritanos daquela cidade creram nele, em virtude do testemunho da mulher, que anunciara: Ele me disse tudo quanto tenho feito” (Jo 4.29). Bruce sobre a expressão “água da vida” presente no texto bíblico sobre a mulher samaritana, pondera que ela:

[...] certamente se tornou a fonte transbordante em sua vida, e outras pessoas começaram a participar do refrigério que ela começará a fluir. Não nos cansemos de fazer o bem; a alguém mais improvável pode se tornar a testemunha mais eficiente.¹⁶

A história da mulher samaritana evidencia o grau de influência de um testemunho, bem como indica a maneira como Deus instrumentaliza pessoas consideradas improváveis pela sociedade para serem usadas por ele, a fim de testemunharem de sua infinita graça. Pessoas sem preparo, medo, capacidade ou qualquer outra coisa.

Estabelecer um entendimento claro desses fatos sobre o trabalho a ser efetivado no contexto do evangelismo requer envolvimento e engajamento nessa tarefa. Isso pode evitar desastres e frustrações, até mesmo para aspirantes ao ministério, tendo em vista que a essência de ser discípulo evangelista está contida na prática da evangelização, por ser ela o caminho essencial para que se efetive o processo de plantação de igrejas, conforme relatado em diferentes passagens das Escrituras.

4. A GRANDE COMISSÃO E O PROCESSO DA PLANTAÇÃO DE IGREJA

Ao se tratar do tema de plantação de igreja, é essencial também perceber a extrema relevância da “Grande Comissão”. As últimas palavras do Senhor Jesus Cristo para os seus discípulos foram sobre esse tópico. Ele deixou bastante claro que a prioridade é fazer discípulos. Sua ordem é expressa no texto bíblico de Mateus:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os

¹⁵ WHITNEY, Donald S. **Disciplinas espirituais para a vida cristã**. São Paulo: Batista Regular, 2009, p. 129.

¹⁶ BRUCE, F. F. **João: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1987, p. 108.

a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mt 28.18-20).

A plantação de igreja requer, então, que os discípulos de Jesus atendam e efetivem a missão, dispondo-se para demonstrar a maneira como fazer e as condições necessárias para realizá-la. Não se tem desculpas para não realizar uma tarefa inacabável.

Fazer discípulos de Cristo requer muito investimento, tempo, desgastes, frustrações, decepções e muitos desafios pela frente, porém, é encorajador olhar para vidas destruídas no meio da sociedade e vê-las mudando radicalmente, em favor da transformação alcançada pelo poder da cruz.

O Senhor Jesus Cristo deixou claro para os seus discípulos a direção que deveriam seguir, porém, faz-se necessário, que isso ocorra em total submissão a ele. Como bem falou Piper:

Quando Jesus ascendeu ao céu, ele disse aos discípulos, “toda a autoridade me foi dada no céu e na Terra... e eis que eu estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28.18,20). Essa é a autoridade com a qual ele chama suas ovelhas. Então para que ficasse evidente que é a *sua autoridade e a sua presença* concederiam sucesso a missão, ele ordenou aos discípulos que esperasse em Jerusalém até que fossem revestidos do poder do alto (Lc 24.49).¹⁷

Nesse argumento, pode-se perceber o que é necessário e essencial para que seja realizada uma tarefa dessa magnitude. Cabe refletir se essa missão também foi imposta à igreja, como foi aos discípulos de Cristo. Certamente, o princípio é para todo aquele que diz ser um discípulo de Cristo, porém, esse poder sobrenatural ficou bastante evidente para os apóstolos, a fim de autenticar o ofício pelo qual lhes fora conferido. Como menciona Piper:

Ele disse que a vinda do poder por intermédio do Espírito Santo, lhes possibilitaria ser suas testemunhas, “tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia, Samaria e até aos confins da terra”. Quando o Espírito vem, é o próprio Senhor cumprindo a promessa de edificar a igreja. De acordo com o que Lucas disse. “Acrescentava-lhes o senhor dia a dia os que iam sendo salvos” (At 2.47). O senhor o fez e continuou a fazer pela conversão do maior missionário de todos os tempos (At 26.16-18), orientando os missionários em suas viagens (At 8.26,29; 16.7,10) e dando-lhes as palavras de que necessitavam (Mc 13.11; At 6.10).¹⁸

Percebe-se que Jesus disponibiliza a tarefa e os meios, capacitando e direcionando seus discípulos a fazerem aquilo que de fato é a “Grande Comissão”. Ele chama e capacita cada um de seus seguidores a efetivarem sua obra. Independentemente do potencial ou competência de cada um, Seu plano terá êxito, porque ele é o idealizador e executor desse projeto.

Para se estabelecer uma nova igreja, esse entendimento é extremamente importante e relevante. A igreja precisa nascer e crescer, entendendo que existe uma prioridade na agenda de Deus, que é fazer discípulos de Cristo.

Um interessante entendimento a considerar sobre a “Grande Comissão” é sugerido por DeYoung e Gilbert, ao abordarem sobre a missão da igreja. Seus argumentos iniciam

¹⁷ PIPER, John. **Alegrem-se os povos**: a supremacia de deus em missões. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, p. 57.

¹⁸ PIPER, 2012, p. 57.

descrevendo como, ao longo dos anos, muitos têm contemplado alguns famosos textos bíblicos acerca a tarefa evangelizadora sob o prisma da “Grande Comissão” (Mt 28.16-20; Mc 13.10; 14.9; Lc 24.44-49; At 1.8). Entretanto, advogam que naquela ocasião “os apóstolos já haviam cumprido as instruções finais de Jesus”, isto é, aquilo que foi ensinado por Jesus a seus discípulos, suas ordens e instruções, já foram acatadas e cumpridas por eles.

Com esse entendimento, afirmam que essas instruções não se aplicam para a igreja hoje, que o imperativo da “Grande Comissão” já foi cumprido pelos apóstolos. DeYoung e Gilbert defendem essa posição da seguinte maneira:

Mais recentemente, os pensadores missionais têm sido hesitantes, quanto a fundamentar a tarefa missionária em imperativos específicos (como o que achamos no final de cada evangelho). Toda a Bíblia, eles argumentam, diz respeito à missão de Deus, não apenas algumas passagens isoladas, portanto, talvez a grande comissão não seja assim tão importante. Talvez John Stott estivesse certo quando disse que damos a grande comissão lugar proeminente demais em nosso pensamento cristão.¹⁹

Nota-se, segundo eles, que cada texto designado de a “Grande Comissão”, evidencia que o muito do que foi desenvolvido pelos apóstolos ao realizarem sua tarefa com muita determinação e êxito já foi efetivado. Hoje, o papel da igreja e dos discípulos é dar continuidade ao que foi desenvolvido. Com isso, entende-se que é uma tarefa que não se restringe apenas a alguns textos e sim a Bíblia por completo.

Nesse sentido, pode-se compreender que como seguidor de Cristo, há muito a ser feito. Existe uma imensa obra para todos, muitos campos, como citado no texto bíblico, evangelho de João capítulo 4, verso 35: “Não dizeis vós que ainda há quatro meses até à ceifa? Eu, porém, vos digo: erguei os olhos e vede os campos, pois já branquejam para a ceifa”. Existe um campo enorme, um mundo repleto de perdidos, carentes em ouvir o evangelho.

Dever ao abordar sobre a “Grande Comissão”, evidencia que a prática do evangelismo precisa ser realizada com propósito de alcançar o outro. Ele afirma o seguinte:

Esses mandamentos não foram dados somente aos apóstolos. Por exemplo, os apóstolos nunca vieram a esta nação. Para que a ordem de Jesus fosse cumprida e para que a ordem de Jesus fosse cumprida e para que este país ouvisse sobre Jesus, o evangelho teve que chegar aqui por intermédio de outros cristãos. E os apóstolos nunca irão à sua casa, a seu bairro ou ao lugar onde você trabalha. Para que a Grande Comissão seja cumprida ali, para que Cristo tenha um testemunho nos “confins da terra”, um cristão como você tem que se disciplinar a fazê-lo.²⁰

Conforme Dever apresenta, cada cristão tem uma tarefa na proclamação do evangelho. Os apóstolos fizeram sua parte em seus dias, mas agora, essa missão foi transmitida para aqueles que foram chamados a anunciar o evangelho. Percebe-se, então, que a tarefa de evangelização no processo de plantação de igreja é de todos. Cada cristão tem um papel

¹⁹ DEYOUNG, Kevin; GILBERT, Greg. **Qual a missão da igreja?** São José dos Campos: Fiel, 2012, p. 51.

²⁰ WHITNEY, 2009, p. 126.

fundamental nesse processo, basta estar em plena intimidade com o Senhor e com sua Palavra. Então, entenderá que é preciso correr e aproveitar cada oportunidade.

No cumprimento da missão, é preciso ter consciência de que pessoas estão partindo a cada minuto sem ter o conhecimento da verdade. É preciso ser responsivo à ordem, sendo obedientes à convocação que faz diferença e traz transformação de vida e condição.

Ao tratar da “Grande Comissão” direcionada aos discípulos de Cristo, cabe refletir que se recebeu dele uma missão: fazer discípulos. Essa é a ênfase que Jesus deixou para os seus discípulos, como mencionado por Marshall, Colin e Payne, Tony. Segundo eles:

A Grande Comissão não é fundamentalmente sobre missões em algum lugar de outro país. É uma comissão que torna o fazer discípulos a agenda e a prioridade normal de cada igreja e de cada discípulo cristão. A autoridade de Jesus não está limitada em qualquer aspecto. Ele é o senhor e soberano de minha rua, meus vizinhos, minha cidade, minha nação – e, sim, de todo o mundo. Jamais deveríamos parar de enviar missionários para pregar o evangelho em lugares onde ele precisa ser ouvido, mas devemos também ver o *fazer discípulos* como a tarefa central de nossos lares, vizinhanças e igrejas.²¹

Percebe-se que a centralidade de toda prática evangelizadora é fazer novos discípulos. Jesus não restringiu, nem limitou sua tarefa aos doze discípulos. Ele quer realizar sua obra em todo mundo, isso inclui pessoas que estão dispostas a segui-lo. Cabe à igreja investir todos os esforços para que essa tarefa seja prioridade na vida dos seguidores de Cristo.

A missão de “fazer discípulos” continua para todo discípulo de Cristo. Seus discípulos de fato foram instruídos diretamente pelo Senhor, mas essa tarefa inclui todos aqueles que foram restaurados pelo poder da cruz. Reconhece-se que:

A instrução de Jesus sobre “*fazer discípulos*” registrada em Mateus 28.19, é apenas uma mensagem específica para os apóstolos reunidos em volta dele no tempo de sua aparição final, após a ressurreição. Os primeiros discípulos foram instruídos a “*fazer discípulos*” de outros. E visto que estes novos discípulos estavam sob senhorio universal de Cristo e devia obedecer ao que Jesus ensinara, ficaram sob a mesma obrigação dada às doze originais, de prosseguir o trabalho de anunciar o senhorio de Cristo, como fizeram seus ouvintes, e assim por diante “até a consumação do século”.²²

O chamado à “Grande Comissão”, com a ênfase principal de “fazer discípulos”, é de fato um papel extremamente importante na formação e construção de uma igreja madura, instruída; é, ainda, modelo para aquilo que foi estabelecido pelo Senhor. Cada discípulo recebe o legado de fazer outros discípulos de Jesus. Numa perspectiva evangelista isso é fundamental.

Pode-se afirmar que a plantação de novas igrejas só poderá acontecer, se de fato a igreja, existente e visível, perceber e levar a sério a relevância da evangelização nesse processo; ela deve incluir esse objetivo como prioridade nas ações da igreja local, desde as

²¹ PAYNE, Tony; MARSHALL, Colin. **A treliça e a videira**. São José do Campos: Fiel, 2015, p. 19.

²² PAYNE; MARSHALL, 2015, p. 20.

atividades sociais, trabalhos de campo, programas cotidianos da igreja que visem recrutar discípulos chamados a realizar esse trabalho de evangelização.

Para que se possa despertar o interesse da Igreja, é importante avaliar algumas passagens bíblicas, tanto no livro de Atos, como nos escritos de Paulo, que reportam a relevância da vida dos primeiros cristãos e do apóstolo Paulo para o início da plantação da igreja.

A contribuição deles poderá fornecer ferramentas e meios eficazes para esse processo de plantação de igreja. Pode-se dizer que, tanto os primeiros cristãos, como Paulo, foram um grande exemplo de pessoas que tinham um propósito em comum: anunciar o evangelho aos não evangelizados, a fim de que pudessem ouvir e conhecer a Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a breve análise de algumas passagens bíblicas para identificar exemplos, estratégias e métodos que vão contribuir para aquele que tem como tarefa o ministério de plantar igreja, utilizando exemplos e ferramentas confiáveis e seguras, foram aplicadas tanto pelos primeiros cristãos da igreja primitiva, quanto pelo apóstolo Paulo.

Ao analisar esses exemplos, a evangelização poderá ser facilmente utilizada no processo de plantação de igreja. Observa-se que mesmo que a igreja esteja crescendo e a comunhão seja maravilhosa, é preciso olhar para os campos.

O “indo” da Grande Comissão indica uma ação contínua e que requer fazer a obra, atendendo o comissionamento e sendo testemunhas em lugares mais distantes, espalhando seus seguidores por diversos lugares do mundo e levando a mensagem que queima em seus corações. Eles praticavam a evangelização de maneira que por onde passam seja divulgada sua fé.

REFERÊNCIAS

AFONSO, M. L. C.; DOMINGUES, Gleyds Silva. A Igreja e a Missão Evangelizadora. **Teologia e Espiritualidade**. Curitiba, n. 08, v. 4, dezembro, 2017.

BÍBLIA Sagrada. Almeida Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BÍBLIA de Estudo MacArthur. 2.ed. São Paulo: Barueri, 2010.

BRUCE, F. F. **João**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1987.

DEVER, Mark. **Nove marcas de uma igreja saudável**. São José dos Campos: Fiel, 2007.

DEVER, Mark. **O Evangelho e a evangelização**. São José dos Campos: Fiel, 2011.

DEYOUG, Kevin; GILBERT, Greg. **Qual a missão da igreja?** São José dos Campos: Fiel, 2012.

PAYNE, Tony; MARSHALL, Colin. **A treliça e a videira**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

PIPER, John. **Evangelização e missões**. São José dos Campos: Fiel, 2011.

PIPER, John. **Alegrem-se os povos**: a supremacia de Deus em missões. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

PETERS, George W. **Teologia bíblica de missões**. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

SPURGEON, C. H. **O conquistador de almas**. São Paulo: PES. 1993.

STOTT, John. **A igreja autêntica**. Viçosa: Ultimato, 2007.

STOTT, John. **Pacto de Lausanne**: comentado por John Stott. 2.ed. Belo Horizonte: Visão Mundial, 2003.

WHITNEY, Donald S. **Disciplinas espirituais para a vida cristã**. São Paulo: Batista Regular, 2009.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.007

Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

UMA ANÁLISE DIANTE DA ORIGEM DO SOFRIMENTO NAS VERTENTES SECULAR E BÍBLICA

An analysis of the origin of suffering from secular and biblical perspectives

Wesley Ribeiro da Silva¹

RESUMO

Este artigo demonstra que o sofrimento é algo benéfico ao cristão e faz parte do plano de Deus para a sua vida e, principalmente, para o seu crescimento espiritual, além de fortalecer a sua confiança na soberania e no cuidado divinos. O problema que esta investigação visa responder é o seguinte: qual é a perspectiva bíblica e secular do sofrimento e por que razão Deus permite o sofrimento na vida das pessoas? Deus permite o sofrimento por dois motivos principais: para que as pessoas possam aprender através do sofrimento; e como consequência do episódio da Queda. O objetivo geral foi discorrer sobre a perspectiva bíblica do sofrimento, identificando a maneira soberana como Deus age e permite o sofrimento, de maneira individual e coletiva, no decorrer da narrativa bíblica. Por fim, considera-se que o sofrimento como um instrumento poderoso nas mãos do Senhor para maturidade do servo fiel e do crescimento espiritual tanto do crente como da igreja.

Palavras-chave: Sofrimento. Perspectivas. Soberania de Deus. Vida cristã.

ABSTRACT

This article demonstrates that suffering is beneficial for Christians and is a part of God's plan for their lives and, mainly, for their spiritual growth, as well as strengthening their trust in God's sovereignty and care. The problem this research aims to answer is: what are the biblical and secular perspectives on suffering and why does God allow suffering in

¹ Mestrado em Ministério na Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico-FORMEB. Pastor da Igreja Batista Fundamental em Porto Alegre/RS. Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista Regular do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4672-9791>; E-mail: werisil@hotmail.com

people's lives? God allows suffering for two main reasons: so that people can learn through suffering; and as a consequence of the Fall. The general objective was to discuss the biblical perspective of suffering, identifying the sovereign way in which God acts and allows suffering, both individually and collectively, throughout the biblical narrative. Finally, suffering is considered as a powerful instrument in the Lord's hands for the maturity of the faithful servant and the spiritual growth of both the believer and the church.

Keywords: Suffering. Perspectives. God's Sovereignty. Christian Life.

INTRODUÇÃO

A Teologia Bíblica ao abordar o tema do sofrimento busca compreender a origem, o propósito e sua natureza, a partir dos atributos de soberania, governo e autoridade do agir de Deus na vida dos homens, no intuito de evidenciá-lo como integrante da vida, o que se distancia de conotações associadas a castigos e/ou maldições.

O sofrimento é descrito no âmbito geral, por isso que se analisa as explicações decorrentes de visões filosóficas, seculares e de religiões não cristãs, isso contribui para que se possa ter um ponto de partida de análise do fenômeno e das atribuições difundidas na realidade social.

No desenvolvimento do artigo, analisa-se o sofrimento em episódios bíblicos selecionados do Antigo e Novo Testamentos, no sentido de apresentar um panorama sobre como o sofrimento entrou no mundo e se estabeleceu a partir da Queda, descrito nos três primeiros capítulos de Gênesis.

Aborda-se, ainda, sobre a atenção a ser mantida com declarações de que todo sofrimento é resultado do pecado e se reconhece a linha argumentativa de que quando o sofrimento é visto como instrumento de Deus, são destacados os atributos da soberania, governo e autoridade sobre todas as coisas e, como segundo a sua vontade, o sofrimento pode ser utilizado como instrumento que produz crescimento na vida pessoal. Por fim, apresenta-se o sofrimento de Cristo, esclarecendo que é primordial para que a humanidade possa se reconciliar com Deus.

1. DEFINIÇÕES DE SOFRIMENTO E AS DIFERENTES VERTENTES

Sufrimento e dor são temas recorrentes na filosofia e no imaginário da sociedade. É fácil, até certo ponto, compreender que o sofrimento é a consequência das maldades da humanidade. As redes sociais estão inundadas de vídeos de pessoas, brutalmente espancadas devido a roubo, assassinato, estupro etc. Parece haver uma proliferação deste tipo sofrimento, mas para os que compartilham, há uma satisfação em ver o sofrimento dos ofensores. Mas o que dizer das pessoas que sofrem sem ter cometido qualquer tipo de atrocidade?

Todos sofrem, sem exceção. Nicodemus ressalta que “nem sempre há uma lógica clara do porquê uma pessoa sofre e outra não. Parece que o mesmo mal que acomete um, acomete

outro, sábio, néscio, rico, pobre, iletrado ou erudito [...]. O sofrimento é algo universal e não isenta ninguém”.²

Para o cristão, não há dúvida sobre o agir soberano de Deus em todas as situações de sua vida, porém, para o cético, conforme Craig, “é difícil aceitar que existe um Deus Todo Poderoso e todo-amoroso, que permite tanta dor e sofrimento no mundo”.³ Esta, talvez, seja a maior indagação que os cristãos já tiveram que responder para os não-cristãos, visto que estes não compreendem a necessidade do sofrimento na vida do povo de Deus, nem mesmo aceitam o modo como Deus agiu, principalmente, no Antigo Testamento.

Mesmo com o entendimento do sofrimento como algo comum, existem ainda outras visões que se destacam na atualidade por darem ao sofrimento a categoria de doença, todavia, não é uma visão unificada. No parecer emitido pela Organização Mundial da Saúde-OMS, o sofrimento é atrelado à depressão, porém, Mosé manifesta-se contrário a isso e argumenta que:

O sofrimento é parte da vida, e ele tem que ser tratado com arte. Quando a Organização Mundial da Saúde diz que no século XXI, se não fosse a pandemia, a doença mais incapacitante do mundo seria a depressão, é porque está se considerando depressão uma diferença individual que diz respeito ao sofrimento. Hoje, sofrer é ter depressão. [...] Nós não somos deprimidos, estamos sofrendo. É preciso parar de chamar de depressão o sofrimento. Porque ao chamar o seu sofrimento de doença você fica sob o domínio de quem lhe cura.⁴

A visão de que o sofrimento é uma doença, não é compartilhada apenas pela OMS, mas grandes países usam o sofrimento das pessoas como fonte de lucro. Lyra cita a experiência médica de Brand, que atuou em países como a Inglaterra, Índia e Estados Unidos, dizendo que:

Enquanto na Índia seus pacientes esperavam o sofrimento e aprenderam a não o temer, nos EUA os pacientes eram muito menos preparados para lidar com o sofrimento e muito mais traumatizados por ele. O alívio da dor nos Estados Unidos sustenta uma indústria que movimenta muitos bilhões de dólares por ano, e os comerciais de televisão anunciam remédios cada vez melhores e mais rápidos para dor.⁵

Confunde-se sofrimento como doença, ao invés de compreendê-lo como parte da experiência humana. Na visão dos grandes filósofos e pensadores do passado, o sofrimento é necessário para alcançar a alegria e a felicidade. Nesse entendimento, se destacam a visão filosófica de Nietzsche e Freud, de que:

² NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 101.

³ CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 91.

⁴ MOSÉ, Viviane. **O sofrimento faz parte da vida**. [Entrevista concedida a] Adriano De Lavor. **Radis**. Rio de Janeiro. 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/entrevista/saude-mental/o-sofrimento-faz-parte-da-vida/>, s/p.

⁵ LYRA, Fernando. **O lado B do sofrimento**. Curitiba: Esperança, 2017, pos.98.

[...] o sofrimento é uma travessia a ser percorrida para a passagem à alegria ou para que haja mudança psíquica. Segundo Nietzsche, a dor é valorizada como uma via que pode tornar os homens mais fortes.⁶

Da mesma maneira, Andrade afirma que “o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade. A dor é inevitável. O sofrimento é opcional”.⁷ Apesar de Andrade ser considerado um grande literato brasileiro, observa-se que sua visão de sofrimento está associada ao desejo e querer do ser humano, ou seja, ele sofre se desejar isso para sua vida, portanto, o sofrimento é como se fosse algo fabricado e intentado pelo ser humano. Será que é possível defini-lo dessa forma ou a explicação é limitada diante da sua complexidade e existência?

Acerca de religiões não cristãs, o budismo define o sofrimento como “uma tristeza que penetra no fundo do coração e pode se prolongar por muito tempo, tornando-se uma miséria de difícil superação”.⁸ Aqui, o sofrimento é encarado como uma maldição que torna a continuidade da existência em uma dor que não se finda. Uma perspectiva fatalista sobre o sentido do sofrimento.

Segundo Freire, a visão espírita do sofrimento o define como o “padecimento de uma dor física, moral, emocional ou psicológica, que está intrinsecamente relacionado ao processo de evolução do Espírito, enquanto prevalecer a natureza animal sobre a natureza espiritual do ser.”⁹ Nessa vertente, o sofrimento é a transição de um estado para o outro. A cessação só ocorre após a evolução do espírito humano.

Já o Islamismo enxerga sofrimento como algo que, na maioria das vezes, se associa a maneira como se enxerga um problema. Por isso, que considera como “percepções limitadas de um problema, e podem ser até mesmo uma bênção vinda de Allah”.¹⁰ O sofrimento, portanto, envolve uma limitação diante de um problema, podendo até mesmo constituir-se em uma bênção. Isso indica que não se pode ficar preso ao sofrimento, mas tentar compreender o seu motivo.

No Hinduísmo “cada pessoa deve salvar-se a si mesma pela autopurificação em sucessivas reencarnações, pela meditação (ioga) e pelos sofrimentos, naturais ou impostos, que, segundo acreditam, levam o homem a expiar seus próprios pecados”.¹¹ Nesse sentido, o sofrimento é um meio de purificação interior.

⁶ FORTES, Isabel. **O sofrimento como travessia**: Nietzsche e a Psicanálise. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v5n1/06.pdf>. Acesso em 06/08/2020, p.1.

⁷ BORGES FILHO, João Nascimento. **Amor & Filosofia Cultural - Carlos Drummond de Andrade**. UNIFAP. Disponível em: <https://www2.unifap.br/borges/files/2011/03/Amor-Filosofia-Cultural-Carlos-Drummond-de-Andrade.pdf>. Acesso em 03/06/2023. p. 12.

⁸ PRAJNANANANDA, Paramahansa. **Libertando-se do sofrimento**. Viena: Prajna, 2018, p. 9.

⁹ FREIRE, Osmir. **No mundo tereis aflições**. Disponível em: <https://femar.org.br/no-mundo-tereis-aflicoes/>. Acesso em 06/06/2023.

¹⁰ KELLER, Nuh Ha Mim. **Por que Allah permite o sofrimento e o mal? O que é o mal?** Disponível em: <https://iqarislam.com/allah-permite-o-sofrimento>. Acesso em 06/06/2023

¹¹ **BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDO**. São Paulo: ICP, 2000.

As visões ressaltam que há possibilidade de crescimento pessoal por meio do sofrimento. Nenhuma visão secular compreende o sofrimento como um mal desnecessário, mas que ele é algo produzido pelo homem frente às situações cotidianas de sua vida. Interessante ressaltar que, mesmo que o sofrimento seja considerado como parte da vida humana, a tendência da modernidade é procurar fugir dele. Lyra argumenta que: “a sociedade ocidental evita a qualquer custo o sofrimento. [...] Sendo assim, o sofrimento é visto como um ultraje à vida humana. Parece haver no inconsciente coletivo ocidental a ideia de que é proibido sofrer ou sentir dor”.¹²

A visão divina é oposta à visão geral do sofrimento. Segundo Manser, “a Bíblia considera que o sofrimento não ocorre fora da autoridade de Deus e, derradeiramente, é o resultado da desobediência humana”¹³, portanto, é possível dizer que o sofrimento tem uma causa e que produz consequências na vida do ser humano. É isso que se aborda a seguir.

2. ENTENDIMENTOS SOBRE O SIGNIFICADO DO SOFRIMENTO NO CONTEXTO BÍBLICO

A realidade do sofrimento na humanidade é algo desafiador para a crença de um ser superior, criador e soberano sobre todas as coisas. A teologia bíblica visa compreender de que maneira o sofrimento é abordado e quais as respostas de Deus às adversidades enfrentadas pelo ser humano.

Segundo Rossi e Silva, as palavras “sofrer” e “sofrimento” possuem diversos termos sinônimos na Bíblia hebraica¹⁴, o que indica que é preciso compreender o emprego da palavra no contexto originário para que se possa fazer a tradução correta da palavra.

Para melhor visualização e compreensão das explicações efetivadas, faz-se uso do Dicionário Internacional do Antigo Testamento, apresentando os verbetes, os significados e as ocorrências bíblicas dispostos em um quadro.

QUADRO 1: VERBETES E SIGNIFICADOS

Verbetes	Significado	Ocorrência
<i>'awen</i>	Sufrimento - designa uma ampla gama de significados como tristeza, idolatria, maldade, iniquidade, mal, vazio. O salmista, ao afirmar que nossos setenta ou oitenta anos passam depressa, declara que “a maior parte deles é fadiga e sofrimento”. ¹⁵	Sl 90.10
<i>hûl</i>	Sufrer dor - (refere-se a sofrer dores de parto, estar angustiado, sofrer dor; dançar, voltear, contorcer-se; temer, tremer. A angústia diante do exílio, em vista da libertação, é descrita com este verbo: “Contorce-te de dor como uma parturiente”. ¹⁶	Mq 4.10

¹² LYRA, 2017, pos.98.

¹³ MANSER, M. H. **Guia Cristão de Leitura da Bíblia**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013, p. 818.

¹⁴ ROSSI, Luiz A. Solano; SILVA, Valmor da. **Sufrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021, p. 5.

¹⁵ HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 36-37.

¹⁶ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 437-440.

hala'	Sofrer – é sofrer por estar doente. Ao servo sofredor e triunfante se declara: “Yhwh quis esmagá-lo pelo sofrimento”. ¹⁷	Is 53.10
yagah	Sofrer – significa sofrer, lamentar, afligir. O sentido básico é a aflição mental. Lamentações afirma que o Senhor não rejeita os humanos: “se ele aflige, ele se compadece”. ¹⁸	Lm 3.32
'amal	Trabalhar – é usado com o sentido de “trabalhar arduamente”, além de haver outros verbos com o significado de “trabalhar”. O autor de Eclesiastes questiona: “Que proveito tira o homem de todo o trabalho com que labuta debaixo do sol?” ¹⁹	Ec 1.3
tsarah'	Sofrer doença de pele – refere-se a diversos tipos de doença dessa natureza, designada normalmente como “ficar leproso”. Para a pessoa que contraiu doenças de pele e para a sua purificação, há diversas recomendações na Bíblia”. ²⁰	Lv 13
tsarar	Sofrer-aflição – é sentir-se apertado, comprimido em um lugar estreito, como se estivesse amarrado ou enfeixado Ao referir-se ao exílio e ao retorno, com o aumento do número de pessoas na terra, o profeta afirma: “Tuas ruínas, teus escombros, tua terra desolada agora são estreitos demais para teus habitantes”. ²¹	Is 49.19
shakal	Estar enlutado refere-se à perda de filhos, daí a possibilidade de traduzir como “desfilhar”. Jeremias refere-se à rebeldia do povo, afirmando: “Privei de filhos, destruí o meu povo”. ²²	Jr 15.7

Fonte: Adaptado do Dicionário Internacional do Antigo Testamento, 1998.

Interessante que no Novo Testamento, a palavra usada para os sofrimentos de Cristo, de seus seguidores e outras situações similares é *pascho*.²³ Isso indica que a palavra sofrimento está presente nas Escrituras. Desde Gênesis até o Apocalipse, no agir de Deus na criação do homem até o estado futuro é possível visualizar como Deus usa o sofrimento como disciplina ou correção do pecado, bem como também pode ser usado para fortalecer a fé ou identificação com os sofrimentos de Cristo, conforme Paulo declara em 2 Coríntios 12,10. Como afirma Keller: “O sofrimento faz parte do bom plano de Deus”.²⁴

A Palavra de Deus reconhece a realidade do sofrimento e sobre ele apresenta várias perspectivas. Em especial no Antigo Testamento, o tema é abordado de diferentes maneiras de Gênesis a Malaquias, tanto de maneira individual, como Jó, quanto coletiva, como os relatos do exílio dos judeus na Babilônia.

De maneira justa, Keller afirma que “um dos temas principais da Bíblia é o sofrimento”.²⁵ Em seu breve resumo sobre o sofrimento no Antigo Testamento, declara que:

O livro de Gênesis começa com a narrativa de como o mal e a morte entraram no mundo. Êxodo relata os quarenta anos de Israel no deserto, um tempo de

¹⁷ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 462-463.

¹⁸ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 588-589.

¹⁹ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 1131-1132.

²⁰ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 1306-1308.

²¹ HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 1309-1311.

²² HARRIS; ARCHER JR; WALTKE, 1998, p. 1558-1559.

²³ ROSSI, Luiz A. Solano; SILVA, Valmor da. **Sufrimento e Esperança na Bíblia**. São Paulo. Paulus, 2021, p. 7.

²⁴ KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 17.

²⁵ KELLER, 2016, p. 353.

testes e provações intensos. A literatura de sabedoria do Antigo Testamento é amplamente dedicada à questão do sofrimento. O livro de Salmos apresenta uma oração para cada situação possível na vida, e é impressionante como está repleto de lamentos de dor e de perguntas diretas a Deus sobre a aparente casualidade e injustiça do sofrimento. O autor do Sl 44 contempla a devastação de seu país e clama: “Desperta! Por que dormes, Senhor? Acorda!... Por que escondes o rosto e te esqueces da nossa tribulação e da nossa angústia?” (v. 23,24). Os livros de Jó e Eclesiastes são quase inteiramente dedicados à profunda reflexão sobre o sofrimento injusto e a frustrante inutilidade que caracteriza boa parte da vida. Os profetas Jeremias e Habacuque expressam de forma pungente o clamor humano de que o mal parece dominar a história.²⁶

Desta forma, o entendimento da teologia bíblica é que Deus é soberano para usar o sofrimento como um instrumento de sua vontade a fim de que seus propósitos sejam cumpridos, seja na vida dos personagens bíblicos como nos cristãos atuais. Nesse sentido, os subtópicos evidenciam episódios que marcam a presença do sofrimento, evidenciando a causa e as consequências decorrentes.

Aqui são abordados especificamente os livros de Gênesis e Jó, pois, em ambos, informações sobre a teologia bíblica do sofrimento podem ser vistas de maneira mais enfática. Na narrativa de Gênesis, o autor bíblico destaca a partir do capítulo 3 os males que o pecado original trouxe à humanidade, por este motivo, se faz necessário compreender o início do sofrimento e como ele entrou no mundo. Sobre a narrativa de Jó, é discorrido sobre a soberania de Deus no sofrimento do justo, bem como não se pode concluir que todo sofrimento é causado pelo pecado.

2.1 O sofrimento no episódio da “Queda”

Na narrativa bíblica, o livro de Gênesis não vai explicar o motivo de todos os sofrimentos do mundo, porém, ele conta como tudo começou. Como Deus “fez o mundo bom, sem sofrimento” (Gn 1,31), todavia, devido ao pecado, a humanidade se corrompeu e como o “sofrimento está associado com as perturbações causadas pelo pecado”.²⁷ Em Gênesis é demonstrado que “o mal não foi criado por Deus, mas nasceu da rebelião contra ele”.²⁸ Keller afirma que em Gênesis 1–2:

Deus colocou a humanidade num mundo sem morte nem sofrimento. O mal que testemunhamos hoje não fazia parte do projeto original de Deus [...], não fomos criados para simplesmente virar pó; o amor foi criado para ser eterno.²⁹

O capítulo 3 de Gênesis relata como Adão e Eva escolheram livremente rebelar-se contra Deus, mediante a influência da serpente (Gn 3.1-7). De acordo com Raniel, “o resultado disso foi a depravação humana universal. Toda humanidade tornou-se pecadora por natureza e

²⁶ KELLER, 2016, p. 17.

²⁷ **BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

²⁸ RANIEL, Pedro. **O sofrimento dos justos**. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022, p. 26.

²⁹ KELLER, 2016, p. 160-161.

toda a criação foi corrompida, sendo fadada a morte e a dor. Por conseguinte, todo sofrimento é resultado do nosso pecado”.³⁰ Lewis observa que “o mundo inteiro foi infectado pela rebelião incriadora de Adão”.³¹

Nzuzi comenta que “a dor e sofrimento são considerados como ‘invasores’ neste mundo, pois a criação foi feita boa e livre de dor [...], mas, quando o pecado entrou, o sofrimento também penetrou em forma de conflito, dor, corrupção, trabalho penoso e morte (Gn 3.15-19)”.³² Neste sentido, Nogueira afirma que com a queda do homem, perdemos o dom preternatural da impassibilidade, isso é, a graça de não sofrer.³³

Segundo as perspectivas apresentadas, a teologia bíblica afirma que o sofrimento é o resultado da queda do homem. Os pais originais trouxeram dor, morte e sofrimento por conta da separação de Deus e da humanidade. Carvalho argumenta que “ao pecar, Adão abriu a porta para o mal entrar no mundo”³⁴, conseqüentemente, por conta do pecado de Adão, é impossível ao homem não pecar e como resultado, não colher os frutos de sua rebeldia. Como resultado disso, Carini ressalta que:

O ser humano não é somente afetado em várias maneiras pelo pecado; a humanidade também é afetada pelo sofrimento e miséria, as punições do pecado. Esses sofrimentos podem surgir do desastre natural, das circunstâncias da vida, da opressão política, do pecado dos outros, do nosso próprio pecado, da desordem psicológica, dos frustrantes “espinhos e cardos” que agora atrapalham a obra humana (Gn 3.18).³⁵

O autor bíblico relata as conseqüências da rebeldia do homem contra Deus. Primeiramente, após a queda, houve a perda da comunhão do homem com Deus (Gn 3.8). Ryrie afirma que a perda da comunhão se evidencia na tentativa do homem de esconder-se de Deus e que isso trouxe à raça humana tanto a morte física quanto a espiritual.³⁶ Posteriormente, após a perda da comunhão, o sofrimento entra no mundo como conseqüência do pecado original. Sobre Eva e as mulheres (Gn 3.16), os sofrimentos que a mulher sente na gravidez seriam multiplicados, além da dor na concepção dos filhos. O verso 16 ainda relata que o desejo da mulher seria para o seu marido, além dela também ser controlada por ele. Acerca disso, MacArthur comenta:

Assim como a mulher e sua semente travarão guerra contra a serpente, ou seja, contra Satanás e sua semente (v. 15), devido ao pecado e a maldição, o homem e a mulher enfrentarão dificuldades em seu próprio relacionamento. O pecado transformou o sistema harmonioso de papéis ordenados por Deus em lutas abomináveis da vontade própria. Companheiros vitalícios, maridos e esposas, precisarão da ajuda de Deus para conviver em decorrência disso.

³⁰ RANIEL, 2022, p.26.

³¹ LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 151.

³² NZUZI, José. **O propósito da sua dor**. Guarujá: Edição do Autor, 2015, pos. 336.

³³ NOGUEIRA, Maria Emmir O. **Como Transformar a Dor em Amor**. Aquiraz, CE: Shalom, 2017. pos.91.

³⁴ CARVALHO, Éder. **Quando os justos são injustiçados: o caminho dos salvos em meio ao sofrimento**. Joinville: Edição do Autor, 2022, p. 14.

³⁵ CARINI, J. B. **Os efeitos da queda sobre a humanidade**. Bellingham: Lexham, 2018, s/p.

³⁶ RYRIE, Charles C. **Teologia básica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004, p. 234.

O desejo da mulher será dominar o marido, mas o marido dominará segundo o plano divino (Ef 5.22-25).³⁷

Em relação às consequências do pecado sobre Adão e os homens (Gn 3.17-24), primeiramente a terra foi amaldiçoada. O trabalho do homem seria aumentado para fazer a terra produzir e isto causaria nele “cardos e abrolhos”. Ryrie observa que antes da maldição sobre a terra, o trabalho de Adão era agradável e o satisfazia, porém, agora passaria a ser difícil e sem resultados.³⁸ Outra consequência sobre Adão (e sobre toda humanidade) foi a morte. O autor bíblico relata que “até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (Gn 3.19). Finalmente, Adão e sua esposa foram expulsos do Éden. Ryrie afirma que “esse foi um ato com sentido tanto geográfico quanto espiritual, simbolizando a quebra da comunhão”.³⁹

Conforme a narrativa de Gênesis, o sofrimento é uma consequência direta do pecado de Adão e da separação do homem de Deus. Keller afirma que:

Os três primeiros capítulos de Gênesis afirmam que o sofrimento é consequência do pecado, particularmente do pecado original da humanidade de voltar-se contra Deus. Após Adão e Eva terem desobedecido ao Criador, este descreve como será o mundo caído. A descrição é praticamente uma lista de todas as formas de sofrimento, incluindo alienação espiritual, aflição psicológica, conflito e crueldade interpessoal e social, desastres naturais, enfermidade e morte (Gn 3.17ss). Entende-se que todo esse mal moral e natural é consequência da ruptura fundamental do nosso relacionamento com Deus. Os sofrimentos começam quando Adão e Eva são expulsos do Jardim do Éden (3.23-24). O exílio do casal é a primeira ocasião em que o sofrimento é infligido como castigo.⁴⁰

A Bíblia deixa claro que através da queda de Adão, o pecado tornou-se parte da raça humana, conforme Rm 5.12: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (grifo meu). MacArthur afirma que “nosso potencial de pecar é inato. Uma pessoa é pecadora antes mesmo de ter a oportunidade de pecar. Todos herdaram os efeitos da Queda de Adão”.⁴¹

Mesmo o homem carregando o fardo genético do pecado original e o sofrimento como causa direta do pecado, Keller argumenta que a existência do sofrimento no mundo é uma forma de justiça, porém, que este juízo não terminou com o pecado original, nem com a expulsão do homem do Jardim do Éden.⁴² Em suma, o Antigo Testamento, em sua maior parte, não trata o sofrimento da humanidade de modo geral, mas especificamente de modo particular a indivíduos ou nações, dando ênfase principalmente ao povo de Deus. Sobre isso, Ferguson e Wright afirmam que:

³⁷ MACARTHUR, John. **Comentário bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 116.

³⁸ RYRIE, 2004, p. 235.

³⁹ RYRIE, 2004, p. 236.

⁴⁰ KELLER, 2016, p. 181.

⁴¹ MACARTHUR, 2019, p. 115.

⁴² KELLER, 2016, p. 182.

O sofrimento assume um caráter destacadamente negativo em muitas partes do AT, devido à natureza do pacto mosaico, que estipulava para os filhos de Israel saúde, prosperidade e sucesso pela obediência e aflições diversas pela desobediência (e.g., Ex 15.25-26; 23.25-26; Lv 26; Dt 28–30). A natureza corporativa e material do pacto confere às suas bênçãos e maldições uma qualidade distinta daquela de qualquer prosperidade ou sofrimento que não tenha com causa principal um relacionamento pactual com base na fidelidade.⁴³

A partir da consequência individual e, posteriormente, coletiva do pecado de Adão, o que se compreende de todo relato bíblico é que “de modo geral, Deus recompensa e castiga povos e indivíduos com base em seus atos ou simplesmente permite que pessoas colham as consequências naturais do que plantaram”.⁴⁴ Isso quer dizer que o homem receberá a consequência positiva ou negativa dos seus atos. A isto, Paulo disse “tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7).

2.2 O sofrimento como instrumento de Deus na vida de Jó

Outro livro do Antigo Testamento em que o sofrimento é retratado de maneira plena é o livro de Jó. Chafer afirma que “o mais antigo de todos os livros da Bíblia a ser escrito, é dedicado ao problema complicado do sofrimento”.⁴⁵ Piragine Junior destaca que o sofrimento humano e como entendê-lo é o tema do livro de Jó.⁴⁶ Keller ressalta que é impossível entender o que a Bíblia ensina a respeito do sofrimento sem considerar o livro de Jó”.⁴⁷

O livro de Jó e seu sofrimento também são parte da resposta da pergunta que por vezes atemoriza os filhos de Deus: será que todo sofrimento é causado pelo pecado? Nzuni declara que “nem sempre passamos por momentos turbulentos porque pecamos. Podemos estar sob uma nuvem negra e sofrer perdas, simplesmente por sermos justos, fiéis como Jó”.⁴⁸

A narrativa bíblica descreve Jó como um homem íntegro, reto e que se desviava do mal (Jó 1.1). Era um homem com uma família amora e numerosa (Jó 1.2-4), gozava de prosperidade material (Jó 1.3), além de ser um homem piedoso (Jó 1.5) que não se preocupava apenas consigo, mas com a vida espiritual dos seus filhos. No entanto, Jó enfrenta uma série de tragédias, tais como a morte dos seus filhos, a perda de sua riqueza material, bem como o sofrimento de maneira exacerbada.

O sofrimento de Jó não foi causado por circunstâncias pessoais, familiares ou por conta do pecado, o autor do sofrimento de Jó foi Deus, conforme argumenta Carvalho: “o livro de Jó é muito claro em dizer que foi Deus quem provocou o sofrimento de Jó. Não foi o Diabo,

⁴³ FERGUSON, Sinclair B; WRIGHT. **Novo Dicionário de Teologia**. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 937-938.

⁴⁴ KELLER, 2016, p. 182.

⁴⁵ CHAFER, L. S. **Teologia sistemática, Vol 7 e 8**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 259.

⁴⁶ PIRAGINE JUNIOR, Paschoal. **Estou sofrendo: Deus tem respostas para o sofrimento humano?** Curitiba: Águas Profundas, 2021, p. 1.

⁴⁷ KELLER, 2016, p. 356.

⁴⁸ NZUNI, 2015, pos. 175.

uma vez que foi o Senhor quem chamou a atenção de Satanás para a vida de Jó, e foi Ele quem autorizou o inimigo a fazer o que fez”.⁴⁹

O sofrimento de Jó é claro para os leitores da Bíblia, mas não para o próprio Jó. Wiersbe declara que “Jó sabia o que havia acontecido, mas não sabia por que isso havia ocorrido; esse era o ‘x’ da questão”.⁵⁰ Posteriormente, o autor bíblico relata o encontro celestial entre Deus e Satanás (Jó 1.6-12).

Ao apresentar-se diante de Deus, Satanás foi desafiado por Ele a observar a vida de seu servo Jó “porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (Jó 1.8). Satanás, por sua vez, deixou claro que a fidelidade de Jó era fruto do interesse dele para com aquilo que Deus o havia dado (Jó 1.9-11). MacArthur destaca que em sua resposta à indagação de Deus acerca da fidelidade de Jó, “Satanás afirmou que os crentes verdadeiros são fiéis somente enquanto prosperam. Tire a prosperidade deles, afirma Satanás, e eles rejeitarão a Deus”.⁵¹

O Senhor Deus permitiu a Satanás trazer sofrimentos à vida de Jó (Jó 1.12), porém, estava vedado ao diabo “tocar” fisicamente nele, coisa que no capítulo seguinte (Jó 2.6), lhe é permitido fazer, mas poupando a vida de Jó. Keller, sobre o agir de Deus sobre Satanás, afirma que “Deus está totalmente no comando. Ele tem controle absoluto sobre Satanás, que só vai aonde Deus permite, nem um passo a mais. Sem sombra de dúvida, Deus é Soberano”.⁵² Conforme Wiersbe, “o motivo fundamental do sofrimento de Jó foi silenciar as acusações blasfemas de Satanás e provar que, mesmo tendo perdido tudo, um homem honraria a Deus”.⁵³

No final do capítulo 1, Jó demonstra seu caráter ao adorar a Deus, mesmo em meio ao seu sofrimento (Jó 1.20-21). Jó reconhece a soberania de Deus sobre sua vida, quando diz no verso 21: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!”.

No capítulo 2 de Jó, outros personagens, além de Satanás, aparecem no relato bíblico. Cada um com sua carga sobre Jó. Satanás novamente acusando Jó de não ter sido afligido fisicamente (2.4-5), a esposa de Jó que vendo o seu sofrimento, aconselha que ele blasfeme contra Deus e morra (2.9-10) e finalmente, os amigos de Jó que chegam para lhe dar consolo e lamentar com ele seu sofrimento (2.11-13).

Acerca da esposa de Jó, é necessário fazer uma observação. Pedrosa e Kunz argumentam que a palavra hebraica *bārak* (usada em Jó 2.9 e traduzida como “amaldiçoar”), pode ter sido traduzida de maneira equivocada, visto que na Bíblia, mais de trezentas vezes, seu significado principal foi “abençoar” e não “amaldiçoar”.⁵⁴ Para embasar o argumento,

⁴⁹ CARVALHO, 2022, p. 61.

⁵⁰ WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Expositivo: Antigo Testamento (Volume III)**. Santo André: Geográfica, 2010, p. 9.

⁵¹ MACARTHUR, 2019, p. 1271.

⁵² KELLER, 2016, p. 362.

⁵³ WIERSBE, 2010, p. 9.

⁵⁴ PEDROSA, Edmar dos Santos; KUNZ, Marivete Zanoni. **Nas entrelinhas do texto bíblico: exercícios de leitura e interpretação**. Curitiba: FABAPAR, 2016, p. 119-120.

Pedroza e Kunz observam que, Jó e seus três amigos iniciais (Elifaz, Bildade e Zofar), foram repreendidos por Deus por conta de suas falas no final do livro. Já a esposa de Jó e Eliú, que também interagiram com Jó em seu sofrimento, não receberam qualquer repreensão, além da esposa de Jó ter sido abençoada por Deus juntamente com seu esposo, assim como relatado nos capítulos finais do livro.⁵⁵ Os autores ainda observam que:

Desta forma, poderia ser entendido, no texto hebraico original, que a mulher de Jó de fato aconselhou seu marido aabençoar a Deus, reconhecendo que Ele queria tirar-lhe a vida como última providência, mais do que interpretar que ela, num ato de fragilidade emocional e loucura, disse ao seu marido para amaldiçoar a Deus e morrer. A resposta para esta dúvida foi achada no contexto que envolve todo o sofrimento de Jó, a partir de suas perdas até a conclusão maravilhosa do livro, quando Deus o cobre de bênçãos depois da sua profunda provação. Mas, ainda que “amaldiçoe” seja a tradução correta de sua afirmação, isso não tira o mérito da sabedoria mostrada por esta mulher no decorrer do livro, pois o contexto da obra e o reconhecimento final por ela recebido de Jó e de Deus deixam bem claro que foi uma esposa sábia e que aceitou a repreensão com submissão.⁵⁶

Em contrapartida, Gonçalves argumenta que os pais da igreja, Hesíquio de Jerusalém (450 d.C.), Agostinho de Hipona (354-430) e Gregório (540-604), são unânimes em compreender que Satanás teve uma porta aberta para atacar Jó e que o diabo usou este conflito interior da esposa do patriarca contra o seu próprio marido⁵⁷.

Dos capítulos 3 a 37 de Jó, seguem os debates de Jó e seus amigos acerca de sua condição. Neste sentido, Keller afirma que durante muitos capítulos, Jó e seus amigos se envolvem num diálogo acalorado e longo, no qual debatem o sofrimento de Jó. Que o próprio Jó, além de argumentar com seus amigos, também clama a Deus questionando os motivos de seu sofrimento.⁵⁸ Mesmo com o acréscimo de mais um amigo (capítulos 32-38), eles não conseguem distinguir claramente os caminhos de Deus.

Aquilo que para Jó era incompreensível, Deus tornou claro para os leitores da narrativa bíblica do livro de Jó. Que o sofrimento não só faz parte da vida do homem pecador, mas também do inocente. Que ele pode ser tanto para castigo, como para fortalecimento e até mesmo para fins que somente Deus conhece. MacArthur declara que “existem momentos em que a questão imperiosa do sofrimento dos santos é incompreensível, porque ele tem um propósito celestial que aqueles que estão na terra não podem discernir”.⁵⁹ Jó e seus amigos não tinham ideia disto e por esta razão os questionamentos levantados por eles eram tão rasos. Deus repreendeu aos amigos de Jó, visto que não compreendiam (e nem tinham como) os propósitos soberanos de Deus no sofrimento dele (Jó 42.7).

⁵⁵ PEDROSA; KUNZ, 2016, p. 119-120.

⁵⁶ PEDROSA; KUNZ, 2016, p. 119-120.

⁵⁷ GONÇALVES, José. **A fragilidade humana e a soberania divina**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 66.

⁵⁸ KELLER, 2016, p. 366.

⁵⁹ MACARTHUR, 2019, p. 1261.

Semelhantemente, Powlison argumenta sobre o fato dos amigos de Jó não conhecerem os propósitos divinos sobre os sofrimentos de Jó e como estavam julgando um homem que, aos olhos de Deus, era modelo de integridade.

Eles discutiram sobre a causa das inquietações de Jó; ninguém compreendia o pano de fundo do drama cósmico. Eles discutiram sobre o que Deus estava fazendo; ninguém compreendia que Deus tinha bons propósitos além da compreensão humana e que ele não estava punindo Jó. Eles discutiram sobre a validade da profissão de fé de Jó e sua fidelidade; ninguém compreendia que Jó era tanto modelo de santidade quanto homem em processo de santificação. E eles discutiram sobre quem deveria fazer o que em resposta à aflição; ninguém compreendia que o Senhor apareceria, que ele estaria fazendo as perguntas, que seus propósitos seriam cumpridos. O próprio Senhor descreveu Jó como “homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal” (Jó 1.8). Mas quem poderia ter previsto a jornada tumultuosa que provaria esse fato?⁶⁰

Mesmo que Jó e seus amigos não compreendessem a causa dos sofrimentos, Deus tinha um objetivo didático para eles e para os futuros conhecedores da história de Jó: Deus é soberano sobre todas as coisas. Mas além disto, a história do sofrimento de Jó é um grande exemplo de que Deus tem um propósito que, por vezes, os seus servos desconhecem, mas que ele nunca os abandona, mesmo em suas piores angústias. Quanto a isso, Rossi e Silva declaram que:

Na teologia bíblica do livro de Jó, a voz do sofrimento é realmente ouvida porque Deus está junto ao sofredor. No entanto, não se encontra ao lado daquele que sofre como se fosse o criador do sofrimento. A presença de Deus junto ao sofredor deve ser compreendida como a de um Deus que, solidariamente, chora junto.⁶¹

Nos capítulos 38–41 de Jó, são relatados os discursos de Deus a Jó e, posteriormente, aos seus amigos (42.7-9). Segundo Keller, “Deus não apareceu para julgar ou esmagar Jó, e sim para alcançá-lo com sua graça”.⁶² Nos discursos de Deus a Jó, não há qualquer explicação acerca dos motivos pelos quais o Senhor permitiu todas as situações de sofrimento a Jó, nem mesmo citou Satanás e a maneira pela qual o diabo teve a permissão de Deus para agir contra Jó, todavia, Jó teve paz ao receber de Deus a certeza de que ele estava cuidando de cada detalhe da vida do seu servo (Jó 42.2-5). Conforme Eder, Jó pôde descansar no Senhor e que ele era soberano sobre todas as coisas.

No final do livro, vemos que Jó descansou sua alma. Seu coração ferido, após tanto buscar respostas, finalmente encontrou paz. Isso aconteceu depois que Deus falou com Ele. Todavia, a fala de Deus não foi elucidativa. O Eterno não explicou nada. Ao invés de dar explicações, Deus fez perguntas para as quais Jó não tinha respostas. Mesmo assim, após ouvir as perguntas do Senhor, Jó descansou seu coração. Por quê? Porque Jó, apesar de não ter alcançado a compreensão do seu sofrimento, alcançou a paz quando, simplesmente,

⁶⁰ POWLISON, David. **A graça de Deus no seu sofrimento**. São Paulo: Fiel, 2019, pos. 53.

⁶¹ ROSSI; SILVA, 2021, p. 85.

⁶² KELLER, 2016, p. 368.

ouviu a voz de Deus, quando contemplou Sua glória e maravilhou-se com a grandeza da sabedoria do Eterno. Ao perceber que Deus continuava no controle, e que a Sabedoria divina era muito maior do que sua capacidade de compreensão, Jó também percebeu que existe um propósito para tudo o que está debaixo do governo de Deus, mesmo que tal propósito seja indecifrável para a mente humana. Na certeza de que Deus tem um propósito para tudo, e de que Sua soberania permanece absoluta e intacta, o coração ferido de Jó encontrou paz e repouso para as suas inquietações.⁶³

Em suma, Jó encontrou no Senhor o vigor para continuar a viver de maneira íntegra. Após “encontrar” Jó, restabelecer sua saúde, família e bens em dobro, a Bíblia diz que ele “morreu velho e farto de dias” (Jó 42.17). De fato, houve uma grande compensação no seu sofrimento. De acordo com Wiersbe, o capítulo final da história de Jó não significa que toda história de sofrimento terminará com todos os problemas resolvidos e todos “vivendo felizes para sempre”, mas que independentemente do que acontecer com o servo de Deus, o Senhor sempre escreve o último capítulo e que é necessário crer que Deus sempre fará o que é certo, por mais dolorosa que seja a situação.⁶⁴

Assim como na vida de Jó, o Novo Testamento destaca a importância do sofrimento na vida de Jesus, o Messias prometido, bem como dos seus apóstolos. Será discorrido a seguir os efeitos do amor de Deus através do sofrimento no sacrifício de Cristo e como isto desencadeou um entendimento de que aqueles que andaram com Cristo, também deveriam compartilhar os seus sofrimentos.

3. UMA ANÁLISE DO SOFRIMENTO NA VIDA DE CRISTO

Qual seria a visão da Teologia Bíblica no Novo Testamento acerca do sofrimento? Elliot afirma que “nunca entenderemos o sofrimento, a menos que entendamos o amor de Deus”.⁶⁵ A demonstração suprema do amor de Deus à humanidade perdida foi representada, quando ele entregou seu filho para morrer na cruz. É possível compreender que o sofrimento faz parte do plano de Deus, visto que somente pelo sofrimento de Cristo, o ser humano pode ter a alegria da vida eterna.

O apóstolo João fala no seu evangelho, capítulo 12, verso 24 que “Em verdade, em verdade vos asseguro que se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, permanecerá ele só; mas se morrer produzirá muito fruto”. A morte de Jesus foi necessária para que uma multidão herdasse a vida eterna.

Eis um contraste que muitas vezes é difícil de entender, porém, Elliot explicita e explica o sentido desta verdade, dizendo acerca da situação que ela passou quando seu esposo, o missionário Jim Elliot, foi morto por índios no Equador. Ela disse que a “vida vem da morte”.⁶⁶ As sementes precisam “morrer” para que através delas possam surgir outros frutos. É necessário haver sofrimento para haver alegria. Após o falecimento de seu esposo, o

⁶³ CARVALHO, 2022, p. 61-62.

⁶⁴ WIERSBE, 2010, p. 84.

⁶⁵ ELLIOT, Elizabeth. **O sofrimento nunca é em vão**. São Paulo: Fiel, 2020, p. 21.

⁶⁶ ELLIOT, 2020, p. 91.

ministério não parou naquela localidade, pelo contrário, alguns daqueles que assassinaram seu esposo, posteriormente, entregaram seu coração a Jesus, ao receberem a mensagem do evangelho por meio daquele trágico incidente. Deus transformou aquele mal em bem.

O exemplo de Cristo, ou seja, seu sacrifício na cruz, leva a compreensão que a mensagem do evangelho inclui sofrimento. O apóstolo Paulo disse em 1 Coríntios 15.3-4 que “antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo **morreu** pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi **sepultado** e **ressuscitou** ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (grifo meu). Guerra diz que “o evangelho é a história do sofrimento do nosso Salvador”.⁶⁷

O real motivo do sofrimento está no fato de que Deus, Criador de todas as coisas, deu seu filho unigênito como propiciação pelos pecados. Jó declarou (Jó 9.33) que “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos”, ou seja, Cristo cumpriu estas palavras. Isso revela que os cristãos servem a um Deus que veio a este mundo e sofreu assim como os homens sofrem, porém, foi pregado numa cruz. Esta mesma cruz é considerada a manifestação final da justiça de Deus, conforme Paulo relata em Romanos 3.21-26, quando afirma que:

Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Chafer observa que os sofrimentos de Cristo foram infinitos. Que aquilo que Cristo sofreu do Pai, nenhum outro pode partilhar.⁶⁸ 2 Coríntios 5.21 declara que “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus”. Mesmo que Cristo tenha sofrido de maneira exacerbada, estava dentro do propósito divino. A isto, Keller afirma que “o sofrimento e a morte de Jesus foram um grande ato de injustiça, contudo também faziam parte do plano estabelecido por Deus”.⁶⁹

Do mesmo modo, Tripp argumenta que “não havia dúvida de que o momento de sofrimento Dele seria o momento de vitória e liberdade para o universo. Essa circunstância de morte seria um triunfo da vida eterna. Estava destinado a ser assim”.⁷⁰

Mesmo o Antigo Testamento declara a necessidade do sofrimento de Cristo para que a humanidade caída pudesse ser reconciliada com Deus. O profeta Isaías descreve os sofrimentos no capítulo 53.3-10:

⁶⁷ GUERRA, Thiago. **Cinco ensinamentos do Evangelho sobre o sofrimento**. Disponível em: <https://voctemosaoevangelho.com/blog/2018/10/5-ensinos-do-evangelho-sobre-o-sofrimento/>. Acesso em 14/08/2020.

⁶⁸ CHAFER, 2008, p. 259.

⁶⁹ KELLER, 2016, p. 193.

⁷⁰ TRIPP, Paul David. **A shelter in the time of storm**. Wheaton: Crossway, 2009, p. 153.

Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer [...], certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; [...] Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado, verá a sua posteridade e prolongará os seus dias; e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos.

O Novo Testamento, por meio de vários dos seus autores, deixou claro que havia um plano soberano da parte de Deus através do sofrimento de Jesus. O escritor de Hebreus, no capítulo 2 versos 9-10 declara que:

[...] pela graça de Deus, Jesus experimentou a morte por todos. Deus, para quem e por meio de quem todas as coisas foram criadas, escolheu levar muitos filhos à glória. E era apropriado que, por meio do sofrimento de Jesus, ele o tornasse o líder perfeito para conduzi-los à salvação.

A partir do sofrimento de Cristo, observa-se a presença de um Deus que se compadece dos sofrimentos da humanidade. Segundo MacArthur, “Jesus, como Filho de Deus, sabia que, indubitavelmente, viriam provações e perseguições na vida de todos os verdadeiros crentes através dos séculos”.⁷¹ O que sinaliza para a sua presença efetiva na vida do cristão.

4. O SOFRIMENTO NA VIDA DOS APÓSTOLOS

O livro de Hebreus, capítulo 4, verso 15 diz que “Porque não temos sumo sacerdote que não possa **compadecer-se das nossas fraquezas**; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (grifo meu). O mesmo Deus que permitiu que seu Filho sofresse pela humanidade, também permite que aqueles que acreditam na mensagem do evangelho sofram por amor a Cristo.

Os apóstolos Pedro e Paulo falam acerca desta verdade nas epístolas de 1 Pedro 4.16 (“mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome”) e Filipenses 1.29 (“Porque vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo e não somente de crerdes nele”).

Em 2 Coríntios 11.23-33, o apóstolo Paulo enumera nada menos do que 27 situações de sofrimento, como uma maneira de provar a legitimidade do seu apostolado. Ele sempre deixou muito claro que sua vida não pertencia a ele, mas a Cristo – “logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2.20).

Mesmo sendo um homem consagrado, Paulo sofreu de maneira injusta, assim como Cristo. MacArthur discorre acerca da necessidade do sofrimento de Cristo e do cristão:

⁷¹ MACARTHUR, John. **O poder do sofrimento**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 16.

Jesus foi executado como um criminoso na cruz. No entanto, ele não era culpado de qualquer crime – nenhuma injustiça, nenhuma transgressão, nenhum pecado. Ele nunca teve um pensamento maligno nem falou uma palavra má. Sua execução foi a mais injusta já perpetrada a um ser humano. Porém, ela nos mostra que, apesar de uma pessoa estar fazendo a vontade de Deus perfeitamente – grandemente amada e dotada, perfeitamente justa e obediente –, ela ainda pode experimentar sofrimento injusto.⁷²

No fim de sua vida, preso, observa-se o sofrimento do apóstolo Paulo, segundo o que se registra em algumas passagens como 2Timóteo 2.9 e Atos, “mas em sua conversão fora predito que haveria sofrimento (At 9.15-16), e este tinha se tornado uma forma de viver. Ele concluiu que o sofrimento, para muitos cristãos, fazia parte do discipulado (At 3.12)”.⁷³ Por fim, o apóstolo Paulo compreendia que os sofrimentos neste mundo eram passageiros e esperava ansiosamente pelo mundo porvir. “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós” (Rm 8.18).

O apóstolo Pedro falou muito sobre sofrimento em sua primeira epístola. Em 1 Pedro 5.10 ele fala: “Ora, o Deus de toda a graça, que em Cristo vos chamou à sua eterna glória, depois de terdes sofrido por um pouco, ele mesmo vos há de aperfeiçoar, firmar, fortificar e fundamentar”. Sobre este versículo, MacArthur explica que:

O chamado cristão para a glória exige o caminho do sofrimento. Esse versículo explica por quê. Sofrimento é o método que Deus usa para amadurecer o seu povo espiritualmente. Ele fica satisfeito quando resistimos pacientemente ao sofrimento que nos sobrevém. Sofrimento é uma parte do plano de Deus para preparar o seu povo para a glória.⁷⁴

O apóstolo Pedro cita ainda que o cristão deve estar pronto para sofrer assim como Cristo sofreu: “Ora, tendo Cristo sofrido na carne, armai-vos também vós do mesmo pensamento” (1Pe 4.1a). Compreende-se que Deus permite o sofrimento como uma forma de validar a fé do cristão. “Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé [...], redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.6-7).

O sofrimento do cristão em fidelidade agrada ao Senhor. “Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguides os seus passos” (1Pe 2.20-21).

A Bíblia não especifica sobre o destino dos apóstolos em relação à morte deles após algumas décadas do início da igreja, por este motivo, só há a informação de como Tiago, irmão de João, morreu a fio de espada a mando do rei Herodes Agripa I (At 12.2). Sobre o destino dos demais apóstolos, Nicodemus afirma que:

⁷² MACARTHUR, John. **A verdade sobre o senhorio de Cristo**: a submissão à autoridade absoluta de Cristo não é uma opção, mas obrigação suprema. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 37.

⁷³ MANSER, 2013, p. 373.

⁷⁴ MACARTHUR, 2014, p. 31.

A literatura apócrifa e patrística nos dá informações nem sempre confiáveis sobre as atividades missionárias e o destino de alguns apóstolos. Pedro provavelmente morreu na Itália, em Roma, onde pregou durante seus últimos anos, antes de ser morto por Nero, conforme a tradição. Tomé teria ido pregar na Índia onde foi martirizado. Filipe teria ido pregar nas regiões da Ásia, onde morreu de causas naturais, ou martirizado. Bartolomeu foi companheiro de Tomé e Filipe em viagens evangelísticas e morreu martirizado na Armênia. João teria morrido em Éfeso, de causas naturais. André foi missionário na Cítia, região que corresponde mais ou menos ao Cazaquistão. Dos outros, pouco ou nada se sabe.⁷⁵

O fato é que os apóstolos compreenderam que sua vida não pertencia a eles mesmos, por este motivo investiram-na no serviço de Cristo até quando foram chamados ao lar celestial, sabedores que herdariam a coroa da vida, visto que foram fiéis até a morte (Ap 2.10).

Assim como visto, o sofrimento teve um papel preponderante no contexto da teologia bíblica, visto no agir de Deus desde o início de sua criação até a vinda de Jesus Cristo e na vida dos seus apóstolos. Observa-se a maneira soberana de Deus de agir sobre o sofrimento, sendo um princípio aplicável na vida do cristão, como parte do desenvolvimento do seu caráter através do agir de Deus, de Satanás e das provações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem o devido conhecimento da Palavra de Deus sobre a função do sofrimento na vida do cristão, a ideia geral é que ele é causado ou oriundo por algum pecado que as pessoas cometiam ou pela falta de boas obras. A ideia divulgada era de que todos os que são ‘fiéis’ nunca passariam por nenhum tipo de problema ou dificuldade (principalmente financeira). Isso, ainda, continua sendo anunciado, principalmente nos meios de comunicação que propagam a Teologia da Prosperidade.

Na atualidade, muitos ainda são enganados por este tipo de marketing barato e que de verdadeiro não tem nada. Infelizmente, muitos ainda associam o sofrimento como resultado de não “pagar” o dízimo, não ir a determinada denominação, fruto de encosto, maldição hereditária, demônios etc., visto que desta maneira, o fiel é “preso” pelo medo do sofrimento que Deus pode empregar em sua vida.

Na teologia bíblica, o sofrimento desempenha um papel significativo e por vezes complexo. Em grande parte da narrativa bíblica, ele desempenha um papel preponderante no desenvolvimento do caráter do penitente, além de, através do sofrimento, muitos receberam as conseqüências de seu afastamento de Deus.

O sofrimento é algo benéfico ao cristão e faz parte do plano de Deus para a sua vida e, principalmente, para o seu crescimento espiritual, além de fortalecer a sua confiança na soberania e no cuidado divinos. Desta forma, cabe compreender que ele pode ser um dos instrumentos mais utilizados por Deus para o desenvolvimento do caráter cristão.

⁷⁵ NICODEMUS, Augustus. **Apóstolos**: a verdade bíblica sobre o apostolado. São José dos Campos: Fiel, 2014, p. 1064.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA APOLOGÉTICA DE ESTUDO. São Paulo: ICP, 2000.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA REVISTA E ATUALIZADA. Barueri: SBB, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: SBB, 1993.

BORGES FILHO, João Nascimento. **Amor & Filosofia Cultural:** Carlos Drummond de Andrade. UNIFAP. Disponível em: <https://www2.unifap.br/borges/files/2011/03/Amor-Filosofia-Cultural-Carlos-Drummond-de-Andrade.pdf>. Acesso em 03/06/2023.

CARSON, D. A. **How long, O Lord?** Reflections on Suffering and Evil. Grand Rapids: Baker Academic, 2006.

CARVALHO, Éder. **Quando os justos são injustiçados:** o caminho dos salvos em meio ao sofrimento. Joinville: Edição do Autor. 2022.

CHAFER, L. S. **Teologia Sistemática.** 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2008. Vol. 7 e 8.

CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

ELLIOT, Elizabeth. **O sofrimento nunca é em vão.** São Paulo: Fiel, 2020.

FERGUSON, Sinclair B.; WRIGHT. **Novo Dicionário de Teologia.** São Paulo: Hagnos, 2011.

FORTES, Isabel. **O sofrimento como travessia:** Nietzsche e a psicanálise. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v5n1/06.pdf>. Acesso em 06/08/2020.

FREIRE, Osmir. **No mundo tereis aflições.** Disponível em: <https://femar.org.br/no-mundo-tereis-aflicoes/>. Acesso em 06/06/2023.

GONÇALVES, José. **A fragilidade humana e a soberania divina.** Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

GUERRA, Thiago. **Cinco ensinamentos do Evangelho sobre o sofrimento.** Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2018/10/5-ensinos-do-evangelho-sobre-o-sofrimento/>. Acesso em 14/08/2020.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. (orgs.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

KELLER, Nuh Ha Mim. **Por que Allah permite o sofrimento e o mal? O que é o mal?** Disponível em: <https://iqaraislam.com/allah-permite-o-sofrimento>. Acesso em 06/06/2023

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LYRA, Fernando. **O lado B do sofrimento**. Curitiba: Esperança, 2017.

MACARTHUR, John. **A verdade sobre o senhorio de Cristo**: a submissão à autoridade absoluta de Cristo não é uma opção, mas obrigação suprema. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MACARTHUR, John. **Comentário bíblico MacArthur**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.

MACARTHUR, John. **O poder do sofrimento**. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

MACARTHUR, John. **Safe in the arms of God**: truth from heaven about the death of a child. Nashville: Thomas Nelson, 2003.

MANSER, M. H. **Guia cristão de leitura da Bíblia**. Bangu: CPAD, 2013.

MANSER, M. H. **Dictionary of Bible themes**: the accessible and comprehensive tool for topical studies. Martin Manser, 2009.

MOSE, Viviane. **O sofrimento faz parte da vida**. [Entrevista concedida a] Adriano De Lavor. Radis. Rio de Janeiro. 30 de agosto de 2022. Disponível em:
<https://radis.ensp.fiocruz.br/entrevista/saude-mental/o-sofrimento-faz-parte-da-vida/>

NICODEMUS, Augustus. **Apóstolos**: a verdade bíblica sobre o apostolado. São José dos Campos: Fiel, 2014.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

NOGUEIRA, Maria Emmir O. **Como transformar a dor em amor**. Aquiraz: Shalom, 2017.

NZUZI, José. **O propósito da sua dor**. Guarujá: Edição do Autor, 2015.

OSBORNE, G. **Cornerstone Biblical Commentary**, Vol 13: John and 1, 2 and 3 John. Carol Stream, Illinois: Tyndale House, 2007.

PEDROSA, Edmar dos Santos; KUNZ, Marivete Zanoni. **Nas entrelinhas do texto bíblico**: exercícios de leitura e interpretação. Curitiba: FABAPAR, 2016.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sufrimento e a soberania de Deus**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

PIRAGINE JUNIOR, Paschoal. **Estou sofrendo**: Deus tem respostas para o sofrimento humano? Curitiba: Águas Profundas, 2021.

POWLISON, David. **A graça de Deus no seu sofrimento**. São Paulo: Fiel, 2019.

PRAJNANANANDA, Paramahansa. **Libertando-se do Sofrimento**. Viena: Prajna, 2018.

RANIEL, Pedro. **O sofrimento dos justos**. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022.

ROSS, A.; OSWALT, J. N. **Cornerstone Biblical Commentary**: Genesis, Exodus (Vol. 1). Tyndale House, 2008.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; SILVA, Valmor da. **Sufrimento e esperança na Bíblia**. São Paulo: Paulus, 2021.

RYRIE, Charles C. **Teologia básica**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

TRIPP, Paul David. **A shelter in the time of storm**. Wheaton: Crossway, 2009.

TRIPP, Paul David. **Suffering**: Gospel hope when life doesn't make sense. Wheaton: Crossway, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento (Volume III). Santo André: Geográfica, 2010.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Novo Testamento, Volume I. Santo André: Geográfica, 2007.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.008



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ALGUMAS TRADUÇÕES E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO TERMO CORAÇÃO NO CONTEXTO BÍBLICO DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

Some translations and meanings attributed to the term heart in the biblical
context of the Old and New Testaments

Renato Fonseca Buzo¹

RESUMO

A proposta deste artigo é mostrar como o entendimento de algumas traduções efetivadas das palavras *leb*, *lebab* e *cardia* podem ser atribuídas a uma dimensão da vida associada ao termo “coração” no contexto das Escrituras. Apresenta-se, portanto, alguns dos significados atribuídos ao termo coração e que podem ser expressos nas dimensões cognitiva, emocional, espiritual, social e física, os quais implicam na vida do ser humano. Os significados traduzidos ajudam na compreensão sobre o sentido de ser da vida humana e de suas dimensões, as quais são referendadas pela cosmovisão bíblica, cuja finalidade é possibilitar leituras e interpretações direcionadas ao trabalho a ser efetivado no aconselhamento pastoral. Diante disto, a questão norteadora tem por finalidade indagar sobre que traduções do termo coração são encontradas nas Escrituras e como isso se articula com o aconselhamento bíblico diante das dimensões da vida. A metodologia da pesquisa eleita é do tipo bibliográfico e explicativo com uma abordagem qualitativa. Conclui-se que em um aconselhamento bíblico deve-se levar em conta o que está por detrás do comportamento (coração): quais são os desejos, ambições, vontades, quais as perspectivas sobre Deus e sobre si mesmo.

Palavras-chave: Coração. Antigo e Novo Testamento. Traduções. Significado.

¹ Mestre em Ministério pela Carolina University. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico- FORMEB. É graduado em Teologia com ênfase em ministério pastoral pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida, Convalidação pela Faculdade Sulamericana de Londrina / PR. Atualmente é pastor titular na Igreja Batista de Tupã / SP, onde atua exercendo a função pastoral há 12 anos. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0111-9402>. E-mail: renato.buzo@hotmail.com

ABSTRACT

The proposal of this article is to show how the understanding of some translations of the words *leb*, *lebab* e *cardia* can be attributed to a dimension of life associated with the term “heart” in the context of the Scriptures. There are therefore presented some of the meanings attributed to the term heart and which can be expressed in the cognitive, emotional, spiritual, social and physical dimensions, all of which affect the human life. The translated meanings help in the understanding of the meaning of human life and its dimensions, which are referenced by the biblical worldview, whose purpose is to enable readings and interpretations aimed at the work to be carried out in pastoral counseling. In view of this, the guiding question aims to investigate which translations of the term heart are found in the Scriptures and how this is articulated with biblical counseling in relation to the dimensions of life. The chosen research methodology is bibliographical and explanatory, with a qualitative approach. It is concluded that in biblical counseling it is necessary to take into account what is behind the behavior (heart): what are the desires, ambitions, wishes, what are the perspectives on God and on oneself.

Keywords: Heart. Old and New Testaments. Translations. Meaning.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é mostrar como o entendimento de algumas traduções efetivadas das palavras *leb*, *lebab* e *cardia* podem ser atribuídas a uma dimensão da vida - cognitiva, emocional, social, espiritual e física -, associada ao termo “coração” no contexto das Escrituras, com a finalidade de evidenciar o espaço central que este ocupa no aconselhamento pastoral firmado em uma cosmovisão bíblica.

Objetiva-se apresentar, portanto, alguns dos significados atribuídos ao termo coração e que podem ser expressos nas dimensões cognitiva, emocional, espiritual, social e física, a partir do contexto encontrado no texto e que possibilita efetivar a tradução associada a um significado, o qual implica a vida do ser humano.

Diante disto, a questão norteadora tem por finalidade indagar sobre que traduções do termo coração são encontradas nas Escrituras e como isso se articula com o aconselhamento bíblico diante das dimensões da vida. A metodologia da pesquisa eleita é do tipo bibliográfico e explicativo com uma abordagem qualitativa.

Defende-se ser necessário trabalhar com a perspectiva do contexto e da tradução do termo coração presente nos textos do Antigo e Novo Testamentos, reconhecendo que essa ação favorecerá a prática do aconselhamento pastoral, na medida em que oferecerá uma melhor compreensão de como ouvir e orientar as pessoas no processo de refletir e decidir sobre a situação experienciada. Afinal, o aconselhamento pastoral atua como uma ferramenta, cuja aplicação é dirigida à vida dos aconselhados.

Os significados traduzidos ajudam na compreensão sobre o sentido de ser da vida humana e de suas dimensões, as quais são referendadas pela cosmovisão bíblica, cuja finalidade é possibilitar leituras e interpretações direcionadas ao trabalho a ser efetivado no aconselhamento pastoral. Afinal, elege-se como fonte primária da prática do aconselhamento a Palavra de Deus, por entender sua natureza revelacional que aponta para o plano providencial de Deus em Cristo para toda a humanidade.

1. OS VOCÁBULOS *LEB* E *LEBAB* (“CORÇÃO”) NO ANTIGO TESTAMENTO

No Antigo Testamento a palavra usada no original para “corção” pode ser vista em diversas passagens, sendo compostas, predominantemente, por duas palavras: לב (*leb*) ou לבב (*lebab*), que são dois termos correlatados com o mesmo sentido. Os dois termos, se somados, aparecem 858 vezes na Bíblia para descrever quem é Deus, os elementos da natureza e as pessoas². Em mais de oitocentas ocorrências, o Antigo Testamento, fala do “corção” dos seres humanos,³ o que supera outros termos que são comuns para a humanidade, como “carne” (*basar*), “alma / fôlego” (*nepesh*) e “espírito” (*ruah*).

O termo “corção” pode indicar algo inacessível ou oculto, um lugar difícil de alcançar, como, por exemplo, o que se encontra narrado no livro de Jonas 2.3, quando o profeta Jonas está dentro do grande peixe, e ele ora ao Senhor: “Jogaste-me nas profundezas, no corção dos mares”. Aqui, a expressão “corção dos mares” revela as águas mais profundas e desconhecidas dos oceanos. A ideia é de um lugar de natureza incompreensível e inexplorada das partes distantes do oceano.⁴

Um outro exemplo é Deuteronômio 4.11, quando a expressão “corção do céu” pode se referir aos mais altos céus de onde Deus falava com Moisés. Abdalla ressalta que:

Essa ideia aplicada à natureza remonta à visão que os antigos israelitas tinham do corção físico dos seres humanos como uma parte inacessível, protegida pelas costelas como se fossem um invólucro: “Como uma urso, roubada de seus filhos, eu os atacarei e lhes romperei a envoltura do corção (Os 13.8). A visão anatômica deste órgão levou à ideia figurada do corção como ser interior ou imaterial das pessoas, inacessível a outros seres humanos, que são capazes de ver somente a aparência externa e o comportamento.⁵

Um modelo disso é 1 Samuel 16.6-7, em que, no contexto da história, o rei Saul havia desobedecido a Deus e, como resultado, Deus retirou a sua unção e prometeu escolher um novo rei para Israel. Deus, então, disse ao profeta Samuel que fosse até a casa de Jessé e escolhesse um dos seus filhos para ser o próximo rei de Israel. Quando Samuel viu o filho mais velho de Jessé, Eliabe, ele pensou que esse seria o escolhido de Deus, porque Eliabe era forte e imponente. No entanto, Deus disse a Samuel para não olhar para a aparência externa, pois Ele olhava para o corção, o que indicava a incapacidade humana de ver o que está no corção de seu próximo.

O vocábulo corção é frequentemente utilizado no Antigo Testamento para se referir ao centro da vida interior e emocional do ser humano. O corção é visto como a fonte de todos os pensamentos, emoções e ações, envolvendo tanto a capacidade de perceber, raciocinar e pensar, quanto o sentimento, a vontade e o juízo de valor. Ele é considerado fundamental

² ABDALLA, Thiago. **O hebraico nosso de cada dia**. São Paulo: Hagnos, 2022, p. 96.

³ WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 80.

⁴ WOLFF, 2008, p. 83.

⁵ ABDALLA, 2022, p. 98.

para a relação com Deus e para a busca da santidade e da justiça.⁶ Faz-se necessário apresentar aqui, algumas das principais passagens veterotestamentárias que contribuem para este entendimento da palavra.

Em Gênesis 6.5 lê-se: “E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a terra e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”. O texto está inserido no contexto do relato do Dilúvio, em que a humanidade se corrompeu ao ponto de não haver mais volta. Deus decidiu julgá-la com um grande dilúvio que destruiria toda a vida na terra, exceto a de Noé e sua família.

A expressão “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”, indica que a maldade humana era algo profundo, arraigado no âmago do ser humano, em seu “coração”. O texto sugere que o estado do coração humano era de tal forma corrompido que todos os pensamentos, desejos e ações eram voltados para o mal, referindo-se à sede do pensamento, sentimento, volição e moralidade.⁷ Há um alerta sobre a gravidade do pecado e a importância de se manter um coração puro e voltado para Deus. A luta contra o mal não é apenas externa, mas também interna, no interior, no “coração”. Assim, sugere-se a fundamental busca pela transformação do “coração” para evitar que a maldade se enraíze no interior do ser e se manifeste em ações.

Em Deuteronômio 6.5, lê-se: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças”. Moisés, o líder do povo, está relembrando as leis e os mandamentos que Deus deu a Israel, enquanto eles estavam no deserto. Esta passagem em particular é parte do *Shema*, que é uma confissão de fé que os judeus recitam diariamente. Ele é um chamado para Israel amar a Deus e obedecer-lhe e é uma forma de lembrá-los de sua identidade como povo escolhido.

Destaca-se a importância do amor a Deus e do compromisso com ele, que deve vir de todo o coração, o que implica uma devoção total e completa, que abrange todas as dimensões do ser humano - emocional, intelectual, espiritual, física e volitiva. É um chamado para que os judeus expressem sua devoção a Deus por meio da obediência e submissão, reconhecendo que o amor a Deus é o centro de sua identidade e propósito como povo escolhido. O povo foi chamado para amar a Deus com a inteireza do ser – com todo o seu coração, com toda a sua alma e com toda a sua força.⁸

No texto de Provérbios 4.23, está escrito: “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida”. Observa-se que o contexto imediato é a exortação de um pai a seu filho para que ele ouça e siga seus ensinamentos. O pai enfatiza a importância de guardar a sabedoria em seu “coração”, para que ela possa proteger e guiar sua vida. Neste relato, o “coração” é visto como a fonte de todas as ações e decisões, e é importante protegê-lo de influências negativas. De acordo com Waltke, a metáfora sugere não apenas que a vida tem suas fontes no coração, “mas também que a direção que ela toma é

⁶ SMITH, Ralph. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 259.

⁷ WALTKE, B. K. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p.142.

⁸ CRAIGIE, P. C. **Deuteronômio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p.167.

determinada pelo coração⁹. De fato, o livro de Provérbios é um livro de sabedoria que contém conselhos práticos para viver uma vida justa e reta.

O versículo que se encontra em Jeremias 17.9, “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?”, nos adverte de que essa confiança em si mesmo e em outras coisas leva à destruição, pois o coração humano é inerentemente falho e não pode ser confiável. Nesta passagem, o coração é descrito como enganoso e perverso e destaca a necessidade de examiná-lo cuidadosamente para evitar ser levado por caminhos errados.

No contexto mais amplo do livro de Jeremias, o profeta está falando sobre a necessidade de arrependimento e renovação espiritual, uma vez que o povo de Judá havia se afastado de Deus e estava confiando em outras coisas, como riquezas, poder e alianças políticas. O profeta Jeremias enfatiza que a verdadeira renovação começa no coração, e que o povo de Judá precisa se voltar para Deus e permitir que ele transforme seus corações.

No Salmo 51.10, em que está escrito: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito reto”, contempla-se uma oração de arrependimento de Davi após seu pecado com Bate-Seba e o assassinato de Urias. O Salmo começa com Davi clamando pela misericórdia e pelo perdão de Deus, reconhecendo sua culpa e pecado. Na ocasião, o salmista pede a Deus para purificar seu coração e renovar seu espírito, mostrando a importância do “coração” no desafio de buscar a santidade. Davi, pelo termo que aqui usa, descreve a obra de Deus em renovar o coração de uma maneira própria à sua extraordinária natureza, representando-o como a formação de uma nova criatura.¹⁰

O termo “coração” em Salmo 51.10 é usado para indicar a necessidade de uma mudança profunda e duradoura no interior do ser humano. Davi reconhece a corrupção de seu coração e sua necessidade de um coração puro para ter uma relação restaurada com Deus. Ele entende que essa mudança só pode ser realizada por Deus, que é o único que pode purificar e transformar seu coração. O versículo é uma expressão da humildade de Davi e sua confiança em Deus para realizar a mudança necessária em seu coração.

No verso contido no livro de Ezequiel 36.26: “Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne”, o contexto fala sobre a necessidade de restauração do povo de Israel e a renovação da aliança com Deus. Ele promete trazer o povo de volta à sua terra, purificar seus corações e renovar seu espírito. Afirma que fará isso, não por causa da justiça do povo, mas por causa da Sua própria santidade e fidelidade à aliança que fez com eles.

Neste texto, vê-se a promessa de Deus de transformar o “coração de pedra” em um “coração de carne”, destacando a importância da mudança e da regeneração pelo interior do homem, que é o “coração”. É uma obediência voluntária que brota de um coração transformado e cativado pelo redentor.¹¹ O versículo 26 é uma expressão da promessa de Deus de mudar a natureza do coração do povo de Israel. Ele promete dar um coração novo,

⁹ WALTKE, B. K. **Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 385-386.

¹⁰ CALVINO, João. **Salmos**. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 426.

¹¹ LANE, Timothy; TRIPP, Paul. **Como as pessoas mudam**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 216.

ao invés do coração de pedra, ou seja, um coração sensível à Sua voz e orientado pela Sua vontade.

Em suma, o significado atribuído à palavra “coração” no Antigo Testamento é descrito como um lugar onde a sabedoria e o discernimento residem, assim como ambiente de emoções, como alegria, tristeza, medo e amor. É o lugar onde a vontade e intelecto habitam e o ser humano se rende ou se rebela diante de Deus, o criador, de maneira a ter toda a sua vida orientada por aquilo que se cultiva no “coração”. Assim, o “coração” é o lugar em que o homem enfrenta a maior batalha de todas: a batalha com Deus. Essa não é meramente racional, mas central, ou seja, uma luta pela centralidade não somente dos raciocínios, mas também das vontades, emoções e decisões.¹²

O “coração” é o “EU” verdadeiro. É a essência daquilo que uma pessoa realmente é. Apesar de se dar muita ênfase à pessoa exterior, no âmbito da fé se reconhece que a pessoa verdadeira é a de dentro.¹³ Como exemplo, basta imaginar um casal de namorados que diz estar se conhecendo. A ideia não sugere que estejam em uma busca de um conhecimento físico, isto é, não estão medindo as partes do corpo para verem se há interesse mútuo. O escopo é, por meio do relacionamento desenvolvido, conhecerem o “coração” um do outro, no sentido do “eu” interior (sentimentos, vontades, paixões, razão e afeto).

No tópico seguinte, semelhantemente, aborda-se sobre a perspectiva neotestamentária da tradução do vocábulo coração e suas implicações práticas para o entendimento do ser humano, o que possibilita compreender a sua aplicabilidade na vida por meio dos relacionamentos.

2. O VOCÁBULO *KARDIA* (“CORAÇÃO”) NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento usa o termo *καρδιά* (*cardia*) para “coração” e seu significado é equivalente ao hebraico (*leb e lebab*), na medida em que propõe a descrição do âmago do ser humano¹⁴ e seus principais aspectos, normalmente seguindo a tríplice divisão de mente, afeição (sentimentos) e vontade (volição). No entanto:

[...] o significado de “coração” como sendo a vida interior, o centro da personalidade e o lugar onde Deus Se revela aos homens se expressa de maneira ainda mais enfática no Novo Testamento: (a) O “coração” é centro da vida física e da constituição psicológica do homem. Ocorre com relativa raridade no sentido do órgão físico, a sede da vida natural (Lc 21.34; At 14.17; Tg 5.5). Por contraste, denota mais frequentemente a sede da vida intelectual e espiritual, a vida interior, em contrastes com as aparências externas (2Co 5.12; 1Ts 2.17). Os poderes do espírito, da razão e da vontade se centralizam no coração bem como as menções da alma, os sentimentos, as paixões e os instintos. O coração representa o ego do homem. É, simplesmente, a pessoa (a pessoa interior do coração, 1Pe 3.4). (b) é, também, o centro da vida espiritual. As instâncias mais significantes de

¹² MADUREIRA, Jonas. *Inteligência humilhada*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 221.

¹³ TRIPP, Paul. *Instrumentos nas mãos do Redentor*. São Paulo. Nutra, 2009, p. 92.

¹⁴ SOUSA, Fernando. *Colloquium*: revista multidisciplinar de teologia. Crato: Faculdade Batista do Cariri, 2022, p. 2.

“cardia” no Novo Testamento ocorrem naquelas passagens que falam do estado do homem diante de Deus. O coração é aquilo ao qual Deus se dirige. É a sede da dúvida e da dureza, além de ser a da fé e da obediência.¹⁵

Sendo assim, tanto o universo do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento harmoniza-se em algumas traduções que definem o vocábulo “coração”, sendo a sede de todas as paixões, as vontades, os desejos e a fonte motivadora de escolhas comportamentais do ser humano.

No mundo greco-romano do século primeiro, cenário do pensamento neotestamentário, o termo “cardia” era frequentemente utilizado para se referir ao coração físico, mas também era empregado de forma metafórica para se referir ao centro da pessoa, suas emoções, seus pensamentos e suas vontades. Esse entendimento pode ser observado em diversas obras literárias e filosóficas da época, como por exemplo, “Ilíada” e “Odisseia”, ambas do poeta Homero, um dos principais influenciadores da Grécia Antiga.

A ideia de “coração” veicula uma relação entre a parte física do homem (órgão) e, principalmente, o centro emocional de seus personagens. Na Ilíada¹⁶, o guerreiro Aquiles é descrito como tendo “o coração dividido”, enquanto na Odisseia¹⁷, a deusa Atena coloca “um pensamento ardente em seu coração”. Com a mesma abordagem, mas agora se referindo à relação do homem com Deus, Agostinho utiliza o vocábulo em destaque para se referir ao centro da pessoa que busca a Deus, por esse motivo argumenta que a “kardia” humana é inquieta e só encontra descanso em Deus.¹⁸

Jesus diz que a “boca fala do que está cheio o coração” (Lc 6.45). Em outras palavras, o comportamento de uma pessoa é reflexo daquilo que ela cultiva em seu coração, isto é, desejos, expectativas e perspectivas de entendimento sobre a vida, circunstâncias, Deus e ela mesma e que estão sendo processadas em seu coração.

A Bíblia usa “coração” para descrever o interior da pessoa. As escrituras dividem o ser humano em duas partes, o ser interior e o exterior. A pessoa exterior é o seu físico; a parte interior é o seu espírito (Ef 3.16). O sinônimo que a Bíblia mais usa para o ser interior é o “coração”. Ele abrange todos os outros termos e funções usados para descrever a pessoa interior (espírito, alma, mente, emoções, vontade, etc). Esses outros termos não descrevem algo diferente do coração. Mais precisamente são aspectos deles, partes ou funções da pessoa interior.¹⁹

Assim sendo, o coração é a essência de quem a pessoa é, dos sentimentos, das perspectivas e da identidade que a governam no mais íntimo do seu ser. Talvez, seja esta a razão de o Novo Testamento enfatizar a importância do coração e das motivações.

Além das palavras de Jesus mencionadas no evangelho de Lucas 6.45, encontra-se em seu ensino que o maior de todos os mandamentos era amar a Deus “de todo o coração” (Mt

¹⁵ COENEN, L; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 425-426.

¹⁶ HOMERO. **Ilíada**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1, linhas 210-211.

¹⁷ HOMERO. **Odisseia**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1, linha 104.

¹⁸ AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: Versão em latim com tradução em inglês. Livro 10, capítulo. p. 232.

¹⁹ TRIPP, 2009, p. 92.

22.37-40).²⁰ No contexto da passagem, Jesus está dialogando com líderes do judaísmo que tentam colocá-lo à prova, por meio de pergunta capciosa sobre qual era o maior mandamento da Lei. Jesus, então, responde que o maior mandamento é amar a Deus de todo o “coração”. Tal resposta de Jesus é um resumo de toda a Lei expressa no Antigo Testamento.

O significado ali da fonte do amor descrito, é digno de nota, pois indica que o amor a Deus e ao próximo devem ser sinceros e vindos de dentro. “Amar a Deus e ao próximo” não consiste em uma ação superficial e externa, mas genuína e profunda. O “coração” é o eixo da existência humana, o manancial de todos os seus pensamentos, palavras e ações.²¹ O “coração”, aqui, é fonte de emoções, desejos e intenções.

No evangelho de Mateus 6.21 está escrito: “pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração”. Essa frase é parte do “sermão da montanha”, em que Jesus ensina Seus seguidores sobre a importância de posicionarem Deus em primeiro lugar em suas vidas e não se preocuparem excessivamente com bens materiais. A palavra “tesouro” pode se referir a muitas coisas, como dinheiro, posses, status, poder, entre outras coisas que uma pessoa valoriza. Jesus faz uma relação entre “tesouro” e “coração” como centro de todas as atenções, os desejos e as prioridades de um indivíduo.

No campo espiritual, o coração é objeto de constante investigação, pois é nele que se encontram as reais motivações, convicções, e desejos de alguém, ou seja, aquilo que uma pessoa valoriza, visto que é isso que se considera como seu tesouro e que governa suas atitudes e ações. Portanto, Jesus está incentivando Seus seguidores a valorizarem as coisas que têm valor eterno, como o amor, a bondade, a compaixão, em contraposição às coisas que são passageiras e temporárias.

Naturalmente, se o verdadeiro tesouro de uma pessoa, seu propósito último em todos os seus esforços, é algo que pertence a esta terra – a aquisição de dinheiro, fama, popularidade, prestígio, poder –, então o seu coração, o próprio centro de sua vida (Pv 4.23), será completamente absorvido por esse objetivo mundano. Todas as suas atividades, mesmo aquelas que são de caráter religioso, serão subservientes a esse único propósito. Por outro lado, se movido por sincera e humilde gratidão a Deus, fez do reino de Deus o seu tesouro, ou seja, o reconhecimento deleitoso da soberania de Deus em sua própria vida e em cada esfera da mesma, então é *ali* também onde estará o seu coração.²²

Tal citação propõe que a relação de uma pessoa com Deus está intimamente ligada àquilo que permeia em seu coração. É impossível lidar com os dilemas de uma pessoa sem buscar desvendar as camadas do “coração”.

Interessante, que no discurso de Estevão no Sinédrio foi feita a seguinte afirmação sobre Moisés: “E, quando completou a idade de quarenta anos, **veio-lhe ao coração** ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel (At 7.23, grifo nosso). Em outras versões, a expressão “veio-lhe ao

²⁰ PRATT JR, R. L. **1 e 2 Crônicas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 52.

²¹ HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 371.

²² HENDRIKSEN, 2010, p. 428.

coração” foi traduzida por “decidiu visitar” e “teve a ideia de visitar”, isso porque, o coração é o lugar de tomada de decisões, ele é que dirige a vontade e desejo do ser humano.²³

No “coração” é que o homem analisa situações e faz escolhas. Portanto, é praticamente impossível separar aspectos intelectuais dos aspectos volitivos. Quando se considera o coração humano, deve-se levar em conta a dinâmica de seu funcionamento e não seus “compartimentos”, “divisões” e “categorias”. Deve-se pensar neles “trabalhando continuamente em conexão um com os outros”.²⁴

Na carta de Efésios 1.18, Paulo ora pelos irmãos, a fim de que: “os olhos do coração de vocês sejam iluminados”. O apóstolo está reconhecendo que a sabedoria espiritual não é algo que possa ser alcançado apenas pela inteligência ou esforço humano, mas é uma revelação divina que vem de Deus. É uma experiência espiritual que envolve toda a pessoa, não apenas a mente.

O coração é, portanto, um símbolo da necessidade de uma transformação espiritual completa, na qual Deus age em todo o ser, incluindo a mente, a vontade e as emoções. A oração de Paulo contida em Efésios 1.18, é uma chamada para que os cristãos abram seus corações, a fim de que possam ser transformados pela iluminação divina e, assim, compreenderem plenamente a esperança e a herança que têm em Cristo.

Em seu comentário sobre Efésios, Stott enfatiza que o pedido de Paulo por uma iluminação do coração indica a necessidade de uma transformação interna, não apenas de um conhecimento intelectual: “Paulo não está pedindo que os olhos da mente sejam iluminados, mas os do coração. Ele está orando para que Deus dê a eles uma compreensão pessoal e experiencial”.²⁵

O versículo que se encontra em 1 Pedro 3.4, ensina que a verdadeira beleza não está na aparência física, mas no “ser interior”. Essa expressão é usada em outros lugares na Bíblia, como na carta em Romanos 7.22. Nela, Paulo fala sobre a luta entre a lei de Deus em sua mente e a lei do pecado em sua carne. Neste cenário, o “coração” é o “eu” interior ou a consciência moral da pessoa.

De acordo com a teologia bíblica, o coração é o lugar onde Deus trabalha para transformar a pessoa e torná-la mais semelhante a ele. A beleza que Pedro enfatiza não é meramente superficial, mas sim uma beleza que vem de um coração transformado por Deus. Grudem destaca que a referência de Pedro ao “ser interior” revela a importância da atitude e do caráter interior de uma pessoa em contraste com a ênfase da cultura em aparência física e riqueza. Ele, ainda, observa que o olhar de Pedro na beleza interior está alinhado com a ênfase bíblica na transformação do coração pela graça de Deus.²⁶

No intuito de se compreenderem os problemas enfrentados pelo ser humano, observa-se que os estudos efetivados pelas áreas das ciências humanas, sociais e biológicas nem sempre alcançam resultados concretos e eficazes, porque estão trabalhando, em certo

²³ SOUSA, 2022, p. 5.

²⁴ SOUSA, 2022, p. 5.

²⁵ STTOT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: Ultimato, 2001, p. 76.

²⁶ GRUDEM, Wayne. **1 Pedro**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 115.

sentido, com a ênfase no homem exterior, em que o centro da questão está no coração. Contudo, é para o homem interior que se faz necessário olhar, na tentativa de compreender, mesmo que limitadamente, a razão que move o seu existir e isso precisa ser investigado.

A verdade é que somente Deus é “conhecedor do coração” humano. Nem o próprio homem pode conhecê-lo. “Ninguém pode entender seu próprio coração, muito menos mudá-lo. O homem sem Deus vive sob o poder do pecado, que fez sua habitação no seu coração e, desta posição favorável, escraviza o homem inteiro”.²⁷ Por essa razão, o estudo da dinâmica do coração torna-se relevante para o entendimento da natureza humana, visando ao melhor relacionamento do homem com o seu Criador. Como diz Adams, “a verdade é que a discussão da noção bíblica de coração é completamente elucidativa [...], e enquanto não for devidamente entendida, não se terá uma compreensão real da natureza humana (em especial do seu aspecto espiritual)”.²⁸

Uma vez entendidas algumas das possíveis traduções do termo bíblico “coração” tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, o próximo passo é elucidar como, na cosmovisão bíblica e a partir do relato da criação, o “coração” do homem se torna o grande alvo de redenção de Deus e, posteriormente, como tal fundamento assume espaço indispensável na prática do aconselhamento bíblico.

3. A COSMOVISÃO BÍBLICA E A CENTRALIDADE DO CORAÇÃO APRESENTADA NOS CAPÍTULOS 1 A 3 DE GÊNESIS

O termo cosmovisão é implicador de posicionamentos que são assumidos no jeito de pensar, sentir, crer, fazer e agir. Ele diz da maneira como cada pessoa e grupo social tecem leituras sobre a realidade, por isso que não se pode falar de uma cosmovisão, mas de cosmovisões.²⁹ Geisler apresenta a cosmovisão como “um conjunto de pressupostos básicos que um indivíduo ou grupo tem acerca da realidade, que influenciam sua interpretação e avaliação de todas as coisas na vida”.³⁰

Sire³¹ define cosmovisão como um compromisso fundamental do coração e que ocorre por meio de pressupostos conscientes ou inconscientes que se crê e fundamentam a existência. São eles que ajudam o ser humano a dar respostas às questões essenciais da vida.

Domingues³² informa que uma especificidade da cosmovisão é que apresenta um conteúdo que, ao ser apropriado, resulta no ato de significação. É por essa razão que se pode dizer que uma cosmovisão faz parte da vida e da cultura, à medida que ela responde aos

²⁷ COENEN; BROWN, 2000, p. 507.

²⁸ ADAMS, Jay E. **Teologia do aconselhamento cristão**: mais que redenção. Tradução Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio: Peregrino, 2016, p. 164.

²⁹ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Visões de mundo e a leitura bíblica da realidade**. Curitiba: Discipular, 2019, p. 20-36.

³⁰ GEISLER, Norman L. **A Cosmovisão Cristã**. São Paulo: Vida, 2017, p. 23.

³¹ SIRE, James. **Dando nome ao elefante**. cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2019, p. 160-166.

³² DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2022, p. 15.

anseios do coração humano. “Uma cosmovisão significa e oferece sustentação ao ato da existência, visto que nela se atribuem os significados que asseguram o ser e o estar no mundo”.³³

A cosmovisão que aqui se ressalta é a cristã bíblica, isso porque se compreende que as respostas oferecidas às questões existenciais são completas e se encontram na própria revelação de Deus. Nela, está claro que o propósito da existência de toda a criação é a adoração. Ryken³⁴ declara que é na adoração a Deus que a criação encontra a sua razão de ser. Isso porque “a única adoração que preenche o coração humano e satisfaz a alma é aquela que é dirigida ao Deus único e verdadeiro. O Deus da revelação”.³⁵

A cosmovisão cristã é uma forma de compreender a realidade e se fundamenta na ação providencial de Deus na história da criação. Os pressupostos defendidos abordam a crença em um único Deus, a autoridade das Escrituras Sagradas e a obra salvífica de Jesus Cristo. Ela fornece uma perspectiva abrangente sobre questões fundamentais da vida, como a origem do universo, a natureza humana, o episódio da queda, o propósito da vida, a ética e a moralidade, o papel da história, dentre outras.

Pearcey define a cosmovisão cristã como “uma rede interconectada de crenças, valores e pressuposições que fornece uma estrutura unificada para compreender a realidade”.³⁶ Ela argumenta que a cosmovisão cristã não é apenas uma coleção de crenças isoladas, mas um sistema completo de pensamento que aborda questões que vão desde a natureza de Deus e do homem até a ética e a política, tendo sempre como base e autoridade final as Escrituras Sagradas.

A cosmovisão cristã é fundamentada na crença em Deus como o Criador do universo, sendo Ele a fonte de toda verdade e moralidade, enfatizando a importância da Bíblia como matriz de tal autoridade e verdade. Além disso, e, mais especificamente, essa cosmovisão, fundamentando-se no relato da criação em Gênesis 1 a 3, argumenta que a queda do homem e sua consequente alienação de Deus é a raiz de todos os problemas do mundo, incluindo a doença, a morte e a degradação moral. Ela enfatiza a necessidade de redenção e restauração através de Jesus Cristo como a única solução para esses problemas.³⁷

Algumas questões levantadas pelo ser humano são: por que o homem faz aquilo que faz? Como as coisas deveriam ser? Qual a maneira pela qual as coisas podem ser restauradas? Essas são perguntas que toda cosmovisão se propõe a responder, e a Bíblia não é diferente. Portanto, entender a perspectiva da criação, queda e redenção, em Gênesis, acarretará conhecer a centralidade do “coração” na abordagem dos dilemas humanos mais profundos e que são respondidos pelos pressupostos da cosmovisão cristã bíblica.

³³ DOMINGUES, 2022, p. 15.

³⁴ RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã**: com guia de estudos e glossário. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 50.

³⁵ DOMINGUES, 2022, p. 25.

³⁶ PEARCEY, Nancy. **Total truth**: liberating christianity its cultural captivity. USA: Crossway, 2008, p. 24.

³⁷ GEISLER, 2017, p. 47-49.

3. O CORAÇÃO COMO ALVO DE DEUS NA CRIAÇÃO

Segundo o cristianismo, a “*imago Dei*” é a expressão em latim para “*imagem de Deus*”. É a crença de que os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus, tendo uma natureza especial que reflete a natureza divina. Essa crença tem implicações significativas na ética e na compreensão da dignidade humana.

Segundo Erickson, “a *imago Dei* se refere a um relacionamento com Deus que implica o reflexo da natureza divina nas pessoas”.³⁸ Isso significa que os seres humanos têm uma natureza especial que os distingue de todos os outros seres criados, e que essa natureza inclui a capacidade de refletir a natureza de Deus em termos de amor, bondade, justiça e outros atributos divinos. A ideia de *imago Dei* é mencionada na Bíblia em Gênesis 1.26-27:

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

O relato da criação de Gênesis 1 tem uma cadência, um ritmo. Deus cria no primeiro dia a luz, dia e noite passam a existir; cria, no segundo dia, céus, terra e água; e assim é até o sexto dia, quando Deus criou homem e mulher e, até aqui, sempre a declaração de que tudo o que foi criado é bom. Entretanto, no sexto dia, o ritmo é interrompido. Deus fez algo que até então não havia feito. Deus interage falando com Adão e Eva. Tripp propõe que tanto o fato de o homem ser a imagem e semelhança de Deus quanto o ritmo ditado em Gênesis 1, na criação do homem e da mulher, mostra a interação entre Deus e eles e sugere que todo ser humano foi criado com três características fundamentais: são receptores de revelação, intérpretes e adoradores.³⁹

O ato da criação do homem e da mulher significa que Deus não apenas fez o casal, antes, toda a humanidade está neles representada, para espelhar (*imago dei*) e espalhar (multiplicação da espécie) a sua glória a este mundo. E, mais ainda, o fato de que toda a identidade e propósito pelo qual homem e mulher existem se fundamentam em Deus, em sua voz, em seus planos.

A capacidade de o homem ouvir, entender e aplicar as palavras de Deus em sua vida (receptores de revelação) foi dada para que a humanidade pudesse, não apenas se relacionar entre si, mas relacionar-se com Deus. A criação humana no Gênesis não tem “*luz própria*”, não é portadora de uma razão de existir por si só, antes, existe a partir de Deus. Seus desejos, vontade, paixões, razões e emoções giram em torno da voz e chamado de Deus para suas vidas.

É certo que o ser humano vive interpretando coisas. Da criança que escuta a conversa de seus pais e começa a criar pressupostos de certo e errado na vida, ao adulto dialogando sobre moral e ética na academia. De fato, é dada ao ser humano a capacidade de interpretar

³⁸ ERICKSON, Millard. **Christian theology**. USA: Baker Academy, 2013, p. 514.

³⁹ TRIPP, 2009, p. 69-77.

o mundo à sua volta. Isso significa dizer que Deus fez a humanidade como intérpretes, ou seja, com uma capacidade inigualável (dentre toda a criação de Deus) de organizar, interpretar e explicar.

A maneira como o ser humano interpreta a vida e confere sentido é que pode condicionar as emoções, vontades, paixões. Afinal, ele tem a capacidade para criar planos que possam ajudar a encontrar soluções, como engajar-se em projetos e inovar por meio de ideias e criatividade. O ser humano precisa de um sistema de referência para produzir interpretações válidas que o ajudem a reagir à vida de maneira adequada. Só as palavras do Criador podem ajudar a fornecer esse sistema.⁴⁰

Deus, ainda, fez seres humanos adoradores. O objetivo era o de que a adoração a Deus fosse a essência da criatura humana. Adão e Eva foram criados para que tudo ganhasse sentido em suas vidas a partir da pessoa, presença e propósito de Deus. Em um nível mais profundo, o homem existe para “se curvar” diante de algo ou de alguém, e a ideia original contida na criação, era de que o alvo de tal rendição fosse Deus. O apóstolo Paulo diz em 1 Coríntios 10.31: “Portanto, quer vocês comam ou bebam, façam tudo para a glória de Deus”.

O cristianismo ensina que o homem é essencialmente adorador, ou seja, que ele tem uma necessidade inata de adorar algo ou alguém. Essa crença é firmada na ideia de que os seres humanos foram criados para adorar a Deus e que essa é a sua finalidade última. Piper argumenta que a adoração é a atividade mais fundamental e central da vida humana, porque é a resposta natural à glória de Deus revelada em sua criação e em sua Palavra. Ele afirma que “a adoração é a atividade mais valiosa e preciosa que uma pessoa pode realizar. [...] É a razão pela qual fomos criados”.⁴¹

Além disso, Piper argumenta que a adoração é um aspecto essencial da vida cristã, porque é através da adoração que os cristãos se aproximam de Deus e experimentam sua presença de forma mais profunda. Ele afirma que “a adoração é a essência da vida cristã”,⁴² e que é através da adoração que os cristãos são transformados e capacitados a viver vidas piedosas e frutíferas. Assim, o ser humano sempre se curvará diante de algo, ou seja, haverá algo ou alguém que o norteie, governe e tome as rédeas de seu coração; haverá algo que dita a razão, a emoção, os prazeres e as tristezas. No plano original, este agente governador deveria ser Deus, sua presença, seus planos e propósitos.

A importância de voltar o coração para Deus é um tema presente em toda a Bíblia, incluindo os primeiros capítulos de Gênesis, em que a narrativa bíblica da criação do mundo e da humanidade é encontrada. Tudo o que existe foi criado por Deus e para Deus. Isso significa que, ao voltar o coração para Deus, o homem se conecta com a fonte de toda a criação e se encontra com seu propósito.

A necessidade de voltar o coração para Deus em Gênesis 1 e 2 é fundamental para se entender o propósito dos seres criados por ele, afinal em Deus se encontram a verdadeira identidade e o caminho em direção a uma vida plena e significativa. No entanto, quando a

⁴⁰ TRIPP, 2009, p. 73

⁴¹ PIPER, John. **A paixão de Deus por sua glória**. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 21.

⁴² PIPER, 2003, p. 23.

humanidade escolhe se afastar de Deus e decide seguir os seus próprios desejos, o que acontece é que um afastamento de seu próprio propósito e uma vida disfuncional e de muito sofrimento se torna uma realidade presente, como é apresentado a seguir.

4. O CORAÇÃO COMO ALVO DA SERPENTE NA QUEDA

O cenário da criação em Gênesis 1 e 2 tem um ritmo. Deus fala e tudo toma perfeita ordem. O final do capítulo 1 termina com o próprio Deus celebrando sua criação (“e viu Deus tudo o que havia feito, e tudo havia ficado muito bom” – Gn 1.31), e o final do capítulo 2 termina com o homem celebrando a criação de Deus (Gn 2.25). Harmonia e paz imperavam no jardim.

No capítulo 3 de Gênesis, o que se vê é a quebra do ritmo da narrativa da criação, na qual o ser humano rompe a sequência da interação que deu origem a sua identidade, perspectiva e propósito de vida, visto que neste cenário, ele deu atenção a outra voz, alterando os planos propostos. Satanás usa da meia verdade e provoca o desejo de transgredir a ordem estabelecida por Deus. Gênesis 3.1 diz:

Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais selvagens que o Senhor Deus tinha feito. E ela perguntou à mulher: Foi isto mesmo que Deus disse: Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?

Ressalte-se que homem e mulher foram criados para a glória de Deus e, nesse propósito, manter pleno relacionamento com ele, pois o objetivo é de encontrarem sua identidade, chamado e razão de ser na voz do Criador. Eles deveriam interpretar a vida, planejar e se relacionar um com o outro na presença e em adoração ao Criador. No entanto, o pecado entrou no mundo e, pela voz da serpente, uma promessa de vida autônoma foi oferecida. Uma vida separada de Deus. Tripp sugere que a proposta da serpente a Eva visava a mais que lucro imediato; almejava uma vida distanciada, autônoma e não submissa a Deus:

O drama moral chega então ao coração da existência humana. Note que a passagem diz que Eva viu o fruto como “desejável para ganhar sabedoria”. Satanás não estava somente vendendo para Eva o melhor fruto do jardim, mas algo tremendamente atraente. Ele disse a Eva que se ela comesse o fruto, ela seria sábia de maneira independente. A promessa era sabedoria pessoal e autônoma, sem a necessidade de Deus e de Sua revelação! Essa foi a atração que levou à Queda.⁴³

O apóstolo Paulo diz em Romanos 1.18: “Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda a impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça”, e ainda cita no capítulo 1 da carta por três vezes, no verso 24, 26 e 28, que Deus entrega, então, a humanidade aos seus desejos de autonomia e independência e, como consequência de tudo isso, uma série de males que sobrevém ao mundo é descrita dos versos 24 a 32 do mesmo capítulo.

O trecho do texto destacado de Romanos, começa falando sobre o coração do homem se desviando do seu propósito original, que é a adoração a Deus, e buscando a substituição

⁴³ TRIPP, 2009, p. 78.

do verdadeiro Deus por ídolos feitos pelo homem (v. 24-25). Em seguida, o apóstolo Paulo descreve como Deus entregou os seres humanos às paixões pecaminosas, incluindo a sexualidade deturpada, a depravação mental e a falta de compaixão (v. 26-32).⁴⁴

A perícopes destaca a necessidade de uma transformação interior do coração, que só pode ser alcançada através da graça e do poder de Deus. O apóstolo Paulo enfatiza que todos os seres humanos são pecadores e precisam da salvação em Cristo (Rm 3.23-24). Assim, toda a humanidade é afetada pela rebeldia à voz do Senhor e os grandes e pequenos fragmentos do pecado assombram a humanidade em um chamado para uma vida distante de Deus.

A sabedoria de Satanás proporciona ao homem um caminho diferente para o discernimento de si mesmo, oferecendo a promessa de uma vida guiada autonomamente, ou seja, não submissa à autoridade e padrão moral de Deus. Ao ser humano é oferecida uma vida guiada por suas próprias mãos, para que se apoie em sua capacidade de interpretar, pensar, entender e aplicar. Este é o resultado da Queda, vida sem a presença de Deus.

De acordo com a tradição cristã, a entrada do pecado no mundo afetou a adoração a Deus de várias maneiras. A queda do homem tornou a adoração a Deus mais difícil e problemática, pois a humanidade se tornou incapaz de se aproximar de Deus em santidade e pureza. Bridges destaca as várias influências do pecado no coração humano, incluindo, a dureza do coração como uma insensibilidade à voz de Deus; a inclinação para o egoísmo, como consequência o ser humano como alguém centrado em si mesmo, e menos preocupado com os outros; tendência em justificação do erro, como a tendência em sempre terceirizar a culpa e dificuldade em abandonar e confessar pecados; e, por fim, a inclinação à desobediência, como um instinto natural para desobedecer a Deus e sua vontade.⁴⁵

Sendo assim, conseqüentemente, o problema mais profundo da natureza humana não é de natureza experimental, biológica ou relacional. Ela é moral e altera tudo: distorce a identidade, muda a perspectiva, sabota o comportamento e sequestra a esperança. O grande dilema do comportamento humano pelas páginas das Escrituras Sagradas é o coração humano, que é regido pelo desejo de autonomia diante de Deus. Ao invés de se submeter à autoridade de Deus, o mundo vive como se fosse o seu próprio “deus”. O mundo que, certa vez cantou a canção da perfeição, agora geme sob o peso da queda. A comunhão do ser humano com Deus é interrompida pelo pecado, pois, ao contrário de ser espelho da glória e da imagem de Deus (Gn 1.27), ele se escondeu, afastando-se do Criador. Ele fugiu de Deus e não para Deus. Percebeu sua nudez (vergonha, v.10).

Como consequência da queda, a relação entre o homem e a mulher sofre impactos. Homem e mulher não mais vivem um casamento harmônico, antes, culpam um ao outro, rachando a intimidade, a amizade, a união entre eles. Agora, existe entre eles conflito, competição e culpa. Pior, o homem culpava a Deus (implicitamente), por ser ele quem colocou a mulher ao seu lado.

⁴⁴ MOO, Douglas. **The Epistle of Romans**. Michigan: Eerdmans, 1996, p. 83-94.

⁴⁵ BRIDGES, Jerry. **The pursuit of holiness**. Colorado: NavPress, 2016, p. 27-33.

5. O CORAÇÃO COMO ALVO DA REDENÇÃO DO HOMEM

Gênesis 3.15 é um dos versículos mais importantes da Bíblia, conhecido também como o protoevangelho, ou a primeira promessa de Deus de enviar um Salvador para redimir a humanidade da queda. O versículo diz: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. Este versículo fala da vitória final de Cristo sobre Satanás, que foi predita desde o início da história humana.

Cristo é o descendente da mulher mencionado neste versículo e Satanás é o descendente da serpente. Embora Satanás pudesse ferir o calcanhar de Cristo (ou seja, tentar prejudicá-lo), Cristo o feriria na cabeça (ou seja, derrotá-lo-ia completamente). Isto é significativo, porque mostra que Deus tinha um plano de redenção desde o início e que Cristo seria o único a cumprir este plano. Ele também mostra que Satanás é um inimigo real da humanidade e que Cristo tem o poder de vencê-lo. Deus anuncia uma batalha de campeões, e haverá uma semente que vence Satanás. Visto que o Adão natural fracassou, finalmente, o descendente da mulher viria a ser o Adão celestial.⁴⁶

O que parecia sem sentido e fora de controle, era, na verdade, o desenrolar da maravilhosa história da redenção, que alcançou seu auge com a vinda de Cristo.⁴⁷ Toda a história da revelação bíblica aponta para o descendente da mulher que esmagará a cabeça da serpente prometida no relato da criação. Há várias passagens no Antigo Testamento (antes da vinda de Jesus) que são interpretadas como predições da vinda de Jesus. Segue a descrição de algumas delas:

1. Gênesis 22.18: “E em ti serão benditas todas as famílias da terra”. Essa promessa feita a Abraão é interpretada como uma indicação de que o Messias viria da linhagem de Abraão e abençoaria toda a humanidade.
2. Deuteronômio 18.15: “O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis”. Essa passagem é frequentemente citada no Novo Testamento como uma profecia sobre Jesus, que é visto como o profeta que Deus levantou do meio do povo judeu.
3. Isaías 7.14: “Portanto o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e chamará o seu nome Emanuel”. Essa perícopa é vista como uma profecia da concepção virginal de Jesus e seu nome Emanuel, que significa “Deus conosco”.
4. Isaías 9.6: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o governo estará sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo, e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, para o estabelecer e o firmar em retidão e em justiça, desde agora e para sempre”. Essa passagem é vista como uma profecia do nascimento de Jesus, que é visto como o “Príncipe da Paz” e o cumprimento da promessa de um governante justo que viria da linhagem de Davi.

⁴⁶ WALTKE, 2001, p. 111.

⁴⁷ TRIPP, 2009, p. 20.

5. Miquéias 5.2: “E tu, Belém-Efrata, pequena demais para figurar como grupo de milhares de Judá, de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade”. Esse trecho bíblico é visto como uma profecia da cidade de Belém como o local de nascimento de Jesus, o rei de Israel.
6. Zacarias 9.9: “Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém; eis que o teu rei vem a ti, justo e salvo, pobre e montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho de jumenta”. Essa passagem é vista como uma profecia da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém antes da sua crucificação, quando ele montou em um jumento.

O Novo Testamento, então, tem como seu grande objetivo apresentar o plano estabelecido desde o Gênesis. Marcos 1.15 registra as palavras de Jesus desta maneira: “O tempo está se cumprindo, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho”. O que Jesus está dizendo, então, é que o reino de Deus no coração e na vida dos homens começaria a se afirmar muito mais poderosamente do que antes. Grandes bênçãos estavam preparadas para aqueles que, pela graça soberana, confessariam e deixariam seus pecados e começariam a viver para a glória de Deus.⁴⁸

O desejo da autonomia humana diante da proposta de viver “em” e “para” Deus tinha um preço altíssimo, a saber, a morte e a separação eterna de Deus (Rm 3.23 e 6.23). A rebeldia humana não apenas afeta o comportamento presente do homem, mas também o seu destino eterno. Deus é santo, justo e bom (Ap 4.8-11), e a humanidade é pecadora. O “salário do pecado é a morte” (Rm 6.23a), significa que a penalidade para o pecado é a morte espiritual e física.

Desde a queda do ser humano no Jardim do Éden, o pecado trouxe a morte para a humanidade, separando-a de Deus. A morte é a consequência natural do pecado, “mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor” (Rm 6.23b).

A redenção do coração é uma das principais promessas do evangelho cristão. É a libertação de um coração escravizado pelo pecado e pela culpa, e a restauração da comunhão com Deus. Essa redenção foi conquistada por Cristo através de sua morte e ressurreição, e é oferecida a todos os que creem nele como Senhor e Salvador.

Lambert argumenta que a redenção do coração é um processo contínuo que começa com a justificação pela fé em Cristo e continua com a santificação progressiva através da obediência à Palavra de Deus. Ele enfatiza que a mudança do coração não é algo que o homem alcança por si mesmo, mas é obra exclusiva de Deus.⁴⁹ Além disso, destaca que a redenção do coração é uma redenção completa, que envolve todas as áreas da vida humana. Isso inclui pensamentos, desejos, motivações, relacionamentos e comportamentos. A redenção do coração não é apenas uma questão de mudança externa, mas de transformação interna profunda.⁵⁰

⁴⁸ HENDRIKSEN, W. **Marcos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 68.

⁴⁹ LAMBERT, Heath. **A theology of biblical counseling**: The doctrinal foundations of Counseling ministry. Grand Rapids: Zondervan, 2016, p. 53.

⁵⁰ LAMBERT, 2016, p. 54.

Scott argumenta que a redenção do coração é o cerne da salvação, pois envolve a transformação da natureza humana de pecaminosa para santa, o que é impossível de se realizar por esforços próprios. Ele enfatiza que a salvação em Cristo não é apenas uma questão de justificação diante de Deus, mas também de santificação contínua na vida cristã. Além disso, destaca que a redenção do coração é um processo contínuo que envolve a renovação da mente, a mortificação do pecado e a vivificação do Espírito Santo. A redenção do coração não é apenas uma mudança externa de comportamento, mas uma transformação interna profunda que envolve toda a vida do crente.⁵¹

Cristo veio restaurar as pessoas, a fim de que elas vivessem de acordo com o propósito para o qual elas foram criadas: viver em adoração e submissão obediente a Ele em todas as áreas de suas vidas. Ele cumpre isso, trazendo vida aos corações mortos para que a necessidade dele seja compreendida por todos.

A redenção tem como seu principal objetivo o resgate da possibilidade de o homem poder ouvir, se render e ser dirigido dependentemente pela voz de Deus. O coração criado para se render ao Criador, que, outrora, fora escravizado pelas consequências de ter se submetido à voz da serpente, agora pode ser restaurado e viver alegremente para espelhar e espalhar a glória de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o aconselhamento pastoral bíblico “é o processo de ajudar as pessoas a aplicarem a verdade bíblica às suas vidas para enfrentar os problemas e desafios existentes”⁵², então, é de extrema importância que o conselheiro tenha o “coração” como seu alvo. Mais do que isso, que a investigação e análise do coração se fundamentam e tenham como alvos, os pressupostos da cosmovisão cristã a partir da criação, queda e redenção.

Em outras palavras, em um aconselhamento bíblico deve se levar em conta o que está por detrás do comportamento (coração): quais são os desejos, ambições, vontades, quais as perspectivas sobre Deus e sobre si mesmo e, também, quais as leituras da realidade vivida pelo aconselhado que definem como ele se encontra e como tem reagido.

Espera-se, assim, observar o que a perspectiva de uma vida submissa a Deus e Sua palavra almeja para o aconselhado (criação), à medida que se denuncia como o desejo de autonomia humana e rebeldia contra Deus influenciam a situação vivida e, por isso, precisam ser consideradas para que sejam tratadas (queda) e, por fim, aponte o caminho da restauração para que aquele que está carente de ajuda, possa empenhar-se em uma vida que glorifica e agrada a Deus na maneira como encara sua realidade (redenção).

REFERÊNCIAS

ABDALLA, Thiago. **O hebraico nosso de cada dia**. São Paulo: Hagnos, 2022.

⁵¹ SCOTT, Stuart. **The exemplary husband**: a biblical perspective. Bemidji: Focus, 2002, p. 20-21.

⁵² ADAMS, Jay E. **What is biblical counseling?** In Introduction to Biblical Counseling. USA: Zondervan, 1986, p. 14.

ADAMS, Jay E. **Teologia do aconselhamento cristão**: mais que redenção. Tradução Samuel Fernandes do Nascimento Jr. Eusébio: Peregrino, 2016.

ADAMS, Jay E. **What is biblical counseling? In Introduction to Biblical Counseling**. USA: Zondervan, 1986.

AGOSTINHO. **A cidade de Deus**: Versão em latim com tradução em inglês. Livro 10.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo NVI**. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA, Sagrada. **Almeida revista e atualizada**. Barueri: SBB, 1993.

BÍBLIA, Sagrada. **Nova versão internacional**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

BRIDGES, Jerry. **The Pursuit of Holiness**. Colorado: NavPress, 2016.

CALVINO, João. **Institutas da Religião Cristã**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

CALVINO, João. **Salmos**. São José dos Campos: Fiel, 2009.

COENEN, L; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

CRAIGIE, P. C. **Deuteronômio**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica direcionadas à formação humana. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen, 2022.

ERICKSON, Millard. **Christian theology**. USA: Baker Academy, 2013.

GEISLER, Norman L. **A cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida, 2017.

GEISLER, Norman. **Enciclopédia de apologética**. São Paulo: Vida, 2012;

GRUDEM, Wayne. **1 Pedro**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HENDRIKSEN, W. **Marcos**. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

HENDRIKSEN, W. **Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

HOMERO. **Ilíada**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1.

HOMERO. **Odisseia**: Versão em grego antigo com tradução em inglês. Livro 1.

LAMBERT, Heath. **A theology of biblical counseling**: the doctrinal foundations of counseling ministry. Grand Rapids: Zondervan, 2016.

LANE, Timothy; TRIPP, Paul. **Como as pessoas mudam**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

- MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- MOO, Douglas. **The epistle of Romans**. Michigan: Eerdmans, 1996.
- PEARCEY, Nancy. **Total truth: liberating christianity its cultural capitivity**. USA: Crossway, 2008.
- PIPER, John. **A paixão de Deus por sua glória**. São Paulo: Vida Nova, 2003.
- PIPER, John. **Desiring God: meditations of a christian hedonist**. EUA: Multnomah, 1996.
- PIPER, John. **Plena satisfação em Deus**: São José dos Campos: Fiel, 2009.
- PRATT JrR, R. L. **1 e 2 Crônicas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- RYKEN, Philip. **Cosmovisão cristã: com guia de estudos e glossário**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.
- SIRE, James. **Dando nome ao elefante**. Cosmovisão como um conceito. Brasília: Monergismo, 2019.
- SMITH, Raph. **Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem**. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- SOUSA, Fernando. **Colloquium: revista multidisciplinar de teologia**. Crato: Faculdade Batista do Cariri, 2022.
- STTOT, John. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: Ultimato, 2001.
- TRIPP, Paul D. **A idade da oportunidade**. São Paulo: Batista Regular, 2011.
- TRIPP, Paul. **Instrumentos nas mãos do Redentor**. São Paulo: Nutra, 2009.
- WALTKE, B. K. **Provérbios**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- WALTKE, B. K.; Fredericks, C. J. **Gênesis**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v9.n1.009



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

HERMENÊUTICA APLICADA ÀS EPÍSTOLAS PAULINAS E AS IMPLICAÇÕES DO GÊNERO LITERÁRIO

Hermeneutics applied to the epistles of Paul and the implications of literary
genre

Emanoel Querino Domingues¹

RESUMO

A proposta do artigo visa abordar as implicações do gênero literário, especificamente, as epístolas paulinas, na compreensão e na interpretação de textos bíblicos, refletindo sobre a fundamental importância de saber identificá-los corretamente. Reconhece-se o sentido de ser da hermenêutica, descrevendo sobre as implicações do gênero literário e o processo de interpretação, haja vista que cada gênero possui suas próprias características, princípios e regras específicas de interpretação, sobretudo, as aplicadas ao gênero epístolas paulinas. O problema que norteia a discussão parte da seguinte questão: como o processo de identificação do gênero literário ajuda no ato de compreensão de um texto epistolar presente nas cartas paulinas? A hipótese declara que se o estudo da hermenêutica é imprescindível para a correta compreensão e interpretação das Escrituras, então o verdadeiro significado do texto bíblico e sua aplicação serão adequadamente verificados pela e com o auxílio da ferramenta hermenêutica. Conclui-se que não se pode deixar de ressaltar a importância de alicerçar a compreensão e a interpretação das Escrituras em pressupostos coerentes com as verdades da fé cristã.

Palavras-chave: Hermenêutica. Epístolas paulinas. Argumentação. Ensino bíblico.

¹ Mestre em Ministério pela Carolina University. Mestrando em Direito pela UNICURITIBA. Bacharel em Ciências Contábeis e Direito. Curso Livre em Teologia. Servidor público. Integrante do Conselho Ministerial, Exame de Contas, ABC Vida e de Missões na Igreja Batista do Bacacheri. Tesoureiro do CAEBE. ORCID: <https://orcid.org/000900071047-0451>. E-mail: emamoelauditor@hotmail.com

ABSTRACT

The proposal of this article is to discuss the implications of the literary genres, specifically the epistles of Paul, for understanding and interpreting biblical texts, reflecting on the fundamental importance of knowing how to identify them correctly. The meaning of hermeneutics is recognized, describing the implications of literary genre and interpretation process, given that each genre has its own characteristics, principles and specific rules of interpretation, especially those applied to the epistles of Paul. The problem that guides the discussion is based on the following question: how does the identifying process of the literary genre help in the act of understanding an epistolary text present in the letters of Paul? The hypothesis states that if the study of hermeneutics is indispensable for the correct understanding and interpretation of Scripture, then the true meaning of the biblical text and its application will be properly verified by and with the aid of the hermeneutical tool. It is concluded that it is necessary to emphasize the importance of basing the understanding and interpretation of Scripture on presuppositions that are consistent with the truths of the Christian faith.

Keywords: Hermeneutics. Epistles of Paul. Argumentation. Biblical Teaching.

INTRODUÇÃO

Este artigo elege por finalidade abordar sobre as implicações do gênero literário, especificamente, as epístolas paulinas, na compreensão e na interpretação de textos bíblicos, refletindo sobre a fundamental importância de saber identificá-los corretamente, conhecer as suas principais características e as regras hermenêuticas específicas aplicadas às epístolas paulinas.

A Escritura emprega métodos literários e, como tal, deve ser interpretada como literatura, pois como apontado por Klein² “cada tipo de literatura tem o seu próprio campo de referência, regras, estratégia e propósito [...]”, e, sendo da mesma forma, a Bíblia revelada em linguagem humana, faz-se necessário que no ato de interpretação, considere a aplicação de ferramentas literárias que ajudam no processo de compreensão da mensagem de maneira adequada.

Assim, a priori, observa-se o desenvolvimento de duas competências literárias: linguística e gênero literário. A primeira diz respeito à habilidade do leitor da Bíblia de compreender o sentido pretendido pelo autor; e a segunda, expressa a noção instintiva cultural para discernir as pistas de um gênero em particular e do seu cenário.

O problema que norteia a discussão parte da seguinte questão: como o processo de identificação do gênero literário ajuda no ato de compreensão de um texto epistolar presente nas cartas paulinas? A hipótese declara que se o estudo da hermenêutica é imprescindível para correta compreensão e interpretação das Escrituras, então o verdadeiro significado do texto bíblico e sua aplicação serão adequadamente verificados pela e com o auxílio da ferramenta hermenêutica.

² KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 515.

Elege-se a pesquisa descritiva, pois busca de forma “objetiva descrever as características de uma população ou fenômeno, além de verificar se há relação entre as variáveis”.³ Nesse sentido, a pesquisa tem por finalidade efetivar o estudo da hermenêutica, a fim de compreender e analisar os principais princípios, métodos e regras básicas para uma adequada interpretação das epístolas paulinas, requerendo aprimorar a sua aplicação no processo de elaboração de mensagens e estudo bíblico. Para tal, se fará avaliação de literatura bibliográfica de autores renomados, entre outros, referente ao tema a ser investigado, bem como da Bíblia.

Pretende-se trabalhar na perspectiva da metodologia qualitativa, pois é “aquela que produz dados descritivos: as próprias palavras das pessoas; faladas ou escritas, e a conduta observável”. A metodologia qualitativa proporciona ao investigador a observação de forma holística, ou seja, inclui: cenários; pessoas; sentimentos; processos; relações e símbolos, disponibilizando uma “janela pela qual pode adentrar no interior de cada situação ou sujeito”.⁴

O ponto de partida para a avaliação bibliográfica será o método hermenêutico, pois “o método hermenêutico trabalha com a compreensão, interpretação e significação do texto, a fim de obter um novo olhar sobre o mesmo”⁵, configurando desta forma uma chave que determina o círculo hermenêutico, ou seja, parte-se do texto para sua interpretação e nova interpretação

No mesmo sentido, aborda sobre os modelos de hermenêutica aplicada às cartas paulinas, significa discorrer sobre passagens ou exemplos de questões hermenêuticas adequadas, haja vista ser realizada com fundamento nos princípios e nas regras hermenêuticas gerais e específicas inerentes às cartas paulinas.

1. APRENDENDO A IDENTIFICAR O GÊNERO LITERÁRIO EPÍSTOLAS

No conjunto da Escritura Sagrada existe vários estilos ou gêneros literários, assim, para uma adequada interpretação, é importante realizar uma análise preliminar do texto a ser estudado, a fim de identificar qual o seu estilo literário, pois se deve observar princípios e métodos específicos inerentes à cada gênero literário presente nas Escrituras.

Segundo Hullinger⁶, “a palavra ‘epístola’ vem do substantivo grego *ἐπιστολή*, que se refere simplesmente a uma ‘carta’. As cartas eram usadas extensamente no mundo antigo e correspondem a grande parte do Novo Testamento”, compreendendo 21 dos 27 Livros, cerca de 35% do conteúdo de todo o Novo Testamento, cujos Livros de Romanos até Judas foram escritos ou para uma pessoa individualmente, ou a uma determinada Igreja, ou a uma localidade e ou região específica.

Uma importante indagação a respeito do gênero literário epístola ou carta, é saber o motivo que levou os apóstolos a optarem pela utilização das cartas como meio de

³ MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012, p. 47.

⁴ GÓMEZ, G. R.; et al. **Metodologia de la investigación cualitativa**. Ediciones Aljibe, 1996, p. 62.

⁵ DOMINGUES, Gleyds Silva. **A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos**. Winston-Salem: Piedmont International University, 2019, p. 55.

⁶ HULLINGER, 2019, p. 5.

comunicação. Nesse sentido, Carson, Moo e Morris⁷ apontam dois possíveis motivos: 1º- o movimento cristão primitivo, com o seu crescimento rápido e seus missionários itinerantes, exigia um meio de comunicação à distância; e 2º- a sensação dada pela carta de proximidade pessoal. Assim, percebe-se que a utilização do gênero literário cartas foi uma solução natural.

Interessante que o seu valor canônico, dotado de autoridade, apenas surgiu posteriormente, tendo em vista que não foi a intenção inicial do apóstolo criar premeditadamente um estilo de instrução religiosa. Ademais, na época do apóstolo Paulo o uso do estilo carta era um meio de comunicação que considerava a presença da pessoa do escritor, auxiliando, estrategicamente, os apóstolos a conduzirem os crentes nas diversas igrejas, mesmo à distância.

Segundo Carson, “embora a comunicação por cartas não fosse de forma alguma desconhecida no mundo do Oriente Médio antigo”, por exemplo, pode-se verificar sua utilização em 2 Samuel 11.14-15 e Esdras 4.5, todavia, foi no mundo greco-romano que o estilo literário cartas se firmou como um veículo de comunicação popular, em que Carson, citando Stanley, afirma que a forma básica era constituída de endereço e saudação, corpo e conclusão.⁸ De tal forma, que o endereço e a saudação eram bem curtos, apresentando a fórmula “A” para “B”.

Essa fórmula simples de “A para B” foi utilizada no concílio apostólico às igrejas (Atos 15.23) e na Carta de Tiago 1.1, entretanto, as cartas paulinas se expandem, às vezes, consideravelmente, em que o endereço pode ser composto por três elementos (nome do autor; destinatários; e voto), e modifica a saudação simples por uma oração por bênçãos, e/ou uma menção de graças que “pode ser reconhecido pelos seguintes indícios: o termo “render graças” (*euchristein* em grego); os destinatários; as razões da ação de graças; o objeto desta; a menção de orações”⁹, e, ainda, uma doxologia.

Ademais, as cartas, geralmente, são estruturadas em partes, como, por exemplo, a Carta aos Romanos que apresenta duas partes, a primeira uma tese ou proposição principal e a segunda uma exortação que segundo Reynier:

[...] vem sempre introduzida pelo verbo grego *parakalein* (“convocar”, “exortar”). Este verbo possui a mesma raiz que Paráclito, outro nome dado ao Espírito Santo. Empregando esse termo, Paulo sugere que a parte exortativa é inspirada pelo Espírito Santo e que a vida cristã é uma vida no Espírito.¹⁰

De todo modo, apesar de diversos estudos sobre algum tipo modelar padronizado de formato das cartas, não se obteve consenso universal, conseguindo-se apenas constatar que “Os propósitos variados em que as cartas foram escritas levaram, muito naturalmente, a bastante tipos diferentes de corpos de cartas”¹¹, e que as epístolas neotestamentárias se

⁷ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 261-262.

⁸ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 262.

⁹ REYNIER, Chantal. **Para ler a carta aos romanos**. Paris: Loyola, 2011, p. 15.

¹⁰ REYNIER, 2011, p. 20.

¹¹ CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 263.

destacaram por serem bem mais extensas do que os modelos das cartas antigas greco-romanas. Ademais, pode-se apontar certa semelhança de natureza genérica das cartas do Novo Testamento com as cartas antigas, bem como diferenças, provavelmente, advindas da influência judaica e dos propósitos e das situações especiais em que foram escritas.

2. CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO LITERÁRIO EPÍSTOLAS PAULINAS E UTILIZAÇÃO DO ANTIGO TESTAMENTO

Das vinte e uma epístolas ou cartas dos livros do Novo Testamento, treze são do apóstolo Paulo, e nunca é demais ressaltar que, de acordo com Köstenberger, “as cartas de Paulo são de natureza tanto ocasional quanto literária”,¹² portanto, são também consideradas como do gênero epístola, considerando-se que todas as treze epístolas são de autoria do apóstolo Paulo, não se adentrando na discussão sobre a possível não autoria, de maneira que as que levam o nome do apóstolo Paulo são denominadas neste trabalho de paulinas.

As cartas antigas tinham um padrão literário de serem bem curtas, estima-se uma média de 87 palavras; já as cartas neotestamentárias, com exceção de Filemom, 2 e 3 João e Judas, eram extensas, principalmente, a carta aos Romanos que tem cerca de sete mil e cem palavras, acima da média das cartas da Antiguidade, o que demonstra um grande esforço do apóstolo para sua escrita, tendo em vista o alto custo do papiro e das horas necessárias para sua criação.¹³

As cartas apresentam a seguinte estrutura básica: introdução, corpo e conclusão, tendo a introdução e a conclusão uma forma bem padronizada, mas o seu corpo expressa uma ampla variedade de estilos. Por isso, é preciso saber interpretar adequadamente as cartas de Paulo. Afinal, sobre a escrita paulina, o apóstolo Pedro as considerava difíceis de entender. Se para Pedro, que era contemporâneo de Paulo, era difícil entender as cartas de Paulo (2Pe 3.16), acredita-se que a dificuldade maior deva existir atualmente após, aproximadamente, vinte séculos de seu registro.

Em virtude da extensão da obra de Paulo, duas questões importantes devem ser apreciadas, a primeira em relação a um possível tema central e unificador das cartas paulinas, e a segunda, se a teologia paulina ao longo dos escritos tem seu posicionamento alterado sobre alguma questão doutrinária importante. Assim, verifica-se que, provavelmente, não haja um tema unificador.

Ainda para Köstenberger, no processo de argumentação utilizado pelo apóstolo Paulo, verifica-se a recorrência às tradições cristãs, como credos ou hinos (contexto litúrgico tradicional), códigos domésticos (para orientação e apologética), lemas (cultura pagã, é preciso diferenciar das palavras do autor), bem como listas de vícios e virtudes (retratar a depravação pagã, incentivar a andar de forma virtuosa e prevenir do pecado), portanto, o uso dessas tradições reflete em uma certa particularidade e propósito definido.

¹² KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 424.

¹³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017. p. 501.

As cartas podem ser classificadas do tipo de repreensão, de amizade ou de família, estéticas, oficiais e ensaios epistolares, entretanto, segundo Keener, “essas categorias definiram exemplos para a composição das cartas, mas as cartas genuínas do século 1 não podem ser reduzidas a essas categorias estanques”.¹⁴

Destarte, são identificadas duas regras. A primeira regra é um limite que impede que a influência de contextos culturais diferentes do século I, interfira no significado do texto; já a segunda regra, se exegeticamente bem aplicada quanto à semelhança das situações, possui significados com o poder de edificar imensamente e de forma direta a igreja local. Entretanto, Fee e Stuart¹⁵ apresentam quatro problemas advindos da aplicação das regras exegéticas. Primeiro, que nem sempre é muito fácil aplicar os significados dos textos das epístolas à igreja local, tendo em vista o próprio limite de sua aplicação; segundo, que eles não podem ser comprados; terceiro, a realidade dos diferentes contextos culturais que resulta no relativismo cultural; e quarto, à própria dificuldade de sistematização doutrinária epistolar devido a sua característica ocasional ou situacional.

Nesse diapasão, Fee e Stuart discorrem sobre essas dificuldades na aplicação dos textos epistolares, ressaltando quanto à sua limitação que, em regra, a aplicação estendida é legítima porque é verdadeira, pois “é claramente declarada em outras passagens em que aquela é a intenção da passagem”.

Com relação aos textos não comparáveis, Fee e Stuart orientam a efetivação de uma adequada exegese, buscando identificar o significado pretendido pelo autor, reconhecendo que o princípio é atemporal e por isso deve ser aplicado a todas as “situações genuinamente comparáveis”.¹⁶ Ademais, quanto ao relativismo cultural, Fee e Stuart sustentam uma postura de moderação do hermenêuta/exegeta, levando em consideração um grau patente de relativismo cultural oriundo de vários povos ainda presentes no mundo. Todavia, não significa renunciar a princípios eternos e transcendentais, que são padrões da Palavra de Deus a serem sempre observados, mas, tão somente, que “o reconhecimento da existência de certo grau de relativismo cultural é um procedimento hermenêutico válido e é um corolário inevitável da natureza ocasional das epístolas”.¹⁷

Assim, é preciso distinguir questões atemporais estabelecidas nas cartas Paulinas como um padrão moral e princípio eterno, que de forma uniforme e consistente mostra-se bem aplicado às situações específicas semelhantes e que ocorrem na igreja local, além de observar a caridade e o amor cristão na sua aplicação.

Ao se usar a prática hermenêutica é preciso considerar tais critérios, porque eles ajudam o leitor a aproximar-se não apenas do texto, mas do contexto em que eles foram gerados. Por isso, o ato de estudo hermenêutico é imprescindível ao processo de exegese, devendo ser avaliado tais requisitos para que a interpretação não seja tendenciosa e nem mesmo errônea quanto ao significado pretendido pelo autor.

¹⁴ KEENER, 2017, p. 501.

¹⁵ FEE; STUART, 2011, p. 93-107.

¹⁶ FEE; STUART, 2011, p. 93-96.

¹⁷ FEE; STUART, 2011, p. 99.

Paulo ao se utilizar de alegorização numa passagem na Epístola aos Gálatas 4.21-30 (Sara e Agar, alegorias das duas alianças), pode ter causado perplexidade e acusação por parte de teólogos liberais de que teria usado métodos hermenêuticos ilegítimos para o seu tempo, entretanto, Virkler adverte que “se, deveras, Paulo serviu-se de métodos ilegítimos, certamente isto teria significativas implicações para nossa doutrina da inspiração”.¹⁸ Todavia, o próprio apóstolo declara que se trata de uma alegoria constante no versículo 24, ao anunciar que “estas coisas são alegorias, porque essas mulheres são duas alianças”. Ou seja, numa análise mais detida, Paulo se utiliza da alegorização com um propósito:

[...] não para dar-lhe legitimidade como método de exegese, mas como um *argumentum ad hominem* contra seus adversários e que estavam usando esses mesmos métodos para transformar o uso correto da lei num sistema legalista.¹⁹

Já em relação ao estilo, a carta pode ser considerada um tratado, tendo em vista a amplitude e profundidade em que os temas são abordados. Isso não retira dos escritos sua relevância e aplicabilidade na vida dos seus destinatários e nem na prática de fé dos destinatários atuais desses escritos.

Ainda é preciso ressaltar que os autores do Novo Testamento se utilizaram fartamente dos escritos do Antigo Testamento, esse fato pode ser verificado na simples leitura das notas de rodapé da maioria das versões bíblicas, percebendo-se essa grande frequência de citações do Antigo Testamento pelo Novo, de maneira que comprova, como apontado por Zuck, “a relação orgânica entre os dois Testamentos”, em que “os autores do Novo depositam sua confiança na autoridade do primeiro”, pois não se vislumbram rejeições ou dúvidas dos escritores neotestamentários em relação aos escritos do Antigo Testamento, os quais eram denominados de “Escrituras” pelos escritores do Novo, demonstrando, também, que “eles consideravam o Antigo Testamento a Palavra de Deus”.²⁰

Para Köstenberger, a ampla utilização do Antigo Testamento nos escritos do apóstolo Paulo é uma das características marcantes das cartas paulinas, o que pode ser evidenciado pelo uso da fórmula “está escrito” na introdução dos seus argumentos, como também por sua maneira de abordar diversos temas tratados e embasados teologicamente no Antigo Testamento, de sorte que Paulo se utiliza dos textos da Septuaginta (LXX) em grego, como dos textos hebraicos massoréticos (TM).²¹ Entretanto, verificando as citações do apóstolo, percebe-se a concordância com o texto da versão grega (LXX) (Rm 2.24; 3.14); da versão hebraica (TM) (Rm 1.17; 11.4,35); de ambas as versões (Rm 2.6; 3.14) e outras, em número maior, com nenhuma das duas versões (Rm 3.10-12,15-17), podendo-se, assim, afirmar que “Paulo não se sentia nem um pouco obrigado a seguir determinado padrão para citar o Antigo Testamento ou reproduzir exatamente um tipo de texto”.²²

¹⁸ VIRKLER, 2007, p. 135.

¹⁹ VIRKLER, 2007, p. 135.

²⁰ ZUCK, 1994, p. 292.

²¹ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 438.

²² KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015. p. 439.

Aliás, Zuck ressalta que os autores do Novo Testamento ao citarem o Antigo faziam várias modificações do texto original, a saber: i) alterações na gramática; omissão de certos trechos dos versículos; ii) citações parciais; iii) emprego de sinônimos; e iv) apresentação de novos aspectos da verdade.²³

Por outro lado, as citações eram feitas com alguns objetivos como, por exemplo: a) ressaltar o cumprimento ou a concretização de uma predição do Antigo Testamento; b) confirmar que um acontecimento neotestamentário está de acordo com um princípio do Antigo Testamento; c) explicar ou confirmar uma proposição do Antigo Testamento; d) ilustrar uma verdade do Novo Testamento; e) aplicar o Antigo Testamento a um acontecimento ou a uma verdade do Novo; f) sintetizar um conceito ou utilizar a terminologia do Antigo Testamento; g) traçar um paralelo com um acontecimento do Antigo Testamento; e h) associar com Cristo uma situação do Antigo Testamento.

Não se pretende aprofundar nesses pontos, mas tão somente expressar que apesar das muitas citações de versículos e passagens do Antigo Testamento pelo Novo, nem sempre havia correspondência exata entre elas e os textos originais, contudo, percebe-se que não se vislumbra discrepâncias entre o Antigo Testamento e as citações no Novo, nem desprezo pelos princípios da interpretação normal, gramatical e histórica, nem alteração do seu significado original das passagens, ou mesmo que se tenha percebido sentidos ocultos nas passagens, tendo em vista que pelo contexto, observa-se que à luz do Novo Testamento ocorreu uma expansão do significado por meio da inspiração do Espírito Santo, a fim de estabelecer uma relação com Jesus.

Zuck, ainda, faz algumas ressalvas muito importantes, a saber: i) aparentemente os autores humanos da Bíblia nem sempre entendiam plenamente tudo o que escreviam, até que Deus por meio de um mensageiro revelasse o seu significado; ii) o caráter progressivo da revelação precisa ser reconhecido, em que com as novas revelações completavam, ampliando a compreensão da revelação até então parcial; iii) a natureza profética de certas passagens pode não ter sido percebida até que se tenham cumprido; e iv) a expansão ou elevação de uma passagem em alusão a Cristo é outra de que Deus pretendia dizer mais do que os autores tinham conhecimento.²⁴

Desta forma, Zuck frisa que à luz da concepção das implicações relacionadas, ou referências *plenior*, uma passagem tem apenas um significado, mas pode ter mais de um referente como, por exemplo, em Salmos 78.2 (Assafe e Jesus) e Mateus 13.35, sendo tal concepção condizente com a interpretação histórico-gramatical, com a ideia de um só sentido da passagem e com a revelação progressiva.²⁵

Diante disso, há que se ressaltar que “o maior desafio interpretativo talvez seja como compreender como o apóstolo Paulo fazia a exegese de um texto específico do Antigo Testamento ou chegava a certa interpretação de uma determinada passagem”.²⁶ Isso possibilitaria identificar

²³ ZUCK, 1994, p. 301-312.

²⁴ ZUCK, 1994, p. 312-315.

²⁵ ZUCK, 1994, p. 316.

²⁶ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 440.

a maneira como ele fazia uso da linguagem e da interpretação de porções escriturísticas. Nesse sentido, um meio para se buscar entender a exegese utilizada pelo apóstolo, é observar os métodos hermenêuticos utilizados pelos rabinos judeus, pois, provavelmente, o influenciaram no ato de escrever, dando o significado contido na mensagem.

Desta forma, Köstenberger defende em relação ao estilo do apóstolo que “o mais provável é a sua afinidade à exegese rabínica, chamada *midrash*” e que significa “interpretação” ou “comentário”.²⁷ Sobre isso, ele reitera, ainda, que:

[...] o *midrash* primitivo é reconhecido pelas sete regras (*middoth*) atribuídas a Hillel, famoso rabino do século primeiro”, enfatizando apenas as três regras mais encontradas nas epístolas de Paulo, a saber: a) *qal wahomer* (“leve e pesado”), um argumento do menor para o maior, isto é, o que se aplica num caso menos importante certamente se aplicará num mais importante (exemplo: Rm 5.10); b) *gezera shawah* (“regra da equivalência”), um método que afirma que passagens que compartilham vocabulário parecido se esclarecem mutuamente (ex: Rm 4.7-10; 11.7-10) e c) *Kelal upherat* (“geral e particular”), em que um princípio geral pode ser deduzido de uma passagem específica e vice-versa (ex: Rm 13.8-10).²⁸

As sete regras possibilitam compreender o sentido do texto e sua aplicabilidade no contexto da mensagem, contudo é possível identificar na afirmação de Köstenberger, que o apóstolo Paulo fez uso de três regras no processo de argumentação.

Todavia, a natureza exata da dependência de Paulo ainda é motivo de debate, visto que o judaísmo rabínico se desenvolveu somente após o primeiro século, além do que algumas regras hermenêuticas judaicas são princípios lógicos gerais de argumentação, como a regra de “leve e pesado”, que reflete o argumento geral, a *fortiori* (“do menor para o maior”) usado em diferentes culturas.²⁹

O apóstolo Paulo interpretava o Antigo Testamento aplicando-o em seus escritos epistolares, porém, às vezes, não se consegue facilmente compreender o método de interpretação utilizado, o que gera certa dúvida quanto à qualidade da interpretação, aparentemente não adequada.

Numa análise mais apurada do uso do Antigo Testamento nas epístolas paulinas, constata-se que Paulo se utilizava de versículos e conceitos veterotestamentários em outros contextos históricos e teológicos, em alguns casos, de versículos com o sentido alterado, porém, o apóstolo sempre permaneceu fiel à mensagem e ao contexto original.

3. PANO DE FUNDO E DESCRIÇÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO DAS EPÍSTOLAS PAULINAS

Refletir sobre o pano de fundo fazendo a descrição de pontos principais sobre o contexto é importante, haja vista que é preciso fundamentar a compreensão e a interpretação da

²⁷ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015. p. 440.

²⁸ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015. p. 440.

²⁹ KÖSTENBERGER, PATTERSON, 2015, p. 441.

passagem bíblica, considerando além do contexto cultural (diacrônico), também o pano de fundo (sincrônico), ou seja, o cenário do momento em que foi escrita a Epístola, tendo em vista que “Paulo, por exemplo, não pode ter tido em mente algo acerca do qual nem ele nem seus leitores já tinham ouvido falar; o significado do apóstolo pelo menos deve ter sido uma possibilidade no século I”³⁰, o momento até então próximo ou presente ao ato da escrita.

Existem limitações para a interpretação advindas dos contextos culturais, literários e do próprio pano de fundo da passagem, pois o contexto é definidor da mensagem apresentada, porque ele revela a razão de ser da carta endereçada aos seus destinatários, de tal forma que “o conhecimento do contexto nos ajuda a compreender a mensagem de Paulo mais amplamente”³¹ e, da mesma forma o pano de fundo, a situação vivida pelo autor e leitor(es) no momento da escrita da epístola, tornando-se importante abordar, mesmo que de forma singela, o pano de fundo de cada uma das treze cartas ou epístolas paulinas.

Preliminarmente, ressalta-se que além das epístolas paulinas, o Livro de Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas em Roma (aproximadamente em 60-62 d.C.), torna-se imprescindível para compreensão do pano de fundo das epístolas paulinas, haja vista que Atos, em síntese, continua a instrução para Teófilo, mostrando a transição do mundo centralizado em Israel para a Igreja, e, também a expansão aos gentios, a missão paulina à Antioquia e ao Império Romano.

Assim, o mundo político do Novo Testamento estava sob domínio do Império Romano, que se estendia num vasto território “Desde o oceano Atlântico, a Ocidente, ao rio Eufrates e mar Vermelho, a Oriente; e desde o Ródano, Danúbio, mar Negro e montanhas do Cáucaso, ao Norte, até o Saara, ao Sul”³², cuja chefia estava sob a ditadura do chamado imperador, “rei” (1Pe 2.17) ou “Augusto” (Lc 2.1), de maneira que com o imperador Augusto (de 27 a.C. a 14 d.C), após cinco séculos de guerras civis em busca de supremacia nas terras conquistadas, foi estabelecida a paz romana e a prosperidade, renovando-se a religião do Estado, construindo-se muitos templos para o culto ao imperador, inclusive, estendendo-se às suas províncias, ordenando-se, ainda, “um censo da população e de toda a propriedade como base para o recrutamento do exército e cobrança de impostos”.³³

Ressalta-se que foi no governo de Augusto que Jesus nasceu (Lc 3.1), contudo, posterior a morte de Augusto, sucede ao trono seu filho adotivo, Tibério Nero (de 14 a 37 d.C.), trazendo em seu governo um período de muitos reveses políticos e perturbações. Foi em seu governo que Jesus Cristo iniciou seu ministério, morreu e ressuscitou (Lc.3.1), tendo Nero falecido em 37 d.C., sucedeu-lhe Calígula (de 37-41 d.C.), que de um governo popular passa administrar muito mal os recursos do tesouro, torna-se tirânico, inclusive, fazendo-se “adorar como um deus, o que afastou os judeus do seu reino”³⁴, sendo assassinado por um chefe da guarda imperial.

³⁰ FEE; STUART, 2011, p. 87.

³¹ KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 440.

³² TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008, p. 17.

³³ TENNEY, 2008, p. 19.

³⁴ TENNEY, 2008, p. 20.

Cláudio assume o império (41-54 d.C.), período em que se iniciou a expansão missionária da Igreja (At 18.2), e, em que os “judeus foram expulsos de Roma devido a alguns tumultos, provavelmente, devido à pregação de Jesus ou provocado por um outro insurgente com o nome de *Chrestus*, mas “de qualquer modo a expulsão dos judeus teria sido, porventura, aquela que causou a saída de Áquila e Priscila de Roma (At 18.2)”.³⁵

Sucedeu-lhe Nero Cláudio César (de 54-68 d.C.), cujo período, também, foi de expansão missionária (Lc 25.1-12), mas tal qual o de Calígula, foi um governo marcado pela má administração, violência e opressão tirânica, ocorrendo um grande incêndio em Roma (64 d.C), que destruiu boa parte da cidade. Nero acusa os cristãos pelo incêndio, o que resultou em perseguição, prisão, tortura e morte de muitos cristãos, situação vivenciada, segundo a tradição, por Pedro e Paulo que “[...] pereceram nessa perseguição, a primeira realizada pelo Estado”³⁶, podendo ter chegado até as províncias devido aos excessos de Nero (1Pe 4.12-19), que inclusive caso “[...] um inimigo lhes fizesse mal ou os acusasse falsamente, raramente poderiam procurar confiadamente as autoridades governamentais em busca de proteção”.³⁷

Importa ressaltar, ainda, que a reduzida referência aos acontecimentos históricos do mundo romano, não deve surpreender os leitores das epístolas, haja vista que o objetivo dos escritores do Novo Testamento consistia mais no judaísmo, sendo, ainda, a mensagem dirigida ao interior das pessoas e não as circunstâncias externas. Todavia, é muito importante tomar conhecimento desses fatos históricos, pois “o Novo Testamento relaciona-se com o ambiente político do século I e sua importância histórica deve ser interpretada de acordo com essa relação”.³⁸

A cultura helenística também influenciou, sobremaneira, a sociedade do século I, permeando tanto o ocidente como o oriente, de tal maneira que a língua grega se tornou a língua falada em Roma, e os filhos da aristocracia romana eram enviados às universidades gregas em Atenas, Rodes, Tarso e outras cidades, com intuito de aprender a falar o grego.

Além do mais, com as conquistas de Alexandre, o Grande, a helenização do oriente teve um rápido incremento, e com a morte de Alexandre, seu império foi dividido entre seus quatro generais (Ptolomeu, Antígono, Lisímaco, e Cassandro), sendo que durante o governo de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C), que tinha ficado com a Síria e o Egito, as Escrituras judaicas foram traduzidas para o grego, cuja versão é conhecida por Septuaginta (LXX), tornando-se a Bíblia habitualmente utilizada pelos judeus da dispersão, e, também, utilizada pelos escritores neotestamentários.

A geografia do mundo do Novo Testamento sob Império de Roma compreendia muitas regiões, sendo que nas principais regiões estavam localizadas as igrejas, cuja correspondência pode ser assim estabelecida: Itália (Igreja de Roma), Acaia (Atenas, Igreja de Coríntio), Macedônia (Igreja de Tessalônica); Ásia (Igreja de Éfeso; Laodiceia), Galácia, Licaônia,

³⁵ TENNEY, 2008, p. 21.

³⁶ TENNEY, 2008, p. 23.

³⁷ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 474.

³⁸ TENNEY, 2008, p. 26.

Capadócia; Psídia; Panfília; Cecília; Lícia; Síria (Igreja de Antioquia), Samaria (Igreja de Cesaréia), Egito (Igreja de Alexandria), Judéia (Igreja de Jerusalém); entre outras.

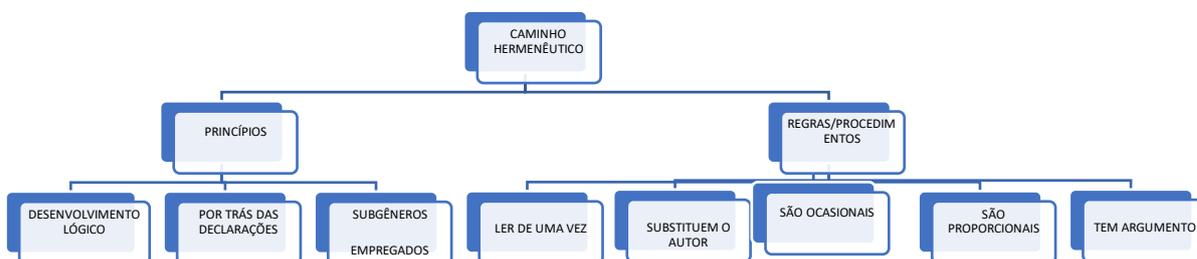
As cartas ou epístolas paulinas geralmente são representadas em três grupos, a saber: epístolas de viagem (Rm, 1 e 2 Co, Gl 1 e 2 Ts); epístolas da prisão (Ef, Fp, Cl e Fl); e epístolas pastorais (1 e 2 Tm e Tt). Neste trabalho, adota-se esta divisão no intuito de fazer uma breve exposição sobre o contexto em que foram produzidas tais epístolas.

4. PRINCÍPIOS E REGRAS DE HERMENÊUTICA APLICADOS AO GÊNERO LITERÁRIO CARTA

Os princípios e as regras hermenêuticas aplicados para a adequada compreensão e interpretação das Epístolas são apresentados por Hullinger³⁹, a saber: a) as cartas devem ser lidas numa sentada; b) as cartas representam, ou substituem, o autor, tendo plena autoridade; c) as cartas são documentos ocasionais; d) as cartas são proposicionais; e e) as cartas possuem um argumento.

Por conseguinte, Osborne⁴⁰, também, aponta três princípios hermenêuticos, a saber: 1) estude o desenvolvimento lógico do argumento; 2) estude a situação por trás das declarações; e 3) verifique os diferentes subgêneros empregados nas epístolas. Ressalta-se que, ambos os autores apresentam caminhos relacionados à maneira como é preciso olhar para o argumento contido nas cartas, por isso é que se pode fazer a integração de suas ideias, porque uma complementa a outra. Nesse sentido, é possível fazer a seguinte ilustração a partir desta integração e que se apresenta com a finalidade de traçar um caminho hermenêutico a ser trilhado.

FIGURA 1: CAMINHO HERMENÊUTICO NO ESTUDO DAS CARTAS



Fonte: Autor, 2022.

³⁹ HULLINGER, 2018, p. 5.

⁴⁰ OSBORNE, 2009, p. 407-411.

Desta forma, cabe agora fazer a descrição dos procedimentos apontados com relação ao estudo hermenêutico. Assim, as cartas devem ser lidas do começo ao fim em uma sentada, a fim de facilitar a melhor compreensão, entendendo seu fluxo de ideias e a argumentação da mensagem transmitida pelo autor original, mesmo porque, as cartas quando foram escritas não eram divididas em capítulos e versículos. Por isso, é preciso evitar isolar um versículo do seu contexto. Afinal, as cartas do Novo Testamento eram tão autoritativas para uma igreja local, porque representavam ou substituíram à presença pessoal de um apóstolo, o autor da Carta, tendo, assim, plena autoridade.

Ademais, as cartas são considerados documentos ocasionais por terem sido escritos, em regra, à luz de uma situação ou problema determinado, como na Primeira Carta aos Coríntios, que foi escrita à luz das rivalidades e das divisões na igreja, “[...] com o propósito de corrigir desordens que haviam surgido na igreja de Coríntio e para definir aos fiéis um modelo de conduta cristã”⁴¹, bem como na Carta aos Gálatas que foi escrita, tendo como objetivo, “oporse à influência dos mestres judaizantes que procuravam destruir a autoridade de Paulo”⁴², a julgar que o entusiasmo pós-conversão dos Gálatas tinha diminuído devido ao ensino judaizante, o qual propagava que a justificação e santificação vinham por meio da obediência à Lei Mosaica somada com a fé.

A afirmação de que as cartas são propositais, significa que cada uma delas foi escrita com uma finalidade específica, um propósito definido e claro, que, geralmente, surge da necessidade de alguma instrução doutrinária ou para corrigir má conduta moral dos cristãos. Sendo por isso, importante, buscar entender a finalidade do autor ao escrever, que seguramente conhecia a situação cultural. Sobre isso, Keener⁴³ enfatiza que é preciso tentar se “colocar na situação original do autor e, então, captar o fluxo de pensamento dele lendo-a com todo o contexto na mente”, bem como buscar se identificar com a situação dos destinatários das cartas, analisando como os princípios identificados daquela situação se aplicam nos dias de hoje na Igreja.

Hullinger afirma que após estudar uma epístola, é preciso ser capaz de dizer em uma ou duas frases qual o propósito da carta, denotando-se uma declaração de conteúdo, que responde a pergunta “o quê?” ou “o que há nesta carta?”, verificando-se, normalmente, exortações, conselhos, incentivos, recomendações, instruções, entre outros, bem como uma declaração que indague o “por quê?”, qual o propósito desta carta?, cujas respostas dependem da situação específica que demandou a sua escrita como, por exemplo, a Carta de Paulo aos Colossenses que foi escrita diante da introdução na igreja de doutrinas hereges com elementos do ascetismo.

Em relação às cartas possuem um argumento lógico, Hullinger entende como sendo um dos princípios mais importantes na compreensão de uma epístola, pois é preciso seguir o fluxo de pensamento do autor, pois cada parágrafo, frase e versículo da carta estará logicamente interligado de forma coerente, ao todo, pois é assim que o autor prova e

⁴¹ PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. São Paulo: Vida, 2006, p. 323.

⁴² PEARLMAN, 2006, p. 340.

⁴³ KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

desenvolve seu propósito. Logo, considerar a sequência de argumentos conectados é de vital importância porque “[...] cada parte da carta é um elo indispensável na cadeia de argumentação”, em que “a maioria dos versículos são mal interpretados porque são removidos do seu fluxo de argumentação”⁴⁴, ou seja, são interpretados de forma isolada, fora do contexto literário da passagem.

Frisa-se que, estudar o desenvolvimento lógico do argumento da epístola, nem sempre é muito fácil, como é o caso de Coríntios e Hebreus e, às vezes, é muito complicado, como em Tiago e 1 João, de maneira que nesses casos, “O importante é relacionar as partes ao todo e perceber como cada parte se relaciona com o argumento desenvolvido pelo autor”⁴⁵, buscando o alinhamento com o contexto literário da passagem bíblica da carta.

Em relação ao princípio de estudar a situação por trás das declarações, é importante porque “[...] pode determinar não somente o contexto para o argumento de um livro, mas também até que ponto a passagem se aplica a situações além das circunstâncias históricas dos leitores originais”⁴⁶, contudo, apesar de não ser sempre fácil conseguir detectar a situação por trás das declarações nas epístolas, em passagens fundamentais, faz-se necessário identificá-las para a correta interpretação.

Quanto à verificação dos vários subgêneros empregados nas epístolas, constata-se que, praticamente, todos os estilos literários são encontrados nas epístolas, sendo imprescindível ao intérprete aplicar os princípios específicos de hermenêutica a cada estilo condizente no ato de interpretar a epístola.

Frente a passagens das epístolas difíceis de compreender o significado do texto para os seus leitores originais, Fee e Stuart⁴⁷ apontam que se deve “aprender a pensar em parágrafos e a fazer as perguntas históricas e contextuais corretas”, todavia existem passagens mais problemáticas que suscitam outros questionamentos, por isso, os autores afirmam que precisam ser observadas algumas diretrizes a fim de auxiliar na sua compreensão e interpretação, a saber:

- 1) Em muitos casos, a razão por que os textos são tão difíceis para nós é que, francamente, não foram escritos diretamente para nós; 2) Apesar de qualquer incerteza quanto aos pormenores exatos, precisamos aprender a perguntar o que pode ser dito com certeza de um texto, e o que é simplesmente possível, mas não é certo; 3) [...] ainda que possamos ter a plena certeza acerca de todos os pormenores, muitas vezes a lição de toda a passagem ainda está dentro do nosso alcance; e 4) [...] é preciso consultar um bom comentário bíblico.⁴⁸

Nesse sentido, é fato que os escritores não escreveram suas cartas com o intuito de atender uma situação em que o leitor atual tenha entendimento, diferentemente da sintonia existente entre o escritor e o leitor original, “[...] o que possibilita ao autor inspirado pressupor

⁴⁴ HULLINGER, 2018, p. 7.

⁴⁵ OSBORNE, 2009, p. 408.

⁴⁶ OSBORNE, 2009, p. 408.

⁴⁷ FEE; STUART, 2011, p. 83.

⁴⁸ FEE; STUART, 2011, p. 83-85.

muita coisa da parte dos seus leitores”⁴⁹, conforme verificado em 2 Tessalonicenses 2.5-6: “Vocês não lembram que eu costumava lhes dizer estas coisas, quando ainda estava com vocês? E agora vocês sabem o que o detém, para que ele seja revelado a seu tempo”, de maneira que o que Paulo lhes dizia pessoalmente, era associado à mensagem transmitida pela carta.

Nos casos de incerteza, é preciso aprender a perguntar, como apontado pelo autor, o que pode ser dito com certeza de um texto, e o que é simplesmente possível, mas não é certo, ou seja, deve-se evitar um posicionamento peremptório, cujos pormenores e significado da situação apresentada pela passagem, possivelmente estejam malogrados eternamente

Todavia, mesmo diante dessa incerteza quanto a todos os pormenores, frequentemente o ensino de toda a passagem está claro, devendo-se utilizar bons comentários bíblicos, sendo aqueles que apresentam as análises dos possíveis posicionamentos ou opções sugeridas pelos estudiosos e eruditos e das soluções que evidenciam os prós e contras.

Questiona-se, ainda, quais as regras hermenêuticas devem ser observadas, a fim de buscar interpretar corretamente a mensagem das epístolas para a Igreja, devendo-se considerar a dificuldade advinda da relatividade cultural, procurando-se distinguir entre os aspectos culturais relativos daqueles que transcendem seu contexto original, como verdadeiros valores normativos a serem aplicados a todos os tempos e culturas, em que Fee e Stuart propõem algumas diretrizes que auxiliam nesse grande desafio, a saber:

- 1) Devemos, primeiramente, distinguir entre âmago central da Bíblia e aquilo que é dependente ou periférico nela; 2) [...] devemos estar dispostos a distinguir entre aquilo que o próprio Novo Testamento vê como algo inerentemente moral e aquilo que não é; 3) Devemos dar atenção especial a itens em que o próprio Novo Testamento apresenta um testemunho uniforme e consistente e em que se refletem diferenças; 4) É importante saber distinguir, dentro do Novo Testamento, o princípio da aplicação específica; 5) Pode ser também importante, à medida que conseguimos fazer isso com cuidado, determinar as opções culturais abertas a qualquer escritor neotestamentário; 6) Devemos nos manter alertas em relação a possíveis diferenças culturais entre o século I e o século XXI, que, às vezes, não são imediatamente óbvias; e 7) [...] devemos exercer a caridade cristã nesse ponto.⁵⁰

Sendo assim, distinguir entre o que é essencial na Bíblia e os aspectos periféricos, não significa afirmar que existem partes da Bíblia que não sejam sagradas, ou que existe um cânon dentro do cânon, mas que é preciso “salvaguardar o evangelho de ser transformado em lei através da cultura ou do costume religioso, e, por outro lado, conservar o próprio evangelho contra mudanças que visem a refletir cada tipo concebível de expressão cultural”.⁵¹

Compete compreender que o núcleo essencial se refere à mensagem de redenção do pecador por meio da vida, morte e ressurreição e do segundo advento de Jesus Cristo, em detrimento de detalhes mais periféricos ligados aos costumes culturais do pano de fundo em

⁴⁹ FEE; STUART, 2011, p. 83.

⁵⁰ FEE; STUART, 2011, p. 99-104.

⁵¹ FEE; STUART, 2011, p. 99.

que foi escrita a epístola como, por exemplo, o ósculo santo, o lava-pés e a cobertura da cabeça das mulheres.

É mister distinguir no Novo Testamento, o que é inerentemente ético e o que não é, pois o que é ético é entendido como absoluto e imutável, permanecendo para todas as culturas e em todos os tempos, já as expressões culturais se modificam de uma cultura para outra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário dar a devida atenção a questões em que o próprio Novo Testamento apresenta um testemunho uniforme e consistente, como os frutos do Espírito e aquilo que é pecado, diferenciando daquilo que não é uniforme e perene - como o ministério das mulheres na igreja-, tendo em vista que estas questões se comportam mais como culturais do que morais, existindo assim a falta de uniformidade.

É importante saber distinguir o denominado princípio da aplicação específica, ou seja, a possibilidade de um escritor do Novo Testamento aplicar de forma perene uma situação cultural relativa por meio de um princípio absoluto, tornando assim a aplicação absoluta. De semelhante maneira é importante determinar as opções culturais abertas a qualquer escritor neotestamentário, pois reflete o grau de sua adequação diante de uma única opção de situação cultural, contribuindo para o aumento do relativismo cultural como, por exemplo, no caso da escravidão como um sistema, que não era rechaçado pelos filósofos e nem pelos escritores neotestamentários, como resultado da única opção cultural no mundo ao seu redor.

É preciso também se manter alerta em relação a possíveis diferenças culturais entre o século I e o século XXI, que, às vezes, não são imediatamente óbvias como, por exemplo, a significativa mudança do papel exercido pelas mulheres do século I, considerando-se que não era costume oportunizar a elas educação formal, diferentemente dos dias atuais com a universalização da educação, promovendo igualdade de condições e mudanças no papel desempenhado na sociedade cidadã embasada nos valores dos direitos humanos.

A situação é bem diferente em relação às questões do homossexualismo, tendo em vista que “as diretrizes se posicionam contra o relativismo cultural. A Bíblia inteira dá testemunho consistente contra a atividade homossexual, identificando-a como moralmente errada”.⁵² Por conseguinte, deve-se praticar o exercício da caridade cristã como alicerce desses valores e dos princípios da dignidade da pessoa humana, mas, sobretudo, como reflexo do fruto do Espírito Santo que age na vida, influenciando as atitudes e o comportamento de todos aqueles que amam a Deus e ao próximo.

Para que se possa fazer um estudo bíblico direcionado ao ensino e à preleção, faz necessário aplicar critérios hermenêuticos, e isso requer comprometimento com a mensagem a fim de extrair princípios que de fato estejam presentes no texto, demonstrando a seriedade na preparação, no desenvolvimento relacionados ao ensino e a preleções bíblicos.

O estudo hermenêutico requer rigor e conhecimento dos princípios, regras e métodos hermenêuticos, sendo necessário investir tempo, para que de fato seja possível conduzir o

⁵² FEE; STUART, 2011, p. 104.

leitor à compreensão da mensagem a ser significada e apropriada, tornando-se uma realidade de vida.

Por fim, não se pode deixar de ressaltar a importância de alicerçar a compreensão e a interpretação das Escrituras em pressupostos coerentes com as verdades da fé cristã, como a inerrância bíblica, revelação progressiva, inspiração divina, entre outros. Isso porque são eles que irão dar sustentação à maneira como o significado da mensagem poderá ser sustentado.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Nova Versão Internacional. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi>

BÍBLIA Sagrada. Revista e Atualizada. 3.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

CARSON, D. A. (org.). **A verdade:** como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **Os perigos da interpretação bíblica:** a exegese e suas falácias. São Paulo: Vida Nova, 2001.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **A arte da pesquisa na construção de ideias e argumentos.** Winston-Salem: Carolina University, 2019.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **A Arte da Pesquisa na Construção de Ideias e Argumentos. Caderno do Aluno.** Material Apostilado. Winston-Salem: Carolina University, 2018

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. Apêndices por Ênio R. Muller São Paulo: Vida Nova, 1984.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GÓMEZ, G. R.; et al. **Metodologia de la investigación cualitativa.** Ediciones Aljibe, 1996.

HULLINGER, Jerry M. **Introdução à hermenêutica:** transcrição da aula 1. Carolina University. Mestrado em Ministérios, 2019.

HULLINGER, Jerry M. **De Esdras até as devoções gnósticas:** a importância do método interpretativo. Winston-Salem: Piedmont International University, 2018.

HULLINGER, Jerry M. **Introdução à hermenêutica:** ferramenta hermenêutica de interpretação: Caderno do aluno. Winston-Salem: Piedmont International University, 2018.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia:** Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR, Robert L. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

MASCARENHAS, Sidnei A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

MERRILL, Eugene H. **História de Israel no Antigo Testamento: o reino de sacerdotes que Deus colocou entre nós**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PEARLMAN, Myer. **Através da Bíblia livro por livro**. São Paulo: Vida, 2006.

REYNIER, Chantal. **Para ler a carta aos romanos**. Paris: Loyola, 2011.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

TENNEY, Merril C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Shedd, 2008.

VIRKLER, Henry. **Hermenêutica avançada: princípios e processos de interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2007.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1996.



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A ORIGEM DO TERMO APÓSTOLO NO CONTEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

The origin of the term apostle in the neotestamentary context

Aulus Argollo¹

RESUMO

O escrito deste artigo apresenta o conceito do apostolado bíblico, a fim de verificar sua pertinência e aplicação na estrutura organizacional de comunidades eclesiais. Os apóstolos se caracterizam por altruísmo, foco na expansão do Reino de Deus e em uma abordagem não autoritária nas igrejas locais, em consonância com os princípios do Novo Testamento. A problemática eleita levanta a seguinte questão: Será que o conceito de apostolado bíblico no processo de organização e orientação das práticas ministeriais é aplicado pelas igrejas locais? Para desenvolver os principais eixos argumentativos que sustentam este estudo, recorreu-se aos aportes teóricos que desenvolvem sua linha argumentativa em defesa ou não da prática do apostolado. O resultado que se alcança sobre ter cautela no uso do termo “apóstolo” na era moderna é a influência de abusos e mal-entendidos, enfatizando a necessidade de um entendimento bíblico e autêntico do apostolado.

Palavras-Chave: Apóstolo. Missões. Reforma. Redes apostólicas.

ABSTRACT

This article presents the concept of biblical apostolate in order to verify its relevance and application in the organizational structure of ecclesiastical communities. The apostles are characterized by altruism, a focus on expanding the Kingdom of God and a non-authoritarian approach in the local churches, in line with the New Testament principles. The chosen problem raises the following question: is the concept of biblical apostolate in the process of organizing and guiding ministerial practices applied the by local churches?

¹ Mestrando em Ministério. Participante do Grupo de Pesquisa Formação Ministerial e Ensino Bíblico - FORMEB. Pastor da Church of New England, Church Planter, Computer Engineering. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6638-3259>. E-mail: aulusargollo@gmail.com

In order to develop the main lines of argument that base this study, theoretical contributions that develop their line of argument in defense or not of the practice of the apostolate were consulted. The result that has been achieved about being cautious in the use of the term “apostle” in the modern age is the influence of abuses and misunderstandings, emphasizing the need for a biblical and authentic understanding of apostolate.

Keywords: Apostle. Missions. Reformation. Apostolic Networks.

INTRODUÇÃO

A proposta do artigo elege como objetivo conceituar e contextualizar historicamente o uso do termo apóstolo no Novo Testamento, assim como seus desdobramentos, para, a partir daí, buscar encontrar uma definição bíblica de apostolado. A relevância desse esforço reside no fato de que o apostolado, central ao Cristianismo, engloba uma gama de significados, papéis e histórias que abrangem dois mil anos e moldam o desenvolvimento da fé cristã.

Numa primeira aproximação à língua grega do Novo Testamento, encontra-se uma aplicação significativa da ideia de apostolado (no sentido da ação de envio) ao próprio Senhor Jesus Cristo. Nesse sentido, o termo derivado, apóstolo, representa tanto autoridade quanto modelo desde a sua época. O propósito deste capítulo é esclarecer a natureza e o desenvolvimento do apostolado, incluindo sua origem, funções, papéis e responsabilidades dentro da estrutura organizacional da Igreja.

No coração do apostolado reside o conceito de envio. Por isso, são destacadas três categorias de envio que definem grupos diferentes de apóstolos. Jesus foi enviado pelo Pai para inaugurar o Reino de Deus na Terra. Ele, por sua vez, elegeu doze apóstolos, conferindo-lhes autoridade e enviando-os na missão de dar continuidade ao seu trabalho e propagar sua mensagem.

Pode-se entender que ao grupo restrito dos “Doze” foi acrescentada a figura de Paulo, que trouxe complexidade e amplitude à narrativa, estendendo a missão apostólica aos gentios. Mas ao longo de toda a história da Igreja, o Espírito Santo também tem desempenhado, desde a narrativa de Atos, um papel crucial ao enviar apóstolos para fundar novas comunidades de fé, perpetuando o legado e a visão de Jesus.

1. DEFINIÇÃO DO TERMO APÓSTOLO E SUA INSERÇÃO EM PASSAGENS E NARRATIVAS BÍBLICAS

A palavra apóstolo vem do grego *apóstolos* (ἀπόστολος).² As evidências do seu uso no mundo não-cristão são amplamente estabelecidas. Os textos alvo da pesquisa mostram que o termo *apóstolos* sofreu mudanças de significado no decorrer do tempo. A obra *Anábasis*, por Xenofonte, escrita em grego arcaico, por volta de 370 a.C., utiliza a expressão no contexto de expedições militares gregas que eram enviadas para conquistar territórios e estabelecer

² As transliterações do grego, neste trabalho, seguem as sugestões de GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2010.

colônias.³ Neste texto, o termo *apóstolos* assume alguns significados: marinheiros, um navio, envio de uma frota, uma expedição naval, companhia de colonizadores, comandante de uma expedição naval e permissão de viagem.

De acordo com Schimithals, Heródoto atribui ao termo *apóstolos* o significado de "um que é enviado". Josefo, que viveu no tempo dos apóstolos do Novo Testamento, usa o termo como "envio de mensageiros" ou "embaixada". O uso mais comum ao povo era a palavra emissário. Esses três últimos significados são os que mais se aproximam do termo apóstolo no Novo Testamento.⁴

Se for observada a missão de Jesus e depois dos apóstolos, que dizia respeito à implantação de um novo Reino (Mt 4.17), o sentido de apóstolo como companhia colonizadora, comandante de uma expedição ou uma expedição naval, pode ter o seu sentido aplicado por analogia aos apóstolos bíblicos.

Para compreender o real significado que Jesus quis dar à palavra apóstolo, torna-se importante salientar que ele, como habitante de Israel, falava aramaico e que a palavra para enviado, que ele usou, possivelmente tenha sido *shaliah*, mais tarde traduzida para a expressão grega *apóstolos*.⁵ O termo *shaliah* deve ser considerado dentro do contexto judaico e, por conseguinte, o seu entendimento nas Escrituras do Antigo Testamento que fundamentava a cultura judaica.

Nos tempos de Jesus, a tradução mais popular era a Septuaginta,⁶ que é a primeira tradução do Velho Testamento do hebraico para o grego.⁷ Nessa tradução pode-se verificar que o chamamento e envio dos profetas obedecem aos mesmos princípios utilizados por Jesus no envio dos seus apóstolos. A palavra enviar é utilizada no hebraico, quando Deus, por exemplo, enviou os profetas Isaías (Is 6.8), Jeremias (Jr 1.7) e Ezequiel (Ez 2.3). A expressão hebraica foi traduzida para a Septuaginta pelo verbo grego *apostéllo*, do qual deriva o substantivo *apóstolos*.⁸

Nesse sentido, "no tempo do Velho Testamento, Deus enviou muitos profetas. Em um certo sentido esses profetas eram apóstolos; eles foram enviados com uma mensagem e com uma missão".⁹ Os referidos profetas escreveram livros que são considerados inspirados pelo Espírito Santo, os quais foram chamados de Escrituras, sinônimo para Palavra de Deus. Da mesma forma, os apóstolos escreveram para a Igreja textos que foram considerados como Escrituras, tal como se encontra em 2 Pedro 3.16.

Os apóstolos de Jesus se tornaram a autoridade da parte de Deus no Novo Testamento, assim como foram os profetas no Antigo Testamento. Em vários versos do Novo Testamento encontram-se a figura dos profetas do Antigo Testamento e dos apóstolos do Novo

³ XENOFONTE. *Anábase*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 898.

⁴ SCHMITHALS, Walters. *The office of the Apostle in the Early Church*. Nashville: Abingdon, 1969, p. 96-98.

⁵ LOPES, Augustus Nicodemus. *Apóstolos: a verdade bíblica sobre o apostolado*. São José dos Campos: Fiel, 2014. p. 26.

⁶ PAPANDREA, James. *Reading the Church Fathers: a history of the Early Church and the development of doctrine*. Nashua: Sophia Institute, 2022, p. 58.

⁷ PAPANDREA, 2022, p. 30.

⁸ LOPES, 2014, p. 27,30-31.

⁹ KAUNG, Stephen. *Seeing Christ in Hebrews*. New York: Christian Fellowship, 2014, p. 8.

Testamento juntas, indicando essa ligação, como se vê, por exemplo, em Apocalipse 18.20: “Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas, porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela”.

Já o apóstolo Paulo afirma que os cristãos estão “edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2.20). No livro de Hebreus, é dito que no passado Deus havia falado aos pais por intermédio dos profetas, mas que nos dias do Novo Testamento, Deus estava falando por intermédio do Filho, Jesus Cristo (Hb 1.1-2). De fato, Hebreus 3.1 chega a chamar Jesus de “Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão”.

O termo apóstolo, em contraste com o mundo não cristão, que tinha seu uso mais escasso na literatura, aparece 81 vezes no Novo Testamento e adquire um sentido técnico que significa uma pessoa enviada com a autoridade e a capacitação divina para realizar milagres e sinais, a fim de autenticar sua mensagem. As tabelas 1 e 2 demonstram em que passagens bíblicas o termo apóstolo é citado.

A tabela 1 apresenta uma síntese, contendo personagens e referências bíblicas, que ajudam a identificar os diferentes empregos do termo apóstolo e do verbo grego cognato, normalmente traduzido por “enviar”, no Novo Testamento.

Tabela 1: Tipos de apóstolos e referências bíblicas

Diferentes empregos da expressão apóstolo e do verbo “enviar” no NT	Passagens
A Jesus	Hb 3.1; Jo 3.16; Lc 4.43
À lista dos 12 apóstolos de Jesus	Mt 10.2-4; Mc 3.14-19, Lc 6.13-16; At 1.13
Aos 12 apóstolos de Jesus	Mt 10.2; Mc 6.30; Lc 6.13; 9.10; 11.49; 17.5; 22.14; 24.10; At 1.2,12,26; 2.37,42-43; 4.2,33,35-37; 5.2,12,18,21,26-27,29,40-41; 8.1,14,18; 9.27; 11.1; 15.2,4,6,22-23; 15.7; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1
A Paulo	At 14.4; 14.14; Rm 1.1; 1.5; 11.13; 1Co 1.1; 9.1; 2Co 1.1; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Ts 2.7; 1Tm 1.1; 2.7; 2Tm 1.1; 1.11; Tt 1.1
Aos apóstolos enviados pelo Espírito Santo, por meio da igreja	At 14.4,14; Rm16.7, 1Co 3.4; 9.1-7; 2Co 8.23; 11.5; 11.13; 12.11; Gl 1.19; Fp 2.25; 1Ts 2.7; 1Pe 1.1; 2Pe 1.1; Ap 2.2; 18.20.

Fonte: Autor, 2023.

A segunda tabela apresenta menções bíblicas à presença do conceito de apóstolos em diferentes textos do Novo Testamento.

Tabela 2: Menções bíblicas diretas ou indiretas a diferentes tipos de apóstolos

Livro do NT	Passagens Bíblicas com a Palavra Apóstolo - ἀπόστολος
Mateus	Mt 10.2-4
Marcos	Mc 3.14-19; 6.30
Lucas	Lc 6.13-16; 9.10; 11.49; 17.5; 22.14; 24.10
João	Jo 13.16

Atos	At 1.13; 1.2,12,26; 2.37,42-43; 4.2,33,35-37; 5.2,12,18,21,26-27,29,40-41; 8.1,14,18; 9.27; 11.1; 15.2,4,6,22-23; 15.7.
Cartas de Paulo	Rm 1.1; 11.13; 16.7; 1Co 1.1; 9.1,2; 15.9; 2Co 1.1; 12.12; Gl 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; 1Tm 1.1; 2Tm 1.1; Tt 1.1
Hebreus	Hb 3.1
Cartas de Pedro	1Pe 1.1; 2Pe 1.1
Judas	Jd 1.17
Apocalipse	Ap 2.2; 18.20; 21.14

Fonte: Autor, 2023.

Das vezes que o termo apóstolo aparece, é importante salientar que 37 delas se referem aos 12 discípulos de Jesus; 17 se referem a Paulo; 14 a outros apóstolos; 3 se referem ao apostolado como um dom, e em 11 delas, não é possível determinar a quem se referem.¹⁰

Independentemente do que se possa especular acerca de diferentes categorias de apostolado, é necessário, de início, salientar que a função básica desses enviados era implantar igrejas em várias localidades e ali estabelecer os fundamentos dos ensinamentos de Jesus. Eles eram dirigidos pelo Espírito Santo, que é o responsável primeiro em conduzir a igreja. Esse parece ser mesmo o núcleo central de todo o emprego do termo apóstolo e da ideia de envio ao longo de todo o Novo Testamento.

A dependência do Espírito Santo era imperativa devido às limitações de locomoção; na transmissão de cartas, por exemplo, havia a necessidade de se confiar inteiramente no poder e no trabalho do Espírito Santo. Esse fato explica a quantidade de vezes que se encontra, em todo o livro dos Atos dos Apóstolos, o Espírito Santo batizando (At 2.1-4,38), dando poder (At 1.8), enchendo (At 4.31), sendo derramado (At 2.17), distribuindo dons (At 2.1-4; 10.44-46; 19.6), testemunhando (At 5.32), falando e dando direções diretas (At 8.29; 10.19; 11.12,28; 13.2; 15.28; 16.6,7; 20.23), consolando (At 9.31), enviando apóstolos (At 13.4), constituindo lideranças (At 6.1-7; 20.28). Vê-se que a Igreja tinha um maestro, um guia acima de todos.

Na tentativa de encontrar categorias ou tipos de apostolado e suas características é possível fazer uso da tabela 1, a qual contém os versículos no Novo Testamento que identificam pelo menos três classes de apóstolos. A primeira e principal classe, a de Jesus, que foi enviado pelo Pai, sendo inclusive expressamente chamado de apóstolo pelo autor de Hebreus; a segunda classe formada pelos 12 apóstolos de Jesus, mais Paulo, que “apesar de não estar entre os doze, encontra-se numa categoria semelhante a deles”¹¹; e a terceira classe engloba os apóstolos enviados pelo Espírito Santo.

Pawson, por sua vez, identifica cinco classes de apóstolos, pois posiciona o apóstolo Paulo em uma categoria distinta da dos 12, embora no mesmo nível de autoridade, e acrescenta uma quinta classe formada por “qualquer cristão enviado pela Igreja, de A para B, para fazer qualquer coisa, a exemplo de Epafrodito, que foi enviado para ser um empregado doméstico de Paulo em Roma; em certo sentido, qualquer um poderia ser um apóstolo”.¹²

¹⁰ LOPES, 2014, p. 24.

¹¹ LOPES, 2014, p. 70.

¹² PAWSON, David. **Unlocking the Bible**. Travelers Rest: Harper Collins, 2007, p. 886.

Essa classe, embora tenha uma importância semântica, não será considerada, em razão da ausência de sua pertinência para o objeto da presente pesquisa.

2. APROXIMAÇÕES ENTRE O CONCEITO DE APÓSTOLO E A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DA IGREJA

Após a morte de Jesus teve início um período identificado como “era apostólica”, o qual perdurou até a morte de João, sendo este o apóstolo que viveu “por mais tempo — de acordo com a tradição até o segundo século”.¹³ A seguir, será verificado como a Igreja foi estruturada durante a era apostólica, a partir do material contido na narrativa de Atos e as epístolas do Novo Testamento; o tema da estrutura organizacional da Igreja será tratado com mais profundidade no capítulo seguinte, quando for abordada a sucessão apostólica, analisando-se algumas mudanças sofridas já a partir do final do primeiro século.

A estrutura da igreja local, observada no período apostólico, comportava os ofícios de anciãos (presbíteros) e diáconos.

A palavra diácono vem do grego *diákonos*, que significa ministro ou servo. O texto de Atos 6.1-7, embora não declare categoricamente, parece indicar o chamado dos primeiros diáconos, empregando o verbo cognato. O diácono está subordinado ao presbítero (ancião) local e o tem como ofício atender às cargas de assistência social da Igreja. Paulo, em 1 Timóteo 3.8-13, dá oito características que um diácono deveria preencher para exercer a função.¹⁴

Segundo Enns, o ofício de presbítero é identificado por dois termos básicos. O primeiro deles é ancião, do grego *presbuteros* e se refere a um antigo cristão, no sentido de antigo na fé, podendo ser homem ou mulher idoso(a); assume, também, a designação de dignidade e maturidade do ofício. “O Ancião tinha autoridade para fazer decisões referentes ao que constitui a doutrina ortodoxa (At 15.2,4,6,22; 16.2) e para distribuição de dinheiro (At 11.29-30)”. Além disso, “recebiam relatório sobre a obra missionária (At 20.17; 21.18)”.¹⁵ O segundo termo é bispo (supervisor) vem da palavra grega *episcopos* que significa “vigiar sobre” como um pastor. Tem por dever nutrir e alimentar o rebanho (At 20.28; 1Tm 3.2; Tt 1.7). Os termos supervisor e ancião (presbíteros) são utilizados intercambiavelmente em Atos 20.17,18 e Tito 1.5,7 indicando que ambos se referem ao mesmo ofício.¹⁶

Toda eleição de diáconos e presbíteros era feita em acordo com a igreja local, o que pode ser demonstrado na eleição dos sete diáconos em Atos 6. Da mesma forma, no envio de Paulo e Barnabé, “a Igreja estava por inteiro, envolvida nas decisões” doutrinárias, disciplinares e outras.¹⁷ Os apóstolos “Paulo e Barnabé instituíam presbíteros nas igrejas por eles fundadas (At 14.23)”.¹⁸

¹³ PAPANDEA, 2022, p. 55.

¹⁴ ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2008, p. 417.

¹⁵ ENNS, 2008, p. 416.

¹⁶ ENNS, 2008, p. 416.

¹⁷ ENNS, 2008, p. 420.

¹⁸ LOPES, 2014, p. 366.

Em sua carta a Tito, Paulo ordena que “[...] de cidade em cidade estabelecesse presbíteros[...]” (Tt 1.5). Esse fato demonstra que era função apostólica definir uma estrutura reconhecida de liderança em cada Igreja que eles fundaram. Nessa estrutura havia presbíteros e diáconos, cuja escolha se dava diretamente ou através dos representantes dos apóstolos, como Tito, Timóteo e outros. Porém, com o passar do tempo “naqueles lugares onde as igrejas locais foram fundadas sem um evangelista apostólico, a sucessão de líderes pode ter sido realizada por voto dos membros batizados. Eventualmente, todas as igrejas locais adotariam a eleição como método para selecionar líderes”.¹⁹

A escolha dos presbíteros e dos diáconos requeria qualificações definidas por Paulo, conforme descritas no capítulo 1 da Carta a Tito e no capítulo 3 da Primeira carta a Timóteo. A qualificação dos presbíteros, que indica que eles devem ser aptos para ensinar, demonstra que sobre esse ofício recai a responsabilidade de transmissão da sã doutrina. Outro ponto relevante é o uso das palavras presbítero, ancião ou bispo sempre no plural, indicando a existência de mais de um na função dentro da igreja local. Como afirma Lopes, os apóstolos não nomearam apenas um presbítero ou bispo para cuidar de uma igreja, mas uma pluralidade. Assim, cada igreja tinha seus presbíteros ou bispos.²⁰

A estrutura da igreja local, conforme reconhecida pela própria Igreja é estabelecida pelos apóstolos, era composta pelas funções de presbíteros e diáconos. Estes homens, por meio do discipulado – ensino passado com palavras e ações –, eram instruídos na sã doutrina e asseguravam sua transmissão às futuras gerações. Com essa estrutura esclarecida, o próximo tópico abordará os diferentes tipos de apóstolos ou enviados que desempenharam papéis cruciais no avanço do Reino de Deus.

3. RAZÕES E APLICAÇÕES DO CONCEITO DO APOSTOLADO EM RELAÇÃO AO ENVIO E AO PROCESSO DE SUCESSÃO

Este tópico busca definir a existência de três tipos de ministério apostólico, conforme encontrado no Novo Testamento e a sua subsequente sucessão. Inicialmente, aborda-se a figura de Jesus, reconhecido como o apóstolo primordial enviado pelo Pai, e a missão dos 12 apóstolos, selecionados e enviados para prosseguir sua obra. A singularidade da missão de Paulo, o “apóstolo dos gentios” (cf. Gl 2.7-8) também é examinada. Posteriormente, destaca-se a atuação dos apóstolos impulsionados pelo Espírito Santo, pioneiros na fundação de igrejas em regiões até então inexploradas pela mensagem cristã.

3.1 Jesus, o Apóstolo enviado pelo Pai para implantar o Reino de Deus na terra

Em vários textos do Novo Testamento, Jesus é caracterizado como aquele que foi enviado pelo Pai, a tal ponto de o autor de Hebreus afirmar: “Pelo que, irmãos santos, participantes da vocação celestial, considerai a Jesus Cristo, apóstolo e sumo sacerdote da

¹⁹ PAPANDREA, 2022, p. 56.

²⁰ LOPES, 2014, p. 193.

nossa confissão” (Hb 3.1); o apóstolo João, por sua vez, destaca: “Porque Deus enviou seu filho ao mundo [...]” (Jo 3.17).

Quando Jesus leu a profecia de Isaías sobre o Messias que seria enviado, concluiu dizendo: “Então, começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos” (Lc 4.16-21), revelando sua “a autoconsciência messiânica [...] como enviado (apóstolo) do Pai”.²¹ Ele sabia o seu papel e missão. Há outra confirmação dessa autoconsciência quando:

No Evangelho de João, encontramos com mais clareza essa autoconsciência de Jesus de que era o enviado de Deus, o seu Messias. A palavra ἀπόστολος só ocorre uma vez neste Evangelho, “o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.16). Seu uso nesta declaração de Jesus mostra que o sentido de “apóstolo” aqui é o mesmo dos demais Evangelhos, alguém que é enviado por outro como seu representante autorizado e com um propósito.²²

Autorização e propósito marcaram o chamado dos seus apóstolos diretos. Até a vinda de Jesus, Deus falava com os homens “muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas”; porém, prossegue o autor de Hebreus, “a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1). Jesus não foi mais um profeta ou mais um enviado dentro de uma sucessão de enviados; ele era o próprio Deus tornando carne, de maneira que “a encarnação de Jesus não apenas qualifica os atos de Deus no mundo, [...] a principal maneira de Deus alcançar o seu mundo foi se encarnar em Jesus”.²³ Ele era o tema chave das profecias, o ponto central para quem todo o Antigo Testamento apontava. Ele era o esperado, aquele que seria enviado do Pai, o Deus forte, Pai da eternidade. Ele era o Messias que viria para reinar sobre toda a terra.

Conceitualmente, apóstolo é “o que fala por aquele que o enviou”, sendo possível “lembrar as palavras de Jesus dizendo: ‘Eu não posso falar de mim mesmo. Eu falo as coisas que escuto meu Pai falar’ (Jo 8)”²⁴. Como apóstolo do Pai, Jesus tinha as credenciais de ser o criador de todas as coisas, o Filho de Deus, a imagem exata de Deus e o Messias, sem as fraquezas dos profetas, perfeito homem e perfeito Deus encarnado. Ele tinha as prerrogativas necessárias para vir e estabelecer o Reino de Deus na terra.

Jesus foi enviado ao mundo para estabelecer o Reino de Deus, logo, “o tema da mensagem de Jesus era o reino de Deus. Existem quase cem referências ao reino ao longo dos Evangelhos”,²⁵ e a palavra “Reino” aparece cerca de 158 vezes no Novo Testamento. Destas, 54 no livro de Mateus, 20 no livro de Marcos, 45 no livro de Lucas, 3 no Evangelho de João, 8 na pregação dos apóstolos em Atos e o restante nas cartas de Paulo.

O Reino foi o tema central da mensagem de Jesus, confirmando que ele era o Messias que havia de implantar um governo celestial. Como visto:

[...] há quase cem referências ao reino em todos os Evangelhos. Além disso, a maioria das parábolas de Jesus era sobre o reino. De fato, Jesus disse que o motivo pelo qual tinha sido enviado à Terra foi para pregar sobre o reino:

²¹ LOPES, 2014, p. 35.

²² LOPES, 2014, p. 36.

²³ HIRSCH, 2016, p.142.

²⁴ KAUNG, 2014, p. 11.

²⁵ BERCOT, David. **The Kingdom that turned the world upside down**. Amberson: Scroll, 2003, p. 203.

Eu devo pregar o reino de Deus às outras cidades também, porque para este propósito fui enviado (Lc 4.46).²⁶

Portanto, sendo Jesus o Rei enviado pelo Pai para implantar o seu Reino, estabeleceu as condições de entrada e a conduta que os súditos deveriam ter quando inseridos no contexto desse Reino. Foi então estabelecida a guerra do Reino de Deus contra Satanás, o mundo e o pecado.

A expectativa do povo de Israel era de que o Messias viria e submeteria os reinos do mundo a si mesmo e que de Jerusalém governaria sobre toda a terra. No entanto, Jesus, após o seu batismo e a descida do Espírito Santo sobre ele, deu início ao seu ministério, no qual operou sinais e maravilhas, expulsando demônios, ressuscitando pessoas, dando vista aos cegos, fazendo coxos andarem, transformando água em vinho, andando sobre as águas, dentre muitos outros milagres.

O Messias iniciou sua tomada de território tratando diretamente com as forças da dimensão espiritual; ele destronou o príncipe deste mundo e desfez suas obras, tirando seu poder sobre o homem. Pois “[...] para isto o Filho de Deus se manifestou: para desfazer as obras do diabo” (1Jo 3.8). O Apostolado de Jesus foi exercido com poder e obediência completa àquele que o enviou, o Pai, no nome de quem ele falou: “[...] e o que dele tenho ouvido, isso falo ao mundo” (Jo 8.26).

As palavras de Jesus formam o fundamento para que o ser humano compreenda e viva dentro do seu Reino (Mt 7.24-27). Surge aqui a necessidade de expressar a importância de preservar e transmitir, com exatidão, suas palavras após sua morte. O apóstolo Paulo afirma que Jesus é o único fundamento (1Co 3), e que Jesus é a pedra angular da Igreja, a quem ele compara com um edifício (Ef 2).

Verifica-se, portanto, a importância que Jesus dava à transmissão de seu ensino, pois ele sabia que seu ministério na terra iria durar pouco tempo. Assim, ele tinha como alvo, igualmente importante, preparar homens e mulheres que iriam aprender seus ensinamentos e transmiti-los às próximas gerações. Pode-se ver Jesus no Sermão do Monte ensinando aos discípulos os princípios do Reino dos céus, e aqui seu ensino não estava limitado aos 12 apóstolos. Jesus optou pelo ensino relacional, que cativava a atenção dos seus ouvintes e os levava a confrontarem seus valores presentes com os novos valores de sua proposta.

Jesus foi o mestre dos mestres; ele desempenhou seu ensino com “autoridade, paciência, amorosidade, firmeza, disciplina, entusiasmo, confronto, praticidade, conhecimento, dependência e senso de missão”.²⁷ Transmitindo seu ensino a milhares de pessoas, seu método era da exposição dialogada no qual:

[...] lançava mão de situações problema, a fim de conduzir as pessoas (aprendentes) à reflexão. Jesus não oferecia respostas diretas, antes produzia novas perguntas, pois o seu objetivo era que os aprendentes

²⁶ BERCOT, 2003, p. 202.

²⁷ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus**: ensinar e aprender. Curitiba: ADSantos, 2016, p. 26.

encontrassem suas próprias respostas. Respostas estas que os conduziam a uma vida pautada nos princípios eternos.²⁸

Isso se aplicou principalmente àqueles a quem ele chamou de discípulos. A palavra que melhor descrevia um seguidor de Jesus era a palavra discípulo, que aparece nas escrituras do Novo Testamento 269 vezes. Atualmente, as mais utilizadas são as palavras cristão ou crente. A palavra discípulo vem do grego *mathētēs* que significa aprendiz, pupilo. Os rabinos da época acompanhavam discípulos, que eram treinados nos ensinamentos e nas práticas dos seus mestres (Mt 9.14).

Torna-se importante enfatizar que a prática discipular demonstra a estratégia de Jesus para a formação daqueles que dariam continuidade à sua obra. Em Atos dos Apóstolos, no seu primeiro capítulo, verifica-se que Jesus passou 40 dias após sua ressurreição ensinando aos discípulos as coisas pertinentes ao Reino.

Quando os discípulos dão início à expansão do Reino após a ascensão de Jesus, fica claro que havia três forças que os moviam em poder para proclamação. A primeira, a descida do Espírito Santo; a segunda, o testemunho de que viram Jesus ressuscitado e, a terceira, o fundamento de ensino dado por Jesus, tanto no seu tempo com eles, antes de sua morte, quanto após a ressurreição. De acordo com as Escrituras: “Então, abriu-lhes o entendimento para compreenderem as Escrituras” (Lc 24.46). Pedro, que 50 dias antes havia negado a Jesus, em Atos 2 pregava com um entendimento claro das Escrituras, citando profecias e demonstrando uma lógica que não possuía antes.

Jesus enfatizou o ensino dos seus discípulos, relacionando-se com eles, e separou 12 dentre eles e os constituiu como apóstolos, com o objetivo de que fossem enviados ao mundo da mesma forma que ele havia sido enviado pelo Pai, para que fossem seus representantes após sua morte e disseminassem os seus ensinamentos a todas as nações. O tópico seguinte trata sobre esses apóstolos, sua missão e o caráter único de sua obra.

3.2 Os 12 apóstolos enviados por Jesus

Neste tópico, busca-se responder às questões: Qual a origem e chamado dos apóstolos enviados por Jesus? Qual a esfera de atuação e autoridade deles? E quais foram os critérios para se definir esse apostolado? Jesus estabeleceu a estratégia para o avanço, a conquista e a manutenção do seu Reino ao separar 70 homens para serem treinados e enviados e, dentre esses, separou 12. “E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios” (Mc 3.15-16).

Esses 12 homens foram ensinados sobre os princípios do Reino, visando à sua continuação e expansão, após a ascensão de Jesus. Eles foram os seus representantes na terra, responsáveis por repassar seus ensinamentos de forma fiel. Jesus disse-lhes: “[...] Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós” (Jo 20.21b). Nesta passagem, Jesus compara diretamente a missão que ele estava dando aos apóstolos com a missão que o Pai o enviou a

²⁸ DOMINGUES, 2016, p. 32.

realizar. Os Evangelhos descrevem a escolha de 12 dos discípulos de Jesus para serem apóstolos.

E aconteceu que, naqueles dias, subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus. E, quando *já* era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos; Simão, ao qual também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, *filho* de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor (Lc 6.12-16).

No relato do Evangelho de Marcos, lê-se: “E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios” (Mc 3.14-15). Infere-se que esses homens deveriam desfrutar da intimidade de Jesus, fazer-lhe perguntas, serem treinados, aprenderem os princípios ensinados por ele, pregarem o evangelho do Reino.

Para que a missão fosse possível, Jesus deu-lhes autoridade e poder para expulsar demônios, operar milagres e pregar o evangelho. Esses homens se tornaram embaixadores, generais de Jesus para levar adiante a expansão do Reino a todo o mundo. Eles foram treinados em Israel, porém, com a visão de que iriam levar o Evangelho a todas as nações, após a morte de Jesus, conforme descrito em Mateus 28.18-20.

Os discípulos foram testemunhas da morte e ressurreição de Jesus. Após a ressurreição, eles estiveram com Jesus por quarenta dias, aprendendo mais sobre o Reino de Deus (At 1.3). Depois desses dias, Jesus foi levado para as alturas e os apóstolos, juntamente com outros discípulos, ficaram juntos em oração esperando a descida do Espírito Santo.

A descida do Espírito Santo sobre os discípulos e apóstolos inaugura a Igreja de Jesus, transformando aquele grupo de seguidores em seu corpo sobre a terra, sendo Jesus a cabeça que comandava esse corpo, por meio do Espírito Santo que agora habita nos que nascem de novo. Logo em seguida à descida do Espírito Santo, o apóstolo Pedro pregou a uma multidão e foram batizadas 3 mil pessoas. A função dos apóstolos, então, era trazer os ensinamentos de Jesus para as multidões, para que a igreja perseverasse na doutrina deixada por Jesus e ensinada pelos apóstolos, conforme é possível ler em Atos 2.42.

A Igreja primitiva reconheceu plenamente os escritos dos apóstolos e sua autoridade sobre toda a Igreja, como representantes naturais da pessoa de Jesus. A Igreja os via com admiração e reverência, tendo-os em máxima estima e respeito. Observa-se que a doutrina dos apóstolos era composta pelos ensinamentos que eles aprenderam com Jesus. Irineu, no século II, em sua defesa contra as heresias, afirma:

[...] fiel e vigorosamente resistirás a eles em defesa da única fé verdadeira e vivificante, que a Igreja recebeu dos apóstolos e transmitiu a seus filhos. Porque o Senhor de todos deu aos seus apóstolos o poder do Evangelho, por quem também conhecemos a verdade, isto é, a doutrina do Filho de Deus.²⁹

²⁹ SCHAFF, Philip. **The complete ante-Nicene & Nicene and post-Nicene Church Fathers Collection**: 3 Series, 37 Volumes, 65 Authors, 1,000 Books, 18,000 Chapters, 16 Million Words. Catholic Way Publishing, 2014, p. 1094

Conforme Irineu, depois que os apóstolos tiveram conhecimento perfeito, foram para os confins da terra, pregando as boas novas de Deus e proclamando a paz do céu aos homens, para que todos possuíssem o Evangelho de Deus. Muitos dos apóstolos morreram em diferentes países, conforme as tradições da Igreja primitiva.³⁰

O apóstolo Paulo afirma que a Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina” (Ef 2.20). Por haver andado diretamente com Jesus, os apóstolos trouxeram o fundamento dos ensinamentos recebidos dele e o transmitiram à Igreja. A palavra deles possuía a autoridade de quem havia sido enviado por Jesus, devendo ser obedecida por toda a Igreja. Possuíam autoridade de governo; seus escritos foram inspirados pelo Espírito Santo e possuíam autoridade sobre a Igreja em todos os tempos e em todos os locais. Os livros que compõem o Novo Testamento são aceitos como infalíveis e possuem, como premissa, o fato de terem sido escritos pelos apóstolos ou por alguém ligado a eles.

A posição de autoridade máxima dos 12 apóstolos, quanto à Igreja e Israel (Mt 19.28), é afirmada por Jesus ao dizer que eles irão se sentar em tronos para julgar as tribos de Israel. O texto escatológico de Apocalipse 21.14 declara: “E o muro da cidade tinha doze fundamentos e, neles, os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro”. Esses homens se espalharam pelo mundo proclamando o evangelho, estabelecendo igrejas. Eles ensinaram os líderes locais para que esses pudessem manter as igrejas dentro da doutrina de Cristo.

Jesus separou um décimo terceiro apóstolo de forma peculiar para ser uma referência para os gentios. Esse homem foi Paulo de Tarso. Ele possui uma trajetória única na Igreja cristã e se tornou um dos principais expoentes da história em todos os tempos. O próximo tópico busca demonstrar seu chamado e influência sobre a Igreja.

3.3 Paulo, apóstolo enviado por Jesus para os gentios

Paulo é um apóstolo que não fez parte dos primeiros doze apóstolos de Jesus. Ele não andou com Jesus durante seu ministério na terra, não foi testemunha da sua morte e possivelmente não alcançará algumas das promessas que foram dadas aos doze (Ap 21.14). Nos capítulos 1 e 2 de Gálatas, Paulo fala sobre como buscou a aprovação do seu ministério com os 12 apóstolos. No entanto, a peculiaridade do seu chamado, a dimensão do seu ministério e os sinais operados por ele, entre outros fatores, serviram para demonstrar que o apostolado de Paulo tem um nível de autoridade semelhante ao dos 12 apóstolos.

Paulo era judeu nascido em Tarso, cidade localizada na Cilícia, que hoje faz parte do sul da Turquia. Ele também era cidadão romano e recebeu ensinamentos na fé judaica na cidade de Jerusalém, sendo instruído por Gamaliel, um renomado mestre fariseu (At 22.3).³¹ Paulo afirma que foi circuncidado ao oitavo dia e era descendente da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim. Ele se descreve como um fariseu zeloso a ponto de perseguir a Igreja, e considera-se irrepreensível quanto à lei, como mencionado em Filipenses 3.5-6.

³⁰ SCHAFF, 2014, p. 1094-1097.

³¹ WRIGHT, N. T. **Paul: a biography**. London: Happerone, 2018, p. 52.

É importante notar que o zelo de Paulo o levou a participar de forma ilegal da morte de Estevão, um diácono da nascente igreja cristã em Jerusalém, como registrado em Atos 7.59-60. Wright chama a atenção para o fato de que esse zelo o levou a agir acima da lei romana em nome de sua crença religiosa.³²

Após a morte de Estevão, desencadeou-se uma perseguição aos cristãos. Nesse contexto, Paulo é retratado por Lucas como um perseguidor implacável da Igreja. Ele viajava de cidade em cidade com o objetivo de prender os cristãos e levá-los para Jerusalém, onde seriam julgados e punidos, como descrito em Atos 9.1-3.

A conversão de Paulo a Jesus Cristo é um dos maiores marcos da história, sendo aceita por praticamente todos os comentaristas, de todo o espectro, desde a esquerda teológica até a direita, como o melhor testemunho das aparições da ressurreição de Jesus.³³ A aparição de Jesus a Paulo ocorreu quando estava a caminho da cidade de Damasco, com o objetivo de prender os cristãos. Sua conversão é relatada em três momentos no livro de Atos: primeiro, no capítulo 9, Lucas narra a história da conversão de Paulo; segundo, no capítulo 22; e terceiro, no capítulo 26, quando o próprio Paulo deu testemunho de sua conversão a uma multidão enfurecida e a Festo, respectivamente.

Ao considerar as três passagens bíblicas sobre a conversão de Paulo, juntamente com o reconhecimento posterior dos apóstolos em relação ao seu ministério, torna-se possível observar que ele recebeu um chamado para levar o evangelho a todos os homens, especialmente aos gentios e reis. Jesus pessoalmente o separou e o enviou para essa missão, estabelecendo-o com autoridade sobre a Igreja, a qual só os 12 apóstolos possuíam. Aqui estão alguns pontos distintivos no chamado de Paulo:

Paulo não teve apenas uma visão, mas um encontro pessoal com Jesus ressuscitado, como mencionado no texto a seguir:

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer. E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém (At 9.3-7).

Sobre isso, escreve Lopes:

A diferença principal, nos parece, é que, enquanto uma visão é subjetiva e ocorre inteiramente na mente do indivíduo, a aparição é objetiva, ela está lá diante do indivíduo e poderia ser vista inclusive por outras pessoas, ao contrário da visão.³⁴

Durante a aparição, os soldados que estavam com o apóstolo Paulo também ouviram a voz de Jesus. Isso é confirmado por Ananias, ao dizer a Paulo que ele havia sido designado

³² WRIGHT, 2018, p. 54.

³³ WRIGHT, 2018, p. 55

³⁴ LOPES, 2014, p. 73.

para “ver o Justo e ouvir uma voz de sua própria boca” (At 22.14). O termo “Justo” se refere a Jesus, pois Ananias diz: “o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas” (At 9.17).

Quando Paulo defende o tema da ressurreição, ele afirma que Jesus foi visto pelos apóstolos e, em seguida, diz que ele também testemunhou, embora afirme: “[...] por derradeiro de todos, me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus” (1 Co 15). Paulo foi chamado e enviado diretamente por Jesus.

Após sua experiência com Jesus, o apóstolo Paulo fica cego, e um discípulo chamado Ananias, da cidade de Damasco, recebe uma palavra de Jesus, mas a Bíblia ressalta que foi uma visão. Nesta visão, Jesus fala o objetivo do seu chamado ministerial e afirma: “Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome” (At 9.15-16).

Em outra passagem, Jesus fala com Paulo durante um arrebatamento: “E disse-me: Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe” (At 22.21), e em uma terceira passagem, diz-se: “livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim” (At 26.30). Os frutos seguem o chamado.

Esse chamado de Paulo para os gentios é confirmado na história de suas jornadas pregando o evangelho nas cidades gentílicas. Ele esteve em Éfeso “[...] por espaço de dois anos, de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos” (At 19.10). Também nas cartas escritas para as igrejas gentílicas, bem como nas seguintes afirmações do próprio Paulo: “[...] enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério” (Rm 11.13); “Para o que (digo a verdade em Cristo, não minto) fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios, na fé e na verdade” (1Tm 2.7); “para o que fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor dos gentios” (1Tm 1.11).

Outra marca do apostolado de Paulo foi o poder conferido pelo Espírito Santo. Lucas relata como o Senhor usou Paulo para operar muitos sinais e maravilhas: “E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam” (At 19.11-12). Paulo ressuscitou mortos, curou pessoas, ordenou que pessoas ficassem cegas etc.

Paulo, ainda, é reconhecido como um apóstolo com dimensão ministerial semelhante à de Pedro pelo próprio Pedro e outros apóstolos dentre os 12, na seguinte passagem:

Depois, passados catorze anos, subi outra vez a Jerusalém com Barnabé, levando também comigo Tito. E subi por uma revelação e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios e particularmente aos que estavam em estima, para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão. [...] esses, digo, que pareciam *ser alguma coisa*, nada me comunicaram; antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da

incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o da circuncisão (porque aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios), e conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que se me havia dado, deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé, para que nós *fôssemos* aos gentios e eles, à circuncisão (Gl 2.1-9).

Na defesa do seu apostolado, Paulo afirma o seguinte: “Os sinais do meu apostolado foram manifestados entre vós, com toda a paciência, por sinais, prodígios e maravilhas” (2Co 12.2). Ele tinha plena certeza do seu apostolado e o reafirmava em suas cartas. Os escritos de Paulo são confirmados por Pedro como parte das Escrituras, quando afirma:

E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, falando disto, como em todas as *suas* epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição (1Pe 3.15-16).

“E disse-me: vai, porque hei de enviar-te aos gentios” (At 22.21).

Há três pontos dos relatos acima que são usados por Paulo em suas cartas como prova de seu apostolado, a saber, que ele viu Jesus Cristo ressurreto, que este o comissionou como apóstolo para levar seu nome aos gentios e que seu ministério era marcado pelo sofrimento. Estes três pontos correspondem às marcas do apostolado dos doze.³⁵

Assim, a fonte da doutrina de Cristo tornou-se unicamente os 12 apóstolos e Paulo. No entanto, o avanço do Reino de Deus também foi promovido por uma terceira classe de apóstolos que foram separados e enviados pelo Espírito Santo em conjunto com as igrejas locais. Esses apóstolos tinham seus ministérios orientados pela palavra apostólica dos Doze e de Paulo, não tendo, portanto, autoridade para estabelecer doutrinas, mas sim para seguir as já definidas. É o que será abordado no próximo tópico.

3.4 Os apóstolos enviados pelo Espírito Santo para serem pioneiros na fundação de igrejas

O objetivo a ser contemplado neste tópico é analisar a aplicação do termo apóstolo para aqueles que não fizeram parte dos doze apóstolos de Jesus, além de Paulo. Segundo Lopes:

Os estudiosos reconhecem que, além dos doze discípulos de Jesus, Paulo aparenta considerar como apóstolos a Tiago, o irmão de Jesus (Gl 1.19; 1Co 15.7), Barnabé (1Co 9.6; cf. At 14.4,14), Silvano (provavelmente Silas) e Timóteo (1Ts 1.1; 2.7), Apolo (1Co 4.6,9), seus parentes Andrônico e Júnias (Rm 16.7) e Epafrodito (Fp 2.25).³⁶

Aborda-se aqui quatro pontos importantes relacionados a esse tema. O primeiro ponto é que a terceira classe apostólica tem o objetivo de expandir o Reino. O segundo ponto é que a Igreja local, com a orientação do Espírito Santo, seleciona aqueles que devem ser enviados.

³⁵ LOPES, 2014, p. 71.

³⁶ LOPES, 2014, p. 117.

O terceiro ponto a ser enfatizado é que a única palavra infalível de Deus são as Escrituras, e tudo o que for dito e feito deve ser examinado à luz delas. A palavra de Jesus e de seus apóstolos é a única palavra infalível e inerrante. Por fim, o quarto ponto elucida que o ministério apostólico bíblico nunca formou igrejas locais dependentes da palavra apostólica fora dos Doze e de Paulo. Os anciãos e diáconos da igreja local devem governar a própria igreja juntamente com os membros da congregação.

A história comprova que, em todos os tempos, a atuação do Espírito Santo de Deus, desde o batismo de Jesus por João Batista, foi decisiva para o ministério de Jesus e, posteriormente, para a Igreja, até os dias atuais. Assim como o Espírito Santo desceu sobre o corpo físico de Jesus, ele também desceu sobre o seu corpo espiritual, que é a sua Igreja (At 2.1-6).

Em várias passagens do livro de Atos observa-se o trabalho do Espírito Santo na Igreja. Ele era reconhecido como aquele que tinha total controle sobre a Igreja, orientando os discípulos e coordenando as ações dos apóstolos com a Igreja, tanto de forma coletiva quanto individual. Tudo estava e continua sob o seu controle. Com base no exposto, é possível afirmar que ele desempenhou um papel direto no surgimento do terceiro tipo ou classe apostólica, que são os apóstolos enviados por meio das igrejas locais.

É importante destacar um aspecto relevante do contexto da Igreja até o ano 100, Havia um grande grupo de pessoas que caminharam com Cristo e foram ensinados diretamente por ele. Embora os apóstolos de Jesus sejam bem conhecidos pelos Evangelhos, os setenta discípulos, mencionados em Lucas 10, não possuem uma lista definitiva. Nos escritos da Igreja primitiva consta que entre eles destacam-se Barnabé, Sóstenes e Cefas — não o apóstolo Pedro, mas outro discípulo com o mesmo nome. Matias juntou-se aos apóstolos no lugar de Judas.³⁷ Eusébio diz que “Barnabé fez parte dos 70 enviados por Jesus quando afirma [...] transmitiram isso aos demais apóstolos, e os demais apóstolos aos Setenta, dos quais Barnabé era um”.³⁸

Conforme o testemunho de Paulo, após sua ressurreição dos mortos Jesus apareceu primeiro a Cefas, depois aos doze, e depois a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, dos quais alguns haviam adormecido; mas a maioria ainda estava viva no momento em que ele escreveu (1Co 15).

À luz da narrativa de Atos, compreende-se que a doutrina de Jesus foi disseminada não apenas pelos doze apóstolos, mas também por esses homens e mulheres que ouviram os ensinamentos de Jesus e testemunharam sua ressurreição. Eusébio afirma que “Tomé, um dos doze apóstolos, sob inspiração divina, enviou Tadeu, que também estava entre os setenta discípulos de Cristo, para Edessa, como pregador e evangelista do ensino de Cristo”.³⁹

Segundo a tradição da Igreja, Marcos fazia parte dos “Setenta” enviados por Jesus. Além disso, Paulo, por volta do ano 55 d.C., afirmou em 1 Coríntios 15.5-6, que a maioria das pessoas que haviam visto Jesus ressuscitado, ainda estava viva naquela época. Isso indica que muitas

³⁷ SCHAFF, 2014, p. 32752.

³⁸ SCHAFF, 2014, p. 3001.

³⁹ SCHAFF, 2014, p. 32753.

peessoas desempenharam um papel na propagação do evangelho. No entanto, eles reconheciam que Jesus havia designado especificamente os Doze como seus apóstolos, no sentido de exercerem autoridade sobre a Igreja, pois foram separados, treinados e receberam ensinamentos exclusivos de Jesus que não foram compartilhados com outros.

Os primeiros versículos do capítulo 13 de Atos descrevem como dois apóstolos foram separados, por ordem do Espírito Santo:

Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, *a saber*: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram. Saulo e Barnabé pregam em Chipre. E assim, estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre (At 13.1-4).

Na passagem citada, Paulo e Barnabé são separados pelo Espírito Santo e enviados pela igreja. Conforme demonstrado, a dimensão do ministério de Paulo se iguala à dos doze apóstolos. No entanto, é nesse texto que Paulo assume com Barnabé seu ministério apostólico. “Ouvindo, porém, isto os apóstolos Barnabé e Paulo [...] (At 14.14)”. Ainda de acordo com Jerônimo, Barnabé era também um apóstolo. Pois afirma que “Barnabé, o Cipriota, também chamado José o Levita, apóstolo ordenado para os gentios com Paulo”.⁴⁰ Após um desentendimento com Paulo, Barnabé se separa deste e inicia uma jornada apostólica com seu sobrinho Marcos (At 15.36-39).

Esses apóstolos são homens separados pelo Espírito Santo e enviados pelas Igrejas, com o mesmo objetivo dos primeiros apóstolos: expansão do Reino de Deus através do estabelecimento de igrejas em lugares não alcançados; eleição de anciãos e diáconos; e promoção do “aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério [...]” (Ef 4.12) nas Igrejas que já existiam. O termo aperfeiçoamento, do grego *καταρτισμός* (*katartismós*) pode significar aperfeiçoar ou equipar.

Ao tomar como exemplo o ministério de Paulo e Barnabé, observa-se no livro de Atos um caráter desbravador, missionário e de manutenção das obras recentemente estabelecidas, em inúmeras passagens. Essas características podem ser observadas nas ações dos apóstolos ao retornarem e “confirmarem o ânimo dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus” (At 14.22).

Contudo, a autonomia da Igreja para eleger a quem seria recebido ou não como apóstolo indica uma mudança de posição em relação ao ministério apostólico. Inicialmente, os apóstolos instauraram a Igreja, definiam junto com ela os seus anciãos e diáconos e os instruíam nos fundamentos da palavra de Cristo. Quando essas Igrejas amadureciam, seus anciãos se tornavam os protetores da doutrina.

⁴⁰ SCHAFF, 2014, p. 35566.

Na história da Igreja, entre os anos 70 a 90 d.C., quando a grande maioria dos apóstolos já havia morrido,⁴¹ o *Didaché*, texto amplamente utilizado pela Igreja primitiva, instrui como um apóstolo, enviado pelas igrejas locais, deveria ser recebido por uma outra igreja local:

Aqui está como você deve lidar com apóstolos e profetas de maneira consistente com os princípios do Evangelho. Acolha cada apóstolo que vem a você como se fosse o Senhor. Mas ele não deve permanecer por mais de um dia, a menos que haja alguma necessidade para ele fazê-lo. Se for esse o caso, ele pode ficar mais um dia. Se permanecer três dias, é um falso profeta. Quando o apóstolo partir, não leve nada consigo, a não ser pão, até que encontre um lugar para ficar. Se ele pede dinheiro, é um falso profeta.⁴²

O texto mostra que existiam apóstolos transitando entre as igrejas locais e que eles deveriam ser respeitados. Também indica que as instruções visavam proteger a igreja local dos falsos apóstolos. Outro aspecto importante é que os apóstolos deveriam estar centrados em seu objetivo principal de empreender missões a cidades nas quais o evangelho ainda não era conhecido, sendo as igrejas locais utilizadas como parada para seu próximo destino. Infere-se que esses homens eram despojados de ambições materiais e de poder, tendo como única motivação a propagação do evangelho. Por fim, demonstra que existe uma diferença entre esse ministério e o que o apóstolo Paulo exercia, pois este havia ficado em cidades por mais de um ano: um ano e seis meses em Corinto (At 18.11) e dois anos em Éfeso (At 19.10). Sendo assim:

[...] é bastante impossível supor que as instruções [...] foram destinadas a se aplicar aos doze ou surgiram em uma época em que eles poderiam ter sido assim entendidos. Pois certamente os doze nunca caíram a um nível tão baixo no estigma da igreja que se considerou necessário proibir que permanecessem mais do que dois dias no máximo em qualquer igreja, ou recebendo algo mais do que a comida necessária para sustentá-los até o próximo lugar de parada. Aparentemente, portanto, a passagem vem de uma época em que os apóstolos como classe ainda estavam tão conectados em pensamento com os doze que a sentença que o evangelho aplica a eles poderia ser aplicada à então existente classe de apóstolos, mas quando os ainda vivos membros da classe haviam degenerado a ponto de serem vistos com suspeita.⁴³

Irineu afirma que o apóstolo João viveu em Éfeso por muito tempo: “[...] a Igreja em Éfeso, fundada por Paulo, e tendo João permanecido entre eles permanentemente até os tempos de Trajano, é um verdadeiro testemunho da tradição dos apóstolos”.⁴⁴ Esses apóstolos, em suas obras missionárias, levaram o evangelho a lugares longínquos. Eles eram homens aprovados em suas igrejas locais e separados para a obra pelo Espírito Santo. Eles retornavam à igreja local e reportavam o que Deus havia realizado, o que é confirmado pelo texto:

⁴¹ Eusebius of Caesarea. **Ecclesiastical History**. Book 2, Chapter 25; Book 3, Chapter 1, p. 23,31.

⁴² OWLES, R. Joseph. **The Didache: the teaching of the Twelve Apostles**. Kindle Edition. 2014, p. 20.

⁴³ SCHMITHALS, 1969, p. 26, apud OWLES, 2014, p. 20. Kindle Edition.

⁴⁴ SCHMITHALS, 1969, p. 586.

E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália. E dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido. E, quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abrisse aos gentios a porta da fé. E ficaram ali não pouco tempo com os discípulos (At 14.25-28).

O texto evidencia a volta de Paulo e Barnabé à igreja que os havia enviado. Chegando lá, reuniram a igreja para compartilharem os resultados do trabalho desenvolvido. Em seguida, Paulo parte para uma segunda viagem missionária, retornando novamente a Antioquia, conforme se encontra em Atos 18.22.

Na sua conclusão sobre os apóstolos mencionados na Bíblia, além dos Doze e de Paulo, Lopes afirma que nenhuma citação de outros apóstolos indica que:

[...] o termo “apóstolo” é usado no mesmo sentido em que é empregado para os doze e Paulo, como aqueles que foram chamados diretamente pelo Cristo ressurreto para serem testemunhas de sua ressurreição e lançarem o fundamento da igreja cristã. Eles são chamados de “apóstolos” no sentido mais amplo da palavra, como enviados, delegados, representantes, missionários, mensageiros das igrejas no desempenho de uma missão.⁴⁵

Essa afirmação confirma o ponto de tensão sobre o debate dos apóstolos hoje, mas, ao mesmo tempo, traz clareza, definindo bem a distinção entre os dois grupos. Por outro lado, uma vez definida a existência de uma categoria diferente de apóstolo e a diferença entre os limites entre elas, o temor do uso do termo na atualidade recai em cuidado e não em uma base bíblica. É possível usar o termo apóstolo e, ao mesmo tempo, respeitar os limites de sua esfera de ação e autoridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão que pode ser levantada é: seria possível utilizar outro termo como missionário e evitar o problema? A resposta a essa questão aborda a força apostólica na expansão do Reino. Mas para melhor entender a relação de autoridade de uma pessoa sobre a igreja ou igrejas, é necessário fazer uma análise do que se chama sucessão apostólica, ou seja, quem possui a autoridade para repassar as verdades recebidas dos apóstolos após a morte deles.

O termo “apóstolo”, evitado historicamente por diversas razões, ainda carrega um peso significativo na igreja moderna. A ressurgência de redes apostólicas e o uso indevido do termo por alguns líderes têm levado a uma cautela renovada em sua adoção. Isso destaca a necessidade de um entendimento mais profundo e bíblico do apostolado, diferenciando-o de meros títulos de autoridade e reconhecendo seu verdadeiro propósito na igreja.

REFERÊNCIAS

BERCOT, David. **The Kingdom that turned the world upside down**. Amberson: Scroll, 2003.

⁴⁵ LOPES, 2014, p. 137.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus**: ensinar e aprender. Curitiba: AD Santos, 2016.

ENNS, Paul. **Manual de Teologia Moody**. São Paulo: Batista Regular, 2008.

EUSEBIUS of Caesarea. **Ecclesiastical History**. Book 2, Chapter 25; Book 3, Chapter 1, 23, and 31.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego**: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2010.

KAUNG, Stephen. **Seeing Christ in Hebrews**. New York: Christian Fellowship, 2014.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Apóstolos**: a verdade bíblica sobre o apostolado. São José dos Campos: Fiel, 2014.

OWLES, R. Joseph. **The Didache**: the teaching of the twelve apostles. S.l.: s.n., 2014.

PAPANDREA, James. **Reading the church fathers**: a history of the Early Church and the development of doctrine. Nashua: Sophia Institute, 2022.

PAWSON, David. **Unlocking the Bible**. Travelers Rest: HarperCollins, 2007.

SCHAFF, Philip. **The complete ante-Nicene & Nicene and post-Nicene Church Fathers Collection**: 3 Series, 37 Volumes, 65 Authors, 1,000 Books, 18,000 Chapters, 16 Million Words. Catholic Way Publishing, 2014.

SCHMITHALS, Walters. **The office of the Apostle in the Early Church**. Nashville: Abingdon, 1969.

WRIGHT, N. T. **Paul**: a biography. London: Happerone, 2018.

XENOFONTE. **Anábase**. São Paulo: 34, 2014.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte

tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contêmham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.